



João Pedro Gomes Paiva

# Como “Navegar” a Guerra: Análise e Comentário do tratado militar *Taktiká* de Leão VI (séc.X)

Dissertação de Mestrado em História Militar, orientada pelo Professor Doutor João Manuel Filipe Gouveia Monteiro, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**Faculdade de Letras**

**Como “Navegar” a Guerra  
Análise e Comentário do tratado militar *Taktiká*  
de Leão VI (século X)**

**Ficha Técnica:**

|                               |  |
|-------------------------------|--|
| <b>Tipo de trabalho</b>       | <b>Dissertação de Mestrado</b>   |
| <b>Título</b>                 | <b>Como “Navegar” a Guerra – Análise e Comentário do tratado militar <i>Taktiká</i> de Leão VI (século X)</b>  |
| <b>Autor</b>                  | <b>João Pedro Gomes Paiva</b>  |
| <b>Orientador</b>             | <b>Doutor João Manuel Filipe Gouveia Monteiro</b>  |
| <b>Júri</b>                   | <b>Presidente: Doutora Maria Alegria Fernandes Marques</b><br><b>Vogais:</b><br><b>1. Doutor Pedro Gomes Barbosa</b><br><b>2. Doutor João Manuel Filipe Gouveia Monteiro</b> |
| <b>Identificação do Curso</b> | <b>2º Ciclo em História</b>  |
| <b>Área científica</b>        | <b>História</b>  |
| <b>Especialidade/Ramo</b>     | <b>História Militar</b>  |
| <b>Data da defesa</b>         | <b>22-2-2018</b>   |
| <b>Classificação</b>          | <b>17 valores</b>  |



## **Resumo**

A História do Império Bizantino é um assunto muito pouco estudado em Portugal, algo que esta tese pretende ajudar a colmatar. A dissertação aqui apresentada tem como objetos de estudo principais o *basileús* Leão VI, o *Sábio* (886-912) e uma das obras mais importantes que lhe são atribuídas, o *Taktiká*, uma enciclopédia militar que aborda temáticas muito diversificadas como o armamento de tropas, movimentações no campo de batalha e guerra naval. O *Taktiká* foi o primeiro manual militar da segunda época de ouro da produção literária bélica bizantina (séc. X-XI) e serve, como se pretende mostrar nesta tese, como elo de ligação da tradição antiga com os paradigmas militares bizantinos da época, que se encontravam em mudança no reinado deste imperador. No contexto deste trabalho, pretendemos desmistificar a alegada falta de interesse por questões bélicas de Leão VI, um imperador reconhecido pela sua ausência de participação em campanhas militares, bem como mostrar quais as preocupações que tinha, patentes no tratado em estudo. Quanto ao *Taktiká*, pretende-se demonstrar que, apesar de ter sido muito influenciado por manuais congéneres anteriores (como o *Stratēgikón* de Maurício, do século VI), refletia a realidade militar da época da sua escrita, incorporava o pensamento estratégico bizantino de então e serviu como foco de influência para as obras de literatura militar que se lhe seguiram. Para isto recorreremos à leitura de fontes históricas e tratados militares bizantinos anteriores e posteriores ao objeto de estudo, como o *Perì Paradromés* de Nicéforo II Focas (governou entre 962-969) ou o *Perì Strategías* de Siriano (possivelmente do século IX), bem como a obras de especialidade que versam tanto temáticas bélicas como o principado do *Sábio*.

## **Palavras-chave:**

História Militar, Império Bizantino, Leão VI, *Taktiká*, *Themáta*

## **Abstract**

The History of the Byzantine Empire has been absent from the Portuguese research agenda, an issue this thesis attempts to address. The following dissertation focuses its study on the *basileús* Leo VI *the Wise* (886-912) and the *Taktiká*, a military encyclopaedia accredited to him, which approaches a vast set of subjects, such as arming the troops, moving in the battlefield, or waging war at sea. The *Taktiká* was the first military field book from the second golden era of byzantine war literature (X-XI centuries AD) and, as we attempt to showcase, it served as a link between the ancient tradition with the byzantine military standards of its time, which were undergoing some changes by then. Further, we intend to debunk Leo VI's alleged lack of interest in military concerns, an argument based on his absence in military campaigns. As for the *Taktiká*, we defend that, while influenced by similar previous manuals (such as the 6<sup>th</sup> century Maurice's *Stratēgikón*), it reflected the military reality as well as the Byzantine strategic thinking of its time, while serving as an influence focus for the military literature that followed it. To meet the set goals, we have read historical accounts and other byzantine military treatises, such as Nikephoros II Phokas's (who ruled between 962 and 969) *Perì Paradromés* or Siriano's *Perì Strategías* (possibly 9<sup>th</sup> century), as well as specific bibliography, versing both military subjects and the reign of *the Wise*.

## **Keywords:**

Military History, Byzantine Empire, Leo VI, *Taktiká*, *Themáta*

*Aos meus avós, Lú e Narciso, por tudo o que fizeram por mim  
ao longo da minha efêmera existência, por todas as aventuras e todos os ensinamentos. Esta  
dissertação foi feita com vocês sempre no meu pensamento.*

*Tal como não é possível navegar um navio sobre os mares sem conhecimentos de navegação, também não é possível derrotar o inimigo sem disciplina e sem liderança. Ao passo que, com isto e com a ajuda de Deus, não só é possível prevalecer sobre um inimigo de igual força mas também sobre um que supere largamente em números as vossas forças.*

Leão VI o Sábio in *Taktiká*, Prólogo (9.)

*Entre as boas coisas que à vida trazem benefício, a História não é das menos, mas sim das mais importantes, pois é por sua própria natureza algo de útil e proveitoso. É que ela relata uma multiplicidade de feitos de toda a espécie, tais como é hábito acontecerem no decorrer do tempo e dos eventos, e em particular pelas escolhas dos homens que nesses eventos participam; prescreve também aos homens que tomem como modelos e emulem alguns feitos enquanto rejeitam e evitam outros, de tal modo que não negligenciem inadvertidamente o que é útil e benéfico e se prendam ao que é nocivo e abominável é. É, portanto, considerada a História como tão proveitosa quanto todas as outras coisas da vida, na medida em que restitui vida ou juventude aos assuntos mortais e não permite que eles se apaguem e se confinem às profundezas do esquecimento.*

Leão o Diácono, in *A História*, Livro I

*A paz era o objetivo principal (para Bizâncio), ainda que a guerra fosse necessária para o assegurar.*

John Haldon in *Critical Commentary on the Taktika of Leo VI*, p.22.

## Agradecimentos

A realização desta dissertação de mestrado não foi uma jornada fácil e foi repleta de percalços, de dúvidas e desalento, por muito deleite que tal empreendimento me tenha dado. É por este motivo que devo agradecer a todos os que me auxiliaram nesta fase e me incentivaram a seguir em frente.

Em primeiro lugar, ao meu orientador, mestre e amigo, o Professor Doutor João Gouveia Monteiro. Muito há a agradecer, desde logo por ter acompanhado o meu percurso académico desde o meu segundo ano da faculdade, quando semeou em mim a paixão por História Militar. Por ter apontado o caminho para Constantinopla. Por toda a ajuda, todas as oportunidades e todas as palavras de força. A mais sentida gratidão por tudo isto e pelo que, espero, virá.

Os meus agradecimentos devem agora estender-se aos outros eruditos que me aconselharam e me deram apoio bibliográfico para este trabalho. Primeiro e em especial, ao Professor Salvatore Cosentino, de Ravena, pela hospitalidade durante a viagem a Itália e pela disponibilidade incansável em me ajudar. Ao Professor John Haldon da Universidade de Princeton, o meu obrigado não só pelos conselhos que me deu mas também pela longa obra que já tem, parte do meu entusiasmo pelo exótico Império Romano do Oriente é devido a ele. E, por fim, à Professora Helena Catarino da Universidade de Coimbra por tudo o que me ensinou e por ter dado o empurrãozinho final para entrar no Mestrado Interuniversitário em História Militar.

Um agradecimento especial ao Mestre João Nisa, não só em título, mas também em conhecimento. Por todos os conselhos e todas as ideias que me deu e por todas as dúvidas que me esclareceu. A todos os outros que me ajudaram durante a realização deste trabalho. Ao Rodrigo Gomes e ao Gustavo Gonçalves, amigos e companheiros de guerra, que sempre me ajudaram, alegraram e impeliram a seguir em frente. Que venham muitos mais anos de duros combates pela nossa frente! Uma palavra de gratidão para o Anton Stark e para o Mário Coelho por me terem ajudado na tradução do inglês mais traiçoeiro. Aos camaradas João Neto e Jorge Wolfs pelo apoio gráfico, terreno desconhecido e exótico para mim. E ao meu afilhado de amizade Pedro Baptista por todos os remendos, palavras de força e gargalhadas!

A minha gratidão estende-se também a todos os outros que me ajudaram nesta dissertação somente pela boa-disposição e amizade, em especial a Cátia, a Laura, o Luís, o

João Rainho, o Emanuel e o Pedro Parreira. Ah, e um agradecimento especial à Sara Serra pelos raspanetes quando a ansiedade teimava em aparecer.

Deixo um agradecimento emotivo aos que me apoiaram desde sempre. Ao meu pai Zé, por nunca me deixar ir abaixo, pelas palavras sábias e por todas as correções que fez. À minha mãe Rosa, pelos sermões, pela companhia nas últimas noites e pelo lanchinho das “três da manhã”. Um agradecimento também para a minha avó Fernanda, por tudo o que fez por mim durante a minha breve vida, e a toda a restante família por nunca ter deixado de acreditar no “Joãozinho” / “João Pedro”.

Por fim, e porque os últimos são sempre os primeiros, à Sofia pela inspiração, o encorajamento e pelo carinho (e pela paciência). Por nunca ter deixado de acreditar em mim, e por ser o meu grande porto de abrigo. O meu mais sentido obrigado *milady*.

**P.S.:** Ao Professor Doutor Pedro Barbosa, da Universidade de Lisboa, meu arguente, por todas as suas construtivas opiniões e comentários, que serviram para beneficiar a versão final desta dissertação. O meu mais sentido agradecimento por tudo isto.

**Foto de capa:** Leão VI do livro “Rulers of the Byzantine Empire” publicado pela KIBEA.

**Fonte:** <https://thehistoryofbyzantium.com/2016/07/05/episode-109-leo-the-wise/leo-vi-from-rulers-of-the-byzantine-empire-published-by-kibea/>; Verificado às 23:46 de 05/03/2018.

## Índice

|   |            |
|---|------------|
| <b>Resumo .....</b>   | <b>ii</b>  |
| <b>Abstract .....</b>   | <b>iii</b> |
| <b>Agradecimentos .....</b>   | <b>vi</b>  |
| <b>Introdução.....</b>  | <b>6</b>   |
| <b>Capítulo 1 – O plano bélico: geografia de guerra, estratégia romana e o exército bizantino nos inícios do século X .....</b> | <b>12</b>  |
| 1.1 – A geografia político-militar do Mediterrâneo Oriental e de Itália aquando da ascensão da dinastia macedónica .....        | 12         |
| 1.2 – O pensamento estratégico imperial.....  | 15         |
| 1.3 – As forças armadas bizantinas e a defesa do território durante os reinados dos primeiros <i>basileïs</i> macedónicos ..... | 18         |
| <b>Capítulo 2 – O plano político: Da ascensão da dinastia Macedónica à morte de Leão VI (867-912) .....</b>                     | <b>28</b>  |
| 2.1 – O reinado de Basílio I (867-886) .....  | 28         |
| 2.2 – O reinado de Leão VI, <i>o Sábio</i> (886-912).....   | 37         |
| <b>Capítulo 3 – O plano cultural-militar: a tratadística bizantina .....</b>  | <b>50</b>  |
| 3.1 – Algumas considerações acerca da tratadística bizantina .....  | 50         |
| 3.2 – A tratadística bizantina durante os séculos da «Reconquista» (sécs. X e XI) .....   | 52         |
| <b>Capítulo 4 – Introdução ao <i>Taktiká</i>.....</b>   | <b>56</b>  |
| 4.1 – Autoria, datação, motivações e natureza .....   | 56         |
| 4.2 – Estrutura interna da fonte.....   | 61         |
| 4.3 – A obra – dos manuscritos às traduções .....   | 64         |
| <b>Capítulo 5 – <i>Strategiká</i>: a arte de ser um bom general.....</b>  | <b>67</b>  |
| 5.1 – O <i>strategós</i> de Leão .....  | 67         |
| 5.2 – O exército provincial bizantino: soldados, oficiais, estrutura e números .....  | 70         |
| 5.3 – Logística: marchas, trens-de-apoio e acampamentos.....  | 73         |

|   |            |
|---|------------|
| <b>Capítulo 6 – <i>Taktiká</i>: a arte de bem comandar .....</b>                        | <b>79</b>  |
| 6.1 – O armamento e o treino .....  | 79         |
| 6.2 – O Império Bizantino e os seus vizinhos: visão e guerra .....                      | 83         |
| 6.3 – A batalha travada pelos <i>themáta</i> .....                                      | 87         |
| <b>Capítulo 7 – Outras Disciplinas .....</b>  | <b>91</b>  |
| 7.1 – <i>Poliorketiká</i> – A arte de tomar e defender uma cidade.....                  | 91         |
| 7.2 – <i>Naumachiká</i> – a arte da guerra naval.....                                   | 96         |
| 7.3 – <i>Strategematá</i> – o paradigma da guerra bizantina no início do século X ..... | 101        |
| <b>Conclusão.....</b>   | <b>106</b> |
| <b>Bibliografia .....</b>   | <b>110</b> |
| Fontes.....   | 110        |
| Estudos.....  | 112        |

## Índice de Anexos

|  |               |
|--|---------------|
| <b>Anexos I – Mapas e Esquemas .....</b>                                       | <b>I</b>      |
| <b>Anexos II – Cronologia político-militar do período médio bizantino.....</b> | <b>XIV</b>    |
| Século V.....  | XIV           |
| Século VI .....  | XIV           |
| Século VII.....  | XV            |
| Século VIII.....   | XXIX          |
| Século IX .....  | XXXV          |
| Século X.....  | XLIV          |
| Século XI .....  | LI            |
| Século XII.....  | LIX           |
| Século XIII.....   | LXIV          |
| <b>Anexo III – Cronologia dos antecedentes próximos.....</b>                   | <b>LXVI</b>   |
| Reinado de Miguel III (dinastia Amoriana).....                                 | LXVI          |
| Reinado de Basílio I (dinastia Macedónica) .....                               | LXVIII        |
| Reinado de Leão VI .....   | LXXIV         |
| Reinado de Alexandre.....  | LXXXIII       |
| Reinado de Constantino VII .....   | LXXXIV        |
| <b>Anexo IV: Biografias, dinastias e organizações.....</b>                     | <b>LXXXVI</b> |
| a) Soberanos de impérios, califados e outros Estados .....                     | LXXXVI        |
| b) Tratadistas e cronistas.....  | XCII          |
| c) Outras personagens relevantes.....  | XCIII         |
| d) Dinastias .....   | XCIV          |
| e) Organizações e unidades militares.....                                      | XCIV          |

|   |              |
|---|--------------|
| <b>Anexos V – Listas de Titulares .....</b>   | <b>XCVI</b>  |
| a) Imperadores Bizantinos desde Maurício ao final da época médio-bizantina .....  | XCVI         |
| b) Califas Árabes .....   | C            |
| c) Outros governantes árabes .....  | CI           |
| d) Khagan e czares (a partir de Bóris I) da Bulgária.....   | CIII         |
| e) Príncipes de Rus .....   | CIV          |
| f) Reis e Duques lombardos de Itália.....   | CV           |
| <b>Anexo VI - Glossário temático.....</b>   | <b>CIX</b>   |
| a) Termos militares e navais .....  | CIX          |
| b) Títulos.....   | CXIV         |
| c) Termos relacionados com a tratadística e outra literatura .....  | CXVI         |
| d) Povos .....  | CXVIII       |
| e) Outros termos.....   | CXX          |
| <b>Anexo VII – Glossário Geográfico .....</b>   | <b>CXXI</b>  |
| a) Regiões .....  | CXXI         |
| b) Circunscrições territoriais ( <i>themáta</i> , <i>thugûr</i> , etc.).....  | CXXIII       |
| c) Centros populacionais (cidades, vilas, etc) e fortificações .....  | CXXIV        |
| d) Referências topográficas, marítimas e fluviais.....  | CXXVII       |
| e) Campos de batalha.....   | CXXVIII      |
| <b>Anexo VIII – Excertos do <i>Taktiká</i>.....</b>   | <b>CXXIX</b> |
| a) Evitar batalha .....   | CXXIX        |
| b) Sobre não guerrear com os Búlgaros e a paz de 896. ....  | CXXIX        |
| c) Preferência de recrutamento de soldados economicamente confortáveis.....   | CXXIX        |
| d) Acerca do financiamento de soldados pobres por homens ( <i>stratiótai</i> ) ricos.....   | CXXX         |
| e) Menção da aliança entre Bizantinos e Magiares, do início da guerra Bizantino-Búlgara de 984 e da participação Magiar nesse conflito..... | CXXX         |
| f) O Proémio .....  | CXXXI        |

|   |                |
|---|----------------|
| g) A travessia do rio Paradeisos por Basílio (877-878) .....                        | CXXXI          |
| h) Os Árabes como motivo para a escrita do <i>Taktiká</i> ? (I) .....               | CXXXI          |
| i) Os Árabes como motivo para a escrita do <i>Taktiká</i> ? (II) .....              | CXXXI          |
| j) Sobre a lealdade do general .....  | CXXXII         |
| k) As características únicas da guerra praticada pelos Árabes contra Bizâncio ..... | CXXXII         |
| l) O problema em causa no <i>Taktiká</i> .....                                      | CXXXII         |
| m) A solução do <i>basileús</i> .....   | CXXXIII        |
| n) O <i>Epilogus</i> .....  | CXXXIV         |
| o) A guerra como “mal necessário” .....   | CXXXIV         |
| p) Formas de agir em caso de ataques vindos da Cilícia .....                        | CXXXV          |
| q) O perfil psicológico de um bom <i>strategós</i> .....                            | CXXXV          |
| <b>Anexos IX – Excertos de outras fontes .....</b>                                  | <b>CXXXVII</b> |
| a) Listas da Expedição a Creta em 910-911 .....                                     | CXXXVII        |
| b) A primeira “maldade” de 809/810 .....  | CXLIV          |
| c) A segunda “maldade” .....  | CXLIV          |

## Introdução

O que é Bizâncio? Para muitos é um mundo exótico, algo distante, desconhecido, intrigante. Quando tal nome é pronunciado, vêm-nos à mente algumas imagens, palavras, iconografias, personagens: Constantinopla, Hagia Sophia, Guarda Varangiana, as figuras de Justiniano e Teodora imortalizadas na Basílica de São Vital, em Ravena. No entanto, para nós, estudantes de História e do Império Bizantino tem outro significado e outra essência: é Roma noutra local, centrada noutra capital (que une hoje dois continentes), que tenta manter por todos os meios o seu esplendor e o seu legado; é um mundo dominado pelo Grego na escrita, na cultura e na lei; e, por fim, é um baluarte da Cristandade Ortodoxa, onde o poder do Estado sobre a religião se mescla sinergicamente com a influência da religião sobre o Estado, como o atestam os vários conflitos entre imperadores, papas e patriarcas, que diversas vezes minaram a estabilidade do Estado e da sociedade bizantina. Se pudéssemos definir este Império tão diversificado a partir de três características principais, seriam estas: um Império Romano, de língua grega e com uma religião cristã ortodoxa.

Todavia, o objeto deste trabalho não são os mil anos de história bizantina (romana), nem tão pouco as tipologias de exércitos que os *basileis* ao longo da existência do Império tiveram ao seu dispor. O nosso trabalho encontra-se situado num espaço de tempo preciso na História de Bizâncio: o reinado de Leão VI, entre os finais do século IX e os inícios do século X. Mais especificamente, a nossa investigação incide no tratado militar *Taktiká*, atribuído a esse mesmo soberano, que, apesar de não ser original em *grande parte* do seu conteúdo, possui características inovadoras, como demonstraremos mais adiante.

Que razões nos levaram a optar por esta temática (a tratadística) e por esta fonte em particular? Uma das principais razões para a escolha desta enciclopédia militar do século X prende-se exatamente com a diversidade do seu conteúdo, que abrange todas as disciplinas da tratadística clássica-bizantina, das quais falaremos mais adiante. Um tratado militar tão abrangente parece-nos uma excelente ferramenta para o estudo das forças armadas deste período, desde que, tal como acontece com todas as fontes históricas coevas, sejam aplicados os devidos cuidados durante a sua apreciação. A outra razão, que entendemos ter sido fundamental para a proposição do estudo deste tratado, é o período cronológico em que foi redigido. De facto, os inícios do século X são uma etapa fundamental para aquilo que muitos apelidam de «Reconquista Bizantina». Durante o reinado de Leão VI, Bizâncio encontrava-se sob a dinastia Macedónica, uma das dinastias mais bem-sucedidas da história bizantina (salvo, talvez, a dinastia dos herdeiros de Justiniano) e, embora, ainda não estivessem reunidas as

melhores condições para o Império se lançar em grandes ofensivas, este também não estava numa situação de dificuldade *in extremis*, tal como a que existiu entre 640 e 740. E se, por um lado, ainda se mantinha um impasse no *limes* oriental, entre Constantinopla e os emirados árabes sedeados em torno dos *thugûr* da Cilícia e da Mesopotâmia, também é verdade que a balança tendia cada vez mais a favor do Império, algo que se manteve até à ascensão de Sayf al-Dawlah, em 936, ao emirado de Alepo.

Por outro lado, os Búlgaros continuavam a constituir um enorme perigo na «retaguarda bizantina», e novos adversários, como os Russos e os Magiares, começavam a ser uma presença cada vez mais constante na lista de inimigos que os *basileïs* tinham de enfrentar. Infelizmente, a necessidade de valorizar o fulcro desta dissertação (o estudo do tratado), conjugado com o limite de páginas que temos ao nosso dispor, não nos permitem uma análise pormenorizada e detalhada dos principais inimigos de Bizâncio nesta época, desde o seu surgimento enquanto tal até ao *status quo* político-militar dos inícios do século X.

Temos três objetivos principais na realização desta dissertação: o primeiro é comprovar que Leão VI tinha um empenho claro na governação do império, inclusive nos assuntos de natureza militar; o segundo é demonstrar que o *Taktiká* não é apenas uma enciclopédia militar que compila os conhecimentos bélicos dos eruditos clássicos e de Maurício para preencher as suas páginas, antes reflete, sob diversas formas, a realidade da época; o terceiro consiste em comparar a informação presente no *Taktiká* com o modelo militar dos *themáta*, em especial com a guerra travada no *limes* oriental e no Mediterrâneo.

Assim, tomámos a iniciativa de dividir a nossa dissertação em duas partes principais: a contextualização e a análise do tratado. A primeira secção é constituída por três capítulos, que versam o período histórico em que este manual se encontra situado: a passagem do século IX para o X. Cada um dos capítulos aborda uma temática particular. O primeiro refere assuntos de natureza geopolítica e militares, e vamos tentar aferir qual era a situação estratégica do Império nesta fase: quais eram as principais ameaças à supremacia romana, de que forma Constantinopla respondia a essas ameaças em termos estratégicos, e, por fim, que meios militares é que Bizâncio possuía para se defender com sucesso. De seguida, vamos retratar os principados de Leão VI e do seu pai, Basílio I, o fundador da dinastia Macedónica, uma dinastia que durou mais de um século e que teve um importante papel na chamada «Reconquista Bizantina», um conjunto de campanhas militares que tornou Bizâncio a maior potência do Mediterrâneo oriental, no primeiro quartel do século XI. Aqui daremos ênfase às questões bélicas, políticas e diplomáticas dos primeiros *basileïs* dessa linha dinástica. Este tipo de digressão é crucial para podermos entender as motivações que levaram Leão VI a

redigir o *Taktiká*, e os desafios que *o Sábio* terá enfrentado durante o tempo em que esteve sentado no trono púrpura de Constantinopla.

Finalmente, ainda dentro da contextualização, vamos dedicar um capítulo à tratadística militar. A produção literária de obras bélicas já possuía uma longa história quando Leão iniciou (ou mandou iniciar) a escrita do *Taktiká*. Não iremos aqui evocar a longa história da escrita de guerra em Bizâncio, porque outros já o fizeram<sup>1</sup>, mas vamos proceder à exposição das principais disciplinas da tratadística bizantina, até porque as utilizaremos para estruturar a parte desta dissertação direcionada à análise do tratado. Assim sendo, temos cinco disciplinas importantes para a caracterização da escrita militar bizantina: a *strategiká*, relacionada com a arte de comandar, preparar e organizar exércitos; a *taktiká*, que engloba os preceitos táticos e a forma de organizar e de comandar soldados no campo de batalha; a *poliorketiká*, que descreve os meios e engenhos usados na guerra de cerco defensiva e ofensiva; a *naumachiká*, que aborda o modo como se pratica a guerra naval; e, por fim, os tratados baseados na *strategematá* que podemos distinguir em dois géneros: os que abordam métodos indiretos de praticar a guerra, estratagemas, ardis e guerra de guerrilha no geral; e a *rethórika*, ou máximas bélicas<sup>2</sup>. Na segunda parte deste capítulo, analisaremos algumas das principais características da ‘segunda época dourada’ da erudição militar literária de Bizâncio, que se estendeu do *Taktiká* de Leão VI até aos meados do século XI, e aferiremos até que ponto esses atributos se enquadram no contexto político-estratégico que o império então vivia.

Na segunda parte desta dissertação, vamos analisar a grande obra militar de Leão: o *Taktiká*. Optámos por dividir o seu estudo segundo as cinco disciplinas da literatura bélica coeva, de forma a não nos fixarmos na análise individual de cada *Constitutio*, um trabalho pesado e demorado. A análise do tratado começará com uma introdução, onde abordaremos questões como a estrutura, a autoria e a datação. Os restantes capítulos tratam de cada uma das disciplinas já referidas, mas dedicaremos especial atenção à *strategiká* e à *taktiká*, vertentes mais expressivas do que as restantes três (*poliorketiká*, *strategematá* e *naumachiká*) na fonte em apreço.

---

<sup>1</sup> Vide COSENTINO, Salvatore (2009). *Writing about War in Byzantium* in Revista de História das Ideias, volume 30, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 85-90. Mais recentemente, a dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pelo Mestre João Nisa possui, também, um excelente resumo da produção tratadística bizantina ao longo dos tempos com pequenos resumos acerca dos conteúdos e principais características dos tratados mais importantes, vide NISA, João (2016). *Arte Militar Bizantina: O Tratado De Velitatione Bellica. (séc. X)*. Dissertação de Mestrado em História Militar apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 11-16.

<sup>2</sup> Vide MCGEER, Eric (2008a). *Military Texts*. In JEFFREYS, Elizabeth, HALDON, John e CORMACK, Robin. *The Oxford Handbook of Byzantine Studies*. Nova Iorque: Oxford University Press, p. 907.

Em relação à documentação utilizada, tivemos à nossa disposição uma pequena quantidade de fontes históricas, que podemos dividir em duas áreas: as crónicas e os tratados militares. As principais crónicas que utilizámos foram a *História* de João Skylitzes e a *História* de al-Tabari. A primeira apresenta-se como uma coleção de trabalhos historiográficos, que se mostra fundamental para entender a história do Império Bizantino, desde o início do século IX até aos meados do século X. Apesar de ser dada especial atenção ao reinado de Basílio II, os principados de Basílio I e Leão VI também se encontram bem retratados, pelo que decidimos usar esta obra. A tradução que usámos desta recolha historiográfica é da autoria de John Wortley e foi publicada em 2010 pela Universidade de Cambridge<sup>3</sup>. Quanto a al-Tabari, o seu trabalho oferece um relato exaustivo da história da civilização islâmica até ao ano 915. Tendo em conta o objeto de estudo do nosso tratado, utilizámos os volumes XXXVII e XXXVIII, por relatarem os acontecimentos alusivos aos reinados dos *basileis* em apreço. As traduções que dispusemos foram, respetivamente, realizadas por Phillip M. Fields (XXXVII)<sup>4</sup> e Franz Rosenthal (XXXVIII)<sup>5</sup>, as quais foram editadas pela Universidade de Nova Iorque.

Em relação à tratadística, utilizámos várias obras, das quais destacamos o indispensável *Taktiká*. O *Stratēgikón* foi outra enciclopédia militar a que recorremos frequentemente, pelo facto de ser uma das principais influências (senão a maior) do manual atribuído a Leão. Escrito no século VI, trata-se da primeira enciclopédia militar bizantina, apesar de atribuir maior relevo à cavalaria<sup>6</sup>. Outra obra muito importante que usámos foi o *Peri Paradromés*, atribuído a Nicéforo II Focas, pelas suas descrições do combate travado no *limes* oriental, algo que entendemos ser pertinente para alcançarmos os nossos objetivos<sup>7</sup>.

Para além das fontes primárias, recorremos ainda a um grande conjunto de estudos, seja de cariz mais específico, seja mais generalista, da história bizantina. Em especial, destacamos “*A Critical Comentary on THE TAKTIKA of Leo VI*”<sup>8</sup>, de John Haldon, um

---

<sup>3</sup> WORTLEY, John (2010). *A Synopsis of Byzantine History 811-1057*. Cambridge: Cambridge University Press.

<sup>4</sup> FIELDS, Phillip M. (1987). *The History of al-Tabari, Volume XXXVII: The Abbasid Recovery*. Nova Iorque: New York University Press.

<sup>5</sup> ROSENTHAL, Franz (1987). *The History of al-Tabari, Volume XXXVIII: The Return of the Caliphate to Baghdad*. Nova Iorque: New York University Press.

<sup>6</sup> Utilizámos a tradução inglesa de George T. Dennis, cuja referência é: DENNIS, George T. (1984). *Maurice's Strategikon – Handbook of Byzantine Military Strategy*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.

<sup>7</sup> A tradução de que dispusemos foi realizada em inglês por George T. Dennis: DENNIS, George T. (1985). *Three Byzantine Military Treatises*. Washington D.C.: Dumbarton Oaks, pp. 137-240.

<sup>8</sup> HALDON, John (2014). *A Critical Commentary on THE TAKTIKA of Leo VI*. Washington D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection.

excelente companheiro da tradução feita por George T. Dennis<sup>9</sup> e que foi muito útil para orientar o nosso trabalho e as nossas ideias. Em relação à História do Império Bizantino no período em apreço, demos relevância ao artigo de Karlin-Hayter sobre os aspetos militares da governação de Leão VI<sup>10</sup>, assim como ao estudo da vida deste imperador, que remete para eventos do reinado do pai, devido a Shaun Tougher na sua obra “*The Reign of Leo VI*”<sup>11</sup>; por fim, utilizámos o relato da história do Império Bizantino da autoria de Warren Treadgold<sup>12</sup>. Quanto a obras de estudo mais no âmbito especializado da história militar, salientamos o “*Warfare, State and Society*” de John Haldon<sup>13</sup> (uma obra excelente e que aborda detalhadamente muitos aspetos relativos ao funcionamento do exército bizantino e do seu pensamento estratégico), bem como alguns estudos assinados por Eric McGeer, como por exemplo o pequeno capítulo sobre tratadística militar inserido no *Oxford Handbook of Byzantine Studies*, que possui algumas informações relevantes para todos aqueles que tencionam iniciar o seu estudo da tratadística bizantina<sup>14</sup>. Por fim, não podíamos deixar de referir o livro “*The Age of the ΔΡΟΜΩΝ – The Byzantine Navy ca. 500-1204*”, de John Pryor e Elizabeth Jeffreys, que aborda os mais diversos aspetos da política naval bizantina, incluindo um estudo da evolução da embarcação predileta de Bizâncio – o *drómōn*<sup>15</sup>.

Qual a importância da bizantinística para a historiografia portuguesa? Esta é uma questão que se pode colocar a esta dissertação, sendo pertinente identificar uma resposta para ela. A invocação de motivações geográfico-históricas gera sentimentos contraditórios: se, por um lado, a presença bizantina no sul da Península Ibérica (incluindo, possivelmente, no Algarve) foi muito efémera, por outro lado, as suas influências culturais, em especial na disciplina arquitetónica, são evidentes, como bem atesta o caso da Capela de São Frutuoso de Montélios, em Braga. Ainda assim, a curta permanência de Bizâncio na Hispânia também não pode representar um pretexto para *não* se estudar o Império Romano do Oriente, bastando para isso recordar que algumas das grandes escolas mundiais de bizantinística estão sedeadas

---

<sup>9</sup> Nesta dissertação utilizaremos a tradução mais recente: DENNIS, George T. (2014). *The Taktika of Leo VI: Text, Translation and Commentary (Revised Edition)*. Washington D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection.

<sup>10</sup> KARLIN-HAYTER, Patricia (1967). ‘When Military Affairs Were in Leo’s Hands’: A Note on Byzantine Foreign Policy (886-912). *Traditio* (23), pp. 15-40.

<sup>11</sup> TOUGHER, Shaun (1997). *The Reign of Leo VI (886-912)*. Leiden, Nova Iorque e Colónia: Brill.

<sup>12</sup> TREADGOLD, Warren (1997). *A History of the Byzantine State and Society*. Stanford: Stanford University Press.

<sup>13</sup> HALDON, John (1999). *Warfare, State and Society in the Byzantine World, 565-1204*. Londres: University College of London Press.

<sup>14</sup> MCGEER, Eric (2008a) – *Op. cit.*, pp. 907 a 914.

<sup>15</sup> PRYOR, John H. e JEFFREYS, Elizabeth M. (2006). *The Age of the ΔΡΟΜΩΝ – The Byzantine Navy ca. 500-1204*. Leiden e Boston: Brill.

em países onde os *basilêis* não exerceram qualquer tipo de poder político ou militar direto: em França, na Alemanha, no Reino Unido e, claro, em Harvard, nos Estados Unidos, onde existe a maior coleção de fontes bizantinas: a *Research Library and Collection in Byzantine Studies*, em Dumbarton Oaks (um *trustee* da melhor universidade do mundo!). O trabalho que se segue, no qual pusemos o nosso maior empenho, demonstra a atualidade de Bizâncio e a necessidade de aprofundar a investigação sobre este tema de grande relevância histórica para compreendermos melhor o presente em que vivemos e entendermos mais em profundidade a Europa de hoje. Os historiadores portugueses não devem furtar-se à participação neste debate.

## **Capítulo 1 – O plano bélico: geografia de guerra, estratégia romana e o exército bizantino nos inícios do século X**

O primeiro capítulo desta dissertação versa a guerra e a sua relação com a sociedade e o Estado bizantinos antes e durante o tempo da escrita do *Taktiká* nos primeiros anos do século X. Este capítulo está dividido em três subcapítulos principais que focam, respetivamente: i) a geografia política e militar do império nos primeiros anos da dinastia Macedónica; ii) o panorama do pensamento estratégico do império sediado em Constantinopla, neste período, bem como as formas de fazer a guerra em Bizâncio; iii) os *apparati* militares bizantinos que se encontravam ao dispor de Basílio I e de Leão VI. Neste último subcapítulo daremos especial relevância aos *themáta*, pois é aos generais destes exércitos que Leão VI dedica a sua obra. Apesar de o *Taktiká* não se dirigir, por exemplo, aos *tágmata* (plural de *tágma*, «regimento»), que compunham a guarda imperial e eram a coluna vertebral dos exércitos de campanha coevos, atribuiremos também algum espaço a tais contingentes, bem como a outras componentes das forças armadas bizantinas, caso dos mercenários e da marinha de guerra.

### **1.1 – A geografia político-militar do Mediterrâneo Oriental e de Itália aquando da ascensão da dinastia macedónica**

A epopeia milenar bizantina está repleta de acontecimentos militares e constrói-se sobre um império em permanente estado de guerra, maioritariamente defensiva. Esta característica torna-se ainda mais nefasta quando nos apercebemos de que os territórios sob soberania bizantina<sup>16</sup> estavam dispersos por terras distantes, separadas por mares. A insuficiência económica ou militar romanas para conseguir acorrer a cada região da mesma forma, quando mais do que uma delas estava em perigo, apresenta-se como uma agravante daquela dificuldade. Veja-se, por exemplo, o caso dos herdeiros do imperador Justiniano (527-565), que, após um grande número de vitórias espetaculares deste no Norte de África e em Itália, se viram perante um enorme conjunto de invasões e de guerras por todo o território imperial<sup>17</sup>, as quais só a muito custo conseguiram parar, ou retardar.

A situação que Bizâncio vivia na altura da ascensão dos primeiros Macedónicos era pouco diferente daquela que Justiniano tivera de enfrentar depois da conquista final da Itália

---

<sup>16</sup> Quer sob controlo direto, quer sob o domínio de um vassalo de Bizâncio.

<sup>17</sup> A Pérsia a Oriente, os Lombardos em Itália, tribos mouriscas no Norte de África e os sempre permanentes raides dos “Povos das Estepes” nos Balcãs.

por Narsés, após a batalha de Mons Lactarius, em 553/554. Quanto muito, tinham mudado os protagonistas (ou os antagonistas, neste caso) em cada uma das frentes: o Norte de África e o Sul da Península Ibérica estavam perdidos; como principal inimigo, no lugar dos Sassânidas, erguiam-se os califados e os emirados muçulmanos na Síria, na Cilícia e no Norte de África; em Itália, para além dos principados lombardos no Sul e dos Francos no norte, os Árabes faziam sentir a sua presença após a invasão da Sicília, em 827; os Búlgaros mantinham-se como o principal rival bizantino nos Balcãs; e a situação marítima mostrava-se pouco favorável, com a Sicília a ser invadida pelos Aglábidas (uma dinastia muçulmana do Norte de África), Creta em mãos de corsários sarracenos, a ilha de Chipre a manter o *status quo* vigente desde o tratado entre Justiniano II (685-695/705-711) e al-Malik (685-705), em 688, e a supremacia naval entregue nas mãos dos emirados de Tarso e dos Tulúnidas do Egito e (assim), indiretamente, dos Abássidas. Tal era o ponto geral da situação aquando da ascensão da dinastia macedónica.

Olhemos agora mais especificamente para cada região. Começemos por aquela que é a frente mais simbólica do período-médio bizantino: a Ásia Menor. Nos finais do reinado de Miguel III (842-867), a guerra neste território tinha começado a abrandar após duas importantes batalhas, em Marj al-Usqf e em Lalacão, ambas em 863, das quais resultou o enfraquecimento do poderio terrestre dos emirados de Tarso e de Melitene. Nesta região mantinha-se o perigo que representava o “Estado” Pauliciano sediado em torno de Tephrike (atual Divriği, na Turquia), que continuava a enviar expedições de saque para o interior da Anatólia. No entanto, os raids muçulmanos de maiores dimensões tinham terminado e a vantagem começava a tender cada vez mais para os Bizantinos, ao menos no virar do século.

A guerra que se praticava naquela região era tipicamente pernicioso para as populações locais, em especial para aquelas que habitavam junto às cordilheiras do Tauro e do Antitauro. A modalidade bélica aí praticada, com semelhanças ao que nós chamamos hoje de “guerrilha”, assentava em escaramuças e emboscadas, e muitas vezes implicava que o inimigo invadisse o território imperial e saqueasse, escravizasse e destruísse com impunidade. O recurso de Bizâncio a este tipo de guerra naquela área, durante quase dois séculos, provocou mudanças de espectro demográfico como: a criação de uma terra-de-ninguém no *limes* bizantino-árabe; e a redução do número de grandes cidades<sup>18</sup> que foram substituídas por centros populacionais mais seguros, bem fortificados e localizados em zonas de difícil acesso.

---

<sup>18</sup> Estas passaram a existir apenas como centros administrativos ou refúgio ocasional para as populações circundantes, em caso de ameaça. *Vide* HALDON, John e KENNEDY, Hugh (1980). *The Arab-Byzantine*

Também a economia anatólica (e, por consequência, bizantina) foi vítima da estratégia militar romana, tendo sofrido alterações. Começou-se a verificar uma centralização da agricultura anatólica nas zonas costeiras da península, pois possuíam terrenos mais férteis e estavam protegidas pelo terreno montanhoso que separava aquelas áreas do planalto anatólico, e pela frota do *Kibirrhaiotai*. Por sua vez, os principais recursos económicos do planalto anatólico passam a ser produzidos a partir da pecuária, visto que esta era muito mais rentável no terreno rochoso e no clima frio da região, em muito semelhante ao da estepe, até porque se tratava de uma fonte de rendimento muito mais fácil de proteger ou de deslocar, comparativamente à agricultura, estática e muito vulnerável perante as depredações árabes.

Nos Balcãs, o impasse permanecia entre Bizâncio e a Bulgária: a conversão deste último povo ao cristianismo, em 864, afetou profundamente a relação entre os ditos reinos, mudança esta refletida em diversos acordos comerciais firmados. A ascensão de um novo *czar*, Simeão (893-927), iria contribuir para o reforço da cristianização do Estado búlgaro, mas se os Bizantinos pensavam que isso era sinónimo de paz, rapidamente viram as suas ideias viradas do avesso quando o primeiro conflito entre os dois Estados, desde a conversão dos Búlgaros, começou a tomar forma. Em 894, irrompe a guerra entre Preslav e Constantinopla, talvez catalisada pelo *czar* Simeão. Este confronto terá um teor diferente dos anteriores: um século antes, aquando da batalha de Priska, os Búlgaros eram pagãos, mas agora eram cristãos e o *basileús* Leão VI (886-912) não demonstrava (ou não aparentava demonstrar) qualquer inclinação para travar um combate contra um reino cristão ortodoxo<sup>19</sup>, tal como declara no seu tratado militar<sup>20</sup>, como veremos mais adiante.

Em Itália, os Bizantinos veem-se novamente frente-a-frente com os Árabes, após a invasão aglábida da Sicília, em 827. Os confrontos com os muçulmanos alcançariam mais tarde a Calábria e a Apúlia, onde Bizâncio combatia, tanto pelas armas como pela diplomacia, a fim de submeter os principados lombardos à soberania bizantina, quer de forma direta, quer por vassalagem. A norte, Bizâncio mantinha relações cordiais com os Francos, o que possibilitou uma aliança contra os Sarracenos de Bari e permitiu cercar a cidade em 869, já no reinado de Basílio I (867-886). Apesar de desacordos entre as duas partes e do abandono do cerco pelas forças bizantinas, Bari caiu para os Francos em 871, tendo os habitantes entregado a cidade, anos depois, a Constantinopla. Esta urbe vai-se mostrar fundamental para alcançar

---

*Frontier in the Eighth and Ninth Centuries: Military Organization and Society in the Borderlands. Zbornik Radova Visantoloskog Instituta* (19), pp. 92-94.

<sup>19</sup> Vide KARLIN-HAYTER, Patricia (1967). 'When Military Affairs Were in Leo's Hands': A Note on Byzantine Foreign Policy (886-912). *Traditio*, 23, p. 40.

<sup>20</sup> Vide Anexo IX b).

os dois principais objetivos estratégicos na região: a expulsão da ameaça árabe e a subjugação das cidades lombardas à soberania romana; duas metas para as quais Basílio I e Leão VI não vão despende esforços de forma a garantir a supremacia bizantina no sul de Itália, ainda que, para isso, tenham que sacrificar a Sicília, mesmo que *acidentalmente*, como no caso de Basílio I.

Por fim, a situação mostrava-se ingrata para os Bizantinos na guerra marítima: as grandes ilhas do Mediterrâneo Oriental e Central estavam em mãos muçulmanas (Creta) ou em vias de ser conquistadas (Sicília). Por outro lado, o poder marítimo dos emirados cilicianos e do Califado mantinha-se superior à força naval bizantina, com ataques frequentes às ilhas do Mar Egeu, à costa anatólica e à Grécia. Só na costa italiana é que Bizâncio parecia manter a supremacia, conseguindo inverter com certa facilidade os reveses naquelas águas.

Na passagem do século IX para o X, é esta a situação de Bizâncio. Os primeiros imperadores macedônicos, Basílio I e Leão VI, à semelhança dos seus antecessores, veem-se confrontados com um conjunto de antagonismos por todo o espaço imperial. Pressionados pela necessidade de legitimar a nova dinastia, os *basileis*, em especial Basílio I, vão tentar inverter a situação recorrendo à revisão da estratégia militar bizantina e à diplomacia.

## **1.2 – O pensamento estratégico imperial**

Face ao tipo de adversidades enunciadas anteriormente, o Império Bizantino é obrigado a proceder a reformas na sua máquina de guerra para conseguir responder com sucesso às agressões estrangeiras ou intestinas que emergem no seu território. A maior parte destas reformas, como veremos adiante, teve como laboratório de ensaio a península da Anatólia, onde os Romanos enfrentavam aqueles que, sem grande margem para dúvidas, eram os seus arqui-inimigos: os califados árabes de Damasco e de Bagdade.

Este tipo de evolução, no entanto, não se prende apenas com a guerra no sentido físico, pois o pensamento estratégico bizantino vai sofrer algumas alterações a partir do principado de Heráclio (610-641). Com efeito, Bizâncio, ao tomar uma atitude completamente defensiva, começa a ver-se obrigada a tomar decisões bastante difíceis em relação a alguns dos seus territórios para garantir a proteção de outros com maior interesse estratégico. Em casos mais graves e alarmantes, estas opções tornavam-se de tal modo drásticas que os *basileis* optavam por abandonar certas regiões para fortalecer outras. Exemplo disto foi a ordem de retirada dada por Heráclio às tropas bizantinas da Síria-Palestina, após a derrota face aos Árabes na batalha de Yarmuk, em 636: recuaram para a Mesopotâmia e para a Anatólia, de forma a garantir a sobrevivência do que restava dos exércitos móveis do Oriente e da Arménia, bem

como das forças auxiliares romanas naquela região (tropas arménias e gassânidas, principalmente) e para criar uma nova barreira nas cordilheiras do Tauro e do Antitauro<sup>21</sup>.

Por outro lado, como é verificável em alguns tratados militares bizantinos como o *Taktiká*, a palavra de ordem era evitar a todo o custo a batalha campal<sup>22</sup>, já que esta tinha, na maior parte dos casos, um resultado incerto e acarretava grandes baixas humanas, muitas vezes até para o vencedor<sup>23</sup>. Portanto, Bizâncio e, em certa medida, os seus inimigos, em especial os Árabes, preferiam combater a “guerra pequena”, tipicamente de fronteira, com recurso a ardis, a espionagem, a um bom estudo do terreno e, muitas vezes, a políticas de terra-queimada<sup>24</sup>. Porém, isto não implicava a inexistência de batalhas campais, que se continuaram a travar durante o período médio bizantino e que, na maior parte dos casos, contribuíam para a alteração do *status quo* entre Bizâncio e o seu adversário na região<sup>25</sup>.

A guerra de fronteira, no entanto, não era o único pilar da estratégia defensiva bizantina, existindo mais dois que contribuíam para o bom funcionamento da primeira: a diplomacia e a espionagem. A primeira era, porventura, o maior trunfo do Império Romano do Oriente, que tirava partido do seu elevado número de diplomatas experientes para neutralizar alguns inimigos por meio de subornos ou de tributos; traziam-se novos aliados para o lado de Constantinopla, ou convenciam-se nações estrangeiras a entrar em guerra e a lidar com inimigos indesejáveis para Bizâncio (de forma a evitar que fossem os *basilêis* a combatê-los). Já a espionagem, era vital para o império, pois permitia reconhecer: as principais ameaças à sua segurança, bem como os meios ao dispor e o alvo principal das suas ambições; a situação interna dos vizinhos bizantinos; e, no caso da contraespionagem, confundir os serviços de informação inimigos através da alimentação de falsa informação que encaminhava o inimigo para emboscadas ou para zonas mais bem preparadas para reagir a uma invasão. Ao referirmo-nos à estratégia defensiva bizantina é imperativo que não se

---

<sup>21</sup> Vide KAEGI, Walter E. (2005). *Byzantium and the Early Islamic Conquests*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 147-150.

<sup>22</sup> Contra os Árabes esta prática começou a aplicar-se relativamente cedo, logo após a derrota bizantina frente a forças sarracenas na batalha de Yarmuk. Vide HALDON, John (2001). *The Byzantine Wars. Battles and Campaigns of the Byzantine Era*. Gloucestershire: Tempus Publishing Ltd, pp. 65.

<sup>23</sup> Para alguns autores, como Walter Kaegi, este pensamento estratégico de evitar a batalha campal decisiva foi uma das razões principais para a sobrevivência milenar do Império Bizantino. Vide KAEGI, Walter (1983). *Some Thoughts on Byzantine Military Strategy*. Brooklyn, Massachussets: Hellenic College Press, p. 9.

<sup>24</sup> Existe um tratado bizantino especialmente dedicado a esta prática marcial, o *Περί παραδρομής (Peri paradromés)* ou *De velitatione bellica*, traduzido para inglês por George T. Dennis, vide DENNIS, George (1985). *Three Byzantine Military Treatises*. Washington D.C.: Dumbarton Oaks, pp. 137-240.

<sup>25</sup> Como, por exemplo, Yarmuk, a grande batalha inaugural do período intermédio, que a curto-médio prazo vai contribuir para a redução do território imperial para pouco menos de metade; ou a batalha de Akroinos, em 740, que, em conjunto com a deposição do Califado Omíada, vai pôr fim, no geral, às tentativas árabes de conquistar Constantinopla e a Ásia Menor. Para o primeiro caso, vide HALDON, J. (2001) – *Op. cit.*, pp. 56-57 e 66. Para o segundo, vide HALDON, John (2016). *The Empire that would not die – The Paradox of Eastern Roman Survival, 640-740*. Cambridge e Londres: Harvard University Press, pp.1 e 54.

esqueça que a guerra perpétua pela defesa de Bizâncio se travava tanto no “campo de batalha”, como à mesa de negociações.

Outra modalidade bélica preferida dos Bizantinos era a poliorcética, com cercos bastante recorrentes a fortalezas árabes nas regiões limítrofes dos seus territórios, ou a cidades lombardas no Sul de Itália. Aliás, nesta última disciplina bélica, Bizâncio mantinha-se eficaz como seguidora legítima do Império Romano. Este legado era tanto tático como técnico: Bizâncio recorria muitas vezes a armas de cerco pesadas<sup>26</sup> que requeriam a presença de engenheiros e de técnicos especializados no uso destas, os *technítai*; por outro lado, a guerra psicológica era frequentemente praticada, de forma a reduzir o número de baixas e o custo de assédios a uma fortaleza. A importância da guerra psicológica é evidenciada, tendo em conta a preferência dos generais bizantinos em recorrer mais vezes ao bloqueio do que ao assalto e bombardeamento de muralhas, para o qual eram empregues táticas como: a destruição ou o roubo de fontes de abastecimento<sup>27</sup>, que geralmente eram aproveitadas pelos sitiados; os ataques noturnos; o controlo de vias de comunicação; e, obviamente, a interdição de entrada e saída de indivíduos do local sitiado, a não ser que fossem negociadores.

A *poliorketiká* era também uma importante disciplina da tratadística antiga e bizantina, estando presente na maior parte dos manuais de guerra (*Stratēgikón, Taktiká*<sup>28</sup> e *Peri Strategías*<sup>29</sup>), ou possuindo tratados que se dedicavam exclusivamente à guerra de cerco nas suas duas vertentes: defensiva e ofensiva. Entre estes tratados figuram as duas obras de Héron de Bizâncio, o *Parangélmata Poliorkētiká* e o *Geodesia*, que se encontram direcionados para uma boa aplicação de máquinas de guerra; e o *De obsidione toleranda*, que se dedica exclusivamente à componente defensiva da *poliorketiká*, ou seja, à defesa de uma cidade ou de outro tipo de baluarte sitiado.

Por fim, é importante não esquecer a relevante componente que a marinha de guerra representava para o pensamento estratégico bizantino. Embora a guerra terrestre fosse importante para a defesa da integridade territorial bizantina, o controlo dos mares era vital para o império por diversas razões: garantir a proteção do comércio e das vilas e cidades costeiras da pirataria sarracena e russa; manter boas vias de comunicação entre os territórios dispersos sob alçada bizantina; e, obviamente, proteger a capital, Constantinopla, uma cidade

---

<sup>26</sup> Tais como: trabucos de tração (e, mais tarde, de contrapeso); escadas de assalto; coberturas para equipas de assalto, como *laisâi, vineae* e tartarugas; torres de assalto; e aríetes. Cf. NISA, João (2017). “III Parte – A Poliorcética e o Poder Naval Bizantinos”. In MONTEIRO, João Gouveia (dir.) (2017). *História de Roma Antiga: Volume III – O Sangue de Bizâncio*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 434 e 438.

<sup>27</sup> P. ex: Destruição de aquedutos e colheitas, roubo de cabeças de gado. *Vide Idem, Ibidem*, pp. 436-437.

<sup>28</sup> *Vide Anexo IX a*).

<sup>29</sup> A tradução que vamos usar ao longo desta dissertação é: [Siriano], *magister, Peri Strategías*. Texto, Tradução e Comentário: DENNIS, G. T. (1986) – *Op. cit.*, pp. 1-136.

que era impossível de conquistar sem o apoio de um forte braço naval. De forma a tentar manter (ou recuperar) o seu estatuto de talassocracia<sup>30</sup>, Bizâncio via-se obrigada a apostar fortemente em reformas na marinha e na conquista (ou manutenção) de pontos estratégicos no Mar Mediterrâneo, casos das ilhas de Creta, de Chipre e, como é óbvio, da Sicília.

Durante os séculos IX e X, a *naumachiká*, a disciplina da tratadística bizantina direcionada para a guerra naval, recebeu algum relevo com a escrita e publicação de tratados que, pela primeira vez em muito tempo, se debruçaram sobre esta modalidade e a forma como esta deveria ser feita. Entre as obras que abordam estas temáticas, encontramos a *Constitutio XIX* do *Taktiká* de Leão VI e o tratado *Naumachíai*<sup>31</sup>, atribuído a Siriano. Esta tendência verificada no virar de milénio, opõe-se à da “Primeira Idade de Ouro” da tratadística bizantina (séc. V-VI), onde a guerra no mar não está presente; veja-se, o *Strategikón* que refere apenas aspetos de confrontos em contextos fluviais. Este facto pode ser facilmente explicado, na nossa opinião, pela reduzida dimensão que a marinha e o mar ocupavam no horizonte estratégico de Constantinopla entre a «Reconquista Justiniana» (533-554) e a expansão árabe, época em que possuiria uma frota restritamente utilizada e condicionada para garantir a proteção do comércio e vocacionada para o apoio logístico aos exércitos romanos, em especial, em teatros fluviais, como a fronteira do Danúbio, tendo o *drómon*, a embarcação por excelência bizantina, sido afetada por estes condicionalismos: perdeu tonelagem e tamanho, e as tripulações tornaram-se mais reduzidas<sup>32</sup>.

Concluída esta digressão pelas bases da estratégia defensiva bizantina e pelas tipologias mais favorecidas de combate podemos, então, analisar os *apparati* militares de Bizâncio durante a época-média bizantina, em especial durante os primeiros Macedónicos.

### **1.3 – As forças armadas bizantinas e a defesa do território durante os reinados dos primeiros *basileis* macedónicos**

Falar do sistema militar bizantino é bastante delicado e requer um certo cuidado. Isto porque dissecar o exército bizantino implica olhar para o funcionamento do Estado bizantino,

---

<sup>30</sup> A necessidade de Bizâncio ser uma talassocracia, pelas razões acima referidas, não deixava de ser um pouco paradoxal, pela conceção tardo-romana de mar, considerado um elemento pérfido e perigoso. Por outras palavras, a necessidade bizantina de controlar o mar não significava que estes nutrissem grande afeição por ele, um sentimento baseado em vários fatores de cariz religioso e social. Vide COSENTINO, Salvatore (2004). *III – La flota bizantina e l’Islam: aspetti di storia istituzionale e sociale*. In CARILE, Antonio e COSENTINO, Salvatore (2004). *Storia della Marineria Bizantina*. Bolonha: Lo Scarabeo, pp. 272 e 273.

<sup>31</sup> A versão usada nesta dissertação é: [Siriano], *magister, Naumachiai Sirianoi Magistroi*. Texto e tradução: PRYOR, John H. e JEFFREYS, Elizabeth M. (2006). *The Age of the ΔΡΟΜΩΝ – The Byzantine Navy ca. 500-1204*. Leiden e Boston: Brill, pp. 455-482.

<sup>32</sup> Vide COSENTINO, Salvatore (2008). *Constans II and the Byzantine Navy*. *Byzantinische Zeitschrift* 100 (2), pp. 581-583.

para a sua componente fiscal e para o ténue balanço de poderes entre a administração civil e a aristocracia militar, que, sobretudo após o reinado de Constantino VII (913-959), começaram a travar um perigoso braço-de-ferro pela supremacia na «rainha das cidades».

Sendo assim, quais eram os principais braços armados de Bizâncio aquando da ascensão de Leão VI? Na nossa opinião, Bizâncio possuiria quatro importantes componentes militares: i) os *themáta* e as *kleisôurai*, circunscrições territoriais que combinavam poder político e militar, nas quais o Império Bizantino se encontrava dividido; ii) os *tágmata*, a guarda de elite dos *basileús* e a coluna-vertebral dos exércitos de campanha de Bizâncio; iii) a marinha bizantina e as tropas marítimas, que disputavam a supremacia naval com o poderio árabe; iv) os ocasionais mas sempre presentes bandos mercenários, que integravam os exércitos de campanha imperiais. São estes *apparati* que servem Leão VI em vários pontos do império, enquanto o *Sábio* (segundo se atribui) redige o seu tratado ou confronta o patriarcado<sup>33</sup>. Examinemos agora cada uma daquelas componentes.

Comecemos pelos *themáta*. Muito se debateu acerca destes corpos militares ao longo dos anos: a sua criação, organização, como foram distribuídas as suas terras, o que eram, quem eram os soldados que eram recrutados em cada um, entre outras questões. Cremos que as definições mais concretas que podemos dar a esta palavra são as seguintes: (a) eram distritos provinciais que conjugavam, de forma equitativa, os poderes militares e políticos em torno de um oficial, o *strategós*; (b) eram os exércitos dessas mesmas regiões. Na nossa opinião, as principais características dos *themáta* são: o facto de providenciarem uma força de defesa rápida contra raides inimigos; a capacidade dos soldados que os integravam de conseguirem manter-se de forma autónoma, na maior parte dos casos, poupando ao Estado alguma despesa na manutenção dos exércitos; e a combinação do poder civil e militar, sob o *strategós* (poder militar) e o *protonotários* (poder civil e fiscal), o que permitia um acesso mais fácil da parte da componente militar dos *themáta* aos recursos humanos e materiais da região.

Em relação à etimologia da palavra, até há pouco pensou-se que a origem da palavra *théma*, tal como é usada neste caso, provinha do grego *théma* (corpo armado) ou do turco *toumen* (divisão de dez mil homens); não retirando crédito a estas definições, acredita-se que uma outra possível palavra original para *théma* é o verbo *τίθημι* (*títemi*, que significa *colocar, depositar, estabelecer, ou atribuir*), o que faz todo o sentido se estes foram estabelecidos

---

<sup>33</sup> Aqui, referimo-nos ao duro conflito entre Leão VI e o patriarca Nicolau em torno do 4.º casamento do *basileús* e, portanto, da legitimação do seu filho (o futuro Constantino VII) com a 4.ª esposa, Zoé Carbonopsina. Cf. *infra* 2.2.

durante as reformas fiscais de Nicéforo I, uma vez que elas “depositaram” soldados da Ásia Menor nos recém-conquistados territórios dos Balcãs, tal como veremos adiante<sup>34</sup>.

As origens apresentam-se mais discutíveis, tendo ao longo da segunda metade do século XX surgido duas correntes para o aparecimento dos *themáta*: a primeira, que podemos apelidar de «implementacionista», foi sugerida por Ostrogorsky e defendia que o «sistema temático» tinha surgido durante ou imediatamente após a última guerra bizantino-persa (602-628). A sua criação teria sido uma reforma deliberada de Heráclio e teria como objetivo obter uma forma de recrutar e de abastecer homens para os exércitos de campanha romanos durante aquele conflito e, mais tarde, durante os primeiros confrontos contra os Árabes<sup>35</sup>. A base desta corrente teórica era a distribuição de terras e propriedades aos soldados do império, em troca do seu serviço militar, de onde retiravam o rendimento necessário para as suas armas e mantimentos (a isto acrescentamos a importante componente psicológica, pois incentivava-se o proprietário, o militar portanto, a combater qualquer ameaça à sua propriedade).<sup>36</sup> Por outro lado, e colocando-se contra esta teoria de Ostrogorsky, encontramos Agostino Pertusi e Johanes Karayannopoulos, que apresentam teorias a que podemos chamar de «gradualistas»: Pertusi, contradizendo o historiador jugoslavo, defendeu que o surgimento dos *themáta* se prende com uma evolução do sistema administrativo romano, que foi moldada pelas várias pressões que o império sofreu entre os séculos VII e X; por sua vez, Karayannopoulos argumentou que o «sistema temático» era o resultado da evolução das instituições militares tardo-romanas<sup>37</sup> desde o século VI até ao século X<sup>38</sup>.

A discussão passou a gerar-se em torno de um conjunto cada vez maior de bizantinistas que tomavam o partido de uma das duas correntes teóricas: alguns como Warren Treadgold, Martha Gregoriou-Iounnidou e Michael Hendy (este último com ideias próprias) tomavam o partido da teoria clássica de Ostrogorsky; na «fação gradualista» alinharam nomes como John Haldon, Walter Kaegi, Hélène Ahrweiler, Nicolas Oikonomídes e Paul Lemerle,

---

<sup>34</sup>Para as primeiras definições *vide* MONTEIRO, João Gouveia (2017). “I Parte – História Concisa do Império Bizantino (das Origens à Queda de Constantinopla)”. In MONTEIRO, João Gouveia (dir.). *História de Roma Antiga: Volume III – O Sangue de Bizâncio*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 53. Para a segunda HALDON, John (2016). *A context for two “evil deeds”: Nikephoros I and the origins of the themata*. In DELOUIS, Olivier, MÉTIVIER, Sophie e PAGÈS, Paule (ed.) (2016). *Le Saint, Le Moine et le Paysan: Mélanges d’histoire byzantine offerts à Michel Kaplan*. Paris: Publications de la Sorbonne, p. 259.

<sup>35</sup> *Vide* HALDON, John (1993). *Military Service, Lands, and the Status of Soldiers: Current Problems and Interpretations*. In *Dumbarton Oaks Papers*, vol. 23, p.4.

<sup>36</sup> *Vide* MONTEIRO, João Gouveia – *Op. cit.*, pp. 53-54.

<sup>37</sup> Referimo-nos aos exércitos móveis, aos quais pertenciam os soldados que chamamos de *comitatenses*, e aos *limitanei*, que guarneciam as regiões fronteiriças.

<sup>38</sup> *Vide* HALDON, J. (1993) – *Op. cit.*, pp. 4-5.

entre outros. Mais recentemente, após vários anos de discussão, a corrente teórica que tem ganho mais importância é a «gradualista».

Apesar da existência de um enorme conjunto de teses, parece-nos pertinente referir a teoria que John Haldon apresentou recentemente. O artigo onde ela se encontra assenta no estudo das *vexillationes*<sup>39</sup> de Nicéforo I, e Haldon data os *themáta* para o reinado deste *basileús*. De acordo com o autor, as reformas que implementaram os *themáta*, e que tinham um cariz mais intrinsecamente fiscal do que militar, foram: a transferência de soldados da Ásia Menor para os territórios recentemente conquistados aos Eslavos nos Balcãs, com a obrigação de venda das suas propriedades<sup>40</sup> e posterior compra ou oferta (pelo Estado) de novas terras; a súbita aparição do cargo de *protonotários* nos inícios do século IX (paralelamente às primeiras menções dos *themáta* em fontes); e a instituição de uma doação comunitária para o pagamento de impostos e de equipamento dos soldados mais pobres<sup>41</sup>, o que contribuiria para alicerçar as ligações entre os soldados e as comunidades onde eles estavam inseridos. Estas reformas terão alastrado aos comandos militares<sup>42</sup> da Ásia Menor, onde os contributos comunitários para os soldados mais pobres (que, no entanto, não parece que se tenham mantido por muito tempo) e os *protonotários* melhoraram a eficiência dos sistemas de manutenção e de abastecimento dos exércitos provinciais, assim como as ligações entre o *strategós* e o poder civil. De acordo com Haldon, os *themáta* tiveram a sua origem por essa altura, começando a crescer em número a partir daí (ou pela conquista de novos territórios, ou, mais provavelmente, pela divisão do território dos *themáta* já existentes para melhor consolidar a defesa do império), sendo certo que, pela altura do reinado de Leão VI, existiriam mais de vinte distritos administrativo-militares deste tipo<sup>43</sup>.

O debate entre as duas correntes teóricas sobre a origem dos *themáta* tinha, porém, outro *core* para além deste: a forma como os soldados eram recrutados, bem como a relação destes com os próprios *themáta*<sup>44</sup>. Este último tópico interessa-nos muito, porque envolve a questão das terras militares ou «estratióticas» (as *stratíotikà ktémata*). O nome destas terras é

---

<sup>39</sup> Ou *kakóseis* (em português, “maldades”), configuram um conjunto de reformas fiscais implementadas por Nicéforo I, que o clero bizantino viu com maus olhos devido aos, alegadamente, pesados impostos que o *basileús* lhes impôs. Destas reformas, as duas primeiras são de extrema importância para se apurar a origem dos *themáta*, de acordo com John Haldon. Vide HALDON, J. (2016) – *Op. cit.*, p. 249.

<sup>40</sup> Vide Anexo IX b).

<sup>41</sup> O valor deste equipamento está apontado como sendo 18,5 *nomismata*. Vide Anexo IX c).

<sup>42</sup> As províncias onde habitavam, de acordo com Leif Inge-Petersen, denominavam-se “terras de um *strategós*”. Vide PETERSEN, Leif Inge (2013), *Siege Warfare and Military Organization in the Successor States (400-800 AD)*. Boston: Brill, p. 105.

<sup>43</sup> Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 91. Para uma possível lista dos *themáta* no virar do século IX para o X, vide HEATH, Ian (1980). *Armies of the Dark Ages 600-1066 – Organisation, tactics, dress and weapons*. 2ª Edição, Sussex: Wargames Research Group Publication, p.7.

<sup>44</sup> Vide HALDON, J. (1993) – *Op. cit.*, p. 7.

um pouco traiçoeiro, porque a posse dita de «terras militares» não é implicitamente indicadora da posse de terrenos pelos soldados, mas sim da posse de *strateía* (isto é, da implicação de cumprir serviço militar) pela propriedade ou pelo respetivo proprietário.

Dentro dos recursos para recrutamento dos *thematikoí* (os soldados destes exércitos), a *strateía* era sem dúvida o principal, e ter-se-á mantido como tal até ao século XII. Todavia, foi sofrendo alterações, pois até às reformas jurídicas de Constantino VII encontrava-se associada ao indivíduo e não à propriedade, algo que só seria oficializado pelas reformas já referidas<sup>45</sup>. Assim, de entre os *thematikoí*, deduzimos que a maior parte dos soldados recrutados para campanha, até ao reaparecimento em força de mercenários nos meados do século X<sup>46</sup>, eram aqueles que estavam registados, juntamente com a sua *strateía*<sup>47</sup>, nos *kódikes* do *logothésion* militar de cada *théma*<sup>48</sup>.

Existiriam ainda alguns soldados voluntários não registados, que, fora a participação em campanhas, também podiam servir a título permanente, como membros de guarnições e dos corpos de guarda, juntamente com voluntários possuidores de *strateía*. Seria este conjunto de homens que, alguns anos após o desaparecimento do *Sábio*, formaria os *tágmata* provinciais<sup>49</sup>, corpos permanentes e muito melhor sustentados pelo Estado, que se tornaram um dos alicerces para a mudança de interesses estratégicos de Bizâncio. Esta viragem foi concretizada a partir do reinado do co-imperador Romano I Lecapeno (920-944), e caracterizou-se por uma postura cada vez mais ofensiva do império, e possibilitando a chamada «Reconquista Bizantina» da segunda metade do século X<sup>50</sup>.

Por fim, teçamos algumas considerações breves sobre a logística (abordaremos de forma mais aprofundada alguns destes temas durante a análise do *Taktiká*), em especial sobre o pagamento e abastecimento destes soldados. Esta matéria vai-nos obrigar a retomar ao assunto das *stratíotikà ktémata* porque, a partir da retirada de Heráclio para Ásia Menor, o principal sustentador do soldado vai passar a ser o próprio combatente. Ainda hoje, o fenómeno do crescimento da propriedade militar em Bizâncio, entre os séculos VII e X, suscita alguma discussão no seio dos bizantinistas. Warren Treadgold considera que este crescimento se deveu ao pagamento aos soldados, após a grande desvalorização dos

---

<sup>45</sup> Até esta altura, nas palavras do *basileús*, apesar do caráter pessoal de *strateía*, as propriedades dos soldados bizantinos eram inalienáveis por tradição, e não por código legal. Vide HALDON, J. – *Op. cit.*, 2016, p. 264.

<sup>46</sup> Vide NISA, João (2016). *Arte Militar Bizantina: O Tratado De Velitatione Bellica. (séc. X)*. Dissertação de Mestrado em História Militar apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 39.

<sup>47</sup> Que era hereditária.

<sup>48</sup> Vide HALDON, J. (1999) – *Op. cit.*, p.123.

<sup>49</sup> Que não devem ser confundidos com os *tágmata* da capital, dos quais falaremos mais adiante, apesar de terem funções táticas e benefícios idênticos.

<sup>50</sup> Para um resumo destas reformas militares, vide NISA, J. (2016) – *Op. cit.*, pp. 38-39.

numerários destes no reinado de Heráclio, em terras, alegando o virtual desaparecimento da maior parte da propriedade imperial entre os séculos VII e X<sup>51</sup>.

Por outro lado, a visão mais aceite presentemente é a de um conjunto de fatores como: um longo período de casamentos entre as famílias dos locais para onde os soldados dos exércitos móveis tinham retirado, bem como um processo de compra de propriedade efetuado pelos soldados mais ricos<sup>52</sup>; um constante processo de recrutamento e substituição dos soldados dos antigos exércitos provinciais por membros da população indígena dos distritos dos novos comandos militares pós-heraclianos<sup>53</sup>. Após esta apropriação de terreno por membros do exército, o Estado rapidamente se começou a aperceber das vantagens do processo: particularmente, a possibilidade de autossustentação de um grande conjunto deles. Contudo, efetuar uma generalização das condições económicas de todos os *thematikoí* é um erro crasso, existindo muitos soldados pobres que não possuíam meios para comprar o seu equipamento, montada e víveres. A responsabilidade de equipar estes soldados mais pobres recaiu então sobre a sua família, nas comunidades em que se inseriam<sup>54</sup>, ou até sobre os *stratiótai* mais abastados dos *themáta*, caso estes não quisessem participar ativamente em alguma campanha, algo aconselhado por Leão VI<sup>55</sup> no *Taktiká*<sup>56</sup>.

De entre estas possibilidades, a mais interessante parece-nos ser a última, porque demonstra que a *strateía* não era apenas uma obrigação militar para o serviço efetivo, mas podia ser usada para apoio logístico<sup>57</sup>. Assim, os *stratiótai* mais ricos, em vez de participarem ativamente nas campanhas, poderiam enviar no seu lugar um outro soldado equipado por eles, que não possuísse *strateía*, ou contribuir para o equipamento e provisões de um *stratiótes* mais pobre. Mais tarde, a partir da legislação oficial das terras militares por Constantino VII, passou a diferenciar-se o *stratiótes* – aquele que possuía uma propriedade com *strateía*<sup>58</sup> – do *stratióúmenos*: o efetivo militar que era patrocinado por uma *stratiotikà ktémata*.

A flexibilidade tática dos *themáta* bizantinos assentava também nestas condições sociais e económicas, estando a tipologia do soldado condicionada pelos seus recursos

---

<sup>51</sup> Vide TREADGOLD, Warren (1995). *Byzantium and Its Army*. Stanford: Stanford University Press, p. 24.

<sup>52</sup> Cf. MONTEIRO, João Gouveia – *Op. cit.*, p. 57 e também HALDON, J. (2016) – *Op. cit.*, p.148.

<sup>53</sup> HALDON, J. (2016) – *Op. cit.*, p.148.

<sup>54</sup> Algo que, como já vimos, terá sido instituído no principado de Nicéforo I.

<sup>55</sup> Apesar de o *basileús* aconselhar ao *strategós* que recrute preferencialmente para as campanhas os soldados mais ricos e com maior capacidade de se equiparem e sustentarem autonomamente. Vide Anexo VIII c).

<sup>56</sup> Vide Anexo VIII d).

<sup>57</sup> Prática que se verificaria mais a partir dos meados do século, quando os *basileis* bizantinos começaram a preferir que a *strateía* fosse satisfeita através de um pagamento que possibilitasse a contratação de mercenários e a compra de melhor equipamento para os exércitos de campanha, em vez da prestação de um serviço militar ativo. Vide NISA, J. (2016) – *Op. cit.*, pp. 39.

<sup>58</sup> Ou *strateía* parcial, que é o resultado das divisões de “terras estratióticas” após a morte do proprietário pelos seus herdeiros, ou em caso do cometimento de um crime pelo proprietário.

financeiros. Assim, apesar de a cavalaria ligeira representar o principal modelo tático em uso até ao século X<sup>59</sup>, apenas os *stratiótes* com meios para angariar um ou dois cavalos, o equipamento e armamento básico e, ainda, indivíduos<sup>60</sup> que conseguissem cuidar dos seus terrenos durante campanha (caso os possuíssem claro) é que poderiam servir nessa função.<sup>61</sup> Os *stratiótai* que não detivessem os recursos necessários para tal, serviriam como infantaria que, apesar de ainda não possuir a importância que viria a ter meio século mais tarde, começou na altura de Leão VI a ver-lhe imputada um papel cada vez mais destacado: para além das funções defensivas no campo de batalha e em posições estratégicas, o regresso lento mas seguro do treino, da eficiência e da disciplina, apreço também no *Taktiká*, vai permitir que se comece a praticar neste período um conjunto de táticas combinadas com a cavalaria<sup>62</sup>. Táticas essas que representarão uma das especialidades dos exércitos de Basílio II (963-1025) e dos seus co-imperadores, Nicéforo II Focas (963-969) e João I Zimisce (969-976), na segunda metade do século X e nos primeiros anos do século seguinte.

O perfil tático dos *themátoí* não se adequava a campanhas ofensivas<sup>63</sup>, sendo usados principalmente na defesa do território imperial frente a incursões árabes, por métodos típicos de guerra de fronteira (emboscadas, terra queimada, ataques noturnos a acampamentos), e numa ocasional batalha campal. A preparação destas campanhas defensivas durava algum tempo pelo que a responsabilidade de ganhar tempo e vigiar o invasor estava nas mãos de outros distritos militares: as *kleisoûrarchiai*. Estes distritos militares foram o resultado da separação de *toúrmai* dos *themáta* fronteiriços, que se encontravam junto ao Tauro e ao Antitauro. Ao comandante destas circunscrições, o *kleisourárcha*, era atribuído um enorme grau de autonomia, sendo responsável pela aplicação dos métodos enunciados no *Peri Paradromés*, de forma a deter os raides muçulmanos mais pequenos antes que estes penetrassem demasiado e a perseguir e atrasar os exércitos sarracenos de maiores dimensões, até à chegada de forças bizantinas de maior envergadura. Estas divisões geográficas tinham um estatuto volátil, acabando muitas delas a ser elevadas a *théma*<sup>64</sup>, sobretudo nos inícios do século X, onde as *kleisoûrarchiai* foram promovidas aos «*themáta arménios*»<sup>65</sup>, no seio do

---

<sup>59</sup> Os exércitos dos *themáta* eram denominados de *kaballarika themata*, por serem compostos maioritariamente por cavalaria ligeira. Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 97.

<sup>60</sup> Referimo-nos essencialmente a membros da família ou outros servos.

<sup>61</sup> Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 99.

<sup>62</sup> MCGEER, Eric (1988). *Infantry versus Cavalry: The Byzantine Response*. In *Revue des études byzantines*, 46, p. 145.

<sup>63</sup> Com a exclusão de contra raides que, muitas vezes, eram realizados pelos *themáta* na mesma altura em que os Árabes realizavam as suas ações de rapina.

<sup>64</sup> P. ex., Selêucia e Charsianon, durante o reinado de Romano I e 873, respetivamente. HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 108.

<sup>65</sup> *Idem, Ibidem*, p. 111.

conjunto de reformas que possibilitou a Bizâncio passar à ofensiva. No reinado de Leão VI, os elementos militares bizantinos com melhores aptidões para realizar operações ofensivas e combater em batalhas campais, caso as houvesse, eram os *tágmata*.

Até ao reinado de Constantino V (741-775) quem ocupava as funções de exército pessoal dos *basileis* e de guarnição de Constantinopla era o exército do *Opsikion*<sup>66</sup>. No entanto, por estas mesmas razões, este comando militar exercia enorme poder sobre quem governava a partir de Constantinopla. Durante muito tempo, os *basileis* viram-se obrigados a tomar certas medidas para apaziguar este corpo militar, por exemplo através da persuasão ou da escolha de líderes leais ao *basileús* para comandar esta divisão do exército<sup>67</sup>. A revolta de Artavasdo (*kómes* e *kouropalátēs*)<sup>68</sup> em 741, foi a quinta revolta do *Opsikion* em meio século e, após a supressão desta no ano seguinte, obrigou o *basileús* Constantino V a tomar duas medidas para suprimir o poder dos *kómes* daquela unidade militar: i) divisão do território cujo *Opsikion* era responsável por três circunscrições territoriais mais pequenas (a do *Opsikion*, a dos *Optimates* e a dos Bucelários)<sup>69</sup>; ii) criação de um novo corpo de elite leal ao imperador, capaz de o proteger das insurreições dos exércitos provinciais e de tomar parte em ações ofensivas, através da (re)militarização dos obsoletos regimentos da guarda palatina. O resultado foram os *tágmata*, que, apesar de pouco diferentes em eficiência e disciplina relativamente aos restantes exércitos provinciais bizantinos<sup>70</sup>, no tempo de Leão VI já ocupavam a função para o qual tinham sido criados.

Durante o reinado de Leão VI, existiriam quatro *tágmata* de cavalaria: o das *Scholaí*; o dos *Excubitores*; o da *Vigla* (ou *Arithmos*); e o dos *Hikanatôí*<sup>71</sup>. Para além dos regimentos a cavalo, existiriam ainda mais quatro: os *Optimates*, que serviam principalmente de apoio logístico aos restantes; os *Noumera* e o «das Muralhas», que funcionavam como contingentes de infantaria; e a *Hetaireia*, um regimento de soldados estrangeiros que só participava em

---

<sup>66</sup> Vide HALDON, John (1984). *Byzantine Praetorians: An Administrative, Institutional and Social Survey of the Opsikion and Tagmata, c.580-900*. Bona: Dr. Rudolph Habelt, p. 196.

<sup>67</sup> *Idem, Ibidem*, 208.

<sup>68</sup> Vide entradas respetivas no Glossário Temático: b) Títulos.

<sup>69</sup> Um processo que terá demorado ainda alguns anos e que, provavelmente, se viu apoiado por uma nova revolta do *Opsikion*, em 766. No final deste processo, a província do *Opsikion* estava dividida entre: o *Opsikion*; os Bucelários, em 766; e o *Optimáton*, formado em 773. Vide *Idem, Ibidem*, 209.

<sup>70</sup> Vide PETERSEN, L. I. – *Op. cit.*, p. 108. Bizâncio, por esta altura, era protegida por exércitos provinciais sediados em regiões que tinham o mesmo nome que esses corpos militares («terras de um *strategós*»), p.e: *Anatolikón, Armenikón*, etc. Por sua vez, o nome desses exércitos provinha dos antigos exércitos provinciais do Império Romano do Oriente, que foram evacuados para a Ásia Menor após o desastre de Yarmuk. Estas organizações militares, e as províncias que habitavam, foram os antecedentes do sistema dos *themáta*.

<sup>71</sup> Este último com uma data de criação mais recente que os restantes, tendo sido formado durante o reinado de Nicéforo I, em preparação da campanha que terminou com a batalha de Priska (811).

operações militares se o *basileús* estivesse presente<sup>72</sup>. Pelas funções que os *tágmata* ocupavam e como forma de manter a sua lealdade ao *basileús*, os soldados destes regimentos eram os mais privilegiados do império, tendo em conta que recebiam do Estado: a *roga*<sup>73</sup>, forragem, rações, donativos, o seu armamento (que, no entanto, continuava a pertencer a Constantinopla e não ao indivíduo) e a sua montada<sup>74</sup>; havia ainda o caso de muitos que recebiam terras no termo do seu serviço militar. Para além disso, tal como os *thematikoí*, estavam isentos de todos os impostos<sup>75</sup>, menos do *demósion* (o imposto base) e do *kapnikón* (o imposto sobre as famílias). Por fim, faltará referir que o comandante dos *tágmata*, o *domestikós*, acabaria por se tornar o comandante supremo dos exércitos bizantinos. Uma vez que Leão VI e o filho, Constantino VII *Porfirogeneta*, nunca comandaram pessoalmente campanhas, terão sido muito possivelmente estes oficiais (escolhidos pessoalmente pelos *basileús*) a comandarem as campanhas mais importantes deste período<sup>76</sup>.

Para além dos contingentes autóctones ao serviço do império, Bizâncio sempre contou com o apoio de importantes componentes mercenárias e auxiliares. Durante o reinado de Leão VI, temos informação da presença de soldados de várias nacionalidades: os *Khazars*, que serviam na *Hetaireia*<sup>77</sup>; os Arménios, que tiveram sempre uma presença quase permanente como aliados e auxiliares de Bizâncio; e Russos que, por exemplo, participaram na campanha falhada de reconquista de Creta, empreendida por Leão VI em 911<sup>78</sup>. No último quartel do século X, estes «soldados de fortuna» tornar-se-iam um dos fatores marcantes para o sucesso da «Reconquista Bizantina», especialmente a Guarda Varangiana de Basílio II, algo que se espelha no facto de a *strateía* começar a ser cumprida em numerário e não em participação ativa, inclusivamente para pagar a estes profissionais, efetivos militares mais eficientes.

Resta-nos dedicar algumas linhas às forças navais bizantinas. Como anteriormente referido, a embarcação mais referida em Bizâncio era o *drómōn*; apesar disso, já durante o reinado de Leão VI este termo começa a ter um valor mais generalista, ou seja, a referir-se a todas as embarcações de guerra bizantinas<sup>79</sup>. No caso do *Taktiká*, há menção a quatro tipos de embarcações, referidos nas listas de navios, homens e apoio logístico da expedição de

---

<sup>72</sup> Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 251.

<sup>73</sup> Salário mensal.

<sup>74</sup> Vide HALDON, J. (1984) – *Op. cit.*, p. 318.

<sup>75</sup> Vide HALDON, J. (1999) – *Op. cit.*, p. 260.

<sup>76</sup> Como as importantes expedições militares em Itália e na Bulgária, que ficaram sob o comando de Nicéforo Focas o Velho.

<sup>77</sup> Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 279.

<sup>78</sup> Vide Constantino VII, *basileús*, *The fitting out and the cost and the sum of the pay and of the force sent against the impious Crete with the patrikios and logothetes tou dromou Himerios in the time of the Lord Leo, beloved of Christ*. Texto e Tradução: PRYOR, J. H. e JEFFREYS, E. – *Op. cit.*, p. 548.

<sup>79</sup> Vide PRYOR, J. H. e JEFFREYS, E. – *Op. cit.*, p. 192.

Himério contra Creta, em 911. Estes navios eram: as *chelandia*, os *drómōnes*, os *pamphylos* e as *galea*<sup>80</sup>. Os primeiros eram usados para o combate naval e o transporte de tropas, enquanto os últimos, mais pequenos e ligeiros, eram usados principalmente como batedores, apesar de possuírem também capacidades bélicas e de transporte<sup>81</sup>

Apesar da posse de um grande número de embarcações, o virar de século revelar-se-ia ingrato para as forças navais bizantinas, um facto evidenciado pelo aumento de forças adversárias no Mar Mediterrâneo (onde se dá o aparecimento de novas marinhas hostis, no Egipto e na Tunísia) e no Mar Báltico, onde a ameaça russa desperta e as pretensões de Simeão obrigam ao reforço da presença bizantina. Este conjunto de circunstâncias forçou os primeiros Macedónicos a reformar o seu poder naval. A primeira reforma, efetuada durante o reinado de Basílio I, segundo levam a crer as fontes<sup>82</sup>, foi a instituição de um *oficium* sob o *droungários tōn ploïmon*, o oficial máximo da frota imperial, sedeadada em Constantinopla. Este cargo reunia em si poderes militares e civis: por um lado era o almirante da frota imperial e, assim, o homem mais importante da marinha bizantina; por outro, era também o que hoje chamaríamos de «Ministro dos Assuntos do Mar»<sup>83</sup>. As outras reformas foram a criação de mais dois *themáta* navais: o do Mar Egeu e o de Samos; estes *themáta* reforçaram o *théma* marítimo dos *Kibirrhaiotai* e tinham como objetivo aumentar o poder das frotas provinciais, que eram mantidas e tripuladas por estas circunscrições territoriais.

---

<sup>80</sup> Vide *Idem, Ibidem*, pp. 548-553.

<sup>81</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 190-192.

<sup>82</sup> Cf. AHRWEILER, Hélène (1966). *Byzance et la Mer: La Marine de guerre, la politique et les institutions maritimes de Byzance aux VIIe-XVe siècles*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 98.

<sup>83</sup> Vide *Idem, Ibidem*, p. 98.

## **Capítulo 2 – O plano político: Da ascensão da dinastia Macedónica à morte de Leão VI (867-912)**

«Quando Miguel se apercebeu de que Basílio se opunha a ele, planeou uma monstruosa intriga contra ele; esta foi a seguinte. Ele arranjou alguém para arremessar uma lança, como se visasse uma besta selvagem, mas que na verdade visava Basílio. Isto veio ao de cima porque o homem a quem isso tinha sido ordenado o confessou na hora da sua morte. Ele arremessou o dardo, mas falhou miseravelmente o alvo e Basílio foi salvo. Quando foi salvo, ele decidiu-se a passar à ação, em vez de ser vítima dela; Miguel foi morto no palácio de São Mamede no AM<sup>84</sup> 6376<sup>85</sup>, à terceira hora da noite.»<sup>86</sup>

Este episódio podia ter passado apenas por mais um entre muitos outros que marcaram a intriga política bizantina, não fora o caso de ter contribuído para depor toda uma dinastia. Quando Miguel III sucumbiu às mãos do seu favorito, Basílio, também a linha amoriana se finou, e a família macedónica emergiu em seu lugar. Tomada por muitos como a casa imperial mais brilhante na história de Bizâncio<sup>87</sup>, pretendemos, neste segundo capítulo analisar os primeiros anos desta linhagem. Estabelecemos como espetro cronográfico o período entre o ano de 867, quando Basílio I sobe ao poder e instaura a dinastia macedónica, e 912, o ano em que o autor (atribuído) do *Taktiká*, o *basileús* Leão VI, abandona o mundo dos vivos. Nesse sentido, decidimos dividir este capítulo em dois subcapítulos: o primeiro está direcionado para o reinado de Basílio I e para as medidas que tomou para legitimar a sua posição, muitas delas centradas em torno de algumas bem-sucedidas campanhas militares; o segundo irá abordar o reinado de Leão VI, em especial os conflitos bélicos que pautaram o seu reinado e a forma como o *basileús* os enfrentou, bem como alguns aspetos de cariz cultural e religioso.

### **2.1 – O reinado de Basílio I (867-886)**

O novo *basileús* era um hábil jogador político, que ascendeu rapidamente por entre as principais esferas de poder bizantinas após a sua chegada a Constantinopla. Esta vertiginosa ascensão deveu-se à constituição física de Basílio, ao apadrinhamento do *Macedónico* por várias personalidades importantes da capital e, no que toca por exemplo ao ‘*Synopsis Historion*’ de João Skylitzes, a certos auspícios divinos<sup>88</sup>. A progressão acabou por chamar a

---

<sup>84</sup> Anno Mundi.

<sup>85</sup> 867 d.C.

<sup>86</sup> Vide João Skylitzes, ‘*Synopsis Historion*’. Tradução: WORTLEY, John (2010). *John Skylitzes, A Synopsis of Byzantine History 811-1057*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 114-115.

<sup>87</sup> MONTEIRO, J. G. – *Op. cit.*, p. 74.

<sup>88</sup> Vide WORTLEY, J. – *Op. cit.*, pp. 121-123.

atenção do *basileús* (aparentemente após uma demonstração de força durante um combate com um búlgaro), que lhe outorgou vários títulos de relevo, próximos da autoridade imperial. Assim, tornou-se membro da *Hetaireia*, em 856/857; *prostrator*; e, por fim, *parakoimómenos*, em 864, após a queda em desgraça do seu antecessor, Damiano, por ofender o *césar* de então (Bardas, o tio de Miguel III)<sup>89</sup>. No ano seguinte, casou com a amante de Miguel III, Eudóxia Ingerina, com quem havia de gerar o seu secundogênito, o futuro Leão VI, em 866<sup>90</sup>.

Foi durante o tempo em que exerceu estas funções que as tensões entre o *basileús* e o seu tio atingiram o clímax, resultando no assassinato de Bardas, em 867, pouco antes do lançamento de uma expedição para reconquistar a ilha de Creta. Quem substituiu o *césar* foi Basílio, que muito rapidamente viu a sua amistosa relação com Miguel III deteriorar-se, até culminar no assassinato do último dos Amorianos. As razões disto ainda são discutidas: terá o ato sido cometido em “autodefesa”, como aponta Skylitzes, com Basílio a ver-se nas mesmas circunstâncias que o seu antecessor, Bardas? Ou terão antes sido as ambições do co-imperador a levar a melhor sobre a lealdade ao *basileús*, levando-o a cobiçar o trono? Independentemente das circunstâncias, e de acordo com o professor de Cardiff, Shaun Tougher: «o assassinato era talvez inevitável, de uma maneira ou de outra».<sup>91</sup>

O império que Basílio usurpou encontrava-se, na nossa opinião, relativamente bem. Apesar de ainda não ser a superpotência em que se iria tornar um século depois, foi porventura então que se começaram a dar os primeiros passos nessa direção, em grande parte graças à ação da dinastia de Amório e dos seus associados. Durante o reinado de Miguel III, em termos religiosos, foi posto um ponto final na Questão Iconoclasta, que exerceu uma grande pressão sobre os órgãos de poder do Império e gerou uma violenta clivagem na estabilidade interna de Bizâncio e da Igreja Ortodoxa. Com o fim do Iconoclasmo, continuaram a existir diferenças e divisões na Igreja, mas estas já não se mostravam tão evidentes. Apesar disso, as clivagens mantinham-se e traduziam a rivalidade entre o poder temporal e o espiritual, forças que, em Bizâncio, se mostravam mescladas, ou até sinérgicas. Assim foi também com a deposição do patriarca Inácio, que foi substituído pelo laico Fócio<sup>92</sup>, em 858. Inácio havia sido deposto quando se começou a opor a várias decisões do *césar* Bardas, num processo que nunca seria aceite pelo papado e demais apoiantes do antigo patriarca, que se opuseram veementemente a Fócio durante o seu primeiro “mandato”.

---

<sup>89</sup> Vide TOUGHER, Shaun (1997). *The Reign of Leo VI (886-912)*. Leiden, Nova Iorque e Colónia: Brill.

<sup>90</sup> Ainda hoje se discute se Leão será realmente filho de Basílio ou se, porventura, será antes filho de Miguel III. Para não nos dispersarmos nesta questão, vide TOUGHER, S. (1997) – *Op. cit.*, pp. 42-67.

<sup>91</sup> *Idem, Ibidem*, p. 30.

<sup>92</sup> Fócio foi tonsurado a 20 de dezembro e ascendeu ao patriarcado no dia de Natal. Cf. *Idem, Ibidem*, p. 69.

Em termos militares, Bizâncio começava a entrar no seu apogeu, pelo menos a Oriente. Na Ásia Menor, após vários anos de conflito, os Bizantinos tinham quebrado a empunhadura da espada árabe: o exército do emirado de Melitene foi destroçado nas batalhas de Marj al-Usquf e Lalacão<sup>93</sup>, tendo com ele sido eliminados o emir Omar e o seu filho, bem como Karbeias, o líder da seita pauliciana, que se tinha aliado aos Árabes. Graças a estes resultados, os exércitos romanos conseguiram invadir o emirado de Melitene e o “Estado” Pauliciano, tendo sido no decurso desta expedição que tombou Ali o *Arménio*, emir de Tarso. Esta atitude ofensiva, pouco típica da estratégia bizantina, não terá rendido grandes ganhos territoriais, pois tinha como principal objetivo a recolha de prisioneiros e de botim, bem como o enfraquecimento dos poderes regionais muçulmanos da Cilícia e da Mesopotâmia, centrados em torno dos *al-thugur*: os emirados de Melitene e de Tarso. No entanto, pode servir como exemplo para um comportamento mais audacioso de Bizâncio, que passava a levar, com cada vez mais frequência, a guerra ao território dos seus inimigos.

Os sucessos militares da Ásia Menor não se repercutiam, no entanto, no Ocidente. Em 827, forças muçulmanas ao serviço da dinastia aglábida desembarcam na Sicília, a convite de um oficial da marinha chamado Eufémio. Este foi o início do moroso processo de conquista da ilha estrategicamente mais importante do Mar Mediterrâneo pelo emirado da Ifríquia. Em setembro de 831, a cidade de Palermo, capital bizantina da Sicília, caiu. Dez anos depois, os muçulmanos já eram senhores de um terço do território da ilha, a parte ocidental, com a conquista das cidades de Platani, Cantabellota, Corleone e do porto de Trapáni<sup>94</sup>. Entre 841 e 849, aproximam-se perigosamente dos centros fortificados da ilha, com a conquista de Messina (entre 842-843), de Módica (845) e de Lentini (846), e com o extermínio da guarnição de Ragusa (848)<sup>95</sup>. A ameaça aglábida tornou-se ainda mais perigosa com a queda de Castrogiovanni (atual Enna), em 859, o que permitiu consolidar a conquista do interior da ilha e almejar o controlo da costa oriental, ainda em mãos bizantinas<sup>96</sup>. As ambições muçulmanas projetaram-se então para Taormina e Siracusa. Miguel III ainda tentou reverter a situação, mas a frota e o exército que enviou, sob o comando de Constantino Contomita, foram derrotados por al-Abbas ibn al-Fadl<sup>97</sup>.

Noutra frente, no Sul de Itália, os Sarracenos também fizeram sentir a sua presença. Em 835, a convite do ducado de Nápoles os primeiros soldados árabes entraram em Itália para

---

<sup>93</sup> Sobre esta batalha, *vide* WORTLEY, J. – *Op. cit.*, pp. 100-101.

<sup>94</sup> *Vide* METCALFE, Alex (2009). *The Muslims of Medieval Italy*. Edinburgo: Edinburgh University Press, p.9; e RAVEGNANI, Giorgio (2004). *I Bizantini in Italia*. Bolonha: Il Mulino, p.149.

<sup>95</sup> *Vide* RAVEGNANI, G. – *Op. cit.*, p. 149.

<sup>96</sup> *Vide* METCALFE, A. – *Op. cit.*, pp. 14-15.

<sup>97</sup> *Vide* RAVEGNANI, G. – *Op. cit.*, p.149.

servir como auxiliares na luta contra o principado de Benevento<sup>98</sup>. Não demorou até começarem a agir por vontade própria: em 838, saquearam Brindisi, derrotaram um exército enviado pelo príncipe Sicardo de Benevento e tomaram ainda Tarento, uma das cidades mais importantes da Apúlia, onde formaram um emirato<sup>99</sup>. Em 840, uma frota árabe derrota a marinha veneziana e saqueia a costa do Adriático, enquanto, no ano seguinte, Bari cai em mãos sarracenas, tornando-se outro emirato. O arrojo árabe, aliado à falta de acordo entre as principais potências de Itália (Lombardos, Francos e Bizantinos), fê-los atacar Roma e saquear as basílicas de São Pedro e de São Paulo, em 846<sup>100</sup>. Com o principado de Benevento destruído pela guerra civil e pelas depredações árabes, apenas os impérios dos Francos e dos Romanos poderiam fazer frente às incursões e conquistas muçulmanas no Sul de Itália, mas a resposta ainda demorou a vir. Só vinte anos depois é que o rei Luís II de Itália decidiu agir pessoalmente, comandando o seu exército contra a ameaça norte-africana, não logrando contudo alcançar vitórias significativas. Quando Basílio I sobe ao trono, encontra a Sicília presa por um fio e o Sul de Itália em anarquia, dividido em confrontos entre os Aglábidas do Norte de África, os príncipes lombardos locais e os carolíngios italianos de Luís II!

As primeiras políticas do novo *basileús* tinham de ser direcionadas para legitimar a sua dinastia e ele sabia bem o que fazer, tendo em conta as circunstâncias que o império vivia. Em primeiro lugar, começou por associar ao poder os seus filhos mais velhos, Constantino (um fruto do primeiro casamento) e Leão. Prometeu ainda o primogénito em noivado à filha do rei carolíngio de Itália, Luís II, de forma a poder selar também uma aliança com este. De seguida, encerrou a questão religiosa que dilacerava a igreja de Roma e o patriarcado de Constantinopla, ao depor Fócio e ao colocar Inácio de novo no patriarcado<sup>101</sup>, enquanto lançava uma campanha de conversão forçada dos Judeus<sup>102</sup>.

O *Macedónico* também impôs a legitimidade do seu trono pelas armas. Abordemos este assunto geograficamente. O que faltava a Basílio fazer a Oriente? Com os emirados orientais ainda debilitados, restava a Basílio um grande problema na região: o “Estado” Pauliciano. Após a morte de Karbeias, em 864, a nação desta heresia ficou aos cuidados de Crisóquero, o seu sobrinho e cunhado, que recomeçou os saques na Anatólia no ano da morte de Bardas.<sup>103</sup> O novo líder pauliciano mostrou-se um general capaz, e os seus raides já

---

<sup>98</sup> Vide *Idem, Ibidem*, p. 152.

<sup>99</sup> Vide METCALFE, A. – *Op. cit.*, p.17.

<sup>100</sup> Vide RAVEGNANI, G. – *Op. cit.*, p.153.

<sup>101</sup> Para uma história breve do Cisma, cf. TOUGHER, S. – *Op. cit.*, pp.31 e 32; e TREADGOLD, Warren (1997). *A History of the Byzantine State and Society*. Stanford: Stanford University Press, pp. 451-452 e 454-455.

<sup>102</sup> Vide TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p. 33.

<sup>103</sup> Vide TREADGOLD, W. (1997) – *Op. cit.*, p. 454.

atingiam as imediações de Niceia, de Nicomédia e de Éfeso<sup>104</sup> aquando da entronização de Basílio I. Foi contra esta seita que Basílio virou a sua atenção a leste. De acordo com João Skylitzes<sup>105</sup>, em 871, Basílio comandou pessoalmente uma expedição contra Tephrike, a capital dos Paulicianos, mas, incapaz de a tomar, voltou-se para as regiões envolventes, chegando a assediar (e até pensou subjugar) Melitene. Esta campanha, apesar de não ter posto fim à ameaça herética, terá resultado em muitos prisioneiros e despojos; foi tal o seu sucesso que se organizou numa marcha triunfal, aquando do regresso a Constantinopla<sup>106</sup>.

No ano seguinte, Crisóquero voltou a atacar território bizantino, conseguindo atingir a cidade de Ancyra (atual Ancara). Desta vez, veio ao seu encontro o *domestikós* de Basílio, Cristóvão, que seguiu os preceitos da estratégia bizantina e não deu de imediato luta ao líder pauliciano, preferindo segui-lo de longe, limitando o raio de ação dos saques inimigos, sempre que possível. Quando Crisóquero decide voltar para leste, Cristóvão envia um pequeno exército composto por membros dos *themáta* de Charsianon e dos Armeníacos (c. 4000 a 5000 homens), liderado pelos respetivos *stratégoi*, para o seguir, de forma a perceber o seu objetivo: retirar para Tephrike, ou atacar as terras bizantinas no *limes*? Consoante a resposta, também mudaria a atitude da força «temática»: no primeiro caso, não pensaria mais no assunto e voltaria para trás; no último, avisaria o *domestikós* e aguardaria novas ordens.

Em última análise, segundo Skylitzes e Haldon<sup>107</sup>, o objetivo de Crisóquero não chegou a ser descoberto, pois as forças bizantinas atacaram o acampamento pauliciano no vale de Bathys Ryax durante a noite, colocando o adversário em debandada e matando Crisóquero<sup>108</sup>. O decesso do líder e a destruição do seu exército puseram fim à capacidade ofensiva dos Paulicianos e obrigaram os emirados a manterem-se por algum tempo na defensiva, após terem perdido um precioso aliado no *limes* oriental bizantino. O *coup de grâce* no “Estado” da heresia dualista foi dado em 879, quando Cristóvão tomou Tephrike, no decorrer de uma campanha de Basílio contra o emirado de Tarso.

O que mais haverá a dizer sobre os conflitos nesta região durante o reinado do *Macedónico*? Que tiveram uma periodicidade quase anual e que, salvo raras exceções, se traduziram num grande número de vitórias bizantinas, em especial na década de 870. Destes

---

<sup>104</sup> Vide *Idem, Ibidem*, p.457.

<sup>105</sup> Vide WORTLEY, J. – *Op. cit.*, pp. 133-135.

<sup>106</sup> De acordo com Warren Treadgold, esta campanha teve um desfecho diferente, tendo as forças bizantinas sido derrotadas e o imperador quase capturado! Por outro lado, os eventos vitoriosos desta campanha enunciada por Skylitzes são situados só em 873. Vide TREADGOLD, W. (1997) – *Op. cit.*, p. 457.

<sup>107</sup> Haldon, no entanto, remete esta batalha para 87: HALDON, J. (2001) – *Op. cit.*, p. 85.

<sup>108</sup> Supostamente, este ataque terá sido motivado pela necessidade de descobrir qual dos *themáta* tinha os homens mais corajosos, vide HALDON, J. (2001). *Op. cit.*, p. 87; e WORTLEY, J. – *Op. cit.*, p. 136.

anos bem sucedidos a leste, destacamos 879, quando o exército imperial<sup>109</sup> arrasou o emirado de Tarso, saqueou as fortalezas de Germaniceia e Adana e ainda conseguiu saquear o Norte da Mesopotâmia (supostamente), tendo ainda posto um fim ao chamado «Estado pauliciano». A década seguinte, por outro lado, mostrou-se algo perniciososa para Constantinopla nesta região, mas para já voltemos o nosso olhar para o Ocidente.

A Itália e a Sicília foram dois alvos de atenção prioritária para Basílio ao longo do seu principado. O domínio sarraceno na região, tanto na Sicília como no Sul de Itália, era um risco que o *basileús* não queria correr, pelo que decidiu aplicar medidas no sentido de evitar esse cenário. Logo no ano que se seguiu à sua ascensão, Basílio enviou duas frotas para oeste, destinadas à Sicília e à Dalmácia. O resultado foi agridoce: a frota que socorreu Ragusa, sob o comando do almirante Niquetas Oryfas, conseguiu afugentar o inimigo árabe<sup>110</sup>; por seu lado, a força enviada para a Sicília foi desbaratada pouco depois de desembarcar<sup>111</sup>.

Em 869, as coroas imperiais do Ocidente e do Oriente aliam-se para pôr fim ao emirado de Bari: o exército franco de Luís II cercou a cidade por terra, enquanto a marinha bizantina bloqueava o acesso pelo mar. Esta operação redundaria num fracasso parcial. Apesar de Luís II ter logrado conquistar a cidade, em 871, fê-lo sozinho, dado que os Romanos abandonaram o assédio antes de este ser concluído, por desentendimentos entre os dois lados<sup>112</sup>. No entanto, este foi um dos últimos contratemplos bizantinos no sul de Itália.

No ano 872, um exército bizantino liberta a cidade de Salerno, cercada pelos Árabes desde o ano anterior, enquanto em 873 uma outra força reclama Otranto, em nome do império. A agressão árabe não ameaçava abrandar pois, em 875, raides árabes na Campânia voltam a ameaçar Roma, o que resultou num pedido de ajuda papal a Bizâncio, ao mesmo tempo que uma outra força sarracena assola Comacchio, junto ao Golfo de Trieste. No ano seguinte, os Bizantinos entram em Bari, a pedido dos habitantes da cidade.

Enquanto isso, o poder aglábida começava a fazer soçobrar o poder bizantino na Sicília. No ano 869, o governador árabe da Sicília tentou tomar Taormina, mas foi assassinado por um dos seus soldados antes de ser bem-sucedido, tendo um cerco árabe a Siracusa falhado também por essa altura. A cidade de Arquimedes foi cercada de novo sem sucesso em 873, mas a tenaz aglábida fechou-se firmemente sobre ela em 877, causando a sua queda no ano seguinte. A razão disto terá sido uma alegada indisponibilidade da frota imperial para socorrer a cidade, pois estava demasiado atarefada com o transporte de material para a construção de

---

<sup>109</sup> Neste caso, usamos “imperial” para indicar que estava sob o comando do *basileús*.

<sup>110</sup> Vide WORTLEY, J. – *Op. cit.*, p.143.

<sup>111</sup> Vide TREADGOLD, W. (1997) – *Op. cit.*, p.456.

<sup>112</sup> Ainda assim, a cidade cairia nas mãos de Luís II, dois anos mais tarde.

uma igreja em Constantinopla<sup>113</sup>. A conquista aglábida da ilha estava praticamente concluída, com apenas a fortaleza de Taormina a manter-se em mãos bizantinas, um ponto isolado em território agora hostil e que nada podia fazer para conter as ambições aglábidas...

A consumação da conquista da Sicília abriu novas portas ao emirado do Norte de África. Em 880, o emir Ibrahim II liderou pessoalmente a sua frota numa expedição ao mar Jónico, onde saqueou as cidades de Kefalénia e de Zakynthos. O arrojado ataque norte-africano foi respondido de forma célere por Basílio, que envia o *droungários tōn ploïmon* Nasar ao comando de 45 navios de guerra e desbarata a frota adversária, durante um audaz (e praticamente impossível) ataque noturno<sup>114</sup>. No contra-ataque que se seguiu, Nasar ataca a Sicília, coloca a ferro e fogo os arredores de Palermo e derrota uma frota árabe em *Punta di Stilo* (zona litoral sul, da Calábria), durante o seu regresso ao território romano.

O ímpeto desta ação levou os Bizantinos a lançarem um conjunto de campanhas no Sul de Itália, que foram bem-sucedidas no mesmo ano. Uma primeira expedição naval sob o comando de três oficiais, o *spathários* Gregório, o turmarca Teophylaktos e o *komés* Diógenes, derrota uma frota muçulmana ao largo de Nápoles. De seguida, uma expedição também com três comandantes, o protovestiário Procópio, o *strategós* Leão Apóstipo e o almirante Nasar, derrota outra força naval muçulmana, desta feita junto a Milazzo, na Sicília. A expedição percorreu depois a Calábria e a Apúlia oriental, tomando grande parte das possessões árabes na região, enquanto se encaminhava para Tarento. Na batalha que se seguiu na proximidade desta cidade, as forças bizantinas derrotaram as tarentinas e, apesar de Procópio ter morrido em combate, entraram vitoriosas na cidade. As vitórias bizantinas na região prosseguiram depois, em 885, com Nicéforo Focas, o *Velho*<sup>115</sup>, que submeteu as restantes fortalezas árabes na Calábria (como Amantea, Tropea e Santa Severina) pela força e que submeteu os Lombardos da Apúlia pela via diplomática<sup>116</sup>.

Este personagem da história bizantina merece que lhe sejam dedicadas algumas palavras alusivas ao seu percurso no reinado de Basílio I e de Leão VI. Nicéforo Focas é o primeiro membro da família dos Focas, uma importante linhagem da aristocracia militar bizantina que terá um papel preponderante na «Reconquista». Aparentemente, Nicéforo seria descendente de um árabe convertido ao cristianismo, vindo de Tarso<sup>117</sup>. *O Velho* terá nascido

---

<sup>113</sup> Vide TREADGOLD, W. (1995) – *Op. cit.*, p. 33.

<sup>114</sup> Vide PRYOR, John H. e JEFFREYS, Elizabeth M. (2006). *The Age of the ΔΡΟΜΩΝ – The Byzantine Navy ca. 500-1204*. Leiden e Boston: Brill, pp. 65 e 66.

<sup>115</sup> Que teria sob o seu comando um conjunto de soldados paulicianos, liderados por Diacónitzes, o mesmo que presenciou a morte de Crisóquero. Vide WORTLEY, J. – *Op. cit.*, p. 185.

<sup>116</sup> Vide RAVEGNANI, G. – *Op. cit.*, pp. 157-158.

<sup>117</sup> Vide NISA, J. (2016) – *Op. cit.*, p. 62.

por volta de 855 e serviu Basílio com distinção, sendo agraciado com vários títulos: *manglabítēs*<sup>118</sup>, em 872/873, quando atingiu a idade adulta; depois foi promovido a *protostrátor*; tornou-se *strategós* de Charsianon antes de 885; e, nesse ano, foi o comandante da expedição que projetou o poderio bizantino no Sul de Itália<sup>119</sup>; depois de ser chamado de volta a Constantinopla, após a morte de Basílio, foi condecorado com o título de *domestikós* por Leão VI e combateu contra Simeão, em 895, tendo abandonado o cargo no ano seguinte.

Para além das operações militares já referidas, terá acompanhado Basílio I numa campanha contra Samosata, em 873. Liderou ainda um contra-ataque contra o emirado de Tarso, quando ainda era *domestikós*, no qual conseguiu recolher muito botim e prisioneiros<sup>120</sup> enquanto o exército tarsiano atacava território bizantino. Este registo mostra que *o Velho* era um excelente general, com enorme capacidade de comando e um estrategista brilhante. Para Leão VI, este *strategós* era o modelo ideal para aqueles que ambicionassem ocupar esse cargo, tendo direito a várias menções no *Taktiká*. Por outro lado, Nicéforo *o Velho* teria tal fama que era temido por Simeão, pois (supostamente) o *czar* da Bulgária só se terá lançado ao ataque novamente contra Constantinopla após a morte do primeiro Focas, em 896<sup>121</sup>.

No interlúdio das campanhas de conquista de Tarento e das de Nicéforo Focas, entre 880-885, destacamos a realização de duas alianças entre os principados lombardos de Nápoles e Salerno, primeiro em 881 e depois em 883. Esta coligação conseguiu destruir várias bases de saqueadores sarracenos e empurrá-los para a foz do rio Garigliano, junto a Gaeta, onde os Árabes se fortificaram e a partir de onde passaram a iniciar os seus raids sobre a Campânia.

Mau grado a perda de importantes pontos estratégicos no Mediterrâneo, como Siracusa e Malta, por volta de 870, a marinha bizantina conseguiu vencer algumas vezes as forças que se lhe opunham. O *droungários* Niquetas Oryfas enfrentou os Árabes em duas ocasiões: no ano de 873, derrotou os piratas cretenses no Golfo de Saros, tendo feito naufragar vinte navios; e, em 874, venceu novamente uma frota árabe, desta feita no Golfo de Corinto<sup>122</sup>. Por outro lado, deu-se uma reconquista temporária da ilha de Chipre, entre 875 e

---

<sup>118</sup> Guarda-costas do *basileús* que o precedia nas cerimónias e abria certas portas no palácio. Vide KAZDHAN, P. (ed.) (1991). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Volume II, Oxford: Oxford University Press, p. 1284.

<sup>119</sup> Cf. *supra* I.2.1.

<sup>120</sup> Esta campanha terá decorrido em 886 e 895, ano em que abandona o cargo de *domestikós*, de acordo com Cheynet vide CHEYNET, J. – *Op. cit.*, p.480. Shaun Tougher alega que, de acordo com Dagron, existirá a possibilidade de esta campanha se ter realizado após a guerra contra Simeão, ou seja, após 896. Vide DAGRON, Gilbert, e MIHAESCU, Halambie (1986). *Le traité sur la guérilla de l'empereur Nicéphore Phocas (963-969)*. Paris, pp. 168-169. *Apud* TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p. 206.

<sup>121</sup> Existem outras teorias sobre o destino de N. Focas *o Velho*, cf. TOUGHER, S. – *Op. cit.*, pp. 205 e 206.

<sup>122</sup> Vide NISA, J. (2016) – *Op. cit.*, p. 23.

882, cuja repetida perda parece ter sido contrabalançada pela criação dos novos *themáta* marítimos de que falámos no capítulo anterior<sup>123</sup>.

Os anos felizes de Basílio I, no que respeita à sua vida pessoal e à frente oriental, parecem ter terminado em 879. Nesse mesmo ano, o seu primogénito, Constantino, morre, o que o obriga a associar ao poder, em conjugação com Leão, outro filho dele: Alexandre. Apesar do descontentamento de Leão, ele foi obrigado a casar com uma parente afastada, Teófano, e a sua amante, Zoé Zautzina, foi obrigada a casar mais tarde. Quem parece ter valido ao imperador durante o seu luto foi o patriarca Fócio (regressado ao seu anterior ofício após a morte de Inácio, em 877) e o bispo de Euceta, Teodoro Santabarenos. Nesse ano, Fócio conseguiu ainda consolidar o seu título patriarcal num Concílio Ecuménico, apesar de não contar com o apoio total do papa João VII; ainda assim, desta vez não houve nenhum Cisma.

Em 882, Basílio foi derrotado pessoalmente às portas de Melitene, enquanto, no ano seguinte, o eunuco Yazaman, emir de Tarso, derrotou decisivamente uma força bizantina, tendo passado pela espada os *stratégoi* da Capadócia e da Anatólia, num ataque noturno. Mais tarde nesse ano, Yazaman foi derrotado, enquanto atacava Euripos, pelo *strategós* da Hélade, Oiniates. A relação de Basílio com o filho mais velho deteriora-se novamente em 883, quando o *basileús* é informado por Santabarenos de que Leão (supostamente) conjurava contra o pai para tomar o trono. Esta intriga levou ao aprisionamento do seu herdeiro por três anos, tendo sido apenas libertado após Basílio ter esmagado um conluio liderado por João Curcuas contra ele. O *basileús* apercebera-se de que precisava de manter a sua família unida e forte e reassegurar uma sucessão legítima ao trono, pelo que tentou reconciliar-se com o filho<sup>124</sup>. Um mês depois, por causas ainda desconhecidas, Basílio deixa o mundo dos vivos, e no trono púrpura passa-se a sentar Leão VI, mais tarde conhecido como *o Sábio*<sup>125</sup>.

O que haverá a dizer do reinado de Basílio I? Em grande parte, acreditamos que foi um reinado bem-sucedido. A ameaça sarracena, apesar de ter arrebatado a ilha de Malta e a quase totalidade da Sicília, foi controlada e até rechaçada, tanto na Itália meridional como no *limes* oriental; nestas regiões podemos até dizer que a soberania bizantina se começou a fazer sentir, graças à aniquilação da seita pauliciana. Em termos navais, Bizâncio também não atravessou dificuldades de maior, apesar de ter perdido importantes possessões no Mediterrâneo. Nos Balcãs, a situação manteve-se relativamente calma, graças à conversão dos Búlgaros ao cristianismo o que gerou uma relação pacífica, algo fraterna, entre

---

<sup>123</sup> Cf. *supra* 1.3.

<sup>124</sup> Vide TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p.35.

<sup>125</sup> Poderá ter morrido num acidente de caça, vítima de doença prolongada ou, embora menos provável, a mando de Leão. Vide WORTLEY, J. – *Op. cit.*, p. 163.

Constantinopla e Preslav. Onde a governação de Basílio I parece ter corrido pior foi mesmo a nível interno, primeiro com a morte precoce do primogénito<sup>126</sup>, depois com os desentendimentos com o seu segundo filho e herdeiro e, por fim, com o aprisionamento de Leão. Ainda assim, a sucessão foi relativamente tranquila. A nível religioso, a Igreja Ortodoxa atingiu um nível satisfatório de unidade e de estabilidade sob a liderança de Fócio e conseguiu expandir a sua esfera de influência para a Bulgária e para a Sérvia<sup>127</sup>.

## 2.2 – O reinado de Leão VI, o Sábio (886-912)

«Um imperador deve fazer a guerra, como Basílio I, ou escrever sobre a guerra, como Leão VI»<sup>128</sup>

O homem que sobe ao poder, em 886, e que mais tarde será apelidado de *O Sábio*, distingue-se pelo seu interesse pela cultura, pela religião e, na nossa opinião, pela guerra. Leão é autor de uma obra imensa. A nível judicial, temos as *Novelle*, uma adição às *Basiliká*, uma revisão jurídica (a primeira do género, que se saiba) do *Corpus Iuris Iustinianos* (séc. VI), iniciada no reinado do seu pai (possivelmente incitada por Fócio<sup>129</sup>) e promulgada em 888. Leão escreveu um livro oracular, que parece ter atingido uma enorme popularidade, sendo copiado várias vezes durante a Baixa Idade Média<sup>130</sup>. A ele são-lhe ainda atribuídas muitas outras produções literárias, como: homilias; trabalhos teológicos; compilações de máximas; e livros interpretativos dos fenómenos. Mais importante para o contexto da nossa dissertação é o facto de ter escrito ainda dois tratados militares: o primeiro quando ainda era jovem – o *Problemáta*, que não passaria de um conjunto de perguntas relacionadas com diversas situações militares, as quais eram respondidas de seguida com paráfrases de trechos do *Stratēgikón*; e o outro, o *Taktiká*, de que falaremos na segunda parte desta dissertação.

Para introduzir o reinado de Leão devemos começar por referir que foram anos de governação incendiados pela necessidade de produzir um herdeiro. Infelizmente, esta questão iria colocar o *autokrátor*<sup>131</sup> em rota de colisão com o patriarcado, organização com quem, aliás, teve uma relação difícil. Centremo-nos nas raízes desta rivalidade: o bispo Teodoro

---

<sup>126</sup> Uma circunstância incontrolável por ele, no entanto.

<sup>127</sup> Vide TREADGOLD, W. (1997) – *Op. cit.*, p. 456.

<sup>128</sup> Frase de Paul Lemerle, citada por Eric McGeer, in MCGEER, E. (2003a) – *Two military orations of Constantine VII*. In NESBITT, John W. (ed). *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*. Leiden e Boston: Brill, p. 111.

<sup>129</sup> Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 10.

<sup>130</sup> *Idem, Ibidem*, p. 11.

<sup>131</sup> Cf. *infra*. 4.1.

Santabarenos, a quem Leão VI nunca perdoou o envolvimento no seu encarceramento por três anos, tornando-se assim no primeiro alvo a abater.

A busca de justiça (ou de vingança) que o *autokrátor* empreendeu permitiu-lhe matar dois coelhos de uma só cajadada: vingar-se de Santabarenos<sup>132</sup> e livrar-se de Fócio, que, na ótica de Leão, representava, conjuntamente com os seus apoiantes, um perigo para a sua soberania<sup>133</sup>. Esta parece ser a única razão para ter sido deposto e julgado, uma vez que o culto patriarca terá salvo, em conjunto com Styliano Zaotzé (o pai da amante de Leão), o *Sábio* de ter ficado cego, quando Basílio o prendeu<sup>134</sup>. Independentemente das circunstâncias, o antigo mestre do imperador<sup>135</sup> foi deposto e encerrado num mosteiro, em 887, enquanto Teodoro foi julgado, aprisionado e cegado, ainda no ano da ascensão de Leão.

Os patriarcas que se seguiram estiveram sob a responsabilidade deste *basileús*, que desejava exercer a sua autoridade sobre o patriarcado de Constantinopla. Logo em 886, elege um dos seus irmãos mais novos<sup>136</sup>, Estevão,<sup>137</sup> como patriarca, cargo que irá ocupar até à sua morte, em 893. Segue-se António Cauleias, que logrou com Leão, reconciliar os discípulos de Fócio e os seus opositores, pondo fim à quezília. À morte de Cauleias, em 901, seguiu-se Nicolau o *Místico*, um amigo pessoal do imperador, mas que lhe irá fazer a vida negra<sup>138</sup>.

A grande questão religiosa do reinado de Leão VI foi a Tetragamia, uma violenta polémica religiosa (e política) que opôs o *Sábio* ao patriarca Nicolau. O que estava em causa era o quarto casamento do imperador, que já era viúvo pela terceira vez, e a legitimidade do filho dessa nova relação. A sua união com Teófane, com quem fora obrigado a casar pelos pais em 879, tinha sido bastante atribulada: primeiro, com a oposição de Leão ao casamento; depois, com o isolamento dele no Palácio, em regime de prisão; seguidamente, pela morte da filha de ambos, Eudócia, em 983; e, por fim, pelo espetro do romance reatado de Leão e Zoé Zautzina, conhecido de todos na corte imperial. Todos estes fatores contribuíram para um casamento frio e complicado, que terminou em 895 ou 896, com a morte de Teófane.<sup>139</sup>

---

<sup>132</sup> Alegadamente, este teria engendrado a prisão de Leão quando este tentou advertir o pai dos efeitos da influência de Teodoro, *vide* TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p.73.

<sup>133</sup> De acordo com Shaun Tougher, Fócio teria exercido algum domínio nas ações de Basílio após a sua segunda ascensão ao patriarcado, em especial após a morte de Constantino, por intermédio de Teodoro Santabarenos. *Vide* TOUGHER, S. – *Op. cit.*, pp. 71-72.

<sup>134</sup> *Vide* TREADGOLD, W. (1997) – *Op. cit.*, p.460.

<sup>135</sup> Fócio havia voltado à corte nos inícios da década de 70 do século IX, a pedido de Basílio, para ser tutor dos filhos do *basileús*. *Vide* TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p.32.

<sup>136</sup> O seu irmão mais novo, Alexandre, tinha sido associado ao trono com a morte de Constantino e tornou-se co-imperador quando este se tornou imperador. Seria Alexandre que iria suceder ao *Sábio* após a sua morte, em 912.

<sup>137</sup> Supostamente, como este nascera no tempo em que Miguel III ainda era vivo, também há a possibilidade de ser filho do último Amoriano. Estevão foi castrado e tornou-se monge, a mando de Basílio.

<sup>138</sup> Ironicamente, nas palavras de Shaun Tougher. TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p.38.

<sup>139</sup> *Vide* TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p. 140.

Zoé tornou-se *basílixa* após um casamento que não foi digno de um imperador, presidido por um padre e não pelo patriarca, em 898. Também esta união foi muito curta, pois Zoé faleceu em 899 ou 900, sem ter produzido um filho varão. O terceiro enlace terá suscitado algumas resistências no patriarcado, mas foi aceite, e Leão casou com Eudócia Baianés, que terá até engravidado. Também este conjúgio terá um final infeliz, devido à morte de Eudócia durante o parto, seguida da do filho Basílio, pouco tempo depois.

As relações entre o *basileús* e a Igreja azedaram a partir daí. Impossibilitado de casar novamente<sup>140</sup>, Leão tomou uma amante, Zoé Carbonopsina, de quem teve um filho, em 905, o futuro Constantino VII Porfirogeneta. Finalmente com um herdeiro direto, Leão esforçou-se para o legitimar, tendo para isso de o batizar e de casar com Carbonopsina<sup>141</sup>. O filho foi batizado pelo patriarca em 906, mas o casamento não foi tão fácil de ser concretizado, pois surgiu-lhe um obstáculo em frente: o seu amigo Nicolau o *Místico*. O confronto entre os dois levou, primeiro, à realização de vários sínodos; depois, ao casamento “pela calada” de Leão no Grande Palácio, que resultou na sua proibição de participar em algumas cerimónias religiosas celebradas pelo patriarca<sup>142</sup>; e, por fim, à deposição e exílio de Nicolau, em 907, pouco antes de um concílio que tinha como objetivo perdoar o *autokrátor*.

O novo patriarca escolhido pelo *basileús* foi o *synkellos* Eutímio, por estar «acima de repreensão, estar marcado com um selo de santidade, e ser conspícuo pelos seus grandes feitos<sup>143</sup>». No entanto, Eutímio, só autorizaria o quarto casamento<sup>144</sup> se Leão aceitasse certas condições: o *basileús* teria de fazer penitência; o padre que realizara o casamento deveria ser expulso da igreja; Eutímio não coroaria a nova *basílixa* na igreja; e, por fim, a proibição legal definitiva de «quartos casamentos». Leão VI aceitou os requisitos patriarcais e não mais a Igreja contestou a sua governação.

Onde o reinado de Leão VI parece ter suscitado mais debate na historiografia contemporânea foi mesmo nos assuntos militares e relacionados com o estrangeiro. No século XX, muitos bizantinistas que escreveram sobre o assunto (como Ostrogorksy, por exemplo) trataram o *autokrátor* como se este não tivesse qualquer apreço ou preocupação pelos problemas externos que assolaram o império (e não foram poucos!) enquanto esteve no trono<sup>145</sup>. A imagem de Leão VI começou a mudar desde as publicações de Romily Jenkins e

---

<sup>140</sup> Ironicamente, por uma lei que o próprio criara. *Vide Idem, Ibidem*, p.156.

<sup>141</sup> *Vide TREADGOLD, W. (1997) – Op. cit., p.468.*

<sup>142</sup> *Vide MONTEIRO, J. – Op. cit., p. 76.*

<sup>143</sup> *Vide Life of Euthymios 95, 4-5 apud TOUGHER, S. – Op. cit., p, 162.*

<sup>144</sup> Que entretanto havia sido legitimado por uma bula papal, *vide MONTEIRO, J. G. – Op. cit., p. 76.*

<sup>145</sup> *Vide TOUGHER, S. – Op. cit., pp.164 e 166.*

de Patrice Karlin-Hayter<sup>146</sup> até ao capítulo 7 da obra *Reign of Leo VI*, de Shaun Tougher, onde este assunto foi abordado com detalhe. Faremos um balanço sucinto deste problema quando acabarmos de relatar os principais episódios militares do principado do *Sábio* e de descrever a maneira como ele terá reagido a esses problemas.

De que forma mudou o cenário geopolítico e militar, entre Basílio I e Leão VI? A boa sorte que Bizâncio parecia atravessar a Oriente parecia ter começado a mudar novamente para o lado muçulmano, apesar de se manter o *status quo* na região e de o Império Bizantino se manter mais na ofensiva do que os seus adversários na região. No Sul de Itália, a supremacia bizantina conquistada no reinado de Basílio I parecia aguentar-se: o reino carolíngio de Itália caíra no caos político após a deposição de Carlos *o Gordo* (884-887); o principado de Benevento, o principal poder lombardo na região, tinha ficado em segundo plano; e os dois emirados árabes da Itália meridional (Bari e Tarento) estavam destruídos. No entanto, nesta frente as coisas estavam prestes a mudar, ainda que temporariamente. No Império da Bulgária é que a situação piorou para Bizâncio, quando Simeão, o terceiro filho de Bóris<sup>147</sup>, ascendeu ao trono, após uma guerra civil entre o pai e o imperador de então, o seu irmão Vladimir, que tentara retornar ao paganismo. Como veremos, Simeão seria um dos grandes adversários de Leão e disputaria ativamente com Bizâncio a supremacia sobre os Balcãs.

Comecemos por Itália onde, logo em 886, Leão ordena a Nicéforo Focas *o Velho* que regresse a Constantinopla para tomar o manto de *domestikós*. A estratégia bizantina de impor e consolidar a hegemonia na região manteve-se: estabelecer laços de vassalagem com os poderes lombardos do Sul de Itália, muitas vezes recorrendo à diplomacia ou ao envio de tropas auxiliares, para fazer frente à ameaça árabe do Norte de África e da Sicília<sup>148</sup>. Por exemplo, o príncipe Guaimar I de Salerno (880-901) aceitou a soberania bizantina quando tropas imperiais o auxiliaram entre 886 e 887, tendo sido recompensado por Leão VI com o título de patrício<sup>149</sup>. Os príncipes lombardos, no entanto, eram aliados de natureza dúbia que só aceitavam o auxílio bizantino quando precisavam e que tanto se podiam unir aos Bizantinos contra os Sarracenos, como vice-versa<sup>150</sup>.

Em 887, o príncipe Aião de Benevento (884-891) quis vingar-se de uma campanha empreendida pelo *strategós* Teófilato na Campânia e tomou Bari de assalto, com o apoio de auxiliares sarracenos. A resposta bizantina não se fez esperar e, no ano seguinte, uma

---

<sup>146</sup> Não tivemos acesso à bibliografia de Jenkins.

<sup>147</sup> O *czar* responsável pela conversão do estado búlgaro ao cristianismo.

<sup>148</sup> Vide KARLIN-HAYTER, P. – *Op. cit.*, p. 23.

<sup>149</sup> Vide RAVEGNANI, G. – *Op. cit.*, pp. 158-159.

<sup>150</sup> Sendo o duque-bispado de Nápoles, o melhor exemplo desta prática.

expedição liderada pelo patrício Constantino recupera a cidade, quando Aião é abandonado pelos mercenários sarracenos e lhe é recusado auxílio pelo ducado de Espoleto e pelo condado de Cápua. Após a morte do príncipe, em 891, o *strategós* Symbatikios comanda um exército a partir de Bari e toma Benevento, aproveitando-se da menoridade de Urso, o herdeiro de Aião.<sup>151</sup> A conquista de Benevento foi efémera, pois a cidade caiu em 895, às mãos do príncipe Guido de Espoleto<sup>152</sup>. A reconquista foi facilitada pelo apoio da população da cidade, que estava descontente com as autoridades bizantinas, que a estariam a oprimir<sup>153</sup> – assim o diz uma fonte lombarda do século X<sup>154</sup>.

Por outro lado, no início do século X, os Aglábidas lançaram-se novamente à conquista de Itália. Em 901, voltam a atacar a Calábria, conquistam Régio e empreendem uma nova incursão naquela região. No ano a seguir, é o próprio emir aglábida, Ibrahim II (875-902) a liderar as suas forças em direção à Itália meridional. Foi no seio dessa campanha, em 902, que caiu Taormina, a última possessão bizantina na Sicília. Após a consolidação do poder aglábida naquela ilha, o emir embarcou quase de imediato em direção ao sul de Itália, onde cercou Cosenza. O assédio acabou por ser mal sucedido, porque Ibrahim morreu de disenteria e a sua hoste, privada da sua liderança, acabou por se desintegrar.

Antes de prosseguirmos, voltemos a nossa atenção para a tomada de Taormina. A questão da queda de Taormina é uma das razões utilizadas para considerar Leão um mau imperador, no sentido dos assuntos militares. Por que razão terá o *basileús* entregue à sua sorte a última possessão num dos pontos mais estratégicos do Mediterrâneo? Na nossa opinião, não nos parece que tenha sido ele a deixar cair a Sicília, tendo em conta que ele próprio só tinha herdado Taormina. A defesa da cidade só se justificava por três razões: uma questão de prestígio para o Império<sup>155</sup>; a manutenção dos seus habitantes na orla do poder bizantina; e a possibilidade da utilização da fortaleza como um ponto de partida para a reconquista da Sicília, uma hipótese completamente fora de questão na altura<sup>156</sup>, porque a grande preocupação dos Bizantinos na região era consolidar a sua hegemonia no Sul de Itália e não havia meios e condições navais<sup>157</sup> para se empreender a reconquista da Sicília num

---

<sup>151</sup> *Idem, Ibidem*, p. 159.

<sup>152</sup> Convém salientar que a prioridade do Império Bizantino, na altura, eram os Balcãs, onde Leão VI e Simeão da Bulgária combatiam pela supremacia.

<sup>153</sup> O comando do *théma* da Lombardia, que estava sediado naquela cidade, abandonou Benevento em 894, sob o *strategós* Barsáquio, por estas razões.

<sup>154</sup> *Idem, Ibidem*, p. 160.

<sup>155</sup> Vide KARLIN-HAYTER, P. – *Op. cit.*, p. 24.

<sup>156</sup> *Idem, Ibidem*, p. 24.

<sup>157</sup> Bizâncio, durante o reinado de Leão VI enfrentou uma grave vaga de pirataria, tanto no Mar Egeu, como no Mediterrâneo oriental.

futuro próximo. Por estas razões, concordamos com a afirmação de Karlin-Hayter, que diz: «(...) Taormina, naquele tempo, não era um recurso, mas sim um encargo.»<sup>158</sup>

Enquanto isso, o paradigma lombardo-bizantino no Sul de Itália muda, pois as relações entre Guido e Benevento rapidamente se deterioraram, um facto que culminou na união do principado de Benevento com o ducado de Cápua, em 901, para que ambos pudessem fazer frente ao Imperador do Sacro Império. Esta mudança no estado de situação possibilitou uma reaproximação entre Lombardos e Bizantinos, que se aliam para fazer frente aos Árabes que realizavam raides na Campânia, a partir do seu «ninho» na foz do rio Garigliano. Foi com a intenção de criar uma espécie de Liga Cristã para expulsar os Árabes da Campânia de uma vez por todas que o príncipe Atenolfo I de Benevento e Cápua enviou em 909 uma embaixada a Constantinopla, presidida pelo filho Landolfo. Leão terá concordado com o príncipe, requerendo só que este se tornasse vassalo da coroa púrpura. A operação não se chegou a realizar enquanto o *basileús* era vivo; no entanto, mais tarde, formou-se uma nova aliança cristã, organizada pelo papa João II, em 915, que possuía um importante corpo militar bizantino, sob o comando do *strategós* da Lombardia, Nicolau Piccingli. A Liga Cristã, apoiada pela frota bizantina, cercou então a base sarracena na foz do Garigliano. Os Árabes não conseguiram fazer frente à aliança das principais potências do sul de Itália<sup>159</sup> e foram massacrados. Com o fim daquele enclave, terminaram também as expedições de saque muçulmanas no interior da Campânia e da Itália Central<sup>160</sup>.

Viajemos agora para os Balcãs. Como já foi referido, lamentavelmente para Leão VI, as relações entre o Império Bizantino e a Bulgária cristã deterioraram-se durante o seu reinado. Na segunda metade do século IX, o Estado búlgaro evoluiu de um *khaganato* pagão para um império cristão, sob a alçada do *czar* Bóris<sup>161</sup>. O antigo *khan*, por sua vez, tornou-se tão religioso que abdicou do trono para vestir o hábito, em 889, após ter entregado a coroa ao seu primogénito, Vladimir. O novo soberano foi deposto pelo próprio pai, em 893, quando começou a tomar um conjunto de medidas anticristãs e anti-bizantinas. Depois de depor

---

<sup>158</sup> *Idem, Ibidem*, p. 24.

<sup>159</sup> Para além da frota e dos contingentes do Império Bizantino, estavam presentes corpos militares do papado e dos principados lombardos de Cápua, Salerno, Espoleto e até de Nápoles e Gaeta (que Ravegnani chega a considerar filossarracenas), cidades que foram convencidas por Nicolau Piccingli a participar. RAVEGNANI, G. – *Op. cit.*, p. 161.

<sup>160</sup> *Idem, Ibidem*, p.162.

<sup>161</sup> Para um resumo deste processo e da autonomização da Igreja Búlgara, vide HUPCHIK, Dennis P. (2017). *The Bulgarian-Byzantine Wars for Early Medieval Balkan Hegemony – Silver-lined Skulls and Blinded Armies*. Estados Unidos da América: Palgrave Macmillan, pp. 136-143.

Vladimir, Bóris voltou à sua vida religiosa, não sem antes ter colocado no seu lugar um outro filho mais novo, chamado Simeão, em 893<sup>162</sup>.

O novo soberano dos Búlgaros era também muito culto: fora educado em Constantinopla, era piamente cristão e tinha um enorme apreço pela cópia de textos sagrados. Tudo razões que, possivelmente, trariam alguma paz a Bizâncio, tanto que Leão não estava interessado em guerrear com uma nação ortodoxa, mais a mais com o império cercado por inimigos não-cristãos<sup>163</sup>. No entanto, Simeão era também um ambicioso governante que queria formar um Império Bizantino-Búlgaro, encabeçado por ele<sup>164</sup>... As tensões começaram de imediato a borbulhar no ano que se seguiu à ascensão do jovem soberano búlgaro<sup>165</sup>, quando o braço direito do *basileús*, Styliano Zaotzé, conseguiu convencer Leão a transferir o mercado búlgaro de Constantinopla<sup>166</sup> para Tessalónica. Simeão, ao tomar conhecimento destes acontecimentos, tentou mostrar o seu desagrado ao imperador, que por sua vez o ignorou. Foi aí que o jovem suserano búlgaro desenterrou o machado da guerra.

A dúvida de quem terá realmente provocado essa guerra ainda hoje é discutida. As crónicas bizantinas parecem querer demonstrar que a questão do «mercado búlgaro» fora apenas um pretexto para uma guerra que o ambicioso Simeão desejava<sup>167</sup>. Por outro lado, até que ponto estas alegações são válidas? E se Leão tivesse aquiescido a Simeão? Teria este forçado uma guerra de qualquer das formas, numa etapa tão prematura da sua governação? O que nos parece mais provável é que o *czar* búlgaro também não estivesse interessado em combater contra Bizâncio (pelo menos naquela altura), mas viu-se obrigado a fazê-lo para garantir os interesses comerciais do seu povo, para consolidar o seu trono e, citamos aqui Hupchik, para mostrar ao mundo que «os interesses (da Bulgária) podiam ser ignorados pelos estrangeiros apenas sob um grande risco»<sup>168</sup>. Por outro lado, é muito provável que Leão não contasse com esta retaliação de Simeão: ou por não esperar uma resposta tão drástica do seu vizinho; ou porque confiava na sustentação da longa paz entre a Bulgária e Bizâncio<sup>169</sup>. Independentemente das circunstâncias, foi com a guerra que Leão se deparou, e esta veio (tendo em conta a região onde decorreu) numa péssima altura para o lado bizantino.

---

<sup>162</sup> *Idem, Ibidem*, p. 143.

<sup>163</sup> Os Árabes na Itália, no Mar Egeu e na Cilícia, e os Russos na estepe euroasiática, na margem norte do Mar Negro.

<sup>164</sup> MONTEIRO, J. G. – *Op. cit.*, p. 77.

<sup>165</sup> Estaria nos seus 20 anos, aproximadamente. *Vide HUPCHIK, D. P. – Op. cit.*, p.151.

<sup>166</sup> Para uma pequena descrição dos efeitos desta mudança no comércio búlgaro e da razão desses efeitos, cf. *Idem, Ibidem*, p. 154.

<sup>167</sup> *Vide TOUGHER, S – Op. cit.*, p. 174; e WORTLEY, J. – *Op. cit.*, pp. 169-170.

<sup>168</sup> *Vide HUPCHIK, D. P. – Op. cit.*, p.153.

<sup>169</sup> *Vide TOUGHER, S – Op. cit.*, p.173.

A invasão búlgara do *théma* da Macedónia foi arrasadora e brutal, uma vez que aquela área estava relativamente indefesa e porque o império contava apenas com tropas de segunda categoria, «temáticas» e somente um contingente de soldados profissionais estava em Constantinopla: a guarda-pessoal do *basileús*, a *Hetaireia*<sup>170</sup>. Este exército, mobilizado à última da hora, foi trucidado por Simeão, os seus comandantes foram mortos e os membros da *Hetaireia* (e o próprio *basileús*) foram humilhados ao verem os seus narizes cortados. O primeiro «round» da guerra fechou, portanto, com uma vitória de Simeão.

No ano a seguir, Leão já estava mais preparado para fazer frente a Simeão e até para passar à ofensiva. A estratégia que o *basileús* engendrou envolvia três peças principais: a habilidade de Nicéforo Focas *o Velho*; a inatacável (pelos Búlgaros) marinha bizantina; e uma manobra diplomática que visava chamar um novo jogador ao tabuleiro – os Magiães<sup>171</sup>, da região da atual Roménia e da Panónia (Hungria). Para conseguir o apoio daquele povo, Leão enviou um diplomata (carregado com um tributo em ouro) aos respetivos líderes, Arpád e Kurszán, que aceitaram combater ao lado dos Bizantinos. Assim, enquanto os Magiães se dirigiam ao Danúbio, na primavera de 895, para invadir a Bulgária pelo norte, o célebre Nicéforo Focas reuniu o exército imperial na fronteira com Simeão, de modo a desviar a sua atenção. Depois de Simeão ter prendido um diplomata que Leão enviara a fim de negociar a paz, a hoste de Nicéforo invadiu as possessões búlgaras no Norte da Trácia.

Com Simeão distraído pelo ataque do exército romano, a frota sob o *droungários* Eustácio ajudou os Magiães a atravessarem o Danúbio e a invadir o *limes* indefeso de Simeão. O *czar* ainda tentou reagir, mas as suas tentativas foram goradas pelos arqueiros da estepe, que o derrotam e obrigaram a refugiar-se na fortaleza de Dorostolon<sup>172</sup>. Os Magiães saquearam o território inimigo até Preslav, a capital da Bulgária<sup>173</sup>, e regressaram depois às suas terras para lá do Danúbio, onde venderam os seus prisioneiros de guerra a Bizâncio, conforme ficara acordado na aliança com Leão.

---

<sup>170</sup> O *domestikós* e o grosso das forças da capital, incluindo os *tágmata*, estavam em campanha a oriente quando Simeão invadiu. Vide AL-TABARI, *A História, Volume XXXVIII: O Regresso do Califado a Bagdade*. Tradução e anotações de Franz Rosenthal: ROSENTHAL, Franz (1987). *The History of al-Tabari, Volume XXXVIII: The Return of the Caliphate to Baghdad*. Nova Iorque: New York University Press, p. 11.

<sup>171</sup> Os antecessores dos Húngaros.

<sup>172</sup> São Skylitzes e Hupchik que referem Dorostolon, vide WORTLEY, J. – *Op. cit.*, p. 171; e HUPCHIK, D. P. – *Op. cit.*, p. 158. Shaun Tougher refere que ele retirou para uma fortaleza chamada Moundraga, mas não encontramos nenhuma referência a este local (ou ao facto de ser o mesmo sítio que Dorostolon) nas nossas pesquisas. Vide TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p.177.

<sup>173</sup> Que supostamente terá sido salva pelas preces e por um voto de fome por três dias expresso pelo antigo imperador Bóris. Hupchik diz que o que parou os Magiães foram as muralhas da cidade. Por nosso lado, sentimo-nos tentados a aceitar a hipótese de que terá sido uma conjugação das muralhas e do facto de Bóris ter liderado a defesa da cidade. Vide HUPCHIK, D. P. – *Op. cit.*, p. 159.

Por sua vez, Simeão enviou uma mensagem a Eustácio informando-o de que estava disposto a assinar a paz. Leão estava desejoso de sair daquela guerra, que não lhe interessava, e pretendia distribuir as tropas daquele teatro de operações por outras frentes prioritárias, pelo que aceitou e ordenou a retirada quase imediata de Nicéforo Focas *o Velho* e de Eustácio. Para assinar os termos da paz, Leão enviou o seu melhor diplomata, Leão Coirosfactes, a Simeão. No entanto, a ordem de retirada prematura e, depois, a entrega dos seus prisioneiros de guerra antes de assinar a paz foram erros crassos do *basileús*. Simeão no interlúdio da assinatura da paz, aliou-se aos Pechenegues, um povo das estepes hostil aos Magiares, e preparou o seu exército para o terceiro ano de guerra. Ainda em 895, atravessou o Danúbio e, com a ajuda dos Pechenegues, derrotou os Magiares, empurrando-os para a Panónia<sup>174</sup>.

No ano seguinte, possivelmente apoiado na morte ou na remoção de Nicéforo Focas do cargo de *domestikós*, Simeão lançou-se ao ataque e derrotou as forças do novo “comandante do Estado-maior”, Leão Katakalon, na batalha de Bulgarophygon. A derrota naquela batalha saiu cara ao *Sábio*, que viu as forças búlgaras saquearem a Trácia bizantina e até ameaçar Constantinopla. Por fim, Leão acedeu a assinar a paz nos termos propostos por Simeão, que nos são desconhecidos mas que, muito provavelmente, envolviam um retorno à situação dos mercados tal como esta estava antes da guerra e ao pagamento de um pesado tributo anual<sup>175</sup>. De resto, ao longo do reinado de Leão, Simeão não mais pegaria em armas contra Bizâncio, não só porque, durante o resto do tempo de principado do *basileús*, se concentrou no desenvolvimento cultural do seu domínio<sup>176</sup>, mas porque Leão fez os possíveis (e os impossíveis, pode-se dizer) para conservar a paz.

Falta-nos dedicar algumas palavras à guerra naval e ao *limes* oriental. Decidimos juntar estas duas frentes numa única secção do nosso texto porque estão diretamente relacionadas. Em primeiro lugar, referimos que a guerra naval foi o que correu pior a Leão VI: deu-se a perda definitiva da Sicília, como já falámos, e as frotas bizantinas foram derrotadas várias vezes. Vamos agora tentar, sucintamente, fazer um relato das principais ações navais e das campanhas orientais que ocorreram durante o reinado do *Sábio*.

Na Cilícia, o principal adversário no início do reinado de Leão VI continuava a ser o eunuco Yazaman que, da sua base de Tarso, atacava Bizâncio tanto por terra como por mar. Em 888, Yazaman organiza uma expedição naval capturando quatro navios bizantinos, enquanto no Mediterrâneo central uma frota muçulmana derrota uma armada bizantina, ao

---

<sup>174</sup> De onde eles partiriam para os seus ataques recorrentes contra a Europa ocidental e a Bulgária, durante a primeira metade do século X, até serem derrotados às mãos de Otão I, na batalha de Lechfeld (em 955).

<sup>175</sup> Vide MONTEIRO, J. G. – *Op. cit.*, p. 77.

<sup>176</sup> Vide TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p. 175.

largo de Milazzo. Esta vitória, no entanto, seria anulada no ano seguinte, com um sucesso militar romano a repor o controlo sobre o Estreito de Messina. Em 891, no contexto de uma aliança entre Yazaman e os Tulúnidas do Egipto, o eunuco é morto por um fragmento de um projétil de balista durante um ataque a Salandu, uma fortaleza costeira bizantina na Cilícia<sup>177</sup>. A este governante de Tarso seguiu-se, anos mais tarde, o eunuco Raghíb, que em 898 derrotou uma frota bizantina e terá decapitado 3000 marinheiros romanos, o que, a ser verdade, poderá ter representado um duro golpe na operacionalidade naval do império<sup>178</sup>. No entanto, o sucesso de Raghíb terá sido sol de pouca dura, porque no ano seguinte ele é preso e a frota de Tarso queimada a mando do califa, uma mais-valia para Bizâncio naqueles tempos conturbados<sup>179</sup>.

Apesar dos feitos de Raghíb, de Yazaman e, até, de Simeão, na nossa opinião não houve personagens mais nefastas para Bizâncio durante o reinado de Leão VI do que Leão *o Tripolitano* e Damiano. Por coincidência, tanto um como o outro tinham origem grega<sup>180</sup> e conseguiram ascender no mundo muçulmano até ocuparem altos cargos militares<sup>181</sup>. Já em 891 (ou em 893), Leão *o Tripolitano* desferira um golpe profundo na aptidão marítima do império, quando atacou e saqueou Samos (a capital do *théma* marítimo do Mar Egeu) e capturou o seu *strategós* Paspalas<sup>182</sup>. Dez anos depois foi a vez de Damiano atacar o império e saquear a cidade de Demétrias, na Tessália, mas nesse mesmo ano deu-se um bem-sucedido ataque naval bizantino no litoral da Cilícia (possibilitado pela destruição da frota de Tarso, provavelmente) e uma ofensiva terrestre na região de Kaysun, entre Maras e Samosata<sup>183</sup>. Os Árabes retaliaram com um raide à ilha de Lemnos, que fez dos seus habitantes cativos dos Muçulmanos<sup>184</sup>.

Mas nenhum ataque chocou mais o Império Bizantino do que o saque de Tessalónica, em 904, e não era para menos, tendo em conta que esta era a segunda cidade mais importante do Império. A frota que estava sob o comando de Leão *o Tripolitano* tinha dimensões maiores do que o normal e o seu objetivo principal seria, com alguma probabilidade,

---

<sup>177</sup> Vide AL-TABARI, *A História, Volume XXXVII: A Restauração Abássida*. Tradução de Phillip M. Fields e Notas de Jacob Lassner: FIELDS, Phillip M. (1987). *The History of al-Tabari, Volume XXXVII: The Abbasid Recovery*. Nova Iorque: New York University Press, p. 175.

<sup>178</sup> Vide ROSENTHAL, F. – *Op. cit.*, p. 73.

<sup>179</sup> Vide *Idem, Ibidem*, p. 79 e 91.

<sup>180</sup> Leão seria oriundo da cidade de Ataleia, na Cilícia, onde foi capturado relativamente jovem. Damiano seria mesmo grego e serviu o eunuco Yazaman, em Tarso.

<sup>181</sup> Leão *o Tripolitano* seria almirante, por exemplo.

<sup>182</sup> Vide TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p. 185.

<sup>183</sup> Al-Tabari diz que terão sido presos cerca de 15 000 muçulmanos. Cf. ROSENTHAL, Franz – *Op. cit.*, p. 97.

<sup>184</sup> Tougher diz que, para Vasiliev, o sucesso dos ataques muçulmanos, cada vez mais próximos de Constantinopla, se deveu ao desaire bizantino frente a Raghíb, em 898. Cf. TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p. 185.

Constantinopla<sup>185</sup>. Leão enviou a sua frota para fazer frente à armada árabe quando esta se começou a aproximar do Helesponto, mas o almirante Eustácio retirou frente ao poderio árabe. O império, acabado de sair da crise administrativa provocada pela morte de Zaotzé<sup>186</sup> e da filha, a *basílixa*, em 899, e com uma série de derrotas navais sofridas frente aos Árabes (mau grado algumas vitórias também), via agora a sua própria capital ameaçada.

Leão colocou um novo *droungários*, Himério, à cabeça da frota imperial, e enviou-o contra o *Tripolitano*. O almirante muçulmano, entretanto, por razões desconhecidas, mudara de curso e dirigira-se a Tessalónica, sem que o novo *droungários* o tentasse deter. Uma dúvida se coloca: por que razão terá o *Tripolitano* mudado de alvo? Não há muitas certezas, mas parece-nos que se Tessalónica não era um objetivo mais tentador do que Constantinopla<sup>187</sup>, certamente era bem mais fácil de tomar<sup>188</sup>. Alegadamente, Tessalónica só terá sido resgatada por acaso, quando um oficial imperial encontrou uma avultada soma monetária destinada à Bulgária<sup>189</sup> e a ofereceu ao almirante muçulmano, que só então terá levantado âncora, deixando uma grande parte dos cativos em terra e regressado à Síria<sup>190</sup>.

O saque de Tessalónica teve consequências nefastas, como é expectável: a nível regional, porque metade da população foi morta ou capturada, incluindo a guarnição e o *strategós* Leão Katziláquio; a nível psicológico-religioso, porque o padroeiro da cidade, São Demétrio, que sempre tinha protegido a cidade, na opinião dos Bizantinos a terá abandonado naquele ano, tendo-se então discutido as implicações que isso teria na vontade da Virgem em defender Constantinopla<sup>191</sup>; a nível diplomático, porque Leão VI se viu obrigado a enviar uma nova embaixada a Simeão da Bulgária, para o convencer a não se aproveitar daquele evento para conquistar aquela cidade<sup>192</sup>; e, possivelmente, terá afetado o prestígio do *Sábio*.

Karlin-Hayter no artigo em que defende a política externa de Leão VI, considera o saque de Tessalónica como uma das três grandes manchas do reinado d' *O Sábio*, a par da eclosão da guerra contra Simeão e da retirada apressada de Nicéforo Focas *o Velho* e de

---

<sup>185</sup> Vide TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p. 186.

<sup>186</sup> A família de Zaotzé conspirara contra o imperador, mas este foi salvo quando o eunuco árabe Samonas denunciou a Leão VI esta conspiração.

<sup>187</sup> Um ataque à capital do império consumiria muito tempo e necessitaria de um bom apoio terrestre.

<sup>188</sup> Treadgold explica que as muralhas marítimas de Tessalónica estavam a ser reparadas por aquela altura, pelo que é muito provável que o *Tripolitano* se tenha aproveitado da circunstância para atacar aquela cidade. Vide TREADGOLD, W. (1997) – *Op. cit.*, p. 467.

<sup>189</sup> Possivelmente, o tributo destinado a Simeão.

<sup>190</sup> Shaun Tougher, sempre empenhado em defender a imagem de Leão, alega que foi Leão VI a pagar aos Árabes a libertação da cidade. TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p. 188.

<sup>191</sup> Vide TREADGOLD, W. (1997) – *Op. cit.*, p. 467, p.189.

<sup>192</sup> Vide TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p. 181.

Eustácio, no segundo ano dessa guerra<sup>193</sup>. No entanto, até que ponto as circunstâncias da queda de Tessalónica são da culpa do *basileús*? Treadgold<sup>194</sup>, por exemplo, desculpa Leão ao defender que o ataque tinha sido de surpresa<sup>195</sup>. Na nossa opinião, porém, parece-nos muito difícil o *basileús* não ter sabido com antecedência da preparação desta enorme frota, pois de outra forma esta não podia sequer sonhar em conquistar Constantinopla, se a capital fosse realmente o primeiro alvo do *Tripolitano*. Aliás, as ações de Leão nesse ano mostram que ele já deveria contar com um ataque naval muçulmano: procedeu à reparação das muralhas de Tessalónica; a armada imperial permaneceu nas proximidades da capital; e, talvez mais relevante de tudo, lançou-se uma ofensiva terrestre a oriente<sup>196</sup>, pouco antes do saque. Este último ponto, em particular, encaixa no pensamento estratégico do *basileús*, que defende no *Taktiká* que um ataque naval muçulmano deve ser retaliado com uma invasão terrestre<sup>197</sup>, uma opinião que partilhamos com Shaun Tougher<sup>198</sup>. Em jeito de vingança, o *basileús* lançaria ainda uma expedição por terra contra a Cilícia, sob o comando de Andrónico Ducas, que culminaria numa vitória bizantina na batalha de Maras.

Em 906, no seguimento da traição e fuga de Andrónico Ducas para o Califado<sup>199</sup>, Himério derrota uma força naval árabe no dia de São Tomé (6 de outubro), enquanto um exército romano saqueia a cidade de Qurus, nos arredores de Alepo. Em 909, Bizâncio assola a costa da Síria e toma as fortalezas de al-Qubba e Laodiceia, ataques estes que irão prosseguir no ano seguinte e que se estendem aos habitantes muçulmanos da ilha de Chipre. Em 911, em jeito de represália, Damiano ataca os residentes bizantinos desta ilha, no mesmo ano em que se realiza uma importante expedição, talvez direcionada a Creta, liderada por Himério.

Esta expedição representa o último marco relevante no reinado de Leão VI e, ao observarmos a lista dos preparativos para esta expedição<sup>200</sup>, rapidamente nos apercebemos do esforço de mobilização do Império para aquele «monumental» empreendimento: 177 embarcações; 34 mil e duzentos remadores; 7140 soldados; 700 Russos; 5087 Mardaítas<sup>201</sup>; uma mobilização de meios que terá custado cerca de 230 000 *nomismata*, só no que respeita

---

<sup>193</sup> Vide KARLIN-HAYTER, P. – *Op. cit.*, p.

<sup>194</sup> Em 1997.

<sup>195</sup> Vide TREADGOLD, W. (1997) – *Op. cit.*, p. 467.

<sup>196</sup> Vide ROSENTHAL, F. – *Op. cit.*, p. 147.

<sup>197</sup> Vide Anexos VIII p).

<sup>198</sup> Vide TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p.190.

<sup>199</sup> Que terá afetado visivelmente o imperador, como veremos mais à frente.

<sup>200</sup> Vide Anexos IX a).

<sup>201</sup> Descendentes de refugiados cristãos da Síria, que foram recebidos por Justiniano II e colocados ao serviço da divisão marítima dos Caribisianos, onde se tornaram remadores e tropas de infantaria marítima de renome. Vide TREADGOLD, W. (1995) – *Op. cit.*, p. 26.

ao pagamento das *rôgai*. Uma observação dos dados desta expedição confirma que a conquista de Creta era um objetivo fulcral para Leão VI<sup>202</sup>. Se a ilha voltasse para mãos bizantinas, também se retomava o controlo do sul do Mar Egeu, e eliminava-se o ninho de piratas sarracenos mais perigoso para Constantinopla. Infelizmente para os Romanos, Himério acabou por ser obrigado a retirar, após não ter logrado conquistar Chandax (a capital da ilha)<sup>203</sup>, tendo a sua frota sido derrotada na viagem de regresso por Leão *o Tripolitano* e por Damiano, ao largo da ilha de Quios, em 912, o ano em que Leão VI adormeceu para sempre.

O que podemos dizer acerca de Leão VI, em termos militares? Na nossa opinião, este *basileús* preocupava-se com os assuntos militares do império. Aliás, como não podia? Tal como *basileis* anteriores, ele governava um reino rodeado de inimigos, circunstância que o obrigou a fazer escolhas difíceis: p. ex., o “sacrifício” de Taormina, quando os Árabes se tornaram muito mais agressivos no Mediterrâneo oriental; ou abandonar Tessalónica ao saque para, talvez, poupar a frota imperial a um duro combate sem vitória garantida (apesar de neste caso a responsabilidade estar mais nas mãos dos seus dois almirantes, Eustácio e Himério).

Por outro lado, convém lembrar que, à morte de Leão VI, o Império estava muito possante noutras frentes. Tinha-se expandido para oriente, tanto por meios militares como diplomáticos (no caso de alguns principados arménios), destacando-se também uma certa superioridade militar bizantina neste *limes*. Por outro lado, assegurou-se a supremacia no Sul de Itália, o que permitiu assumir um papel preponderante na expulsão dos Árabes da Campânia. Em relação a Simeão, com o qual se assinou a paz em 896, este não deu mais nenhum sinal de querer atacar Bizâncio, e o *basileús* fez todos os possíveis por manter essa paz, pois era uma guerra que não tinha desejo de travar, por razões ideológicas<sup>204</sup>. Por fim, devemos recordar que o interesse de Leão VI nos assuntos militares se encontra refletido no *Taktiká*, um tratado que conjuga uma compilação de alguns conhecimentos práticos e técnicos com retórica teológica. Estes dois fatores tornam este manual militar uma ferramenta essencial para compreender o pensamento estratégico bizantino do século X.

---

<sup>202</sup> John Haldon defende que esta expedição não teria como objectivo principal somente a conquista de Creta (se o tivesse), mas que seria uma continuação do empreendimento do ano anterior, direcionado à costa litoral da Síria, com o objetivo a longo prazo de restabelecer o estatuto de talassocracia a Bizâncio, no que concerne o Mediterrâneo oriental e o Mar Egeu. Vide HALDON, John (2000). *Theory and Practice in Tenth-Century Military Administration – Chapters II, 44 and 45 of the Book of Ceremonies*. In *Travaux et Mémoires* (13), pp. 240-242.

<sup>203</sup> *Idem, Ibidem*, p. 240.

<sup>204</sup> Vide KARLIN-HAYTER, P. – *Op. cit.*, p. 40.

## **Capítulo 3 – O plano cultural-militar: a tratadística bizantina**

Neste último capítulo de contextualização, orientaremos a nossa visão para o estudo da cultura literária bizantina, com maior enfoque na tratadística; para esse efeito, dividimos o capítulo em dois segmentos. Primeiramente, vamos analisar algumas questões introdutórias relacionadas com esta prática cultural: tipologias, motivações e principais características. De seguida, vamos observar o segundo período dourado da respetiva produção: o que o motivou, o que o fez diferir do primeiro e quais os protagonistas.

### **3.1 – Algumas considerações acerca da tratadística bizantina**

Creemos que uma das coisas mais importantes a realçar sobre esta atividade é a de que, mais do que tudo, era um exercício cultural, tivesse ele algum efeito prático ou não. Isso revela-se, desde logo, na circunstância de muitos dos autores dos tratados bélicos serem civis, grande parte deles sem qualquer experiência militar<sup>205</sup>. Qual a razão para o interesse por estes assuntos entre a elite intelectual bizantina?

Quanto a este ponto talvez seja importante relembrar a relação de osmose entre religião, política e guerra em Bizâncio. Muitas foram as vezes em que questões de índole religiosa provocaram períodos de amargura intestina na administração do Império Bizantino, como sucedeu com o Iconoclasmo. É evidente, que quando a instabilidade governativa imperava em Constantinopla, isso irradiava por todo o Império, acabando por acarretar consequências, não apenas a nível interno<sup>206</sup>, mas também externo<sup>207</sup>. Esta interação entre a religião e o poder militar transpunha-se também para a produção cultural. Um dos grandes exemplos disto é o *Taktiká* de Leão VI, que, frente a ameaças em múltiplas frentes (em especial a muçulmana), defendia que a condição cristã e a fidelidade a Deus por parte dos seus generais, assim como a condição de «defensores da fé», era um dos ingredientes principais para a vitória em qualquer conflito<sup>208</sup>. Por outro lado, a guerra era considerada como um mal necessário na sociedade bizantina; é certo que, sendo uma comunidade cristã, a odiava, todavia necessitava dela para, ironicamente, alcançar a paz<sup>209</sup>...

Se, por um lado, existia esta relação entre a religião e o pensamento estratégico, o mesmo acontecia no sentido inverso. O pensamento militar em Bizâncio começou, também

---

<sup>205</sup> Como, por exemplo, Leão VI, Urbício e Siriano.

<sup>206</sup> A revolta de Artavasdo, por exemplo, parece também ter motivos religiosos pois este era iconodúlio.

<sup>207</sup> Enquanto a questão iconoclástica afetou a sociedade bizantina, apesar de não ter havido grandes perdas territoriais, o território também não aumentou muito (pelo menos, na frente oriental).

<sup>208</sup> Vide cf. *infra* capítulo 4.

<sup>209</sup> Vide Anexo VIII o).

ele, a influenciar a religião e a cultura, em geral. Enquanto os soldados travavam a guerra terrestre, as autoridades religiosas (o cristianismo oriental, em geral) combatiam contra o mal. Na literatura teológica, verifica-se a apropriação de vocabulário militar para exaltar esse combate, tratando-o também como uma guerra com as suas campanhas e batalhas próprias, o qual era travado com armas espirituais, como a reza e a contemplação<sup>210</sup>. Enquanto isso, verifica-se na produção historiográfica bizantina uma predominância das temáticas bélicas (campanhas, batalhas e triunfos), como mote para embelezar a narrativa e também como crítica da parte do autor: um *basileús* vitorioso e bravo era presenteado com elogios; um imperador que não o fosse era tratado como fraco e castigado por Deus (especialmente se tivesse mão pesada para a Igreja, financeiramente falando, como sucedeu com Nicéforo I).

A tratadística bizantina é conhecida por possuir um grande cariz antiquário e enciclopédico<sup>211</sup>. Isto é verificável ao longo de todo o percurso da literatura militar em Bizâncio, onde rapidamente se verifica que são muito poucas (senão praticamente inexistentes) as obras *totalmente* originais. Todas elas retiram informação e conhecimento de fontes mais antigas, quer clássicas quer bizantinas, verificando-se paráfrases inteiras de secções desses antecedentes<sup>212</sup>. Apesar disto, alguns manuais alteram esses trechos para os adequar às circunstâncias da época, com novas táticas e armamento e com a eliminação de conhecimento obsoletos; tal facto observa-se com maior frequência em tratados produzidos por autores com experiência militar, como no caso de um *strategós*, de um *domestikós* (como Nicéforo Ouranos, autor de um *Taktiká* escrito no séc. XI) ou até de certos imperadores (como Maurício ou Nicéforo II Focas). Podemos observar ainda, inserido neste último fenómeno, o aparecimento de palavras oriundas de outras línguas que não o grego, como do arménio, do árabe e, obviamente, modificações de alguns termos latinos<sup>213</sup> por influência do léxico militar bizantino. O pragmatismo da tratadística bizantina revela-se nestes últimos fatores, bem como o seu carácter evolutivo (ainda que pouco inovador) nos aspetos militares. Todavia, mesmo que esse aspeto criativo não existisse de todo, tal não retiraria importância a tais obras, uma vez que estas não deveriam ser lidas como algo que decidisse de imediato a forma como um

---

<sup>210</sup> «The vocabulary of warfare permeated theological and religious literature, too, so that monastic communities were described as regiments of spiritual fighters for the faith, and the struggle of the Church against evil was phrased in terms of a military campaign, in which the weapons of prayer, contemplation, and spiritual purification were part of the armory of the east Roman church.» Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.21.

<sup>211</sup> Muitos dos seus autores, como eram filósofos ou retóricos sem qualquer prática nas artes da guerra, não possuíam interesse sequer que as suas obras tivessem alguma utilidade prática ou que o seu uso fosse somente militar. Vide MCGEER, Eric (2008a) – *Op. cit.*, p. 907.

<sup>212</sup> O *Taktiká* de Leão VI é muito influenciado por vários tratados anteriores: não só do *Stratēgikón* de Maurício, mas também das obras de Onasandro, Aeliano, possivelmente Siriano, entre outros.

<sup>213</sup> Para uma pequena suma de alguns destes termos, vide NISA, J. (2016) – *Op. cit.*, p. 9.

general deveria agir. O *strategós* deveria usá-las como uma fonte de ideias e de conhecimentos para, no momento de passar à ação, poder deliberar, em consonância com a sua experiência pessoal, sobre qual a melhor forma de agir nas situações que enfrentava<sup>214</sup>.

Ora, em conformidade com esta continuação da tradição de literatura bélica clássica e romana, verificamos a manutenção na cultura bizantina das mesmas disciplinas que vigoraram na produção de tratados até aí: a *strategiká*, a *taktiká*, a *naumachiká*, a *poliorketiká* e a *strategematá*<sup>215</sup>. Finalizada esta pequena descrição da tratadística bizantina, olhemos para o estado dela na sua segunda fase de ouro, ou seja nos séculos X e XI.

### 3.2 – A tratadística bizantina durante os séculos da «Reconquista» (sécs. X e XI)

O que suscitou o reaparecimento da produção literária militar nos inícios do século X? Consideramos que é possível afirmar ter-se tratado de um momento único para que tal acontecesse. Pela primeira vez, em séculos, o Império Bizantino atravessava um período de relativa estabilidade interna. Longe iam os tempos do «século negro» de 640-740, quando Bizâncio se confrontara com o ímpeto inicial e avassalador dos Árabes, com o aparecimento dos Búlgaros e com a longa guerra de atrito com os Lombardos, em Itália. O Iconoclasmo, a dura questão religiosa que tinha fraturado a sociedade bizantina por um século, tinha também sido resolvido nos inícios do reinado de Miguel III.

Estes eventos não trouxeram perfeição à vida em Constantinopla, pois a guerra, as questões religiosas e as intrigas de palácio eram quase endémicas, mas geraram um período de maior calma na capital. Isto permitiu a Bizâncio revisitar o passado e iniciar um novo processo de produção cultural, a que podemos chamar de «Renascimento Macedónico». Este percurso iniciou-se na segunda metade do século X, sob a tutela de homens cultos como o patriarca Fócio, que resumiu e compilou segmentos de 279 manuscritos clássicos, pagãos ou cristãos, numa obra chamada *Bibliothéka*<sup>216</sup>. Mais tarde, durante o principado de Basílio I, deu-se uma revisão do *Corpus Iuris Iustinianus* numa obra chamada *Basiliká*, que seria terminada no reinado de Leão VI e que contou ainda com algumas leis novas (as *Novelle*)<sup>217</sup>.

Em relação aos aspetos da literatura militar, podemos afirmar que este renascimento se deu com o Compêndio de Siriano *magistros* (que podemos datar, com alguma certeza, para o século IX). Apesar de se inspirar muito mais nos manuais militares clássicos do que no *Stratēgikón*, paradigma comum na cultura militar bizantina, esta compilação foi um regresso à

---

<sup>214</sup> Vide MCGEER, E. (2008a) – *Op. cit.*, p.908.

<sup>215</sup> Cf. *supra* Introdução.

<sup>216</sup> Vide MONTEIRO, J. (2017) – *Op. cit.*, p.72.

<sup>217</sup> Vide *Idem, Ibidem*, p. 75.

tratadística, estagnada desde o *De Militari Scientia*<sup>218</sup>. Além disso, os segmentos sobre guerra naval e retórica, *Naumachíai* e *Rhetorica Militaris* mostram-se inovadores. O primeiro, porque a escrita sobre a guerra naval não tinha tido grande expressão durante a produção tratadística dos séculos V e VI; o segundo, porque (possivelmente) alertava para a ameaça ideológica islâmica, para o seu cariz antagónico aos valores cristãos e para a sua hostilidade para com a existência do império da Ortodoxia<sup>219</sup>.

Obviamente que o renascimento cultural não pode ser tratado como a causa única para o reaparecimento da tratadística. A enorme quantidade de sucessos militares bizantinos também foi razão para tal: os triunfos em Marj al-Usqf, Lalacão e Bathys Riax, a Oriente; e a subjugação do sul de Itália, a Ocidente, poderão ter sido os motes iniciais para este fenómeno. Também não nos podemos esquecer das vitórias bizantinas nos finais do século X e inícios do século XI, que tornaram Bizâncio a principal potência do Mediterrâneo Oriental.

Até certo ponto, parece-nos que podemos distinguir, só por estes fatores, duas fases neste período. Uma primeira, mais relacionada com o aspeto enciclopédico da tratadística, protagonizada por Leão VI e pelo seu filho Constantino VII (que, ainda assim, conseguiram inovar em alguns aspetos de que falaremos mais adiante). A segunda, prende-se com um aspeto mais prático e inovador, sendo encabeçada por Nicéforo II Focas, que deu letra de forma não só aos principais aspetos da guerra ofensiva travada por Bizâncio, mas, adicionalmente, deu relevância a alguns géneros menos trabalhados, como a guerra de guerrilha ou a logística. Em resumo, a tratadística mudou com o reorientar da guerra, de uma estratégia defensiva para uma mais ofensiva, um facto que terá obrigado (apesar de não ser o único fator) a que as alterações táticas necessárias a essa mudança fossem registadas em livro.

Por fim, não devemos esquecer a ideologia cristã de Bizâncio, que teve um efeito geral na produção literária bizantina deste período de modo a construir (ou afirmar) uma identidade cultural cristã, e também a fazer transparecer isso na forma de fazer (e escrever) a guerra<sup>220</sup>. Para Bizâncio, a guerra era uma coisa má e sabia-se que era endémica e inevitável, tendo de ser defensiva para ser justa<sup>221</sup> (ainda que pudesse envolver a reconquista de antigos territórios romanos<sup>222</sup>). Não importava que o inimigo fosse islâmico, pagão ou até cristão, para Bizâncio a grande questão era a sobrevivência do Império Bizantino Cristão, cujo soberano era o

---

<sup>218</sup> Um pequeno tratado de autoria anónima, datado da segunda metade do século VII, que dá grande ênfase à cavalaria. Este tratado é composto por múltiplas locuções vernaculares, sem precedente, e teria como objetivo adaptar as informações do *Stratēgikón* à realidade da altura. Vide COSENTINO, S. (2009) – *Op. cit.*, p. 86.

<sup>219</sup> Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.19.

<sup>220</sup> Para o caso do *Taktiká*, cf. *infra* II.1. Para o caso *Peri Paradromés*, cf. NISA, J. (2016) – *Op. cit.*, pp. 52-55.

<sup>221</sup> Vide Anexo VIII o).

<sup>222</sup> HALDON, J. (1999) – *Op. cit.*, p.25.

escolhido por Deus, e apenas aí residia a santidade da guerra travada por Bizâncio: na defesa do seu território e do povo cristão. Para garantir a vitória era necessário o *strategós*, para além do conhecimento de todas as artes da guerra, ser bom homem e bom cristão, de forma a garantir o apoio de Deus e, assim, a vitória, um fator que alguns tratados deste período não se cansam de enfatizar.

A tratadística deste período tinha novas prioridades. Em primeiro lugar, verifica-se um afastamento direto das fontes mais clássicas, em especial as helenísticas, ainda que se mantivesse (como não podia deixar de ser) uma ligação indireta a estas: em primeiro lugar, pela principal inspiração literária militar deste período, o *Stratēgikón* de Maurício; em segundo, pelo descendente direto desta obra, o *Taktiká* de Leão VI. Neste ponto, convém realçar que este afastamento não foi abrupto: o compêndio de Siriano, por exemplo, ainda vai beber nessas fontes. A retórica de guerra, em especial a que se debruçava mais sobre os assuntos religiosos, também foi um dos aspetos que mais evoluiu durante este período.

Para além da questão religiosa, de que falaremos adiante, começou-se a verificar um incremento no uso da tratadística para fins propagandísticos: não só para consolidar a posição do cristianismo como a verdadeira religião, mas também a nível político e, em especial militar, com esforços para reduzir as vitórias dos grandes inimigos de Bizâncio<sup>223</sup>, enquanto, por outro lado, se tentava consolidar a legitimidade divina da dinastia reinante ou a superioridade de uma família em especial<sup>224</sup>, por meio da divulgação de sucessos militares<sup>225</sup>.

Por fim, em termos temáticos, podemos verificar um florescimento na *naumachiká*. Como já foi referido<sup>226</sup>, este género não teve grande divulgação durante a primeira fase de escrita bélica. Por que razão terá ressurgido nesta altura<sup>227</sup>? A nosso ver, foi uma questão de necessidade. Convém recordar que a segunda metade do século IX foi marcada por uma série de derrotas a nível naval, que se traduziram na expulsão das forças romanas das ilhas estratégicas mais importantes do Mediterrâneo: de Creta, logo em 828; e da Sicília, uma conquista morosa para os Aglábidas mas que alegadamente terminou em sucesso, com a captura e saque de Siracusa, em 878, e, na prática, com a tomada do último enclave bizantino em Taormina, em 902. Estes reveses navais continuaram nas primeiras décadas do século X, tendo o saque de Tessalónica (em 904) e a destruição da frota de Himério, ao largo da ilha de Chios (em 912), configurado os principais momentos desses acontecimentos.

---

<sup>223</sup> Cf. Constantino VII, *basileús*, [Oração Militar do Imperador Constantino]. Tradução e Comentário: NESBITT, J. W. (ed). *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*. Leiden e Boston: Brill, p. 117.

<sup>224</sup> O caso da família Focas, Vide NISA, J. (2016) – *Op. cit.*, p. 65.

<sup>225</sup> Vide MCGEER, Eric (2003) – *Op. cit.*, p. 115.

<sup>226</sup> Cf. *supra* 1.1.

<sup>227</sup> Para um conjunto de obras sobre guerra naval neste período, cf. *infra* 4.3.

A comparação que se pode traçar entre o estado de Bizâncio como potência naval entre as duas fases da literatura militar, com quase três séculos de distância, é notável. Quanto ao primeiro caso, é seguro afirmar que Bizâncio era a principal potência naval do Mediterrâneo oriental, se não de todo o Mediterrâneo; sem grandes adversários, em termos marítimos, o Império Romano do Oriente pôde-se dar ao luxo de não possuir uma poderosa armada de guerra, tendo apenas ao seu dispor uma frota ligeira destinada simplesmente a proteger o comércio de quaisquer ameaças que pudessem surgir, bem como servir de apoio no *limes* do Danúbio<sup>228</sup>.

Esta situação tinha mudado completamente de figura nos finais do século IX, quando Bizâncio se viu obrigada a esforços redobrados para se impor como talassocracia. De facto, e como salienta a bizantinista Hélène Ahrweiler, não deixa de ser paradoxal que, no início da dinastia Macedónica, apesar de os *basileis* possuírem a maior marinha que o império já tinha visto, e mesmo depois de terem implementado várias reformas administrativo-militares (a remodelação dos *themáta* marítimos e a criação e reorganização de cargos oficiais navais), não conseguiram garantir a supremacia marítima<sup>229</sup>. Terão sido então o aumento da importância do controlo dos mares<sup>230</sup>, conjugado com várias derrotas navais sofridas, que justificaram o reavivar da produção tratadística direccionada para a guerra naval<sup>231</sup>.

---

<sup>228</sup> Vide cf. *supra* 1.2.

<sup>229</sup> Vide AHRWEILLER, H. – *Op. cit.*, p. 105.

<sup>230</sup> Refletido no aumento da tonelagem dos *drómōnes* de guerra, da marinha de guerra e de reformas relacionadas com a frota imperial e temática.

<sup>231</sup> Outra inovação, na *naumachiká*, foi o aparecimento do fogo greguês, com os tratados a ensinarem como este deveria ser utilizado.

## **Capítulo 4 – Introdução ao *Taktiká***

A segunda parte desta tese constitui, certamente, o seu cerne. Optámos por iniciá-la com um pequeno capítulo acerca da fonte em si, e ainda não sobre o seu conteúdo. Sendo assim, este segmento da dissertação começará por tratar da autoria, da datação e da motivação, bem como da discussão daí resultante, na medida em que isso seja pertinente. No subcapítulo seguinte, abordaremos a tipologia da fonte e a estrutura interna da mesma, com um breve resumo do que contém cada *Constitutio*, onde teremos em conta as disciplinas da tratadística bizantina (que segue com alguma exatidão os princípios da clássica). Por fim, dedicaremos um subcapítulo à história do *Taktiká*, desde a sua escrita até hoje, elencando os manuscritos onde se encontra transcrito, bem como as traduções que dele foram feitas ao longo dos tempos.

### **4.1 – Autoria, datação, motivações e natureza**

As dúvidas que se colocam acerca da identidade do autor do *Taktiká*, e que existem a propósito de inúmeros escritos do mesmo género (como as obras atribuídas ao co-imperador Nicéforo II *Focas*<sup>232</sup>, ou mesmo a imputação do *Stratēgikón* a Maurício<sup>233</sup>), não parecem colocar-se no que diz respeito ao tratado que vamos analisar. De facto, as nossas pesquisas e a análise deste manual militar permitem-nos concluir que, se a escrita direta da obra não resultou das mãos de Leão VI, pelo menos a sua organização e algumas das passagens certamente tiveram essa origem. Os únicos obstáculos existentes a esta atribuição prendiam-se com o facto de Leão VI não ter participado em campanhas militares, o que levou muitos historiadores a concluir que ele não teria interesse por estes assuntos. Esta ideia foi, entretanto, contrariada por vários estudiosos, como Shaun Tougher e Karlin-Hayter, como já referimos, que conseguiram demonstrar que *o Sábio* teve um papel preponderante na governação dos assuntos militares do seu império, mesmo raramente tendo deixado Constantinopla.<sup>234</sup> Outros fatores, dentro do tratado em apreço, reforçam esta nossa opinião:

---

<sup>232</sup> Para o tratado de campanhas na Bulgária, o *De re militaris* vide COSENTINO, Salvatore (2009). *Writing about War in Byzantium*. In “Revista de História das Ideias” (30). Coimbra. Para o *Peri Paradromés*, vide NISA, J. (2016) – *Op. cit.*, p.60.

<sup>233</sup> Vide COSENTINO, Salvatore (2009) – *Op. cit.*, p. 85.

<sup>234</sup> John Haldon refere ainda que Leão VI não participou ativamente em ocupações bélicas para tentar emular o imperador Justiniano, um dos principais organizadores da chamada “Reconquista Justiniana”, mantendo assim grande interesse pelos assuntos militares do Império Bizantino. Vide HALDON, J. (2004) – *Op. cit.*, pp. 13-14.

a identificação de Leão VI como *basileús* na *intitulatio*<sup>235</sup> do livro<sup>236</sup>, bem como a identificação do imperador Basílio como o pai do autor<sup>237</sup>.

Por outro lado, indicar Leão VI como autor<sup>238</sup> é algo falacioso, pois, efetivamente, dentro do *Taktiká*, verificam-se poucas entradas originais. Este manual militar, à semelhança de muitos outros bizantinos, não conjuga somente conteúdos inéditos, tratando-se de uma obra que transcreve inúmeras passagens de diversos tratados precedentes, algumas delas adaptadas de forma a corresponder à realidade coeva, a que são acrescentadas ideias e informações pertinentes pelo autor, neste caso por Leão VI. Assim, a atribuição da autoria do *Taktiká* a Leão VI assenta mais na forma como ele organizou os vários excertos copiados de tratados antecedentes e na seleção dos comentários morais e gnômicos<sup>239</sup>.

Nos últimos anos têm surgido várias propostas relacionadas com a data da compilação deste manual: Kulakovskiy propõe o período cronológico entre 890-891<sup>240</sup>; Dagron sugere 895<sup>241</sup>; surgiram também propostas para a primeira década do século X, especialmente para: o período entre 904 e 908; algum tempo após 904; ou para depois dos anos 906 e 907<sup>242</sup>. No seu comentário ao *Taktiká*, John Haldon considera que há quatro elementos principais para balizar a datação deste tratado<sup>243</sup>: a utilização do termo *autokrátor* para o título de Leão VI, uma nomenclatura que se passou a atribuir a este imperador a partir de 904<sup>244</sup>; passagens relacionadas com o conflito bizantino-búlgaro de 894<sup>245</sup>-896<sup>246</sup>; ainda, com utilidade mais contestável, a referência ao *Taktiká* com o termo *Prócheiros Nómos*, que se reporta a um código jurídico escrito anteriormente ao tratado<sup>247</sup>; e, por fim, uma passagem<sup>248</sup> vista como algo emocional<sup>249</sup>, relacionada com a traição de *stratégoi*, mas que pode aludir, a nível mais pessoal, à deserção para os Árabes do *strategós* Andrónico Ducas e do filho Constantino, em

---

<sup>235</sup> Voltaremos a referi-nos a este ponto quando falarmos da estrutura da obra.

<sup>236</sup> Vide Anexo VIII f).

<sup>237</sup> Vide Anexo VIII g).

<sup>238</sup> No sentido de produtor de uma obra completamente original.

<sup>239</sup> Vide HALDON, John (2014) – *Op. cit.*, p. 25.

<sup>240</sup> Kulakovskij, J. (1898). *Lev Mudryj ili Lev Isavr byl avtorom 'Taktiki'?*. In *Vizantiiskii Vremmenik*, 5, pp. 400-401. *Apud* HALDON, John (2014) – *Op. cit.*, p. 59.

<sup>241</sup> Vide DAGRON, Gilbert (1983). *Byzance et le modèle islamique au Xe siècle. A propos des Constitutions tactiques de l'empereur Léon VI*. In: *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, ano 127, n° 2, p. 219.

<sup>242</sup> Vide HALDON, John (2014) – *Op. cit.*, p. 59.

<sup>243</sup> Vide *Idem, Ibidem*, pp. 59-61.

<sup>244</sup> Vide *Idem, Ibidem*, p. 60.

<sup>245</sup> Vide Anexo VIII e).

<sup>246</sup> Vide Anexo VIII b).

<sup>247</sup> A contestação referente a este ponto é feita devido a dúvidas da datação desta obra: alguns autores atribuem uma datação para a década de 70 do século IX, outros para o ano de 907. Vide *Idem, Ibidem*, pp. 60-61.

<sup>248</sup> Vide Anexo VIII j).

<sup>249</sup> Vide *Idem, Ibidem*, p.61.

905, e posterior regresso deste último em 908<sup>250</sup>. Todos estes fatores levam-nos a crer que este tratado (ou, a sua versão final) terá sido concluído no século X.

É importante referir, e voltaremos ao assunto mais adiante, que o *Taktiká* teve várias fases de produção, que se refletiram em conteúdos novos, temáticas distintas e até certas alterações na motivação da escrita do tratado. Voltaremos a este ponto quando evocarmos um pouco da história do tratado, desde a sua escrita até hoje.

Por fim, resta-nos discutir uma questão: qual foi a motivação por detrás da escrita do tratado? Até muito recentemente, inúmeros especialistas acreditavam, baseando-se num dos seus segmentos<sup>251</sup>, que o principal motivo para a escrita do *Taktiká* era este servir como resposta à ameaça que os Árabes protagonizavam no reinado de Leão VI, chegando-se a afirmar, de uma forma «geralmente aceite» (de acordo com J. Haldon), que o tratado fora escrito especificamente por causa dos Muçulmanos e da sua religião<sup>252</sup>. De facto, e como bem salienta Gilbert Dagron<sup>253</sup>, o tratado refere duas características únicas da guerra praticada pelos Árabes contra Bizâncio: o facto de ter uma orientação religiosa, que nós conhecemos como *jihād* e que impelia um grande número de voluntários fervorosos a pegar em armas, os chamados *ghazi*, mas que concomitantemente atribuía grande prestígio e, especialmente, lealdade a quem comandasse a guerra em nome do Islão<sup>254</sup>; e a influência da guerra na estrutura social do mundo muçulmano (geograficamente próximo de Bizâncio)<sup>255</sup>.

Sobre este último ponto, Dagron<sup>256</sup> refere que os exemplos principais desta prática eram: a organização dos *al-thugûr*, o sistema militar na fronteira do Califado mais organizado e sofisticado alguma vez criado pelos califas, de acordo com Hugh Kennedy<sup>257</sup>, que seria mais tarde herdado pelos emirados da Cilícia, da Arménia e da Síria, e que persistiria até à queda do último *thugûr*, Antioquia, às mãos de Nicéforo II Focas (em 969); a existência dos já referidos *ghazi*; e o apoio providenciado pelas doações caridosas islâmicas, as *waqf*, à causa das campanhas (e dos soldados nela envolvidos) realizadas em nome da religião.

No entanto, Haldon não concorda plenamente com esta visão, pois defende que, no excerto usado para apontar as questões relacionadas com a ameaça sarracena como principal

---

<sup>250</sup> O pai, entretanto, havia morrido no Califado.

<sup>251</sup> Anexos VIII h) e i).

<sup>252</sup> Vide HALDON, John (2014) – *Op. cit.*, p.22.

<sup>253</sup> Vide DAGRON, Gilbert – *Op. cit.*, p.22.

<sup>254</sup> Até ao declínio do Califado Abássida, a organização das expedições de Verão a território bizantino, as *saifa*, era uma tarefa tão importante, no sentido ritual e espiritual, como a preparação da peregrinação anual a Meca, a *hajj*. Vide KENNEDY, Hugh (2001). *The Armies of the Caliphs: Military and Society in the Early Islamic State*. Londres e Nova Iorque: Routledge, p. 106.

<sup>255</sup> Vide Anexos VIII k).

<sup>256</sup> DAGRON, G. – *Op. cit.*, p. 221.

<sup>257</sup> HALDON, J. e KENNEDY, H. – *Op. cit.*, p. 106.

motivo para a escrita do *Taktiká*<sup>258</sup>, não se indica uma razão para a escrita do tratado em si, mas sim da *Constitutio* onde se encontra presente, ou até apenas para aquela secção da mesma<sup>259</sup>. No seu comentário, Haldon defende ainda que, apesar de grande parte do conteúdo sobre os Árabes já estar presente na versão original do tratado, a maior parte dos comentários relacionados com eles, bem como as preocupações do *basileús* manifestadas com o seu inimigo daquele tempo, serão uma adição posterior ao tratado<sup>260</sup>. Ainda que não se trate de um dos motivos principais para a escrita do *Taktiká*, estas adendas são uma das componentes mais importantes e originais do tratado e terão sido ativadas, a nosso ver, pelos desaires que Bizâncio sofreu às mãos dos Árabes, especialmente no contexto da guerra naval e, talvez de preponderante importância, pelo saque de Tessalónica, a segunda maior cidade do império, por dois corsários muçulmanos (ainda por cima de origem bizantina), em 904.

Posto isto, quais são as motivações originais? De acordo com Haldon, o *Taktiká* configura «uma tentativa de legislar a guerra como uma atividade que cai sob a sua supervisão e autoridade, tal como já tinha feito em outras esferas»<sup>261</sup>, bem como um guia para uma conduta moral cristã da guerra, na lealdade a «Deus e ao imperador escolhido divinamente». Assim sendo, a principal motivação do *basileús* na edição deste tratado é a necessidade de inculcar nos seus generais um certo fervor religioso (embora não tão fanático quanto o dos muçulmanos), bem como a lealdade ao imperador, que se viu perante vários traidores ao longo do seu reinado, os quais lhe provocaram grande mágoa, tal como as traições de Andrónico Ducas e do filho, mais tardias, que o afligiram pessoalmente<sup>262</sup>. É destes últimos pontos que se deve apurar o teor de obrigatoriedade na leitura do *Taktiká* aos *strategói*, inculcada por Leão VI, e não nos aspetos práticos desta obra.

Por sua vez, o *Taktiká* não deve ser considerado como um manual militar *per se*, uma vez que os seus destinatários (isto é, os *stratégoi* do império) tinham muito mais experiência do que Leão VI no que toca aos aspetos práticos e técnicos da guerra<sup>263</sup>. Esta opinião, no que respeita à questão religiosa, é apoiada também por Meredith Riedel, da Universidade de Duke, que defende que o *basileús* pretendeu criar uma identidade cultural bizantina assente na

---

<sup>258</sup> Vide Anexo VIII h).

<sup>259</sup> HALDON, John (2014) - *Op. cit.*, pp. 22-23.

<sup>260</sup> *Idem, Ibidem*, p.23.

<sup>261</sup> *Idem, Ibidem*, p.23.

<sup>262</sup> Vide Anexo VIII j).

<sup>263</sup> *Idem, Ibidem*, p.25.

piedade cristã, apelando aos seus generais para que fossem o modelo ideal do bom cristão ao comando dos seus soldados, os «defensores da Fé»<sup>264</sup>.

Evocadas as principais teses, cabe-nos agora tecer a nossa própria apreciação. Apesar daqueles pontos, a nosso ver bastante válidos, acreditamos que podemos acrescentar ainda um outro motivo para a escrita deste tratado: o enciclopedismo cultural. Leão, no aspeto temporal, não aparenta qualquer intenção de criar algo inédito. Na questão muçulmana, por exemplo, não apresenta soluções originais de cariz tático ou estratégico. Isto parece-nos natural, pois, apesar do seu visível interesse pelas questões de índole militar e a sua dedicação ao tomar conta dos assuntos de governação militar do Império Romano, este *basileús* nunca comandou campanhas militares na frente de guerra, contentando-se em liderar a resposta estratégica às ameaças de que o Império sofria. Parece-nos possível conjugar este interesse do imperador com um interesse renovado pela cultura clássica que começou a surgir em Bizâncio a partir do início do reinado de Basílio I, uma vez que Leão VI condensou muita informação da tratadística militar antiga no *Taktiká*. Por outro lado, é importante recordar que o *basileús* encomendara também a um dos seus *domestikós*, Leão Katakalon, um tratado sobre as expedições militares, exatamente aquilo que não está presente no *Taktiká*<sup>265</sup>, cuja versão incompleta terá sido aproveitada mais tarde por Constantino VII<sup>266</sup>. Isto demonstra que o *Sábio*, apesar de não participar na guerra, se sentia muito atraído por estes assuntos, o que o terá levado a organizar uma obra que refletisse a forma como a guerra era feita no seu tempo. O que, se tivermos em conta a datação duvidosa do Compêndio de Siriano (séc. VI, IX ou X), terá sido a primeira versão atualizada do género<sup>267</sup> em quase dois séculos.

Assim, na nossa opinião, parece-nos possível concluir que o *Taktiká* deve ser exposto não só como um manual militar, mas também como um documento cujos propósitos principais não eram práticos. O primeiro seria de índole religiosa-legislativa e tencionava, de certo modo, consolidar uma filosofia de guerra cristã (não estamos a falar de guerra santa) em que a piedade e o carácter do general (devia ser bom, inteligente, leal, entre outros atributos) eram fatores tão importantes para a vitória militar como a tática, a estratégia ou os ardis. Mais tarde, com o reafirmar da ameaça árabe, este propósito saiu reforçado com a intenção do *basileús* em encontrar uma solução espiritual, e não temporal, para fazer frente à *jihad*.

---

<sup>264</sup> Vide RIEDEL, Meredith. *The Sacrality of a Sovereign: Leo VI and Politics in Middle Byzantium*, p.8. in [https://www.academia.edu/3831861/The\\_Sacrality\\_of\\_a\\_Sovereign\\_Leo\\_VI\\_and\\_Politics\\_in\\_Middle\\_Byzantium](https://www.academia.edu/3831861/The_Sacrality_of_a_Sovereign_Leo_VI_and_Politics_in_Middle_Byzantium). Consultado às 3:30 do dia 4 de outubro de 2017.

<sup>265</sup> Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.76.

<sup>266</sup> Vide TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p.16.

<sup>267</sup> Vide KARLIN-HAYTER, P. – *Op. cit.*, p. 21.

O outro propósito é cultural, baseando-se não só no chamado «Renascimento Macedónico», que começou a crescer exponencialmente neste período, mas também no interesse de Leão VI pelas questões militares. Estes dois fatores, em conjunto com o enciclopedismo característico do *Sábio*, motivaram-no também a escrever um tratado onde combinava o conhecimento dos antigos com a experiência dos seus generais, de forma a reportar a forma como os exércitos ditos *temáticos* praticavam a guerra, ao que acrescentou alguns comentários pessoais relacionados com a retórica da guerra, em especial na vertente religiosa. Na nossa visão, é desta forma que o tratado deve ser visto: um manual militar que visava conservar e atualizar a informação pertinente às práticas da guerra, ao mesmo tempo que impulsionava os seus destinatários, os *stratégoi*, a seguirem um código ético moralmente bom e de base religiosa, que – segundo Leão VI – acabaria por os conduzir à vitória.

#### 4.2 – Estrutura interna da fonte

Na sua organização, o *Taktiká* apresenta-se como um conjunto de *Constitutiones*, ou seja, como um conjunto de decretos imperiais direcionados a um oficial ou a alguém que estivesse encarregado de um qualquer posto estatal<sup>268</sup>, o que condiz com o objetivo principal deste manual de legislar a guerra sob a autoridade imperial. De facto, o proémio<sup>269</sup> que inaugura este tratado encontra-se modelado de forma muito semelhante aos que servem como introdução à legislação imperial, particularmente o do *Prócheiros Nómos*, seguindo um formato próprio que pertence ao chamado «modelo tripartido»: a *invocatio*, a *intitulatio* e a *inscriptio*<sup>270</sup>. Desta forma o proémio do *Taktiká* começa com uma *invocatio*, nomeadamente à Sagrada Trindade, seguido de uma *intitulatio* com o nome e os títulos do imperador. Do modelo tripartido, a única coisa que falta é a *inscriptio*, porque o tratado não se dirige a um general em especial, mas sim ao conjunto dos *stratégoi*<sup>271</sup>.

No Prólogo, segue-se o corpo principal da “legislação”, constituído por três partes: a *narratio*, a *dispositio* e o *epilogus*. A *narratio*<sup>272</sup> do *Taktiká* ocupa os espaços entre as linhas 25 e 54 do Prólogo e relata o problema e a forma como este chegou à atenção imperial<sup>273</sup>. Leão VI diz enfrentar o facto de os comandantes bizantinos se terem esquecido completamente das mínimas noções de estratégia e de tática. Este efeito terá sido causado pela

---

<sup>268</sup> Vide LUTTWAK, Edward N. (2009). *The Grand Strategy of the Byzantine Empire*. Cambridge e Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, p. 305.

<sup>269</sup> Prefácio.

<sup>270</sup> Vide HALDON, J. (2014). – *Op. cit.*, p. 121.

<sup>271</sup> Vide Anexos VIII f).

<sup>272</sup> Secção onde é abordado o problema que a legislação quer resolver.

<sup>273</sup> Vide HALDON, J. (2017). – *Op. cit.*, p. 121.

negligência dos ensinamentos dos antigos, pela timidez dos seus generais ou pela falta de treino e cobardia dos soldados bizantinos. Ora, de acordo com o autor, isto terá levado os Romanos a perder o favor divino e a aura de triunfo militar que tanto emanava deste povo<sup>274</sup>.

Posteriormente, o autor propõe as medidas com as quais vai enfrentar o problema, na *dispositio*<sup>275</sup>, que está entre as linhas 55-89<sup>276</sup>. A solução que Leão apresenta é a edição de um pequeno manual militar para que, citamos, os que «desejam comandar tropas possam ter rápido acesso a uma vasta reserva de experiência no que respeita a combate e a campanhas militares»<sup>277</sup>. Nesta obra juntam-se os dados das fontes antigas (eliminando aqueles acerca de formações que considera obsoletas, ou não claramente descritas, e traduzindo os termos em Latim para Grego) que considera mais úteis na prática da guerra, bem como «a limitada experiência» dos seus generais, numa linguagem «prática, clara (...) e simples»<sup>278</sup>. O Prólogo conclui com um *epilogus*<sup>279</sup> que indica os conteúdos (pela forma como estão ordenados) que vão ser abordados no manual<sup>280</sup>.

Após esta breve análise do Prólogo e da sua natureza legislativa, procedemos a uma rápida enumeração das *Constitutiones*, da ordem em que se encontram dispostas e dos seus conteúdos. Como já se avisou, o *Taktiká* possui duas versões integrais, tendo uma estrutura diferente em cada uma delas. A versão mais antiga está no códice *Mediceo-Laurentianus graecus* 55,4 e encontra-se dividida em 16 *constitutiones*, seguidas por um conjunto de máximas, um epílogo e três tratados sobre ataques surpresa, poliorcética e guerra naval<sup>281</sup>.

Por sua vez, no códex *Vindobonensis phil. graecus* 275, as secções que não faziam inicialmente parte do tratado são incluídas e ordenadas dentro deste, da seguinte forma: *Constitutio XIV* – O Dia de Batalha; *Constitutio XV* – Guerra de Cerco; *Constitutio XVI* – O Dia a seguir à batalha; *Constitutio XVII* – Ataques Surpresa; *Constitutio XVIII* – Costumes de Diferentes Nações; *Constitutio XIX* – Guerra Naval; *Constitutio XX* – «Máximas Concisas»; Epílogo. De acordo com G. Dennis, é este o manuscrito que segue a ordem do Prólogo<sup>282</sup>.

O que podemos dizer em relação à estrutura? Desde já, que se encontra dividida de uma forma temática e extremamente bem planeada. O autor começa por um capítulo

---

<sup>274</sup> Vide Anexos VIII l).

<sup>275</sup> Vide *Idem, Ibidem*, p. 121.

<sup>276</sup> Vide Anexos VIII m).

<sup>277</sup> Vide DENNIS, G. T. (2014) – *Op. cit.*, pp. 6-7.

<sup>278</sup> Vide *Idem, Ibidem*, pp. 6-7.

<sup>279</sup> Vide Anexos VIII n).

<sup>280</sup> Vide HALDON, J. (2017). – *Op. cit.*, p. 121.

<sup>281</sup> DENNIS, G. T. (2014) – *Op. cit.*, p. x.

<sup>282</sup> *Idem, Ibidem*, p. x.

introdutório (Const. I), onde define o que são «táticas», a forma como a guerra deve ser preparada, que tipos de unidades envolve (cavalaria, infantaria, marinha) e o general (*strategós*) em si: o que é; o que o deve caracterizar; e quais são os seus objetivos. Leão fala destas questões de forma mais detalhada no capítulo seguinte (Const. II), que se chama: «Sobre as Qualidades Requeridas num General». Na *Constitutio* III, explica ao general de que forma ele deve fazer os planos, como deliberar e em que pessoas deve confiar.

É no quarto capítulo (Const. IV) que o *Taktiká* se começa a debruçar sobre as questões relativas à preparação da guerra: que homens se devem escolher para o exército e como colocá-los em cada uma das suas divisões; quem deve ser escolhido para oficial; de que forma a hierarquia militar está dividida, e o que compete a cada um dos seus membros; e os números e formas em que cada divisão devia estar organizada. Segue-se um pequeno capítulo sobre armamento (Const. V), que não é mais que uma lista de todo o tipo de armas, ofensivas e defensivas, ferramentas logísticas, máquinas de cerco e seu material de apoio, transportes fluviais, animais para montar e bestas de carga, entre outros conselhos, p. ex. sobre a importância de um almirante ter navios prontos para as mais diversificadas funções. A secção seguinte (Const. VI) trata de forma detalhada que equipamento e armamento cada homem deve ter (organizando no fundo o que tinha sido exposto no capítulo anterior) em função da sua tipologia (oficial, cavalaria, infantaria pesada, infantaria ligeira e apoio logístico), seguido de uma *Constitutio* (VII) sobre a forma como o treino de cavalaria e infantaria deve ser feito.

O conjunto de capítulos seguintes é inaugurado por um segmento acerca de punições militares (Const. VIII), que relata vários crimes e malfeitorias e a respetiva punição. As *Constitutiones* que se lhe seguem aludem a questões logísticas: Marchas (Const. IX), Trem-de-apoio (Const. X) e Acampamentos (Const. XI). Até aqui os capítulos podem ser inseridos (salvo alguns segmentos excepcionais, como as *Constitutiones* relativas a armamento e treino) na disciplina da *strategiká*.

A partir daqui, a *taktiká* vai ocupar uma grande parte do tratado: começa com uma *Constitutio* (XII) sobre a preparação para o combate, onde se volta a referir um grande número de exercícios táticos, incluindo sinalética e comandos vocais. A secção seguinte (Const. XIII) aborda o que deve ser feito imediatamente antes do combate, nomeadamente formas de levantar a moral e distribuição de mantimentos e vinho. A *Constitutio* XIV refere o que deve ser feito na batalha, envolvendo um grande número de formações, movimentações táticas e estratagemas. Segue-se um pequeno capítulo sobre a poliorcética (Const. XV) nas suas duas vertentes: ofensiva e defensiva. Por fim, o capítulo XVI debruça-se sobre o que

deve ser feito no final da batalha: ação de graças a Deus, repartição dos despojos, tratamento de prisioneiros, entre outros.

A *Constitutio* XVII está inserida na *strategematá*, pois frisa os embustes, a guerra de guerrilha e os meios de contrariar ataques-surpresa adversários ou de limitar os ganhos do rival. Segue-se um capítulo (Const. XVIII) que expõe a forma como os Romanos devem fazer a guerra contra os seus adversários, enfatizando o armamento, os hábitos e as formações próprias destes, em especial dos Árabes. A *naumachiká* forma uma secção única (Cons. XIX), e o último capítulo (Const. XX) reúne um conjunto de máximas militares que pretendem, no fundo, resumir o que foi tratado ao longo do *Taktiká*. Por fim, o Epílogo está dividido em três partes: uma claramente religiosa, que aborda a relação entre Deus e a Humanidade; uma segunda que reúne as principais noções de cada *Constitutio* que compõem a obra; finalmente, exorta-se o *strategós* a seguir os preceitos do *Taktiká* (ainda que de um modo flexível), referindo também como motivo principal para a escrita deste manual a ameaça sarracena<sup>283</sup>. O tratado encerra com um *Amen*, o que alude à possível dimensão (e intento) religioso que o autor teria, porquanto enfatiza a autoridade tanto legislativa como divina do *autokrátor*<sup>284</sup>.

Como conclusão a este subcapítulo, resta-nos situar aqui as afirmações de Meredith Riedel, que defende que o *Taktiká* é também uma «teia de ligações», onde a informação de uma *Constitutio* complementa os dados de outra. A historiadora utiliza ainda alguns exemplos como o facto de a *Constitutio* XX e o Prólogo partilharem a mesma fórmula teológica, enquanto a *Constitutio* II e o Epílogo apresentam informações diferentes, mas complementares acerca do tipo de pessoa que o general deveria ser<sup>285</sup>.

### 4.3 – A obra – dos manuscritos às traduções

O percurso histórico do *Taktiká* começa, obviamente, no seu aparecimento durante o reinado de Leão VI, na passagem do século IX para o X. Depois disto verificamos que este manual foi copiado e incluído em três famílias de manuscritos compiladas entre, aproximadamente, 950 e 1050 d.C.. Dentro do corpo de manuscritos mais antigos, verifica-se a existência de cópias do *Taktiká* em dois documentos. Uma transcrição deste manual está inserida no códex *Mediceo-Laurentianus graecus* 55,4, uma compilação de tratados militares gregos, datada dos meados do século X, possivelmente de pouco antes da morte de

---

<sup>283</sup> Vide HALDON, J. (2017). – *Op. cit.*, pp. 443 e 444.

<sup>284</sup> *Idem, Ibidem*, p. 444.

<sup>285</sup> Vide RIEDEL, M. – *Op. cit.*, p. 5.

Constantino VII Porfirogeneta, em 959. Como já foi referido<sup>286</sup>, a cópia do *Taktiká* neste *corpus* (que começa no fólio 281, em 404) possui 16 *constitutiones*, a que se seguem o epílogo, uma coleção de máximas e três tratados sobre *strategematá*, *poliorketiká* e *naumachiká*<sup>287</sup>. Estes segmentos em separado vão ser compilados e organizados no corpo principal do tratado no outro códice, o *Vindobonensis phil. graecus 275* (que também faz parte desta família de textos). Esta versão da obra trata-se ainda de uma versão expandida daquela inserida no *Mediceo-Laurentianus* pois possui um conjunto de comentários nas margens que pretendem clarificar certos termos do texto<sup>288</sup>. No entanto, esta transcrição apresenta algumas partes em falta, das quais John Haldon realça: a abertura do proémio, a integralidade do Epílogo e a maior parte da *Constitutio XX*<sup>289</sup>.

A segunda família de manuscritos está datada para a segunda metade do século X e é inaugurada pelo códex *Ambrosianus B 119*. A versão do *Taktiká* neste *corpus* (que começa no fólio 189, em 347) não deve, no entanto, ser tratada como uma cópia integral, mas sim como uma paráfrase onde várias palavras se encontram transpostas. De acordo com George Dennis, a utilidade deste texto para a tradução do *Taktiká* prende-se apenas com o facto de providenciar certos segmentos de texto completos ou corretos que não figuram desse modo no *Mediceo-Laurentianus graecus 55,4*. Esta transcrição apresenta ainda uma estrutura diferente das anteriores, estando a *Constitutio XX* original ordenada como sendo a XIX, uma vez que o capítulo que se ocupa da *Naumachiká* é considerado, neste *corpus*, como um tratado independente<sup>290</sup> que inaugura uma secção acerca dessa disciplina da tratadística<sup>291</sup>.

Por último, a terceira família é aquela que inclui o maior número de manuscritos, mas dentro destes apenas três são importantes para a tradução e o estudo do texto: o códice *Vaticanus graecus*, que contém uma versão incompleta do *Taktiká* que começa na *Constitutio V*; a «combinação» (mal separada) do *Parisinus graecus 2442* e do *Barberinianus graecus II 97*; e, por fim, o manuscrito que resulta da conjugação do *Neapolitanus graecus 284* e do *Scorialensis graecus Y-III-11*. Estes três textos tiveram origem no *scriptorium* de Ephraim, em Constantinopla<sup>292</sup>.

---

<sup>286</sup> Cf. *supra* 4.2.

<sup>287</sup> Vide DENNIS, G. (2014) – *Op. cit.*, p.x.

<sup>288</sup> *Idem, Ibidem*, p. xi.

<sup>289</sup> Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 56.

<sup>290</sup> Batizado de *Ναυμαχικὰ Λέοντος βασιλέως* (a *Naumachiká* do *basileús* Leão), cf. *Idem, Ibidem*, p. 389.

<sup>291</sup> Por ordem estão, nesta secção, os seguintes tratados (ou excertos de): a *Constitutio XIX*, seis parágrafos do *Taktiká*; uma secção do *Stratēgikón* acerca da travessia de rios; o *Naumachiai* de Siriano; e, por fim, o *Naumachiká* do *parakoimómenos* Basílio, datado dos finais dos anos 50 do século X, cf. *Idem, Ibidem*, p.389.

<sup>292</sup> Vide *Idem, Ibidem*, p. 58.

Durante o século XVI, mais precisamente em 1552, foram impressas algumas páginas da *Constitutio IV* que estavam no códice *Monacensis graecus 244*, em Veneza<sup>293</sup>. Deste século, existem ainda mais alguns manuscritos que contêm partes ou cópias completas do tratado mas, como Dennis<sup>294</sup> não os considera pertinentes ou particularmente úteis para um estudo ou uma reconstituição do texto original, também não serão mencionados aqui<sup>295</sup>.

A primeira versão completa da obra foi publicada na cidade de Leyden, em 1612, por Joanes Meurs, mais tarde corrigida e comparada com o texto presente no *Mediceo-Laurentianus*, e publicada em 1745, na cidade de Florença, por J. Lami. Uma cópia desta edição foi incluída na *Patrologia graeca* de J. P. Migne, compilada entre 1857-1861. Mais tarde, o tradutor húngaro Rudolfi Vári publicou a primeira edição crítica do *Taktiká* em dois volumes<sup>296</sup>, onde estavam presentes apenas as *Constitutiones* entre o Prólogo (inclusive) e a *Constitutio XIV* (nesta, o texto ia até à linha 228) e, mais tarde, a *Constitutio XVIII*, bem como uma tradução húngara<sup>297</sup> da mesma<sup>298</sup>.

Por fim, não podíamos deixar de referir a primeira tradução e crítica do *Taktiká* em inglês, realizada pelo Padre George T. Dennis e publicada em 2010, que contém também o texto original, organizado de acordo com o *Vindobonensis phil. graecus 275*. Posteriormente, em 2014, esta publicação acabaria por ser reeditada<sup>299</sup>, tendo-se procedido à correção de alguns erros do livro original. Esta edição revista da tradução do Padre Dennis foi acompanhada, no mesmo ano, por um livro de John Haldon com comentários à obra<sup>300</sup>, o qual contribuiu decisivamente para o enriquecimento da tradução.

---

<sup>293</sup> DENNIS, G. (2014) – *Op. cit.* p. xiii.

<sup>294</sup> *Idem, Ibidem*, p. xii.

<sup>295</sup> Um dos transcritores do texto, Vári, terá contado cerca de 88 manuscritos. Vide VÁRI, Rudolfi (ed.) (1917-1922). *Leonis imperatoris tactica. Sylloge Tacticorum Graecorum*, 3, Budapeste, pp. 1:xv-xxix. *Apud* DENNIS, G. (2014) – *Op. cit.*, p. xii.

<sup>296</sup> Denominada “*Leonis imperatoris táctica*”.

<sup>297</sup> A referência bibliográfica desta tradução é VÁRI, Rudolfi (1900). *Boles Leo Hadi Taktikajanak XVIII Fejezete*. In PAULER, G. e SZILÁGYI, S. (ed.). *A Magyar Honfoglalás Kutfoi [As fontes da conquista húngara]*. Budapeste, pp 3-89. *Apud* DENNIS, G. (2014) – *Op. cit.*, p. xii.

<sup>298</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p. xiii.

<sup>299</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p. vii.

<sup>300</sup> O “*A Critical Commentary on THE TAKTIKA of Leo VI*” já referido nesta dissertação.

## **Capítulo 5 – *Strategiká*: a arte de ser um bom general**

«A ciência da estratégia consiste na prática conjunta de bons generais, ou seja, (é) o estudo e exercício através de estratagemas, ou mesmo da recolha dos símbolos da vitória»

(Leão VI in *Taktiká*, *Constitutio* 1, linhas 7-8<sup>301</sup>)

O tratado de Leão VI inicia o seu percurso com um conjunto de preceitos estratégicos relacionados com: o general (Const. I e II); a importância de deliberação e de um bom planeamento (Const. III); as divisões do exército bizantino, oficiais e outros encargos, no período de escrita do tratado (Const. IV); as punições militares e os tópicos da logística - ordens de marcha, trens-de-apoio e acampamentos (Const. VIII-XI).

Assim, tomámos a iniciativa de dividir este capítulo de acordo com os temas relacionados com esta disciplina clássica. No primeiro ponto, vamos abordar a figura do general, a forma como Leão VI o idealizava e de que maneira é que esse cariz tinha realmente influência no combate. De seguida, observaremos o exército bizantino no *Taktiká*: a forma como se encontrava estruturado, o perfil dos recrutas, os seus oficiais, entre outros. Por fim, vamos observar questões de âmbito logístico, entre as quais: movimentações de exércitos; organização de trens-de-apoio; construção de acampamentos.

### **5.1 – O *strategós* de Leão**

«O general é a pessoa que, depois do imperador, tem mais autoridade do que qualquer outra no conjunto da província subordinada a ele. O general é o chefe do *théma* militar sob o seu comando.»

(Leão VI in *Taktiká*, *Constitutio* I, linhas 28-30)

O *strategós* é o ponto fulcral do manual militar e é, sem dúvida, o destinatário deste código legislativo. Atrevemo-nos a dizer que, se o prómio do *Taktiká* possuísse uma *inscriptio*, quem lá estaria designado seriam os generais do Império Bizantino – os *stratégoi* dos *themáta*. Na nossa opinião, é claro (talvez óbvio) os generais – ou quem desejasse comandar tropas – serem o “público-alvo” desta produção militar. Afinal, eram estes oficiais a mente do exército, encarregados de tomar as decisões que ditavam a vitória ou a derrota, dentro ou fora do campo de batalha. Tão importante como estes fatores era a condição do

---

<sup>301</sup> Para o grego, *vide* DENNIS, George T. (2014). – *Op. cit.*, p. 12. Sobre a maneira como a tradução inglesa deste excerto deve ser feita, *vide* HALDON, J. (2014). – *Op. cit.*, p.129.

general, como exemplo para os homens sob o seu comando ou como força de oposição aos vícios mais destrutivos do homem (como a ganância).

Logo na sua primeira *Constitutio*, o *basileús* esboça o perfil do homem que quer ao comando das suas forças: sábio, corajoso, justo, discreto<sup>302</sup> e leal<sup>303</sup>. Na *Constitutio* seguinte, acrescenta mais algumas qualidades: serem autocontrolados no que toca aos seus vícios, terem um modo de vida frugal, serem incansáveis<sup>304</sup>, gentis mas não lenientes para com os seus soldados, exigentes mas não demasiado severos<sup>305</sup>. Neste último aspeto, o imperador defende que o general deve ser amado pelos seus soldados<sup>306</sup>, pois tal efeito motivá-los-á a obedecer às ordens dele mais rapidamente e a lutarem com mais fervor a seu lado<sup>307</sup>.

A justiça, a gentileza e a humildade revelam-se nas palavras do imperador no capítulo sobre guerra de cerco, sendo cruciais após a tomada de um sítio fortificado. Leão VI defende que as populações devem ser tratadas daquela forma, para que aceitem os seus conquistadores, citando os feitos de Nicéforo Focas *O Velho*. O reputado *strategós* terá conquistado os Lombardos não só pela força das armas, mas também pelo seu caráter, quando tratou com justiça os habitantes das povoações da Calábria, os isentou de impostos e os salvou da escravidão<sup>308</sup>. Por outro lado, recordamos a perda de Benevento pelos Bizantinos, em 895<sup>309</sup>, que terão sido traídos pela população depois de a terem oprimido e maltratado.

Para o autor, a inteligência constitui uma virtude quase sem paralelo em todas as suas vertentes (perspicácia, argúcia, eloquência, entre outros), como se vê no seguinte excerto:

«Quando se trata dos prazeres do corpo, ele deve praticar o autocontrolo. Mas, nos aspetos da mente, ele é insaciável e nunca fica satisfeito nos seus esforços de praticar ações bem-sucedidas. Quando a situação ainda não é clara, ele apercebe-se do que tem de ser feito. Inteligente e perspicaz, ele está sempre certo quando avalia o que está escondido naquilo que está visível. Ele é experiente em armar e formar o seu exército em posições de batalha. As suas palavras são capazes de ressuscitar o moral do exército quando está baixo, preenchê-lo com boas expectativas e prepará-lo para enfrentar perigos. Ele deve ser muito rigoroso no que

---

<sup>302</sup> Vide Anexo VIII q).

<sup>303</sup> Vide Anexo VIII j).

<sup>304</sup> *Taktiká*, II.3-10.

<sup>305</sup> *Taktiká*, II.131-136. Esta secção é uma paráfrase de Onasandro: vide Onasandro, *Strategikós*, II (a partir de agora, as referências desta obra vão passar a ser feitas da seguinte forma: *Onas.*, livro).

<sup>306</sup> Devendo fazer por ter uma relação paternal com eles e até viver com/como eles. *Taktiká*, XX.36-37, parágrafo que acusa influência do *Stratēgikón*, VIII.1.(3) – que, por sua vez, a fora buscar a *Onas.*, I.

<sup>307</sup> *Taktiká*, II.46-50.

<sup>308</sup> *Taktiká*, XV.201-206.

<sup>309</sup> Cf. *supra* 2.2; não tivemos acesso à fonte lombarda, pelo que remetemos para Giorgio Ravegnani, de onde obtivemos esta informação em primeiro lugar. Vide RAVEGNANI, G. – *Op. cit.*, p.160.

toca a acordos ou promessas, não ser demovido por bons falantes que o querem afastar do seu dever.»<sup>310</sup>

A capacidade de decisão é outra valência fundamental para um general, para que ele evite grandes riscos em certas ações<sup>311</sup>. Este ponto é reforçado na *Constitutio* III – «Sobre como é necessário fazer planos» – num capítulo onde Leão exorta o general a ter cabeça fria e a ser cuidadoso nas suas decisões<sup>312</sup>, mas também a ser prudente na escolha dos seus conselheiros<sup>313</sup>. Em relação ao processo deliberativo, o autor aconselha o general a manter uma postura imparcial no que respeita ao que possa estar associado à ação em causa; a preservar a mente aberta relativamente a todas as possibilidades que possam desbloquear o plano; e, particularmente, a ser determinado na altura de agir<sup>314</sup>.

Leão, no entanto, não se prende a questões apenas relacionadas com as virtudes de um general, na altura de o escolher. Salienta também razões de natureza económica, familiar ou de forma física, que podem ter importância na altura de selecionar alguém para o cargo de *strategós*. Nas valências sociais, o *autokrátor* confessa a sua preferência por generais que tenham família, sejam ricos e pertençam a uma boa linhagem, desde que, claro, cumpram os requisitos das virtudes<sup>315</sup>. Por outro lado, admite que homens pobres e de origens humildes também têm direito a ocupar esta função<sup>316</sup>, desde que mostrem habilidade e probidade.

Em termos de idade, Leão informa-nos que os melhores generais são aqueles que já possuem alguma experiência militar, evidenciando boa forma física<sup>317</sup>. De outra maneira, nas palavras do imperador, serão criados *stratégoi* com boa «mente deficitária em força física» ou com «força desprovidos de inteligência», e qualquer uma destas fórmulas não resultará em nada de produtivo e não será capaz de gerar algum feito proveitoso<sup>318</sup>.

Por fim, o *strategós* deve-se preocupar em estar nas graças de Deus, em cumprir os seus mandamentos e em amá-Lo, arguindo que qualquer plano ou tática só terá sucesso se o general contar com a providência divina. O autor remata esta questão comparando um general

---

<sup>310</sup> *Taktiká*, II.120-128. O parágrafo destas linhas encontra influência em: *Onas.*, I-II.

<sup>311</sup> *Taktiká*, II.183-184.

<sup>312</sup> O processo de planeamento deve decorrer durante algum tempo, a não ser que seja necessário tomar ação imediata, *vide Taktiká*, III, 41-42. Influência principal em *Stratēgikón* II e VIII.1.(5); e em *Onas.*, III.

<sup>313</sup> Leão refere duas categorias preferenciais para essa escolha: uma primeira de tipo militar, onde aconselha o general a pedir opiniões aos turmarcas e oficiais que se seguem na hierarquia; em segundo, a nível psicológico, onde a escolha deve recair sobre sujeitos experientes, perspicazes e de confiança, em especial se a decisão estiver relacionada com uma operação sigilosa, devendo-se evitar indivíduos calculistas, que possam fazer perigar o plano em questão, em resultado dos seus interesses. *Vide Taktiká*, III.26-33 e 37-40.

<sup>314</sup> *Taktiká*, III.41-42.

<sup>315</sup> *Taktiká*, II.114-115. O parágrafo destas linhas encontra influência em: *Onas.*, I-II.

<sup>316</sup> *Taktiká*, II.115-116. O parágrafo destas linhas encontra influência em: *Onas.*, I-II.

<sup>317</sup> Conjugando as duas qualidades que ele atribui aos jovens (força) e aos mais velhos (experiência).

<sup>318</sup> *Taktiká*, II.43-45.

sem o apoio de Deus mas com grandes habilitações estratégicas ou táticas, a um timoneiro que, apesar de ter muita experiência, não pode conduzir o seu navio para onde quer, porque o vento sopra no sentido oposto ao que deseja<sup>319</sup>. O comandante deve ainda assegurar-se de que a guerra que irá travar tem uma causa justa, pois só assim desfrutará do apoio divino, tentando sempre zelar pela paz<sup>320</sup>.

## 5.2 – O exército provincial bizantino: soldados, oficiais, estrutura e números<sup>321</sup>

A *Constitutio* que aborda principalmente este tema (IV) começa com um trecho original, da pena de Leão. Aqui são abordadas questões relacionadas com o recrutamento de soldados. Que tipo de guerreiros devem ser mobilizados? Que condições financeiras devem ter? Devem ter família? Muito sucintamente, a resposta a esta questão é a seguinte: o *thematikoí* deve ser corajoso, ter boa forma física, ser nem muito velho, nem muito novo, e financeiramente estável<sup>322</sup>. Neste ponto, o *basileús* acentua a importância de um soldado se conseguir equipar sozinho, ou com o apoio dos membros do seu lar (familiares ou servos).

A alegação no final do primeiro parágrafo da *Constitutio IV*<sup>323</sup> permite remeter para uma preferência de Leão na recruta de *stratiótai* (aqueles que possuem obrigações militares<sup>324</sup>). No entanto, na *Constitutio XX* não se descarta a possibilidade de soldados que não possuíssem *strateía* ou meios económicos suficientes de participarem na guerra, implicando que estes podiam ser patrocinados por homens ricos com *strateía* que não desejassem participar em campanhas. Assim, aqueles que não possuíssem meios económicos para se equiparem autonomamente poderiam combater enquanto, por outro lado, os *stratiótai* ricos seriam dispensados de participar em campanhas e de cumprir o serviço militar ativo<sup>325</sup>.

O *autokrátor* dedica ainda algumas palavras à personalidade ideal do oficial, mas utiliza a mesma descrição (de forma mais sucinta) que dedica para os generais: deve ser de confiança, crente, leal, corajoso, entre outros predicados. Apesar disso, refere que deve existir alguma solidariedade do oficial para com os seus soldados, defendendo que caso estes sejam

---

<sup>319</sup> *Taktiká*, II. 163-167. Encontra influência em *Stratēgikón*, Prólogo.

<sup>320</sup> Vide Anexo VIII o).

<sup>321</sup> As *Constitutiones* referentes a esta temática são: IV e XX.

<sup>322</sup> *Taktiká*, IV.3-14.

<sup>323</sup> Que nos informa ainda de alguns benefícios que o guerreiro bizantino possuía como as isenções fiscais de todos os impostos, excluindo o *demósion* (e, de acordo com Haldon, subtilmente o *kapnikón*) vide HALDON, J. (2017) - *Op. cit.*, p. 143.

<sup>324</sup> Cf. *supra* I.3.

<sup>325</sup> Apesar de o homem rico ser algo criticado por Leão, que ali o apelida de cobarde. Vide Anexos VIII d).

ricos, devem partilhar alguns dos seus fundos com os seus soldados, que por sua vez lhe serão mais fiéis e estarão prontos a enfrentar qualquer adversidade ao seu lado<sup>326</sup>.

Quanto à estrutura do exército, Leão informa-nos que a unidade básica do exército imperial é o *tágma* ou o *bándon*<sup>327</sup>, que deveria ter cerca de 300 homens, preferencialmente, e ser comandado pelo *kómes*. Caso este número não se pudesse cumprir, devia ter entre 200 e 400 soldados, não podendo ter menos ou mais que este número. Maurício indica que o número de homens nos seus *tágmata* deveria estar entre 300 a 400 efetivos<sup>328</sup>, enquanto um tratado mais tardio, o *Sylloge Tacticorum*, informa que a quantidade de soldados dependeria do tipo de unidade: se fosse de cavalaria, ia dos 50 aos 400 homens; se fosse de infantaria, dos 200 aos 400<sup>329</sup>. Cada *bándon* deveria possuir ainda um porta-estandarte.

Na altura de combater, os *bánda* eram divididos em decarquias (fileiras) que podiam conter um número variado de homens nela, dependendo da extensão das fileiras, podendo ter quatro, cinco, oito, dez ou dezasseis soldados, organizados por laços familiares ou de amizade<sup>330</sup>. A fileira devia ser liderada por um decarca, tendo de possuir ainda um pentarca<sup>331</sup>, para ocupar o centro da fileira, e dois tetrarcas<sup>332</sup>, para as posições de retaguarda<sup>333</sup>. Em caso de desdobramento das decarquias, uma das colunas seria liderada pelo decarca e encerrada por um tetrarca, enquanto outra era encabeçada pelo pentarca<sup>334</sup> e fechada por outro tetrarca<sup>335</sup>. Estas unidades deviam ser compostas por membros das mesmas comunidades ou famílias, de forma a motivá-los a combater melhor na hora da batalha.

---

<sup>326</sup> Vide *Taktiká*, IV.25-29.

<sup>327</sup> Para evitar confusão com os corpos militares imperiais com a mesma atribuição, passaremos a referir-nos a esta unidade apenas como *bándon* (ou *bánda*, caso seja plural). Poderemos, eventualmente, utilizar *tágma/tágmata*, se nos estivermos a referir à unidade básica do exército de Maurício.

<sup>328</sup> *Stratēgikón*, I.4.

<sup>329</sup> Tendo em conta a proximidade de escrita dos dois tratados (o *Sylloge* será da primeira metade do século X, se não do próprio reinado de Leão), John Haldon acredita que podemos estimar que a realidade militar na altura da escrita do *Taktiká* se pode aproximar mais dos valores do *Sylloge* do que dos do *Taktiká*, que é muito influenciado pelo *Stratēgikón*, vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 59.

<sup>330</sup> *Taktiká*, IV.162-167. Influência de Onasandro, *Onas.*, XXIX.

<sup>331</sup> No *Stratēgikón*, este homem ocupa a segunda posição da fileira. *Stratēgikón*, III.2. Leão, no entanto, parece misturar o pentarca com o tetrarca. Na *Constitutio XVIII*, quando fala da organização preferível para um exército de um *théma* em batalha, refere que o pentarca também é o *ourágos*, ou seja, o homem que fecha a linha. *Taktiká*, XVIII.770-776.

<sup>332</sup> Leão não informa diretamente que deva haver dois tetrarcas, mas informa que devem existir dois “guardas-de-coluna”, que ocupam as duas últimas posições da fileira. Uma vez que haverá a possibilidade de desdobrar a fileira, advindo daí a necessidade de haver dois tetrarcas, é provável que os homens que ocupassem esta posição já estivessem escolhidos numa fileira singela.

<sup>333</sup> *Taktiká*, IV.79-84.

<sup>334</sup> Haldon adverte para o facto de estas unidades táticas (pentarca e tetrarca) não serem permanentes, pois só aparecem em tratados militares. Daí deduzimos que os homens que ocupam estas posições só eram escolhidos na altura de organizar o exército. Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 152.

<sup>335</sup> *Idem, Ibidem*, p.162.

Mas regressemos à estrutura do exército. Um conjunto de *bandá* forma um *droúngos*<sup>336</sup>, liderado por um drungário, não devendo ultrapassar os 3000 homens. Vários *droúngoi* formam uma *toúrma*<sup>337</sup> comandada por turmarca, que não pode ter mais de 6000 homens<sup>338</sup>. Finalmente, três *toúrmai*<sup>339</sup> formam um exército sob o *strategós*, existindo ainda um *hypostrategós*, que é o comandante da segunda *toúrma*, que poderá tomar conta das funções do *strategós* se assim for necessário<sup>340</sup>.

Por fim, Leão adverte que se deve ter cuidado com o tamanho das *toúrmai* e dos *droúngoi*, não podendo ser demasiado numerosos para não comprometer a capacidade de liderança dessas unidades<sup>341</sup>. Qualquer excesso de homens deve ser utilizado para proteger a retaguarda e os flancos da primeira formação de batalha, ou para participar em emboscadas ou flanqueamentos. Por outro lado, aconselha o general a ter cuidado com o número dos *bandá*, recomendando que estes tenham quantidades de soldados distintas para evitar que os batedores inimigos consigam estimar com clareza quantos homens tem o exército romano<sup>342</sup>.

Relativamente ao número de soldados por exército, Leão pressupõe que uma hoste de tamanho médio deveria ter entre 5000 e 12 000 homens<sup>343</sup>. O valor máximo apresentado envolveria uma mobilização quase integral dos *stratiótai* «temáticos», uma quantidade de homens sem dúvida exagerada para um exército de um único *théma*<sup>344</sup>. Não nos podemos esquecer de que quanto maior é o número de homens em campanha, maiores serão os problemas logísticos para essa hoste (vai necessitar de um trem-de-apoio maior, de mais não-combatentes, o que, por sua vez, pressuporá uma velocidade mais lenta, visto não se tratar de um exército nómada). O valor mais provável seriam os 4000 homens (usuais) que ele refere quando fala das campanhas a Oriente, contra os Árabes<sup>345</sup>, tendo em conta a velocidade de deslocação de que os exércitos dos *themáta* necessitariam para conseguir agir contra estas investidas inimigas<sup>346</sup>.

---

<sup>336</sup> No *Stratēgikón* de Maurício, a unidade equivalente era a *moira* ou quiliarquia comandada por um moirarca ou quiliarca. *Stratēgikón*, I.4.

<sup>337</sup> Corresponde aos *meros* de Maurício, liderados por um merarca. *Vide Stratēgikón*, I.4.

<sup>338</sup> *Taktiká*, IV.194-196.

<sup>339</sup> Leão adverte que cada uma destas divisões tem de ter o mesmo número de homens. *Taktiká* IV, 189-193. Encontra reflexo em *Stratēgikón*, I.4.

<sup>340</sup> *Taktiká*, IV.186-188. *Stratēgikón*, I.4.

<sup>341</sup> *Taktiká*, IV.202-204. Conselho também presente em *Stratēgikón*, I.4.

<sup>342</sup> *Taktiká*, IV.205-208. *Stratēgikón*, I.4.

<sup>343</sup> *Taktiká*, XII.174-175. *Stratēgikón*, II.4.

<sup>344</sup> *Taktiká*, IV.74-175 e HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.103.

<sup>345</sup> *Taktiká*, XVIII.841-843.

<sup>346</sup> Neste caso, seriam possivelmente quatro mil homens de cavalaria ligeira, a *kaballarika themata*, talvez com algumas tropas de infantaria (montada, quiçá) para os apoiar caso fosse necessário. O grosso da infantaria (mal equipada e treinada) ficaria encarregada de guarnecer fortificações e outros pontos estratégicos. *Vide HALDON, J. (2001) – Op. cit.*, p.52.

De facto, hostes mais numerosas só seriam viáveis se resultassem da conjugação de meios e de soldados de vários *themáta* para fazer frente a uma invasão de elevadas proporções. Tal parece ter sido o caso de Lalacão, quando um exército bizantino, formado por soldados de vários *themáta* e dos *tágmata*, aniquilou uma hoste árabe em prol de possuir superioridade numérica<sup>347</sup>, ou do exército de Leão Katakalon, derrotado em Bulgarophygon, no ano de 896<sup>348</sup>.

Regressando aos oficiais, Leão refere ainda mais alguns, bem como certos tipos de soldados, apesar de isto ser quase uma paráfrase do *Stratēgikón*, onde a terminologia é alterada (ou adicionada) para corresponder à realidade do tempo do *basileús*. Por exemplo, as tropas de assalto (*kouúrsoures*) responsáveis por carregar ou perseguir soldados inimigos são apelidadas de *proklástai* ou *prómachoi*, enquanto os militares encarregados de os apoiar, caso tenham de retirar, são chamados defensores (à semelhança do tempo de Maurício) ou *ekdíkous*<sup>349</sup>. No *Taktiká*, os espiões chamam-se *skoulkátoures*, enquanto no *Stratēgikón* são denominados de batedores<sup>350</sup>. Por exemplo, o porta-capas<sup>351</sup> não está presente no *Taktiká*. Os restantes encargos<sup>352</sup> apontados pelo autor têm exatamente a mesma nomenclatura que no *Stratēgikón*.

Leão refere ainda alguns cargos civis, mas que são de extrema importância para o exército de um *théma*: o protonotário, o cartulário e o pretor. Acerca do protonotário já aludimos à sua importância no primeiro capítulo<sup>353</sup>. O cartulário era um oficial escolhido pelo *logothésion tōn genikon*, sendo o responsável pelos registos militares de um *théma*; por fim, o pretor era o oficial que tratava das questões jurídicas numa província<sup>354</sup>.

### 5.3 – Logística: marchas, trens-de-apoio e acampamentos

A segurança de um exército enquanto se desloca de região em região é uma questão central. Primeiro, porque uma hoste em andamento é extremamente vulnerável, caso se veja a braços com um ataque-surpresa ou a atravessar terreno difícil. Segundo, porque uma multidão de soldados em movimento representa um grave risco para as populações locais, caso o

---

<sup>347</sup> HALDON, J. (2001) – *Op. cit.*, p.85.

<sup>348</sup> TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p.79.

<sup>349</sup> *Taktiká*, IV.100-102. *Stratēgikón*, IV.3.

<sup>350</sup> *Taktiká*, IV.110-111. *Stratēgikón*, IV.3.

<sup>351</sup> Oficial responsável por escoltar o porta-estandarte, HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.153. *Stratēgikón*, IV.3.

<sup>352</sup> Flanqueadores, guarda-flancos, corpos médicos e responsáveis de quartelamento, entre outros.

<sup>353</sup> Cf. *supra* 1.1.

<sup>354</sup> Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, pp. 159-160.

percurso seja efetuado no próprio território bizantino ou aliado. Terceiro porque, no caso de Bizâncio, o ato de marcha em formação representa, também ele, um treino de disciplina e um exercício prático para o soldado<sup>355</sup>, bem como um exercício de comando para quem estiver à frente dessa força (o *strategós*, o turmarca, ou outro).

As primeiras indicações de Leão remetem para a segurança dos súbditos do imperador, e não dos soldados em si. O *basileús* emite dois avisos nesse sentido: primeiramente, que o general deve manter os seus soldados sob controlo e evitar a todo custo que estes saqueiem e destruam as possessões dos súbditos de Constantinopla; em segundo, abandonar o território bizantino o mais cedo possível, de forma a evitar que se gastem os recursos alimentares romanos (frisando ainda que, quanto mais rico for o território do adversário, melhor).<sup>356</sup>

Enquanto o exército avança, os soldados devem começar a exercer as suas funções: os *minsouratores*<sup>357</sup> devem ser enviados para bater o terreno (caso este seja desconhecido e não haja acesso a guias locais) e para montar o acampamento. Quanto aos esquadrões de aquartelamento, devem começar a procurar fontes de água e locais para forragens<sup>358</sup>.

O *basileús* procede ainda a uma clarificação sobre a forma como o exército em marcha deve proceder em alguns terrenos: com muito arvoredo ou desnivelado<sup>359</sup>; em território cultivado bizantino<sup>360</sup> ou inimigo (onde aconselha que se pilhe o que se puder e se destrua o que não se puder aproveitar)<sup>361</sup>; a atravessar rios, onde Leão utiliza uma experiência do pai, como já referimos<sup>362</sup>; e nos desfiladeiros. Das marchas assinaladas, decidimos dar preferência à forma de atravessar terrenos difíceis ou desfiladeiros, o que se afigurava de elevada importância para a conjuntura estratégica da época: saber como ocupar uma *kleisoûrarchia*<sup>363</sup> era algo fundamental na guerra travada a Oriente e a Ocidente (contra os Búlgaros), tanto a nível defensivo como ofensivo.

Assim, se um exército provincial desejasse atravessar uma garganta montanhosa, deveria enviar contingentes à sua frente para ocuparem os pontos altos e as embocaduras dessas passagens, antes que os seus inimigos o pudessem fazer, colocando em risco a

---

<sup>355</sup> *Taktiká*, IX.23-25.

<sup>356</sup> *Taktiká*, IX.3-13. Assinalem-se as influências de *Onas.*, VI.

<sup>357</sup> Batedor responsável por encontrar um lugar ideal para se construir um acampamento. *Taktiká*, IV.103-105.

<sup>358</sup> *Taktiká*, IX.33-41.

<sup>359</sup> *Taktiká*, IX.42-46. O autor informa o general de que deve enviar um grupo de soldados para nivelar o terreno e cortar as árvores ao longo do percurso pretendido, caso fosse necessário.

<sup>360</sup> *Taktiká*, IX.73-82.

<sup>361</sup> *Taktiká*, IX.97-103.

<sup>362</sup> Vide Anexo VIII g).

<sup>363</sup> Aqui não nos referimos aos pequenos distritos militares, mas sim aos desfiladeiros.

segurança da hoste bizantina<sup>364</sup>. Só depois disto acontecer é que o *strategós* deveria ordenar aos seus soldados<sup>365</sup> que atravessassem o desfiladeiro ordenadamente: formados em duas colunas paralelas com o trem-de-apoio (com ou sem botim) no centro, contando ainda com uma vanguarda e uma retaguarda (dita *saka*). De forma a fortalecer os flancos, deviam ser colocadas tropas ligeiras sobre o desfiladeiro nos quatro lados da disposição tática, com o objetivo de proteger a formação em movimento e de evitar que ataques inimigos a desorganizassem com ataques nas laterais. Para além da carriagem, no centro deviam estar as montadas suplentes ou que não estivessem a ser usadas, para evitar a fuga dos homens da falange, em caso de pânico<sup>366</sup>. No caso deste exército possuir um grande contingente de infantaria, então dever-se-ia organizar mais ou menos da mesma forma, excetuando se não conseguissem caber todas as forças no desfiladeiro. Nesse caso, deviam desfazer a formação<sup>367</sup>, passar uma de cada vez e voltar a formar assim que a passagem tivesse sido feita.

Para evitar problemas na viagem de regresso, era recomendável deixar um destacamento a guardar a garganta<sup>368</sup>. No regresso da expedição, era aconselhável usar novamente esta formação, até porque um ataque nestas regiões era então mais provável, pois a hoste estava carregada de despojos e prisioneiros. No caso de o exército ficar encurralado no desfiladeiro, Leão propunha duas opções: negociar com o inimigo a libertação através do retorno parcial ou total do botim; ou matar os prisioneiros<sup>369</sup>. A hoste deveria então dar meia-volta e destruir o território do inimigo, ou tentar escapar de alguma forma.

Concluída esta sucinta análise das marchas que consideramos mais importantes nesta altura, observemos agora a importância da carriagem:

«O trem-de-apoio consiste nos mantimentos e tudo mais que é necessário para os soldados, isto é, servos<sup>370</sup>, animais de carga, e outras bestas, bem como tudo o resto que é trazido para o serviço do exército.»<sup>371</sup>

---

<sup>364</sup> Apesar de as forças dos *themáta* terem um propósito maioritariamente defensivo, haveria a hipótese de realizarem contra-raides contra o território inimigo.

<sup>365</sup> Caso houvesse cavalaria, esta deveria desmontar.

<sup>366</sup> *Taktiká*, IX.195-234. *Stratēgikón*, IX.

<sup>367</sup> A frente com duas ou quatro divisões de infantaria pesada, dependendo do tamanho, seguidas pelo trem-de-apoio, a cavalaria e uma *saka* com infantaria pesada e ligeira. *Taktiká*, IX.284-291. *Stratēgikón*, XII.19-20.

<sup>368</sup> Muitas vezes, em termos defensivos, os Bizantinos deixavam os Árabes da Cilícia passar pelos desfiladeiros, ocupando-os posteriormente e atacando quando estes se encontravam mais vulneráveis. O caso mais espetacular desta estratégia é a batalha de Andrassos, em 960, quando forças bizantinas sob Leão Focas ocuparam o desfiladeiro que o emir hamdânida Sayf ad-Dawlah tencionava usar para regressar a Alepo e o emboscaram na viagem de regresso. Para esta batalha e estratégia, vide NISA, J. (2016) – *Op. cit.*, pp. 80-81.

<sup>369</sup> *Taktiká*, IX.241-247. Os prisioneiros também podiam servir como escudo da falange, frente às flechas do inimigo. *Taktiká*, IX.235-238.

<sup>370</sup> Ou familiares dos soldados, caso ainda estivessem em território amigável. De acordo com John Haldon, a importância destes não-combatentes prendia-se com a sua utilidade em ajudar a organizar a bagagem, bem como a ajudar nas tarefas mais ordinárias. Não obstante, eram mais uma boca a alimentar, abrandavam o exército em

Durante uma marcha em território hostil, a carriagem, pela sua grande importância<sup>372</sup> ocupava sempre o meio da coluna (para se encontrar permanentemente protegida) e a alguma distância do resto da hoste, para não causar desorganização na hoste em movimento<sup>373</sup>. Antes de o exército partir para uma batalha, o trem e todos o que o acompanhavam deviam ser deixados num lugar seguro<sup>374</sup>, sob os cuidados do oficial responsável pela sua proteção e por guiar as bestas de carga (burros ou mulas), vigiadas por soldados pobres ou por servos<sup>375</sup>.

Em relação às montadas, cada *bándon* deveria guardar a forragem necessária para um dia, para o caso de o resultado da batalha ser adverso a recolher feno fora do acampamento<sup>376</sup>. Quando os soldados partiam para o combate, deviam deixar as montadas de reserva na carriagem<sup>377</sup>, para não entrarem em pânico durante a peleja. Apenas deveriam ser levadas para o confronto se isso fosse preciso, transportando o soldado responsável por elas uma tenda pequena ou dois mantos pesados<sup>378</sup>. No caso de ser preciso empreender uma operação ofensiva ou de saque, os soldados deviam manter os seus cavalos armados e vigorosos.

Algo original na *Constitutio* de Leão sobre trem-de-apoios é a distinção de meios de transporte de mantimentos e de utensílios: no caso de ser um exército de infantaria, o trem-de-apoio devia ser constituído por carroças; se fosse uma hoste maioritariamente de cavalaria, a carriagem consistiria em bestas de carga, como burros ou mulas<sup>379</sup>.

Dediquemos as últimas palavras ao acampamento militar bizantino, o qual representava um outro aspeto essencial da forma de fazer a guerra em Bizâncio, constituindo um fator importante que condicionava a vitória ou a derrota de um exército. Toda a orgânica do acampamento tinha de funcionar bem para se garantir o máximo de organização possível, evitar engarrafamentos de unidades durante situações de retirada e assegurar uma boa defesa (em caso de estarem em território inimigo, ou com o adversário nas proximidades, a infantaria deveria ocupar posição do lado da paliçada, de forma a poder proteger a cavalaria quando esta voltava de campanhas no exterior).

---

marcha e eram um risco para a segurança e disciplina no acampamento. *Taktiká*, X.6 e 12-16; Organização de uma Campanha, XV (daqui em diante, *OdC*); HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.232.

<sup>371</sup> *Taktiká*, IV.120-122;

<sup>372</sup> Na viagem de regresso de raides a território inimigo podia incluir o despojo.

<sup>373</sup> *Taktiká*, X.66-70. *Praecepta Militaria*, IV (daqui em diante, *PrM*); *OdC.*, X.

<sup>374</sup> Acampamento ou sítio fortificado que tenha bom acesso a forragem e água. *Taktiká*, X.36-50. Veja-se um conselho parecido em *Peri Paradrómes*, XVI (daqui em diante, *PP*).

<sup>375</sup> De acordo com Leão e Maurício, cada soldado poderia tomar conta de três a quatro animais. *Taktiká*, IV.154-155. *Stratēgikón*, I.5.

<sup>376</sup> *Taktiká*, X.56-62; *Stratēgikón*, I.5.

<sup>377</sup> Um para servir de proteção e outro para servir de tenda ou de canópia.

<sup>378</sup> Vide *Taktiká*, X.48-50. *Stratēgikón*, V.

<sup>379</sup> *Taktiká*, X.76-78.

Assim sendo, quais eram os fatores predominantes na altura de escolher um sítio para acampar em território inimigo? A segurança era o primordial, tendo os *minsouratores* de encontrar um local apto a ser defendido e, caso tal circunstância não fosse possível, fortificar o acampamento por meio de trincheiras e paliçadas. O abastecimento das tropas era outro fator muito importante e o arraial devia ser instalado num local com bom acesso a água e a forragens. Caso a fonte de água fosse um rio, o acampamento devia ser instalado de forma a permitir que o curso de água o atravessasse no meio, devendo para esse efeito o arraial ser montado num local onde a travessia fosse fácil, ou (se o rio tivesse um caudal muito grande ou demasiado intenso para possibilitar a travessia) num dos flancos do recinto, de forma a servir de defesa natural contra o inimigo<sup>380</sup>.

Por fim, a saúde e o bem-estar dos homens eram também cruciais, pelo que o sítio onde estes pernoitavam e se protegiam deveria ser instituído num local longe de pântanos e outros locais húmidos (com lama, por exemplo), de forma a evitar surtos de doença que pusessem em causa a saúde (e até a vida) do soldado<sup>381</sup>. Por outro lado, não se recomendava a manutenção do exército num mesmo sítio durante muito tempo, devido à quantidade de dejetos humanos (e animais, pois os cavalos também estavam no acampamento!) produzidos<sup>382</sup>, mas também para conforto dos próprios homens<sup>383</sup>.

Para terminar, vamos abordar a estrutura e a defesa do acampamento. De acordo com o *basileús*, o acampamento deveria ter uma forma retangular, dividindo-se em quatro quadrantes separados por duas ruas perpendiculares que fizessem uma forma de cruz, as quais ligavam as entradas do acampamento<sup>384</sup> e o centro deste. A infantaria ligeira e os vagões da carriagem<sup>385</sup> deviam ocupar posições ao longo do perímetro e a cavalaria deveria ser aquartelada mais para o interior do arraial<sup>386</sup>. Quanto aos oficiais principais, os turmarcas deviam ser posicionados no meio das forças que comandavam, enquanto o *strategós* devia

---

<sup>380</sup> Neste caso, o autor procede a um conjunto de conselhos para preservar a pureza da água, relacionados com o sítio onde os cavalos bebem: se o rio fosse pequeno, devia ser-lhes dada água a beber por meio de baldes; se o caudal fosse grande, então deveriam ser guiados para beber a jusante. *Taktiká*, XI.165-172.

<sup>381</sup> *Taktiká*, XI.15-20.

<sup>382</sup> Que deveriam ser largados no exterior do acampamento; Leão alegava ser pelo odor, mas a razão principal deveria ser a proteção sanitária. *Taktiká*, XI.162-164.

<sup>383</sup> A única exceção a esta regra parecem ser os aquartelamentos de Inverno, onde existiam edifícios para os homens habitarem. *Taktiká*, XI.23-27.

<sup>384</sup> Para além destas entradas, protegidas por um enorme portão, deviam-se instalar várias «poternas», possivelmente para permitir a entrada e saída de pequenos grupos de homens.

<sup>385</sup> Que também poderiam servir para criar uma barreira improvisada em torno do acampamento, chamada *karagos*. Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.245.

<sup>386</sup> A um intervalo de 94 a 125 metros, de acordo com Maurício e Leão, para proteger os animais de carga e os cavalos dos projéteis inimigos. O *Praecepta Militaria* refere que a distância deveria ser de “um tiro de arco” (possivelmente 330 metros, de acordo com o *Sylloge Tacticorum*), existindo discussão de outros valores. *Taktiká*, XI.80-87; *Stratēgikón*, XII.B.22; *PrM*, V.5.; HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, pp. 248-249.

estar longe do centro (Leão indica «para o lado», pelo que supomos a mesma condição que no caso dos turmarcas) para não obstruir o trânsito e não ser perturbado pelas tropas a passar<sup>387</sup>.

Para além da escolha dos *bandá* mais experientes, de forma a guardar os portões, dever-se-ia proceder ainda à escolha de soldados para executar patrulhas noturnas e para servirem de vigias, fora do perímetro. Em relação às fortificações do arraial, eram constituídas por trincheiras que deviam ter cerca de 1,80 m de largura e entre 2,10 e 2,40 metros de altura, devendo ser precedidas por covas-de-lobo e por estrepes<sup>388</sup>. Por fim, deveria existir ainda uma paliçada ou fortificação em torno do acampamento<sup>389</sup>.

---

<sup>387</sup> *Taktiká*, XI.91-95.

<sup>388</sup> Nicéforo Focas *o Velho* terá criado uma espécie de estrepe que consistiria num género de tripé com três pedaços de madeira; os que serviam de base deviam ter 70 cm de comprimento, e o superior devia possuir entre 1,17 a 1,40 metros. Nesta estrutura, colocar-se-ia depois uma lâmina larga com 46,80 cm de comprimento na “perna maior”, o que tornava esta arma uma excelente invenção contra a cavalaria e extremamente fácil de transportar, de acordo com Leão. *Taktiká*, XI.128-142; O *Taktiká* de Nicéforo Ouranos refere um dispositivo parecido, *Taktiká* de Nicéforo Ouranos, LXV (de aqui em diante será referido como *Ouranos*).

<sup>389</sup> Leão refere uma *stabarōsai*, uma paliçada de estacas pontiagudas construída com madeira trabalhada, ou a partir de árvores cortadas no local. *Taktiká*, XI.40-42.

## **Capítulo 6 – *Taktiká*: a arte de bem comandar**

«A Tática é a ciência do movimento, na guerra. Nesta, existem dois movimentos, os feitos em terra e os praticados no mar.

A Tática é a perícia militar que diz respeito a formações de batalha, ao armamento e à movimentação de tropas.»

Leão VI *in Taktiká*, I, linhas 3-6<sup>390</sup>

Fazendo jus ao nome do tratado, a *Taktiká* é a disciplina mais abordada ao longo da obra e recolhe em si um grande conjunto de assuntos que preocupam o *basileús*: a distribuição de armamento, o treino de tropas, a disposição no campo de batalha e a forma como a guerra deve ser encarada contra outros povos. Tendo em conta estas características, decidimos dividir este capítulo em três subcapítulos: um primeiro onde abordamos o armamento e o treino dos soldados bizantinos, quer de cavalaria ou da infantaria; um outro, onde examinamos a forma como Bizâncio encarava o conflito com outras nações, de onde salientaremos os Árabes e, até certo ponto, os Búlgaros; e, por fim, um terceiro onde referimos a forma como o exército romano devia agir no campo de batalha, perante as mais variadas desvantagens.

### **6.1 – O armamento e o treino**

«Agora, nós ordenamos a Sua Excelência que dirija a sua atenção para as armas que deve empregar na guerra, assim para o equipamento das forças de infantaria e de cavalaria.»

Leão VI *in Taktiká*, V, linhas 3-4<sup>391</sup>

Antes de nos lançarmos no resumo e análise do que Leão escreve sobre estas questões, convém tecermos algumas considerações introdutórias acerca destes assuntos. Primeiramente, a forma como o equipamento era distribuído neste período da história de Bizâncio. Logo no início da *Constitutio V*, o *basileús* refere que parte do provimento do material que equipava o exército dependia do general e dos turmarcas, seus segundos-em-comando. Isto parece-nos um pouco contraproducente, se tivermos em conta que o império vivia uma fase em que os únicos soldados que eram equipados com apoios estatais eram os dos *tágmata* da capital. Por outro lado, o *basileús*, mais tarde, admite que é preferível serem os soldados ricos a participar

---

<sup>390</sup> DENNIS, G. T. (2014) – *Op. cit.*, pp. 12-13.

<sup>391</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 74-75.

nas campanhas<sup>392</sup>. Por estas razões, pensamos que aquilo a que Leão se refere, não será o equipamento alusivo aos *stratiótai* que dispunham de melhores meios económicos, mas sim os soldados que não tivessem meio de se equipar sozinhos<sup>393</sup>.

Por outro lado, há a possibilidade de os apetrechos aqui mencionados serem algo de diferente, não relacionado com o equipamento dos soldados em si, como por exemplo tendas, munições, máquinas de cerco<sup>394</sup>, entre outros. Estes, à semelhança dos mantimentos, deviam ser adquiridos com a ajuda dos artesãos do *théma*, pelo que não será de estranhar que fossem os principais responsáveis pela manutenção do corpo armado (os primeiros homens do comando e o *protonotário*) a tratar destes assuntos. No entanto, existe ainda a possibilidade de o equipamento aqui referido também incluir material suplente (aqui aludimos a armamento ofensivo e defensivo) que, por qualquer razão, tivesse de ser repostado durante a campanha<sup>395</sup>.

Em relação ao treino, para Leão, este mostrava-se essencial não só para melhorar as aptidões dos seus soldados e os preparar para as vicissitudes do combate<sup>396</sup>, mas também para combater o tédio e evitar que eles afrouxassem e, em virtude disso, se tornassem cobardes em batalha<sup>397</sup>. Podemos referir dois tipos de treino: um individual, que consistia na exercitação das capacidades militares de cada guerreiro; e um treino geral, que correspondia à prática das mais diversas táticas e formações, com o intuito de preparar o exército para as situações mais díspares no campo de batalha. Por outro lado, a disciplina e a organização dos soldados provinciais em batalha não era a mais brilhante<sup>398</sup>, em especial da parte da infantaria<sup>399</sup>, pelo que se devia dar grande enfoque a estes aspetos no decorrer dos períodos de treino.

Finalizada esta introdução, passemos à análise do equipamento e do treino de cada uma das «armas» (cavalaria e infantaria). Uma vez que a cavalaria é o núcleo central do tratado, parece-nos justo começar por esta categoria. O soldado montado dos *themáta* não é o catafractário completamente equipado a que estamos habituados quando pensamos em Bizâncio, mas sim um guerreiro a cavalo mais leve e capaz de percorrer grandes distâncias. De acordo com Leão, é possível pressupor dois tipos de equipamento ofensivo para

---

<sup>392</sup> Vide Anexos VIII c).

<sup>393</sup> Existindo ainda a possibilidade de estes serem equipados e montados com o patrocínio de *stratiótai* mais ricos, caso fosse necessário (cf. *supra*. 1.3).

<sup>394</sup> No caso dos exércitos “temáticos”, não se aplicava a questão das máquinas de cerco; estas, a estarem presentes em campanha, seria no contexto de uma expedição dos corpos palatinos da capital, sob o comando do *domestikós*.

<sup>395</sup> HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.169.

<sup>396</sup> «Homens destreinados mostram-se totalmente ignorantes e cegos quando enfrentam ação súbitas e inesperadas» *Taktiká*, VII.6-7.

<sup>397</sup> *Taktiká*, VII.8-20.

<sup>398</sup> Algo que o próprio imperador admite, *Taktiká*, XVIII.832-843.

<sup>399</sup> Cf. HALDON, J. (2001) – *Op. cit.*, p.69.

cavaleiros, que se encontravam dependentes de um fator: a aptidão no uso do arco<sup>400</sup>. Caso o cavaleiro soubesse usá-lo, devia estar equipado com arco, além das ferramentas necessárias para o manter, da aljava para guardar as flechas, e de uma lança “pequena”<sup>401</sup>, uma espada e uma adaga ou faca para defesa pessoal<sup>402</sup>. Por outro lado, um cavaleiro que não soubesse usar o arco devia estar equipado com duas lanças (ou dardos) e um escudo<sup>403</sup>. Quanto ao equipamento defensivo, Leão refere que deviam estar vestidos com o *klibánion*<sup>404</sup>, com grevas chamadas de *podópsella* e com elmos munidos de uma pequena pluma no topo<sup>405</sup>. O cavalo também deveria estar protegido, desta feita com uma defesa de ferro ou de couro colocada sobre a cabeça e o peito, que era conjugada com uma *neuriká*<sup>406</sup> que deveria cobrir o peito, a cabeça e, se possível, o abdómen da montada<sup>407</sup>.

Em relação ao treino da cavalaria, Leão salienta a relevância do treino com o arco, com o recruta a ter de saber disparar rapidamente e em todas as direções, e até a dominar o « tiro parto » (para trás). A versatilidade também era incentivada, com o *basileús* (à semelhança de Maurício) a incitar o comandante a treinar sucessivamente o soldado com o arco e com a lança, na mesma montada<sup>408</sup>. Os cavaleiros também deviam praticar cargas simuladas a pares, algo que podia ser realizado durante uma marcha<sup>409</sup>. Quanto ao cavalo, devia ser preparado para cavalgar em terrenos difíceis e para suportar a ausência de água por algum tempo, bem como a habituar-se aos sons da batalha e à presença de camelos<sup>410</sup>.

---

<sup>400</sup> Este fator é uma das grandes preocupações de Leão ao longo do tratado, que refere que a negligência no uso do arco provocou grandes complicações aos Bizantinos. Talvez a maior prova deste facto, tenha sido a derrota do *basileús* Teodósio na batalha de Anzen, em 838, quando o império se viu derrotado frente aos experientes arqueiros montados turcos. Este foi o primeiro confronto onde os Turcos terão combatido os Romanos (ainda que ao lado dos Árabes), uma tendência que se irá repercutir nos séculos vindouros (em especial, a partir do século XI). *Taktiká*, VI.30-34; HALDON, J. (2001) – *Op. cit.*, pp.78-83; KAEGI, Walter. (1964). *The Contribution of Archery to the Turkish Conquest of Anatolia. Speculum*, 39(1), 99-101. O facto de Siriano já dar grande importância aos arqueiros no *Peri Strategías* pode revelar que esta preocupação já teria algum tempo, a confirmar-se que o tratado é do século IX. Cf. Siriano *magister in Peri Strategías*, XLIV – XLVII (de aqui em adiante, passaremos a fazer a referência a este tratado da seguinte forma: *Sir. Strat.*).

<sup>401</sup> Em jeito algo jocoso, Haldon refere que esta lança teria três metros de comprimento, pelo que não vê onde é que ela poderia ser pequena.

<sup>402</sup> *Taktiká*, VI.9-20. Por outro lado, Leão realça a existência de um machado de dupla-lâmina: uma com a forma de uma espada e outra em formato de ponta-de-lança. *Taktiká*, VI.53-55.

<sup>403</sup> *Taktiká*, VI.21-22.

<sup>404</sup> Termo de origem persa, que refere uma armadura lamelar que cobria o corpo de um guerreiro até pouco abaixo da cintura. *Vide* NISA, J. (2016) – *Op. cit.*, p.41.

<sup>405</sup> Apresentando assim, o mesmo tipo de armamento defendido por Maurício, muitíssimo influenciado pelos Ávaros. *Stratēgikón*, I.

<sup>406</sup> Uma proteção para equídeos que era o resultado da conjugação de pedaços de couro acolchoados. *PrM.*, III.

<sup>407</sup> *Taktiká*, VI.40-47.

<sup>408</sup> « (...) deve libertar uma ou duas flechas rapidamente e arrumar o arco montado com a corda no seu estojo (...) Depois, [deve] agarrar a lança que carrega ao ombro. Enquanto o arco está no estojo, ele deve agarrar a lança e reposicioná-la rapidamente no ombro e agarrar o arco.» *Taktiká*, VII.35-40; cf. *Stratēgikón*, I.

<sup>409</sup> *Taktiká*, VII.41-45.

<sup>410</sup> *Taktiká*, XVIII.675-685. Os camelos eram reconhecidos como uma causa de medo para os cavalos, desde a derrota do rei Cresos da Lídia frente a Ciro da Pérsia, em 536 a.C. A causa deste resultado foi a criação *in*

Relativamente ao treino em conjunto de um exército de cavalaria, Leão VI afirma que é absolutamente necessário o general aprender a treinar os seus soldados tendo em consideração os preceitos táticos dos antigos, com o intuito de os ensinar a alterar as formações do seu *bándon* por meio de comandos verbais ou de sinais com bandeiras<sup>411</sup>. Por outro lado, também se deveriam praticar batalhas simuladas, com recurso a armas de treino<sup>412</sup> para testar os soldados num grande conjunto de dispositivos e movimentações, tais como manobras de envolvimento, cargas, flanqueamentos e emboscadas. Este adestramento é bastante complexo e articulado, porque envolve o treino das várias categorias do exército em separado numa batalha simulada: os soldados vão alternando as suas funções como *koúrsoures* ou *ekdíkous*, ora carregando, ora apoiando os *koúrsoures*<sup>413</sup>; enquanto isso, os flanqueadores treinam manobras de envolvimento em *bandá* destacados para essa função<sup>414</sup>. Para além destas questões, o autor realça que estas manobras devem ser praticadas em todo o género de terrenos e temperaturas, para adaptar a hoste a todo o tipo de circunstâncias e vicissitudes<sup>415</sup>.

A infantaria, no *Taktiká*, está dividida da mesma forma que é explicitada no *Stratēgikón* de Maurício<sup>416</sup>: em *skoutatós* ou *skoutatói* (infantaria pesada), tropas ligeiras e *peltai*, mas o autor refere que este termo já não é utilizado por esta altura, porque já não é reconhecido pelos contemporâneos do autor. Em relação ao armamento, o *skoutatós* devia estar armado com um escudo largo e em forma oblonga, com uma espada e com uma lança obrigatoriamente. A estas armas podiam-se juntar machados de lâmina-dupla<sup>417</sup> e fundas. Quanto ao armamento defensivo, devia ser necessariamente composto de um elmo com plumas. Em específico, Leão informa-nos que os dois homens de uma coluna destinados às linhas da frente deveriam envergar uma *zába*<sup>418</sup> ou uma *loríkiá* (cota-de-malha), luvas de ferro ou madeira (denominadas *cheirópsella*) e grevas dos mesmos materiais.<sup>419</sup> Os *skoutatói* eram treinados individualmente, por meio de combates pessoais<sup>420</sup>.

---

*promptu* de um contingente de camelheiros (que anteriormente tinham estado adscritos ao trem-de-apoio persa) que incutiu o medo na cavalaria lídia. SEKUNDA, Nick. *The Persians in* HACKET, Sir John (ed.) (1989). *Warfare in the Ancient World*. Alemanha Ocidental: Facts on File, p. 85.

<sup>411</sup> Por exemplo, cerrar ou alargar fileiras, mudanças de frente.

<sup>412</sup> Como flechas sem pontas e cajados para substituir as lanças.

<sup>413</sup> *Taktiká*, VII.206-219 e 220-223. *Stratēgikón*, III.

<sup>414</sup> *Taktiká*, VII.235-240. *Stratēgikón*, III.

<sup>415</sup> *Taktiká*, VII.241-248. *Stratēgikón*, III.

<sup>416</sup> Cf. *Stratēgikón*, XII.(B).

<sup>417</sup> Estes não estão presentes no texto de Maurício.

<sup>418</sup> Palavra de origem turca que, à altura da escrita do tratado, remete para pedaços de malha fixados a outras partes da vestimenta de um soldado. HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.186.

<sup>419</sup> *Taktiká*, VI.114-126. Influências de Maurício (*Stratēgikón*. XII.(B)).

<sup>420</sup> *Taktiká*, VII.21-28. Cf. *Stratēgikón*, XII.(B) e *Onas.*, X.

No que respeita à infantaria ligeira, esta deveria estar armada com arco, flechas, dardos<sup>421</sup> e fundas como armas principais, enquanto utilizaria escudos e machados para defesa pessoal. Quanto a equipamento defensivo, deviam vestir túnicas e a *epiloríka*, enquanto calçavam sapatos recomendados para a marcha, providos de tachas e com biqueira quadrada. A infantaria ligeira era treinada para disparar rapidamente com o arco e para conseguir atirar os dardos a uma distância longa, devendo ainda melhorar as suas capacidades atléticas com recurso a corridas e a saltos em todo o tipo de terrenos<sup>422</sup>. Em relação ao treino conjunto da infantaria, aplicam-se os mesmos preceitos acima enunciados para a cavalaria, tendo o *strategós* de ensinar a infantaria a executar um grande conjunto de manobras e de formações, como o *fulcum*. O adestramento das forças de infantaria era fundamental para situações de marcha, uma vez que era pouco provável que, dentro do exército provincial, chegassem a combater, devido ao seu fraco equipamento e ao baixo moral que as caracterizava.

## 6.2 – O Império Bizantino e os seus vizinhos: visão e guerra

«De seguida, vou ensiná-lo acerca de várias formações de batalha empregues por outras nações, bem como acerca daquelas que os comandantes dos exércitos romanos, desde épocas remotas, usaram contra outros povos. Depois de conhecê-las, não só vai poder usar essas estratégias na altura própria, como vai também poder acrescentar-lhes muitos mais. Porque um comandante astuto, quando agarra uma oportunidade para pôr em práticas as estratégias militares, não se limita àquelas [já conhecidas] e é capaz de inventar muitas outras.»

Leão VI *in Taktiká*, XVIII, linhas 3-9<sup>423</sup>

A *Constitutio* XVIII do *Taktiká* surge, na nossa opinião, como uma das mais interessantes do tratado, pois aborda a forma como o *Sábio* via as máquinas militares do seu adversário. Não obstante acusar uma forte influência do Livro XI do *Stratēgikón* de Maurício, Leão VI atualiza alguma da informação presente na obra do seu antecessor, de maneira a corresponder melhor à realidade do seu tempo, em especial, no que toca aos Árabes, que reconhece como sendo o maior perigo para o Império. O interesse etnográfico-militar não se converte na única valência desta *Constitutio* pois, na nossa interpretação, o primeiro parágrafo pode revelar-se como uma indicação da disponibilidade do Império Bizantino para adaptar o seu estilo militar consoante as táticas e o armamento de outros povos<sup>424</sup>. Por outro lado, esta

---

<sup>421</sup> Para aqueles que não soubessem usar o arco.

<sup>422</sup> *Taktiká*, VII.21-28. Para o treino de arqueiros cf. *Sir. Strat.*, XLV - XLVII.

<sup>423</sup> DENNIS, G. T. (2014) – *Op. cit.*, pp. 436-437.

<sup>424</sup> Fenómeno esse visualizado também a nível linguístico, *vide* NISA, J. (2014) – *Op. cit.*, pp. 9-10. Por outro lado, Maurício parece admitir que o equipamento militar romano durante o seu principado encontrava muitas influências no Ávaro, *Stratēgikón*, I.

secção mostra-se fundamental para consolidar a contemporaneidade do manual de Leão e, claro, o interesse dele pelos problemas militares e estrangeiros que afligiram o Império durante o seu reinado. Neste aspeto, mostram-se cruciais na nossa abordagem três povos: os Búlgaros, os Lombardos e, como não podia deixar de ser, os Árabes.

A questão búlgara torna-se curiosa, no sentido em que Leão parece subestimar este povo no *Taktiká*<sup>425</sup>, ao aparentar desinteresse numa guerra contra ele e nas suas táticas e armamento, usando como argumento a recente conversão dos Búlgaros ao Cristianismo<sup>426</sup>. Este fundamento parece estar também na base das alegações de Karlin-Hayter<sup>427</sup> e Runciman, chegando o último a alegar que «a sua (de Leão) terna consciência cristã fazia-o desgostar de combater os seus companheiros crentes»<sup>428</sup>. Shaun Tougher, no entanto, refuta estas alegações e contra-argumenta referindo que, na realidade, a secção direcionada aos Magiares (referidos como Turcos no *Taktiká*) está na realidade orientada para os súbditos de Simeão<sup>429</sup>. Apoiamos esta interpretação, pois Leão não se cansa de salientar que, em termos militares, os Magiares e os Búlgaros são muitíssimo parecidos<sup>430</sup>, demonstrando que não confiava tanto nos seus vizinhos balcânicos como aparentava e que queria os seus *stratégoi* preparados para uma possível *revanche* com Simeão e os seus, na eventual possibilidade de esta acontecer<sup>431</sup>.

Relativamente aos Lombardos, as palavras de Leão VI afiguram-se como um relato da relação entre os Bizantinos e os Lombardos: «aliados, correligionários e súbditos»<sup>432</sup>. Esta afirmação, a nosso ver, revela o estado da situação no Sul de Itália, onde estavam os últimos redutos da independência lombarda, durante o reinado do *Sábio*. Como já acima foi salientado<sup>433</sup>, os ducados de Benevento e de Salerno tinham outras preocupações por esta altura, nomeadamente o reino de Itália sob os duques de Espoleto, os Aglábidas da Sicília e a principal ameaça muçulmana sedeadada na foz do rio Garigliano. Naquele momento, portanto,

---

<sup>425</sup> Vide DAGRON, Gilbert, e MIHAESCU, Halambie (1986). *Le traité sur la guérilla de l'empereur Nicéphore Phocas (963-969)*. Paris, pp. 152. *Apud* TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p. 206.

<sup>426</sup> Vide Anexo VIII b).

<sup>427</sup> «A Guerra Búlgara, no entanto, não apelava ideologicamente. Os Búlgaros seriam, supostamente, os filhos espirituais de Bizâncio e de mostrar comportamento como se filhos desta fossem, e ele (Leão VI) sentiu que guerra contra este povo ia contra a ordem própria das coisas, ao mesmo tempo que interrompia as guerras que ele queria executar.» Vide KARLIN-HAYTER, P. – *Op. cit.*, p. 40.

<sup>428</sup> TOUGHER, S. – *Op. cit.*, p. 181.

<sup>429</sup> *Idem, Ibidem*, p. 182. A mesma opinião é expressa por Haldon, vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 339.

<sup>430</sup> P. ex., *Taktiká*, XVIII.233-236; 350-352; refere ainda que «estas características dos Turcos são diferentes das dos Búlgaros, na medida em que estes abraçaram a fé dos Cristãos e - gradualmente - adotaram as características dos Romanos. Quando o fizeram, despojaram-se do seu modo de vida selvagem e nómada, bem como da sua falta de fé», vide *Taktiká*, XVIII.295-298.

<sup>431</sup> Este reencontro bélico acabaria por acontecer em 913, após a morte de Leão, quando as rédeas do Império passaram para as mãos de Alexandre, seu irmão, que não cumpriu os acordos com Simeão da Bulgária. A guerra só terminaria com a morte de Simeão, em 927, após vários cercos a Constantinopla.

<sup>432</sup> *Taktiká*, XVIII.365.

<sup>433</sup> Cf. *supra* 2.2.

não estavam interessados em encetar um conflito com Constantinopla, antes pelo contrário, pois o principado de Benevento-Cápua enviou uma embaixada a Leão para oferecer a sua lealdade a Bizâncio em troca de uma aliança contra os Sarracenos na Campânia, independentemente do ‘mau sangue’ que poderia ter jorrado da «questão beneventina»<sup>434</sup>. O *autokrátor* aproveita ainda para referir que Bizâncio não se sentia atraída pela ideia de guerrear com eles, alegando que uma das razões para isto era a partilha da mesma fé com os Romanos.

Algo que nos suscitou a atenção foi um comentário de Leão VI a Maurício, nesta secção. Apesar de parafrasear o último imperador da dinastia justiniana no início do parágrafo 76<sup>435</sup>, o *basileús* retorque, logo de seguida, que perderam muito dessa virtude<sup>436</sup>. Isto será, possivelmente, uma forma de o autor se referir ao estatuto de muitas cidades lombardas que estariam sob a soberania bizantina após a sua «libertação» de mãos muçulmanas, na segunda metade do século IX (ex.: Bari e Tarento). Por outro lado, o *basileús* reitera a necessidade de se aprenderem as táticas e o armamento dos Lombardos e dos Francos, de forma ao *strategós* pode usar aquilo que achasse pertinente no campo de batalha, constituindo um outro exemplo da disponibilidade de Bizâncio para adaptar hábitos bélicos de outros povos, desde que os achasse úteis ou necessários.<sup>437</sup>

Apesar de tudo isto, a principal inovação de Leão VI para a tratadística bizantina foi o trecho que respeita os Árabes. Esta secção da *Constitutio* XVIII, que vai da linha 495 até à 696, aborda um grande conjunto de temáticas referentes à arte da guerra bizantina contra os Árabes: pensamento estratégico, retórica religiosa e, claro, organização tática. A primeira coisa de que nos apercebemos é que Leão identifica a cidade de Tarso (na Cilícia) como a principal fonte da ameaça árabe. Não é por acaso que tal é indicado, pois Tarso era o maior dos *al-thugûr* e foi o ponto de partida das maiores expedições de saque muçulmanas desde a segunda metade do século IX até à reconquista da cidade por forças bizantinas sob o comando de Nicéforo II Focas, em 965<sup>438</sup>. De facto, era na Cilícia que também se realizava a maior

---

<sup>434</sup> Chamamos «questão beneventina» ao período entre 891 e 895, desde a conquista de Benevento pelos Bizantinos até à sua reconquista pelos Lombardos (apoiados pelo príncipe de Salerno), alegadamente causada pela opressão romana.

<sup>435</sup> «Os Francos e os Lombardos dão muito valor à liberdade.» *Taktiká*, XVIII.377; *Strategikón*, XI.3.

<sup>436</sup> *Taktiká*, XVIII.378.

<sup>437</sup> *Taktiká*, XVIII.360-369. Este comentário não parece ter paralelo no *Stratēgikón*, ao contrário do resto desta secção (linhas 377-440), que vai buscar muita influência à obra de Maurício, demonstrando que Leão não estava muito atualizado em relação às práticas militares dos Francos, por exemplo. Cf. *Stratēgikón*, XI.3.

<sup>438</sup> *Vide PP*, VII.

parte das expedições de saque bizantinas com o objetivo de desgastar a capacidade guerreira muçulmana, a qual, embora mais ativa no verão, continuava a fazer ofensivas no inverno<sup>439</sup>.

Mas Tarso não era apenas uma boa base para campanhas terrestres, era também o porto de partida da grande parte das expedições navais sarracenas no Mediterrâneo oriental. Não obstante, no *Taktiká*<sup>440</sup>, a Cilícia não parece ainda possuir o poder que vai ter quase meio século mais tarde, sob Sayf ad-Daulah. O *autokrátor* refere que, apesar de os homens de Tarso estarem aptos a lutar tão bem em terra como no mar, não eram capazes de conseguir realizar uma campanha nas duas frentes, podendo os Bizantinos aproveitar-se disso para lançar um contra-ataque quase sem contestação por qualquer um dos outros meios<sup>441</sup>.

Na escrita desta secção, Leão também fala de certas fraquezas que atribui aos Sarracenos<sup>442</sup>, como a sua vulnerabilidade face às condições meteorológicas da Ásia Menor<sup>443</sup>. Embora esta visão seja algo estereotipada<sup>444</sup>, existem casos em que forças muçulmanas foram derrotadas ou se viram estorvadas por fenómenos climatéricos<sup>445</sup>. Por outro lado, o *basileús* informa-nos que o arco era a principal arma contra eles, devendo ser usado contra os cavalos e contra as tropas menos bem protegidas destes, como os Etíopes ou os restantes arqueiros<sup>446</sup>.

Por fim, o autor enceta uma discussão das características religiosas da guerra travada pelos Muçulmanos. Aqui, parece-nos que ele considera os seguidores dos Islão como o principal antagonista à sobrevivência do Império, não só pelo poder militar, mas também pelo seu fervor religioso, um facto enunciado pela comparação que tece com os Persas. Esta *Constitutio* apresenta-se como a primeira obra bizantina a falar de três características da guerra realizada pelos muçulmanos, nesta altura<sup>447</sup>. Baseando-se nos três pilares da guerra

---

<sup>439</sup> *Taktiká*, XVIII.579-583.

<sup>440</sup> *Taktiká*, XVIII.667-668. «Pois o exército dos bárbaros cilicianos não é muito numeroso, uma vez que os mesmos homens não podiam realizar campanha tanto em terra como no mar.» Isto poderá levar a supor que, apesar de ser o principal foco de atividade bélica muçulmana, a concentração de esforços nesta região não seria tão grande como se supôs. Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 489.

<sup>441</sup> Por exemplo, se os Cilicianos optassem por um raide terrestre, os Bizantinos deviam responder com um ataque naval com a frota do *théma* do *Kibirrhaiotai*. Se o ataque fosse por mar, os Bizantinos podiam invadir a Cilícia por terra. *Taktiká*, XVIII.662-668. Leão chega ainda a propor que, à semelhança do que o pai fizera em 877, se realizasse um ataque combinado do exército e da frota contra Tarso. *Taktiká*, XVIII.669-674.

<sup>442</sup> Como John Haldon salienta, sem ser quando menciona os “Etíopes”, Leão refere-se aos Sarracenos como um todo, não referindo a diversidade de povos que participavam nas campanhas de saque muçulmanas, como os Dailamitas, os Turcos, ou os Curdos, entre outros.

<sup>443</sup> *Taktiká*, XVIII.573-578.

<sup>444</sup> HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 362.

<sup>445</sup> Durante a batalha de Anzen, em 838, a chuva terá molhado e afetado os arcos turcos. Por outro lado, no inverno de 666 para 667, uma força bizantina terá reconquistado Amorion aos Árabes, num ataque de surpresa. Vide PETERSEN, L. I. – *Op. cit.*, p. 453.

<sup>446</sup> *Taktiká*, XVIII.635-646.

<sup>447</sup> Cf. *supra* 4.1.

(*jihad*, *ghazis* e *waqf*), o autor conclui que os Árabes são um povo guerreiro que, não contando com a sua admirável vontade de combater pelo seu Deus, só parece lutar para conseguir despojos<sup>448</sup>. Ora, esta ganância parece dar só mais razão aos Romanos para combaterem os Sarracenos, uma vez que torna justa a sua guerra defensiva<sup>449</sup>. No conflito contra os Árabes, era crucial um movimento geral da população para apoiar o exército naquilo que fosse necessário, tornando-se um fator essencial para o Império obter a vitória<sup>450</sup>.

### 6.3 – A batalha travada pelos *themáta*

«Como já frequentemente dissemos, é muito perigoso para qualquer um arriscar uma batalha campal, mesmo quando nos parece frequentemente claro que [as nossas forças] ultrapassam muito as do inimigo. Os desígnios da fortuna são incertos.»

Leão VI in *Taktiká*, XVIII, linhas 589-591<sup>451</sup>

A batalha não era o principal foco da estratégia defensiva bizantina, como já foi referido, e caso se travasse não deveriam ser os *themáta* a encetá-la sozinhos, estando essa missão nas mãos do *domestikós* e dos corpos profissionais da capital. Ainda assim, haveria sempre a possibilidade de um *strategós* provincial ter de a travar, pelo que Leão dedica várias *Constitutiones*<sup>452</sup> do seu tratado à preparação de um evento deste género e ao comando de soldados nestas situações. No entanto, a maior parte destas parecem encontrar mais influência do que o normal no *Stratēgikón* de Maurício, com exceção do último trecho da XVIII (linhas 696-855), que parece ter tido origem na pena de Leão, bem como na experiência dos seus generais<sup>453</sup>. Assim, esta secção parece ser aquela que descreve melhor a disposição tática da

---

<sup>448</sup> *Taktiká*, XVIII.647-653.

<sup>449</sup> Trata-se de uma visão algo depreciativa e redutora por parte do *basileús*, pois a noção de guerrear apenas para obter botim mostra-se desconforme ao cariz religioso da guerra muçulmana. No Islão, pelear por mero ganho pessoal ou por prestígio era o equivalente a procurar a condenação eterna. HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 374.

<sup>450</sup> *Taktiká*, XVIII.607-611; Haldon refere, no entanto, que os grandes problemas que provocaram as derrotas que o império tinha sofrido entre século VII e o X foram a fraca liderança e a pobre disciplina das tropas. *Vide* HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 373. Várias hostes romanas conseguiram, à base de boa liderança, infligir pesadas derrotas aos seus adversários, como no caso de Heráclio, irmão de Tibério II, que ainda no século VII conduziu expedições de saque a território inimigo, ou de Leão III, que fez abortar o último cerco a Constantinopla pelos Omíadas e esmagou a última grande ofensiva omíada juntamente com o filho, o futuro Constantino V, na batalha de Akroinos. Para Heráclio, *vide* HALDON, J. (2001) – *Op. cit.*, p.68; Para Leão III, *vide* HALDON, J. (2016) – *Op. cit.*, pp. 53-54.

<sup>451</sup> DENNIS, George T. (2014) – *Op. cit.*, pp. 482-483.

<sup>452</sup> São as *Constitutiones* XII, XIII, XIV e XVIII.

<sup>453</sup> HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.384.

época de Leão, pelo que nos vamos basear nesta, ao invés da *Constitutio XII*<sup>454</sup>, que aborda as mesmas temáticas, mas vai recuperar muita informação ao *Stratēgikón*<sup>455</sup>.

Antes de a batalha começar, havia certos procedimentos que deveriam ser seguidos. A fé divina mostrava-se novamente necessária, tendo os estandartes de ser abençoados por sacerdotes, enquanto as punições de alguns castigos deviam ser adiadas até depois da batalha, ou afastar-se-iam os infratores das restantes tropas. As horas de refeições e a alimentação dos soldados deviam ser bem planeadas, para que os militares não se encontrassem em jejum quando o combate começasse<sup>456</sup>, tendo de se proceder da mesma maneira no que dizia respeito às bebidas das montadas<sup>457</sup>.

Chegado o momento da batalha, o *basileús* utiliza como exemplo um exército de 4000 homens<sup>458</sup>, para explicitar a forma como este devia ser disposto para a batalha. Em primeiro lugar, o *strategós* deveria mobilizar 1500 homens para a linha da frente, a *prómachos*, divididos em três divisões, estando cada divisão composta por cinquenta decarquias com dez homens cada, organizadas como mencionámos anteriormente<sup>459</sup> e comandadas por um turmarca. Depois disto, dever-se-ia formar uma linha de apoio composta por quatro divisões, separadas por um «tiro de flecha» de distância, cada uma com 250 homens, perfazendo 1000 soldados no total. Cada um dos espaços nesta formação, deveria estar ocupado por cavaleiros para dar a impressão de a segunda linha ser muito extensa, estando destacados 100 guerreiros para cada uma das interrupções. Por fim, em formação regular obrigatória, encontramos as fileiras da retaguarda divididas em duas alas, esquerda e direita, com 250 homens cada (o que resulta em 500 soldados, no total).

Os restantes efetivos, aproximadamente 700, deviam ocupar outras posições no campo de batalha. Dois *bandá* de 200 homens cada, responsáveis por fazer emboscadas, deviam ser estacionados a alguma distância das linhas, para emboscar o inimigo a partir de lugares que permitissem aos Bizantinos esconder-se. Na linha de frente, deveriam existir dois batalhões avançados de cada uma das alas, que funcionariam como flanqueadores (se estivessem no

---

<sup>454</sup> Não vamos, porém, abster-nos de referir esta *Constitutio*, bem como a influência da obra de Maurício nela.

<sup>455</sup> Será uma paráfrase quase integral dos livros II, III e VII de Maurício. Cf. HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 259.

<sup>456</sup> *Taktiká*, XIII.43-46.

<sup>457</sup> *Taktiká*, XIII.54-57.

<sup>458</sup> O número médio de homens que Leão aconselha para um exército de um *théma*, pelo que nos poderá levar a supor (até pela exatidão dos números) que este era realmente o principal modelo tático usado pelas forças “temáticas”, caso combatessem sozinhas. *Taktiká*, XVIII.841-843. Cf. *Taktiká*, XII.127-212 e *Stratēgikón*, II.2-5.

<sup>459</sup> Cf. *supra* 5.1.

lado direito) ou guarda-flancos (se estivessem no esquerdo), cada um tendo 100 soldados<sup>460</sup>. Os últimos 100 cavaleiros estariam sob o comando pessoal do *strategós* ou do oficial máximo naquela batalha. Este grupo deveria servir com reserva, pronta a auxiliar qualquer uma das divisões caso fosse necessário, estando para isso localizado na divisão central da linha da frente ou noutra localização que permitisse ao general aferir o estado da batalha e de cada um dos setores do dispositivo tático<sup>461</sup>.

Como é que este dispositivo funcionava em batalha? A forma parece basear-se num jogo de “bate-e-foge”. A *prómachos* era dividida em dois tipos de soldados, os *koúrsoures* e os *ekdikoi*, numa proporção de um para dois. Enquanto os *koúrsoures* atacavam o inimigo, os defensores estavam encarregados de os apoiar caso estes precisassem de retirar, bem como de evitar possíveis envolvimento. Caso a primeira linha tivesse de recuar, os homens nos intervalos da segunda linha recuavam para a retaguarda, para permitir a passagem dos cavaleiros em debandada e possibilitar-lhes que se reorganizassem em segurança antes de voltarem à refrega, enquanto evitavam que possíveis desertores abandonassem o campo de batalha. Estes homens mantinham-se depois na retaguarda, até ser necessário suportar a segunda linha. Enquanto isso, os flaqueadores e os guarda-flancos deviam manter a pressão sobre o exército adversário, bem como os grupos de emboscada.

Relativamente a combates com forças numericamente superiores, o *basileús* aconselha o *strategós* a convocar alguns dos seus colegas para que, com o triplo dos homens, pudessem fazer frente àquela ameaça<sup>462</sup>. Leão não menciona quem seria o comandante deste conjunto de *themáta*, mas era provável que fosse o comandante local, por conhecer melhor o terreno, ou então o *strategós* mais experiente, mas isto são meras suposições da nossa parte<sup>463</sup>. Por outro lado, se a hoste adversária fosse mais pequena, o *basileús* aconselhava a que se praticasse uma manobra de envolvimento, que poderia ou não envolver as três linhas<sup>464</sup>.

---

<sup>460</sup> Mais tarde, Leão refere que estes homens deviam atuar em conjunto com os 4000 homens que já mencionara, fazendo supor que estes não estariam presentes entre o conjunto da força recrutada. Isto não faz sentido porque, sem estes homens, a conta não chegará aos quatro mil homens. *Taktiká*, XVIII.765-769.

<sup>461</sup> A existência de um corpo de reserva mostrou-se essencial para a vitória bizantina em certas batalhas. No último grande confronto entre Russos e Bizantinos às portas de Dorostolon, em 971, a vitória bizantina esteve presa por um fio, até João II Zimisce (969-976), o co-imperador de então, carregar sobre o centro da linha russo com os seus catafractários e quebrar as formações nórdicas. A carga do *basileús*, juntamente com as condições atmosféricas que se fizeram sentir então, permitiu às linhas romanas empurrar o centro adversário, enquanto a cavalaria pesada sob Bardas Sclero, no flanco direito, esmagava os Russos com uma manobra de envolvimento. Vide Leão o Diácono, *A História*, VIII; e HALDON, J. (2001) – *Op. cit.*, p. 104.

<sup>462</sup> *Taktiká*, XVIII.808-819.

<sup>463</sup> Exemplos de encontros onde mais do que uma força de um *themáta* se reuniram para confrontar o inimigo podem ser as batalhas de Lalacão e Bathys Ryax, apesar de a última se tratar mais de um artil bizantino, que provocou uma debandada no seio das forças paulicianas, a que se seguiu o massacre na perseguição.

<sup>464</sup> *Taktiká*, XVIII.819-829.

A principal vantagem desta formação era a de permitir manter a pressão ou uma defesa sólida frente a exércitos das mais variadas dimensões, pois havia sempre tropas frescas prontas para auxiliar as restantes, caso estas necessitassem de retirar. Para além disso, nas palavras de Leão e de Maurício, organizar um exército numa só linha gerava muitos problemas a nível de comando<sup>465</sup>. Por outro lado, este modelo organizativo permitia que fossem realizadas muitas mais movimentações táticas do que aquelas que seria possível concretizar se o exército formasse em apenas uma linha, enquanto a extensão de tal fila provocaria problemas na coesão das fileiras em caso de o combate se dar em terreno difícil<sup>466</sup>. Outras desvantagens parecem ser o facto de uma grande linha permitir a fuga de certos homens, sem que o comando se aperceba, enquanto, por outro lado, eventuais perseguições a inimigos em fuga acabariam em desastre caso os soldados bizantinos fossem emboscados, sem apoio de qualquer outra força de apoio<sup>467</sup>.

---

<sup>465</sup> *Stratēgikón*, II.1.

<sup>466</sup> *Taktiká*, XII.31-46.

<sup>467</sup> *Taktiká*, XII.51-65.

## **Capítulo 7 – Outras Disciplinas**

Apesar de Leão dedicar vários capítulos às questões relacionadas com a batalha campal, é importante voltar salientar que esta não era uma prática muito apreciada pelos Bizantinos, porque poderia acarretar graves consequências e muitas baixas. Para Leão VI, o preferível era combater por meio de assaltos a fortificações ou por estratégias; por outro lado, e como já salientámos, o mar era um meio crucial para combater os muçulmanos. O nosso próximo capítulo abordará estas questões, que entendemos serem mais pertinentes para a questão da guerra travada pelos *thematikoí* do que propriamente as batalhas campais.

### **7.1 – *Poliorketiká* – A arte de tomar e defender uma cidade**

«A guerra de cerco exige um general que seja corajoso e perspicaz, que tenha conhecimento militar, senso comum e que consiga preparar máquinas de guerra. Ele deve zelar pela segurança ao acampar em redor de uma cidade ou de uma fortaleza ou fortificação, e deve dedicar muita atenção a essa segurança.»

Leão VI *in Taktiká*, XV, linhas 9-12<sup>468</sup>

A poliorcética (isto é, a disciplina militar que se ocupa do cerco de cidades) é da máxima importância para Bizâncio e representava uma das técnicas bélicas mais empregues por este império. É inconcebível imaginar este Estado sem o domínio desta vertente da arte de guerra, tendo em conta os múltiplos inimigos que enfrentou nas mais variadas frentes, o que lhe fez tirar partido da falta de experiência da maior parte dos seus vizinhos nessa modalidade. Apesar de Leão VI não apresentar muitos conteúdos originais neste aspeto da sua obra, tomámos a iniciativa de fazer uma pequena resenha do que ele escreveu neste subcapítulo – pelas razões acima enunciadas – dividindo-o em três aspetos principais: o assalto a uma fortaleza, a defesa de um recinto fortificado e a construção de postos-de-vigia.

Relativamente ao assédio de uma fortificação podemos começar por verificar como é que um *strategós* tomava uma cidade inimiga, alcançando a vitória numa operação desta natureza. Tal podia ser feito através de um bloqueio rigoroso, de forma a obrigar a guarnição a render-se; caso não houvesse tempo ou mantimentos para tal empreendimento, poder-se-ia tentar um assalto às muralhas, com recurso a máquinas de cerco, ou então o general recorria a ardis e a estratégias para enganar os defensores e conseguir tomar a cidade. Por outro lado,

---

<sup>468</sup> DENNIS, G. T. (2014) – *Op. cit.*, pp. 350-351.

poder-se-ia fazer uso dos engenhos de cerco para demolir o moral da guarnição e dos habitantes, forçando-os à rendição, podendo igualmente consumir-se a tomada desse sítio através da traição por alguém de dentro do perímetro defensivo. Por fim, se o objetivo fosse apenas o botim, havia ainda a alternativa de os sitiados pagarem um tributo<sup>469</sup>, podendo a hoste retirar-se, se tal bastasse para saciar os desejos desta força militar.

Tendo em conta o acima referido, quais eram os procedimentos para a tomada de um sítio amuralhado? A primeira regra, de acordo com Leão VI, seria enviar cavaleiros à frente do exército, de forma a capturar todos aqueles que pudessem avisar com antecedência a povoação da aproximação da hoste bizantina<sup>470</sup>. A isto segue-se a construção de um acampamento fortificado em torno do objetivo (uma circunvalação), um procedimento fulcral para garantir o bloqueio da cidade e para proteger a hoste sitiadora. O comandante bizantino, de seguida, deve começar a distribuir logo tarefas: espalhar batedores pelo terreno circundante para o avisarem de ameaças, quer de dentro da cidade quer de fora; colocar homens a montar armas de cerco; e estacionar soldados nas entradas do sítio sujeito ao assalto.

O general deve então ponderar as suas opções: a cidade tem mantimentos suficientes para aguentar o cerco? O exército bizantino possui provisões necessárias para conseguir bloquear com sucesso a cidade? E quanto às fortificações e à guarnição, serão suficientemente fortes para aguentar um assalto? Apesar de todas estas questões, para os Bizantinos era preferível capturar a praça pelo bloqueio<sup>471</sup> ou obrigá-la a render-se de outras formas, visando o menor número de baixas possível.

A grande arma para se atingir este objetivo é o medo. Leão VI aconselha o general a tirar proveito da noite para bombardear a cidade, alegando que isto poderá criar uma confusão algo paranoica por entre os habitantes, facilitando a sua subjugação<sup>472</sup>. Por outro lado, essa sensação de pânico, e talvez de cansaço, após algumas noites, atrevemo-nos a dizer, iria torná-los mais descuidados, nas palavras do *autokrátor*, pelo que seria possível enganá-los fazendo subir «dois homens» à muralha. De acordo com o *basileús*, com algum exagero, os indivíduos

---

<sup>469</sup> Como no caso do cerco árabe de Tessalónica, em que a cidade foi libertada (aparentemente) depois do pagamento de um avultado tributo. Cf. *supra*. 2.2.

<sup>470</sup> *Taktiká*, XV.229-233; *Onas.*, XXXIX; *Stratēgikón*, X.

<sup>471</sup> Uma das técnicas que visava este objetivo era, em caso da captura de cidadãos inimigos nas proximidades da fortaleza, aprisionar todos os que pudessem participar na defesa do local e enviar para o sítio assediado todos os outros (mulheres, crianças e idosos), de forma a aumentar a velocidade com que os mantimentos eram comidos. *Taktiká*, XV.132-138. *Onas.*, XLI.

<sup>472</sup> A conquista de Antioquia, em 969, por forças leais a Nicéforo Focas, parece ter-se dado em circunstâncias próximas destas. Um pequeno grupo de homens trepou as muralhas durante a noite, matou alguns vigias e incendiou vários setores da cidade, espalhando o pânico pela cidade. Este grupo terá depois aberto os portões, o que permitiu aos Romanos entrar. A população ter-se-á então rendido e os fogos foram apagados pelas forças bizantinas. Vide A História de Leão o *Diacono*, V.

responsáveis pelas muralhas pensarão que é o exército inimigo que está a subir, pelo que de imediato fugirão, deixando as ameias às mãos do invasor<sup>473</sup>. Em alternativa, o *strategós* deveria exhibir (suficientemente longe das muralhas) alguns dos seus soldados com cota de malha e armadura completa, de forma a intimidar o adversário<sup>474</sup>. Por fim, na altura de impor os termos de rendição estes deviam ser modestos e sensatos – como a entrega das armas e das montadas, por exemplo – de forma a aplacar a população da cidade, mas também para lhe minar a vontade de combater<sup>475</sup>. Quando o empreendimento tem sucesso, o imperador aconselha o general a ser misericordioso, gentil até, para com a população, de maneira a suprimir os seus desejos de resistência<sup>476</sup>. Para além disso, demonstrava a outras cidades que pudessem ser cercadas no futuro que os novos súbditos do império não seriam oprimidos<sup>477</sup>.

O *strategós* só deveria encetar um assalto às muralhas caso o bloqueio não fosse viável por falta de mantimentos da parte da hoste atacante; tirava então proveito das máquinas de guerra ao seu dispor, tais como aríetes, escadas de assalto, tartarugas e outros engenhos<sup>478</sup>. A persistência no ataque (com ataques intermináveis por turnos contra a cidade, para não cansar os soldados<sup>479</sup>) e a conjugação dos meios de assalto<sup>480</sup> eram os dois principais fatores que o imperador aconselhava para o sucesso no assédio. Apesar de todo este aparato bélico, Nicéforo Ouranos considera, um século depois, que o melhor método para tomar uma fortaleza, por meio de um assalto, são os trabalhos de escavação sob as fundações da muralha, por meio de *laisâi*<sup>481</sup>. Não obstante Leão VI não mencionar estes dispositivos, parece que

---

<sup>473</sup> *Taktiká*, XV.27-35. *Onas.*, XLI.

<sup>474</sup> Os que não cumprissem estes requisitos podiam usar o almofre da armadura de outro soldado e apresentar-se de armas completas. Para além disso, o acampamento devia estar suficientemente longe da cidade para que a maior parte dos apetrechos neste parecessem soldados ao inimigo assediado, e para não impor aos soldados, nas suas horas de descanso, o stressante som dos combates (gritos e terçar de armas). *Taktiká*, XV.56-57 e 139-143. *Stratēgikón*, X.1.

<sup>475</sup> Caso contrário, se os termos forem muito rigorosos, os habitantes poderiam entender que mais valeria resistir do que renderem-se. *Taktiká*, XV.64-66.

<sup>476</sup> Cf. *supra*, 5.1.

<sup>477</sup> *Taktiká*, XV.210-216 e 238-249. *Onas.* XXXV, XXXVIII e XLII.

<sup>478</sup> Aqui, possivelmente, devem-se incluir os engenhos de artilharia neurobalística, possivelmente sifões manuais de fogo grego (que não deveriam disparar material flamejante, no entanto) e as *laisâi*, das quais falaremos a seguir. Quanto aos sifões manuais: *vide Taktiká*, XIX.356-361. *Parangelmata Poliorcetica*. XLIX. (de aqui em diante, citada por *Polio.*); e HALDON, John *et alli.* (2006). *Greek fire revisited: recent and current research*. In JEFFREYS, Elizabeth. *Byzantine Style, Religion and Civilization – In Honour of Steven Runciman*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 295-296 e 314-315.

<sup>479</sup> Que, de acordo com Leão, seria o suficiente para tomar um recinto fortificado pequeno. *Taktiká*, XV.149-153. *Stratēgikón*, X.1.

<sup>480</sup> Por exemplo, incendiar casas por meio de flechas e de projéteis flamejantes, ou colocar escadas para trepar as muralhas, enquanto os habitantes estão ocupados a apagar os fogos.

<sup>481</sup> Uma estrutura amovível feita de ramos entrelaçados e com uma cobertura íngreme, de construção simples e fácil transporte, com várias entradas. Servia para proteger os homens que as transportavam durante a aproximação às muralhas, ou para garantir o seu descanso. McGeer diz que elas também poderiam ser utilizadas pelos sapadores durante os seus trabalhos, para os proteger dos projéteis vindos das muralhas. *Vide* MCGEER,

estes terão sido utilizados pelos Búlgaros para evitar que os Magiares atravessassem o Danúbio, em 895, pelo que não será de excluir a hipótese de os Bizantinos os conhecerem e utilizarem na época do *Taktiká*<sup>482</sup>.

As reminiscências de Ouranos afiguram-se interessantes porque podem refletir-se na época de Leão VI. Ao ter em conta que o principal objetivo da guerra neste período era o saque e que os exércitos dos *themáta* necessitariam de alguma mobilidade para a praticar, é pouco provável que se dessem ao trabalho de trazer maquinaria pesada para cercar fortalezas<sup>483</sup>. Para tal seria mais viável a utilização de técnicas de cerco mais rápidas e baratas, como o bloqueio<sup>484</sup>, as minas, os ardis e as *laisâi*, em detrimento da utilização de engenhos de cerco que necessitassem de vir de longe e que, sem dúvida, tornariam mais lenta a marcha de hostes que precisavam de ser rápidas por natureza. Uma possível exceção para isso poderia acontecer caso o exército estivesse numa campanha para conquistar um baluarte ou cidade em particular; no entanto tal seria uma responsabilidade mais facilmente atribuída a uma hoste expedicionária de um *basileús* ou de um *domestikós* do que a um exército provincial<sup>485</sup>.

E se o *strategós* estivesse do outro lado da muralha, o que deveria fazer? Em primeiro lugar, preparar-se atempadamente para o cerco: armazenar provisões<sup>486</sup>, evacuar quem não fosse estritamente necessário para a defesa, montar engenhos de cerco nos topos das torres, e planear muito bem a distribuição de homens a fim de garantir que não houvesse zonas por defender<sup>487</sup>. Para além disso, teria de colocar guardas a patrulhar (em especial durante a noite), bem como a proteger as provisões, enquanto os portões deviam estar sob a proteção de homens de confiança<sup>488</sup>.

Quanto a formas de defender as muralhas<sup>489</sup>, Leão aconselha a que sejam pendurados troncos grandes ou rochas para esmagar os homens e as escadas do inimigo, caso ensaiem

---

Eric (1995). *Tradition and Reality in the Taktika of Nikephoros Ouranos*. In *Dumbarton Oaks Papers*, 45, p. 135.

<sup>482</sup> Vide MCGEER, E. (1995) – *Op. cit.*, p.137.

<sup>483</sup> Tome-se o caso da expedição de Basílio I a Tephrike e a Melitene, em 871, infrutífera por causa das respetivas defesas e da incapacidade de as bloquear devido à enorme quantidade de provisões que possuíam.

<sup>484</sup> Se houvesse provisões suficientes e tempo para tal.

<sup>485</sup> Tome-se como exemplo a expedição a Creta, em 949, que estaria equipada com peças para máquinas de cerco, que seriam montadas na altura de tomar a capital, Chandax. Vide Constantino VII, *basileús*, “*The expedition which took place against the island of Crete, and the equipping of the naval and cavalry forces, in the seventh indiction in the time of Constantine and Romanos, purple-born and faithful emperors in Christ*”. Texto, tradução e comentário: HALDON, John (2000). *Theory and Practice in Tenth-Century Military Administration – Chapters II, 44 and 45 of the Book of Ceremonies*. *Travaux et Mémoires* (13), pp. 224-225.

<sup>486</sup> E impor rações diárias, caso não haja em quantidade suficiente, em especial de água. *Taktiká*, XV.324-329.

<sup>487</sup> E que houvesse uma reserva pronta a atuar onde fosse preciso.

<sup>488</sup> *Taktiká*, XV.306.

<sup>489</sup> E caso não fosse possível derrotar o inimigo antes de este assediar a fortificação. *Taktiká*, XV.250-255. Estas serão palavras originais de Leão, de acordo com John Haldon, que indica o caso da derrota de Teófilo (829-842)

uma escalada dos muros. Se o inimigo usasse torres-de-assalto, os defensores deveriam utilizar mísseis incendiários ou recorrer aos projéteis das máquinas de lançamento de pedras ou à construção de torres nas ameias, maiores do que as torres do adversário<sup>490</sup>. As surtidas eram proibidas, por mais valorosas que os militares e os cidadãos fossem<sup>491</sup>, a não ser em casos de extrema necessidade, para destruir as armas de cerco inimigas<sup>492</sup>. Para além destes conselhos, o *basileús* recomendava ao *strategós* que pensasse ele próprio em formas de contrariar os ataques e estratégias do inimigo<sup>493</sup> ou até em expedientes para enganar o adversário, enquanto mantinha o moral da população alto, até o cerco terminar<sup>494</sup>.

Por fim, em relação à poliorcética, Leão dedica algumas palavras à rápida construção de fortalezas fronteiriças<sup>495</sup>. Estas fortificações<sup>496</sup>, tanto nos Balcãs como, especialmente, na Ásia Menor, tornam-se importantes no contexto da época pelas seguintes razões:

«(...) Primeiro, para observar a aproximação de um inimigo; segundo, para receber desertores do inimigo; terceiro, para conter quaisquer fugitivos do nosso próprio lado. A quarta (razão) é para facilitar a preparação de raids contra territórios inimigos periféricos. Estes são empreendidos não tanto para saquear, mas mais para descobrir o que o inimigo está a fazer e que planos urde contra nós.»<sup>497</sup>

Para este empreendimento, é uma vez mais necessário averiguar de certas necessidades: há materiais de construção na zona onde se pretende construir o recinto? E quanto à água: existe, ou é necessário procurá-la ou trazê-la de outro sítio? Seguem-se os conselhos para a edificação: enviar artesãos (canteiros, carpinteiros, entre outros) acompanhados por toda a logística de que precisassem e uma escolta, para começarem a construir os alicerces das fortificações enquanto estavam protegidos por um *karagos*. Novas

---

na batalha de Anzen (838), numa tentativa de destruir uma de duas colunas árabes que se dirigiam à cidade, como um exemplo prático de um falhanço desta estratégia. HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.301.

<sup>490</sup> *Taktiká*, XV.273-285. *Stratēgikón*, X.3.

<sup>491</sup> Karlin-Hayter considera o excerto que diz isto como uma reflexão da mentalidade estratégica bizantina de poupar soldados, também inserida no pensamento militar do *Sábio*. “(...) Os homens eram preciosos, em particular aqueles mais corajosos, e Leão estava preocupado em economizá-los. A tarefa em mãos consistia em defender o império e ele tinha pouca paciência para heroísmos.” *Vide* KARLIN-HAYTER – *Op. cit.*, p.19.

<sup>492</sup> A defesa da fortificação devia ser feita nas muralhas, quase que exclusivamente. *Taktiká*, XV.306-316.

<sup>493</sup> *Taktiká*, XV.337-342. Paráfrase de *Onas*. XL.

<sup>494</sup> Veja-se o caso do cerco árabe a Constantinopla, em 717/718, quando Leão III, a fim de preparar as defesas da cidade, informou um dos comandantes árabes de que a cidade de Amorion seria entregue aos invasores. Enquanto as forças árabes divergiam no seu percurso para a capital da divisão dos Anatólicos, ele conseguiu guarnecer eficazmente aquela cidade, obrigando depois aquela hoste a retirar. O resultado deste estratégia, para Constantinopla, foi que, ao invés de ser cercada por dois exércitos árabes, foi assediada apenas por uma hoste. Tal foi uma das razões para a vitória dos defensores em 718. *Vide* HALDON, J. (2016a) – *Op. cit.*, p.53.

<sup>495</sup> Esta secção (*Taktiká*, XV.343-402) é quase uma paráfrase de Maurício. *Strategikon*, X.4.

<sup>496</sup> John Haldon refere que estas fortalezas, tendo em conta a sua localização na fronteira, podem muito bem ser os *phouria* de Siriano, que tinham funções de vigia e não tanto de proteção do território. *Vide* HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, pp.307-308; *PP.*, I-II; *Sir. Strat.*, IX.

<sup>497</sup> Siriano *magister in Sir. Strat.*, IX.

forças, seguidas de um acampamento fortificado, dever-se-iam seguir a estas, assim que as presenças inimigas locais tivessem sido afastadas pela manha bizantina<sup>498</sup>. Findos os primeiros trabalhos, dever-se-iam começar a erguer as primeiras fortificações *per se*, especialmente com a utilização de argamassa para as fortalecer. A água a ser usada pela guarnição também era de extrema importância: inicialmente, dever-se-ia armazenar a água em barris ou em jarros de cerâmica<sup>499</sup>, juntamente com pedras do rio limpas, para a preservar até ao inverno. De seguida, iniciava-se a construção de cisternas para preservar a água da chuva para a futura guarnição<sup>500</sup>.

## 7.2 – *Naumachiká* – a arte da guerra naval

A *Constitutio XIX* do *Taktiká* dedica-se quase que por exclusivo a este tema e chegou a ser considerada como um escrito distinto do manual de Leão, por se encontrar em separado deste no *códex Mediceo-Laurentianus graecus* 55,4<sup>501</sup>. Esta secção é também uma das primeiras a referirem a guerra naval desde o século V e o tratado de Vegécio,<sup>502</sup> algo que se enquadra muito bem no paradigma da época e do reinado de Leão, como já referimos<sup>503</sup>.

O manual militar discrimina vários tipos de *drómōnes*, ainda que muito subsidiariamente, ao longo das páginas referentes a esta disciplina, evocando dois em especial: uns mais pequenos com capacidade para 100 remadores; e os maiores com capacidade para 200 homens, que deviam ter dimensão suficiente para manter a velocidade e a resistência. O tratado menciona a existência de galés (ou monorremes) que eram mais pequenas e velozes do que os outros *drómōnes*, e eram bastante úteis em táticas que necessitassem de velocidade ou de alguma discricção<sup>504</sup>. Ao serviço do *strategós* naval<sup>505</sup> deviam existir ainda embarcações

---

<sup>498</sup> Esta manha é constituída por um rumor de que a cidade inimiga mais próxima seria atacada, seguido do envio de uma força fantoche para corroborar o rumor. Enquanto o exército inimigo se dirige a este grupo de soldados, os trabalhos de construção devem prosseguir. *In Taktiká*, XV.350-362.

<sup>499</sup> Dever-se ia colocar uma pequena bacia junto dos barris para que, gota-a-gota, a água escoasse para esta e assim se mantivesse em movimento e não estagnasse. Assim que a bacia enchesse, despejava-se novamente a água no recipiente maior.

<sup>500</sup> Sob a forma como construir uma cisterna, *vide Taktiká*, XV. 394-402. *Stratēgikón*, X.4.

<sup>501</sup> Cf. *supra* 4.3.

<sup>502</sup> «Conquanto não encontrámos nenhuma regulação acerca disto (guerra naval) nos velhos tratados táticos, ainda assim, a partir do que lemos aqui e ali e do que aprendemos da experiência ordinária dos nossos comandantes da frota no tempo presente, dos seus sucessos bem como dos seus falhanços, seleccionámos alguns exemplos, os suficientes para fazer esta apresentação àqueles que desejam combater no mar no que antigamente se chamavam trirremes, mas que agora se chamam *drómōnes*.» *Taktiká*, XIX.3-8. Haldon acredita que, por «aqui e ali», o autor se refere ao *Naumachíai* de Siriano. *Vide HALDON, J. (2014) – Op. cit.*, p. 390.

<sup>503</sup> Cf. *supra* 3.2.

<sup>504</sup> Em batalha, eram úteis para emboscadas, para flanquear e como “isco” para fugas simuladas. Em campanha, eram usados como batedores. *Taktiká*, XIX.66-68. Para utilização de galés como batedores marítimos, no contexto da expedição de 911, veja-se o Anexo IX a).

destinadas especificamente para o transporte de cavalos<sup>506</sup>, mantimentos e equipamento de reserva, que serviriam como trem-de-apoio naval<sup>507</sup>. A última embarcação mencionada é o *pamphylos* que, no contexto do *Taktiká*, é o *drómōn* pessoal do *strategós*<sup>508</sup>, tendo por isso de ser superior aos outros em todos os aspetos, incluindo a tripulação, que devia ser escolhida ao pormenor pelo oficial superior<sup>509</sup>. Por sua vez, esta tendência devia ser seguida pelos que seguiam o *strategós* na linha de comando<sup>510</sup>.

Dentro desta *Constitutio* é possível ainda aferir, de certo modo, a estrutura de um *drómōn*: na proa, estariam os sifões de «fogo greguês», cujos operadores estariam protegidos dos projéteis inimigos dentro de uma cabina de madeira<sup>511</sup>. Por cima dessa cabina, existia uma plataforma que servia para proteger a frente da embarcação em caso de abordagem, ou para disparar projéteis contra o inimigo<sup>512</sup>. O «castelo» nas embarcações maiores, como já foi referido, encontrava-se entre o mastro mais alto da frente e o segundo do meio. Cada *drómōn* possuía duas filas de remadores, uma sob o convés<sup>513</sup> e a outra sobre este. Por fim, é indicada a presença de uma cabina para o capitão da embarcação, o *kéntarcos*, na popa<sup>514</sup>.

Neste capítulo, procede-se igualmente à enumeração de várias peças de equipamento que precisariam de estar em cada embarcação: ferramentas, materiais suplentes para reparações, sifões<sup>515</sup> (que deveriam estar na proa do navio) para o disparo do chamado «fogo greguês», «torres» para os navios maiores<sup>516</sup> e guas para virar as naves adversárias<sup>517</sup>. Podiam ainda possuir uma pequena balista na proa, chamada *toxobalístrai*, que disparava projéteis

---

<sup>505</sup> Ao contrário das restantes *Constitutiones*, os destinatários desta (como esperado) são os *stratégoi* dos *themáta* marítimos ou, até possivelmente, *droungários tōn ploimōn*.

<sup>506</sup> Pryor e Jeffreys referem que a tipologia da embarcação para transportar montadas dependia do tipo de missão a que a frota estivesse destinada. Caso o objetivo fosse transportar um exército de um porto para outro, dar-se-ia preferência a navios maiores, por possuírem espaço para mais cavalos. Se o objetivo fosse um desembarque anfíbio, então era mais apropriado usar galés que, apesar de terem menos tonelagem, conseguiam atracar na praia sem correr o risco de naufragar. PRYOR, J.H. e JEFFREYS, E.M. – *Op. cit.*, p. 307.

<sup>507</sup> *Taktiká*, XIX.66-68.

<sup>508</sup> Ou *droungários* caso fosse um almirante da frota imperial.

<sup>509</sup> *Taktiká*, XIX.247-252.

<sup>510</sup> *Taktiká*, XIX.253-255. *Naumachíai* de Siriano, 9 (doravante citado por: *Sir. Naum.*).

<sup>511</sup> HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 397.

<sup>512</sup> *Taktiká*, XIX.34-37. PRYOR, J.H. e JEFFREYS, E.M. – *Op. cit.*, p. 203.

<sup>513</sup> Apesar de Leão não mencionar se o *drómōn* tinha um convés inteiro, esta frase («Que cada *drómōn* seja de grande comprimento e tamanho apropriado com duas filas de remadores, como são chamadas, uma por baixo e outra por cima») leva Pryor e Jeffreys a concluir que tal deveria ser o caso. *Taktiká*, XIV.45-46. PRYOR, J.H. e JEFFREYS, E.M. – *Op. cit.*, p. 232.

<sup>514</sup> *Taktiká*, XIX.56-60. O *kéntarcos* também se podia chamar *náuarchos*. HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.398.

<sup>515</sup> Apesar de a conjuntura dizer que seria apenas um, havia casos onde parecem existir mais do que um em certas embarcações, como na expedição a Creta, em 949. *Vide* HALDON, J. (2000) – *Op. cit.*, pp. 278-281.

<sup>516</sup> Estas torres serviriam de plataforma de lançamento de projéteis. Seriam constituídas por duas plataformas fortificadas e estariam localizadas entre o maior masto da frente e o segundo masto a meio do navio. *Vide* HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, pp.396-397. A tradução de Dennis (feita a partir de uma expressão corrompida do texto grego) é “a meio do masto principal”, algo nada prático e que acabaria com o derrubar do “castelo” em caso de receber um impacto forte. *Taktiká*, XIX.38-39; PRYOR, J.H. e JEFFREYS, E.M. – *Op. cit.*, p. 230.

<sup>517</sup> *Taktiká*, XIX.369-383.

chamados de «moscas» ou «ratos». Cada *drómōn* tinha que ter também um conjunto de outras armas, tais como: estrepes para serem lançadas para os conveses inimigos; potes com «cal viva»; jarros recheados de «fogo greguês»; e, apesar de isso pouco aceite pelos historiadores contemporâneos, Leão sugere (ele próprio de forma ambígua) que se poderiam utilizar animais venenosos contra as naves inimigas<sup>518</sup>.

Relativamente à tripulação de cada *drómōn*, esta dependeria do tamanho de embarcação. De acordo com o *Taktiká*, os navios maiores teriam cerca de 200 remadores, enquanto os medianos teriam cerca de 100. Para além destes efetivos de tropa marítima, havia ainda um pequeno grupo de oficiais: um porta-estandarte<sup>519</sup>; dois timoneiros na popa<sup>520</sup>; o *sifonátor*, isto é o oficial responsável pelo sifão de «fogo greguês», e outro pela âncora, ambos na proa; e, por fim, o *kéntarcos*, que capitaneava a partir da sua cabina na popa.

O que Leão não refere, no entanto, é a presença de marinheiros e de outros indivíduos experientes em navegação entre a tripulação<sup>521</sup>, atribuindo a responsabilidade desses conhecimentos unicamente ao comandante da força naval<sup>522</sup>. De acordo com a tradução de Dennis, para além destes oficiais seguiria ainda a bordo um carpinteiro<sup>523</sup>. No entanto, isto apresenta-se como o resultado da omissão de uma parte do texto pelo editor, querendo Leão informar que o carpinteiro seria um dos remadores, e não alguém destacado para isso<sup>524</sup>.

Quanto à tripulação devia toda ela envergar uma armadura: todos os que se pudessem equipar à maneira catafractária (com cota de malha ou *klibánion*, só à frente ou também atrás, caso possuísse meios financeiros para tal) deveriam fazê-lo; os que estavam na proa ou onde o combate decorresse mais ferozmente, deviam ter elmos e grevas de ferro. Todos os outros deviam vestir a *neuriká*, uma sobreveste com duas camadas de couro. Quanto às armas, deviam ser bastante variadas: arco e flecha, dardos<sup>525</sup>, escudos, *ménaula*, pedras para arremessar<sup>526</sup> e algo a que Leão chama «sifão manual» ou *cheirosífona*, que devia ser disparado ou atirado por detrás de uma muralha de escudos de ferro<sup>527</sup>. O *basileús* refere ainda alguns exercícios de treino, tanto para os soldados, como para a movimentação de *drómōnes*

<sup>518</sup> *Taktiká*, XIX.344-347; PRYOR, J.H. e JEFFREYS, E.M. – *Op. cit.*, p. 403.

<sup>519</sup> Que, possivelmente, seria também responsável pelos sinais com as bandeiras e por transmitir as ordens do *kéntarcos* ao resto da tripulação. Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 398.

<sup>520</sup> Também chamados de *protokaráboi*. *Idem, Ibidem*, p.398.

<sup>521</sup> Algo que é referido no *Naumachíai* de Siriano *magister*, por exemplo. *Sir. Naum.*, 5.

<sup>522</sup> *Taktiká*, XIX.9-15. Cf. *Sir. Naum.*, 5.

<sup>523</sup> *Taktiká*, XIX.30-31; DENNIS, G. T. (2014) – *Op. cit.*, pp.506-507.

<sup>524</sup> HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, pp. 396-397. Para traduções corretas vide COSENTINO, S. (2004) – *Op. cit.*, p.293; e PRYOR, J.H. e JEFFREYS, E.M. – *Op. cit.*, p. 487.

<sup>525</sup> Estes dois, em especial, são aconselhados aos marinheiros dos navios de apoio, para se poderem defender em caso de necessidade. *Taktiká*, XIX.78-84. Cf. *Strategikón*, XII.(B).21.

<sup>526</sup> Para a importância deste tipo de projétil vide *Taktiká*, XIX.96-107.

<sup>527</sup> *Taktiká*, XIX. 357-361.

em batalha, com o objetivo de exercitar os marinheiros para todas as situações em caso de combate, mas também para os habituar ao que ele chama de «turbulência da guerra»<sup>528</sup>. Só quando os seus subordinados estivessem adequadamente equipados e treinados é que ele se devia lançar ao mar.<sup>529</sup>

A frota comandada pelo *strategós* também possuía, como é óbvio, uma estrutura tática. Como já referimos, cada navio estava sob o comando de um *kéntarcos*, o seu capitão, que estava sob o comando de um *komés*, que lideraria entre três a cinco *drómōnes*. Leão refere ainda que, à semelhança dos *themáta* terrestres, também existiam *droungários* e turmarcas, não aludindo, no entanto, ao número de forças que comandavam<sup>530</sup>.

A expedição naval começaria então com uma bênção aos navios, com rezas a Deus para pedir uma boa viagem contra os inimigos e com um discurso do *strategós* para encorajar a armada<sup>531</sup>. Esta partiria então em formação, com os navios suficientemente afastados para evitar atrapalhões, a favor do vento. No que concerne ao atracar da frota, este devia ser realizado também em boa ordem e vários cuidados deviam ser tidos em conta, dependendo do local de ancoragem: poucos ou nenhuns num porto bizantino, a não ser evitar destruir as propriedades dos habitantes. Por outro lado, se fosse em território inimigo ou amigável onde se suspeitava existirem forças hostis na região, a história era outra: a vigilância tanto em terra como no mar devia ser redobrada e a frota deveria manter-se pronta para a batalha<sup>532</sup>.

Também sobre as águas do mar era preferível recorrer a ardis e a estratégias. O *basileús* recorda novamente o conselho dado aos exércitos terrestres: sempre que possível, evitar um confronto direto em batalha<sup>533</sup>. Caso esta ocorrência fosse inevitável, a providência divina era novamente preciosa, bem como avaliar se a causa do combate era injusta ou não<sup>534</sup>. A ocorrer junto ao litoral, a batalha deveria ser travada perto da costa inimiga, para evitar as deserções do lado bizantino e incentivar as do adversário.

Durante a batalha era necessário ter uma sinalética variada, que permitisse dar ordens com clareza em qualquer parte ou momento do combate, uma vez que comandos vocais e

---

<sup>528</sup> *Taktiká*, XIX.161-169.

<sup>529</sup> *Taktiká*, XIX.174-175. *Stratēgikón*, XII.(B).21.

<sup>530</sup> *Taktiká*, XIX.157-161.

<sup>531</sup> *Taktiká*, XIX.142-147.

<sup>532</sup> *Taktiká*, XIX.191-198. Cf. *Stratēgikón*, XII.(B).21; *Sir. Naum.*,5,6,7,9; e ainda no livro I dos Estratégias de Polieno (de aqui em diante, *Pol. Strat.*; a tradução que vamos usar desta fonte é: MARTÍN GARCÍA, Francisco (1991). *Estratégias*. In *Biblioteca Clásica Gredos* (153), pp. 146-568.)

<sup>533</sup> O conselho mostra-se ainda mais fulcral em batalhas navais, porque o *autokrátor* refere que neste tipo de confrontos é impossível retirar qualquer tipo de vantagem, assim que o combate corpo-a-corpo (consequente da ligação entre navios) começa. *Taktiká*, XIX.215-219. Haldon refere que este pensamento se deve ao facto de a opinião bizantina, justificada pelas grandes derrotas navais sofridas, não confiar no mar como caminho para a vitória na guerra. Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 407.

<sup>534</sup> *Taktiká*, XIX.222-228. *Stratēgikón*, VIII.(B).21.

sons de trompa se perdiam no barulho provocado pela peleja. Assim, sinais que usavam bandeiras ou flâmulas eram essenciais, devendo cada ordem específica estar associada a cada um dos movimentos destes objetos, ou de outros pedaços de tecido, como turbantes, desde que suficientemente visíveis<sup>535</sup>.

Leão, aparentemente, coloca a decisão sobre o dispositivo tático a ser utilizado nas mãos do *strategós*, na maior parte dos casos<sup>536</sup>; no entanto, informa-nos de duas formações em especial: em crescente (ou semicircular) e em linha<sup>537</sup>. A primeira devia ser utilizada para envolver a frota adversária e bloquear a sua retirada<sup>538</sup>, ou então para possibilitar um abandono ordenado do «campo de batalha»<sup>539</sup>; devia ter o *pamphylos* do *strategós* na concavidade, para que ele pudesse controlar a frota e ter sempre uma visão completa da situação das suas forças<sup>540</sup>. Já a formação em linha era melhor para usar os sifões nas proas do navio, durante a abertura do combate. O *basileús* aconselha também o *strategós* a dividir as suas formações em dois ou três grupos, para não estarem sempre todos a combater e para existirem reservas ou flanqueadores<sup>541</sup>.

Não obstante, os estratagemas continuam a ser o método eleito pelo *basileús* para se travar a guerra naval. Leão menciona vários, como a utilização de fugas simuladas por parte de *drómōnes* mais pequenos e de galés, para atrair as embarcações inimigas para as ciladas<sup>542</sup>, ou conseguir passar um navio pelas linhas opostas com o intuito de atacar as naves mais pequenas do adversário<sup>543</sup>. Outro estratagema consistia em atacar o inimigo depois de naufrágios ou tempestades o terem atingido, ou quando este se encontrava entretido em operações terrestres<sup>544</sup>. Curiosamente, Leão não refere mais estratagemas considerando que o inimigo pode tomar conhecimento deles e, assim, contrariá-los<sup>545</sup>.

Por fim, no contexto deste capítulo, Leão deixa uma nota aos comandantes de frotas<sup>546</sup> sobre a escolha de navios: esta deveria depender também do inimigo que o almirante fosse confrontar. Assim, se o oficial fosse fazer frente a uma frota sarracena dos emirados ou de

---

<sup>535</sup> *Taktiká*, XIX.259-266 e 271-275. Cf. *Strategikón*, VII.(B).16; *Sir. Naum.*, VII; *Sir. Strat.*, XXX.

<sup>536</sup> *Taktiká*, XIX.287-291.

<sup>537</sup> É interessante notar que Leão, à semelhança de outros tratadistas clássicos ou medievais, refere formações utilizadas em terra para a realidade do combate naval

<sup>538</sup> *Taktiká*, XIX.292-298.

<sup>539</sup> *Taktiká*, XIX.432-435. *Pol. Strat.*, III.

<sup>540</sup> *Taktiká*, XIX.295-297.

<sup>541</sup> *Taktiká*, XIX.302-306.

<sup>542</sup> *Taktiká*, XIX.310-313 e 322-327. Cf. *Pol. Strat.* I e III.

<sup>543</sup> *Taktiká*, XIX.310-315. Cf. *Pol. Strat.* I e III.

<sup>544</sup> *Taktiká*, XIX.328-332.

<sup>545</sup> Por ironia, os Árabes fizeram duas traduções do *Taktiká* de Leão VI, uma sumária e outra integral. Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.392; PRYOR, J.H. e JEFFREYS, E.M. – *Op. cit.*, pp. 645-666.

<sup>546</sup> Dado o contexto deste parágrafo, supomos que o destinatário principal seja o *droungários tōn ploimon*.

Creta tinha de se preparar para enfrentar os chamados *koumbaría*, que eram de grande tonelagem, mas lentos, de acordo com o autor. Por outro lado, caso a força naval adversária fosse de origem russa, o *strategós* devia fazer os preparativos necessários para enfrentar navios mais pequenos e rápidos, uma espécie de *monoxyla*<sup>547</sup>.

### 7.3 – *Strategematá* – o paradigma da guerra bizantina no início do século X

«Uma máxima antiga (...) ensina-nos a lançar ataques e raides contra o inimigo sem causar ferimentos a nós mesmos. Nós podemos alcançar isto se os nossos assaltos contra o inimigo forem planeados de maneira inteligente e cuidadosa e forem executados com celeridade. Tais assaltos são eficazes não só contra forças com o mesmo poder (militar), mas também contra adversários claramente superiores.»

Leão VI in *Taktiká*, XVII, linhas 9-12<sup>548</sup>

Este excerto do *Taktiká* poderia muito bem corresponder ao lema do pensamento estratégico bizantino: os danos têm de ser reduzidos ao máximo possível e o poder militar deve ser conservado, entre recursos humanos ou estratégicos. Os estratagemas e a guerra de fronteira eram a prática bélica por predileção bizantina, exatamente por permitirem derrotar o inimigo sem grandes sacrifícios. É este fator que torna a *Constitutio* XV, relativa a esta disciplina, numa das mais importante do tratado<sup>549</sup>. Trata-se igualmente de um dos capítulos fundamentais para se atestar que a realidade contemporânea do tempo de Leão VI tinha repercutido nos seus escritos. Não obstante, mantém o cariz de colecionismo do restante tratado, retirando do *Stratēgikón* de Maurício (mais especificamente do livro IX) e de alguns excertos de Onasandro a maior parte da informação que apresenta<sup>550</sup>.

Consequentemente, esta *Constitutio*, está *grosso modo* dividida em quatro partes principais: emboscadas e outras artimanhas; raides a territórios inimigos, onde descreve a forma como se devem realizar as ações de pilhagem da parte do império; os melhores procedimentos para a defesa do império frente a operações desse mesmo tipo; e, por fim, uma pequena secção onde refere a importância de batedores e espiões e onde são abordadas maneiras de descobrir agentes inimigos no seio de exércitos ou dos acampamentos. No

---

<sup>547</sup> *Taktiká*, XIX.425-431.

<sup>548</sup> DENNIS, G. T. (2014) – *Op. cit.*, pp. 392-393.

<sup>549</sup> Esta *Constitutio* estava separada do resto do tratado no *códex Mediceo-Laurentianus graecus* 55,4, apesar de Leão fazer referência nesta a outros segmentos da obra. Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 312.

<sup>550</sup> *Idem, Ibidem*, p. 312.

entanto, vamos focar-nos nas ações de pilhagem, tanto bizantinas como inimigas, aludindo aos outros aspetos sempre que seja relevante.

Posto isto, vamos principiar a análise destes tópicos com a forma como Bizâncio devia preparar expedições de saque a território inimigo. Começamos então pelo lado de Constantinopla. A primeira recomendação que o *basileús* faz ao general é a de que este prepare mantimentos para a expedição, para o caso de o inimigo proceder a uma política de «terra queimada». O *autokrátor* aconselha o general a recolher informação sobre o território e sobre as estradas que vai utilizar para lá chegar, a partir da captura de habitantes dessas zonas ou da recolha de desertores inimigos, antes da expedição<sup>551</sup>.

Relativamente às marchas, aquelas que são realizadas durante a noite são muito desaconselhadas, a não ser que o objetivo seja a ocupação de uma posição defensiva, sem o inimigo o saber. Deviam constituir-se patrulhas sempre em movimento, e a *saka* devia ser excepcionalmente forte para evitar ataques pela retaguarda. Quanto ao trem-de-apoio, este devia estar na cauda da coluna de marcha aquando da entrada em território inimigo; porém, se o adversário se comesse a aproximar, devia deslocar-se progressivamente para o meio da coluna<sup>552</sup>, a fim de ficar melhor protegido.<sup>553</sup> Por fim, os acampamentos não deviam ser montados junto a fortificações inimigas ou a zonas com muita floresta, a não ser que fosse estritamente necessário, sendo certo que, nesse caso, a vigilância deveria ser redobrada<sup>554</sup>.

Por outro lado, o autor propõe dois tipos de formas de invadir o território inimigo: a primeira, caso haja mais do que uma entrada para este, é dividir o exército, colocando o comando de uma parte nas mãos de um turmarca. Esta força, mais leve e sem trem-de-apoio, acederia ao território inimigo por um dos pontos de entrada, enquanto o *strategós* entraria por outro. Com um ponto de encontro previamente marcado, ambas as divisões pilhariam o território que percorressem até se reunirem, ao mesmo tempo que empurravam o inimigo uma contra a outra<sup>555</sup>.

Outro método de invasão também envolvia a divisão da hoste em duas colunas e era utilizado quando só havia uma estrada disponível. Neste caso, metade do exército

---

<sup>551</sup> Para isso, recomenda que seja o próprio comandante a interrogar os prisioneiros. *Taktiká*, XVII.161-165; inversamente, aconselha a que, no caso da fonte de informação ser um desertor inimigo, lhe sejam prometidas recompensas ou ameaças de morte para evitar que este minta ao general e ponha em risco a segurança do exército. *Taktiká*, XVII.166-174; *Taktiká*, XVII.559-570; *Onas*. X; *Stratēgikón*, IX. Estes medos não parecem ser infundados, uma vez que a queda da fortaleza de Amorion, em 838, é atribuída a um desertor. HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.330.

<sup>552</sup> *Taktiká*, XVII.266-267. *Stratēgikón*, VIII.

<sup>553</sup> Devendo, no entanto, de estar suficientemente afastado das restantes forças, para não perturbar a formação.

<sup>554</sup> *Taktiká*, XVII.257-261.

<sup>555</sup> *Taktiká*, XVII.210-223; *Stratēgikón*, XI.2 (relativo às formas de combater os “Citas” – ou seja, os povos das estepes, tais como os Ávaros e os Turcos, entre outros).

acompanhava o turmarca durante a invasão e ia-se dispersando ao longo do caminho, com um ou dois *bandá* por região a saquear, até o turmarca ficar apenas com mil homens ao seu serviço e chegar ao seu destino. Depois retornaria, ao mesmo tempo que o *strategós* (ou outro oficial responsável) seguia a rota usada pela divisão anterior e recolhia os *bandá*. Só quando as duas divisões se reencontrassem é que se montaria o acampamento.<sup>556</sup>

Chegados ao destino, a segurança tornava-se fundamental. Todos os destacamentos, que fossem pilhar ou recolher mantimentos deviam ser protegidos por outro contingente, para evitar emboscadas inimigas<sup>557</sup>. Como já referimos, o acampamento devia ser fortificado<sup>558</sup> e as patrulhas deviam ser constantemente enviadas para averiguar as posições do inimigo nos arredores. A comida, a bebida e a forragem recolhidas em território inimigo deviam ser provadas pelos prisioneiros, antes de ser consumidas. Por fim, ataques a sítios fortificados ou bem defendidos deviam ser preparados em segredo, até mesmo junto das próprias tropas<sup>559</sup>!

Os últimos conselhos de Leão nesta vertente prendem-se com a deteção e captura de espíões. Neste aspeto, há duas formas de se lidar com espíões: captura, ou libertação com o objetivo de intimidar. A primeira maneira devia ser utilizada caso a força bizantina fosse mais fraca do que a opositora e havia duas formas de a realizar, de acordo com Leão: numa primeira, soava-se uma trompa à segunda ou terceira hora do dia, para ordenar aos soldados para voltarem às suas tendas; caso algum ficasse de fora seria um espião; por outro lado, se entrasse numa tenda aleatoriamente, seria preso pelos soldados dessa tenda que o identificariam como um intruso<sup>560</sup>. A segunda forma consistia na atribuição de uma ordem por meio de uma palavra ou de um símbolo secreto por parte dos oficiais aos homens sob o seu comando; se algum homem não soubesse o que fazer quando a palavra ou o gesto fossem feitos, possivelmente seria o espião<sup>561</sup>... Se, por outro lado, a força bizantina fosse mais poderosa do que a adversária, então o imperador aconselhava o *strategós* a deixar o espião vivo e a mostrar-lhe a sua hoste em toda a sua pujança, de forma a impressioná-lo. Depois disso, deveria deixar o agente partir, para que ele informasse o povo que o enviou do poder do exército romano, semeando assim o medo no seio da hoste adversária<sup>562</sup>.

---

<sup>556</sup> *Taktiká*, XVII.224-249; *Stratēgikón*, XI.2.

<sup>557</sup> *Taktiká*, XVII.191-197; *Stratēgikón*, IX.

<sup>558</sup> Cf. *supra* 5.3.

<sup>559</sup> *Taktiká*, XVII.254-256. Leão não refere razões para isto, mas possivelmente seria, na nossa opinião, para evitar deserções na marcha para território inimigo ou para evitar que a informação do alvo caísse nas mãos de espíões.

<sup>560</sup> *Taktiká*, XVII.517-533; cf. *Pol. Strat.*, III; *Sir. Strat.*, II e *PrM.*, VI.

<sup>561</sup> *Taktiká*, XVII.534-544; *Stratēgikón*, IX; Vegécio, *Epitoma rei militaris*, III.26 (a tradução que usámos para este tratado é: MONTEIRO, João Gouveia e BRAGA, José Eduardo (2004). Vegécio. Compêndio da arte militar. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

<sup>562</sup> *Taktiká*, XVII.545-558.

Quando a invasão se realizava no sentido oposto, a resposta tinha de ser célere e eficaz. A melhor arma ao serviço do *strategós* era a prevenção, ou seja, os batedores e os espiões. Leão realça a importância destes soldados, destacando que tinham de ser os melhores soldados ao serviço do seu general ou turmarca, que deviam seguir o inimigo e conseguir estimar com alguma segurança a composição do exército adversário<sup>563</sup>. Como é óbvio, a rapidez e a discrição eram as valências principais de um batedor, que devia ter um cavalo rápido e estar armado de forma ligeira. As patrulhas deviam ser feitas por turnos, para evitar que o cansaço tomasse conta dos seus responsáveis, e ser avaliadas pelo próprio *strategós*, que organizaria algumas inspeções surpresa<sup>564</sup>. Por fim, sempre que possível, os próprios batedores deviam arriscar-se a capturar prisioneiros inimigos<sup>565</sup>.

Leão não fala muito mais do que nestes pormenores, mas o autor do *Peri Paradromés*, um tratado que incide especificamente sobre este tipo de atividade bélica, elucida-nos melhor sobre a maneira como o trabalho de vigia deve ser feito. Nesse manual militar, ele indica que existiriam postos de vigia ao longo das estradas, bem como nas cordilheiras montanhosas que limitavam as circunscrições provinciais orientais<sup>566</sup>. Graças a este sistema de vigia, poder-se-ia enviar mensageiros ao *strategós* para o avisarem da ocorrência de uma invasão<sup>567</sup>.

Por outro lado, aos espiões mostravam-se determinantes para indagar quando é que uma expedição árabe deveria partir para território bizantino<sup>568</sup>. Leão não explica como é que eles eram recrutados ou escolhidos, mas o autor do *Peri Paradromés*, por exemplo, refere que os mercadores eram os melhores espiões<sup>569</sup>. Os comerciantes deviam tentar tornar-se amigos dos emires, de forma a tomarem conhecimento do número de soldados inimigos, bem como dos destinos das suas expedições. Por outro lado, Siriano refere que a família dos espiões devia habitar em território bizantino, para que o amor familiar servisse como cadeado à

---

<sup>563</sup> Para métodos de fazer parecer um exército maior do que ele realmente é, vide *Taktiká*, XVII.425-432.

<sup>564</sup> *Taktiká*, XVII.492-495.

<sup>565</sup> *Taktiká*, XVII.505-512; No *Peri Paradromés*, esta missão está incluída em pequenas ações de saque empreendidas por espiões bizantinos (no contexto militar, em Bizâncio, espião e batedor têm o mesmo significado em certas circunstâncias, como neste caso). Não nos parece despropositado acreditar que os batedores do tempo do *Taktiká* tivessem as mesmas funções. *PP.*, II.

<sup>566</sup> Possivelmente, as “fortalezas” cuja construção Leão orienta na *Constitutio* XVII. Cf. *supra* 7.1. Possivelmente seriam os *phoúria* de Siriano, por possuírem as mesmas funções, as mesmas localizações (em terreno montanhoso, mas com bom controlo de estradas), serem discretos e não terem uma guarnição permanente. Vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, pp.307-308; *PP.*, I-II; *Sir. Strat.*, IX.

<sup>567</sup> *PP.*, II.

<sup>568</sup> *Taktiká*, XVIII.661-668.

<sup>569</sup> *PP.*, VII.

lealdade do agente no estrangeiro.<sup>570</sup> Por fim, John Haldon menciona que os padres e os monges, especialmente os missionários, também podiam servir para esta finalidade<sup>571</sup>.

Leão aconselha então o general a preparar-se para um ataque: recolher todos os bens possíveis de se guardar; queimar as colheitas; recolher os cavalos (e muito possivelmente o gado) e encaminhá-los para um lugar seguro; e ocupar os lugares fortificados, bem como as reservas de água da região sob ataque e dos desfiladeiros, se for possível<sup>572</sup>. Uma vez mais, uma batalha decisiva deve ser prevenida, e as forças inimigas devem ser desgastadas por meio de emboscadas e de ataques surpresa<sup>573</sup>, quer de dia quer de noite<sup>574</sup>. Outra tática a utilizar é a do contra raide<sup>575</sup>, ou seja, responder a uma expedição de ataque inimiga com um raide das forças bizantinas. O objetivo deste ardil parece ser separar ou obrigar a retirar a hoste adversária com um ataque às suas terras indefesas<sup>576</sup>. O *basileús* recorre a uma experiência do seu *domestikós*, Nicéforo Focas o Velho, como exemplo disto<sup>577</sup>, mas a sua própria atuação antes e depois do saque de Tessalónica também pode ser um destes casos<sup>578</sup>.

Não obstante, caso se devesse realizar um ataque sobre as forças inimigas, este devia ser feito quando estas estavam a abandonar o território bizantino carregadas de despojos. Esta altura era a predileta porque, de acordo com o autor do *Peri Paradromés*, era quando os soldados inimigos se encontravam mais cansados e desejosos de voltar a casa e porque a marcha era mais lenta, por estarem carregados de despojos e de prisioneiros.<sup>579</sup>

---

<sup>570</sup> *Sir. Strat.*, XLII.

<sup>571</sup> HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.381.

<sup>572</sup> Estes últimos são referidos no *Peri Paradromés*. *PP.*, V.

<sup>573</sup> Sendo para isso necessário que o *strategós* mantivesse um olho no inimigo por meio dos seus batedores, para saber em que altura os bandos de pilhagem abandonavam o corpo principal ou o acampamento adversário.

<sup>574</sup> Para um conjunto de táticas realizadas durante a noite, *Taktiká*, XVII.70-106; *Stratēgikón*, IX. O tratado de guerrilha tem um capítulo exclusivamente dedicado a esta temática, cf. *PP.* XVIII.

<sup>575</sup> Ironicamente, o emir Sa'if al-Dawlah também usou esta tática em 956, quando forças bizantinas do distrito de Anzitene começaram a pilhar o seu território. O emir hamdânida comandou então uma expedição contra Anzitene, que obrigou o comandante da cidade a retirar para o seu território. O sucesso da expedição sarracena, no entanto, não terminou aí, porque o emir conseguiu ainda recolher uma grande quantidade de despojos. E de prisioneiros antes de regressar a casa, derrotando ainda uma força romana que bloqueava o desfiladeiro que ele pretendia utilizar para o retorno. *Vide* HALDON, J. (2001) – *Op. cit.*, pp.91-94.

<sup>576</sup> *Taktiká*, XVII.366-376. *Stratēgikón*, X.

<sup>577</sup> *Taktiká*, XVII.373-376. *PP.*, XX. Haldon, no entanto, corrige Dennis, referindo que a campanha em causa não foi na Calábria, mas sim na Cilícia, contra o emir Yazaman, HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p. 324.

<sup>578</sup> Cf. *supra*. 2.2.

<sup>579</sup> *PP.* IV.

## Conclusão

Não nos arrependemos do caminho que escolhemos. Bizâncio, apesar de tão longe, é um mundo próximo, visto não só através do desbravar das páginas de um livro, mas também pela realidade bélica tão semelhante à nossa, no mesmo período histórico. Pois é ou não verdade que enquanto os basilêis bizantinos enfrentavam os califados de Damasco e Bagdade, os reinos dos cristãos da Península Ibérica se defendiam e contra-atacavam as hostes muçulmanas de Córdova e dos restantes poderes islâmicos que dominavam a Hispânia? Não deixam de ser interessantes certos paralelos que se podem traçar de um lado e de outro do Mediterrâneo, inclusive a nível cronológico: por exemplo, em 718, no mesmo ano em que Pelágio vence a escaramuça em Covadonga, pondo um ponto final à expansão muçulmana na Península Ibérica, o génio e a argúcia de Leão III levavam a melhor sobre a última tentativa árabe de tomar Constantinopla. Um revés em duas frentes que, a nossa ver, é uma coincidência curiosa.

Mas, o que dizer d' *O Sábio*? Até certo ponto, achamos que cumprimos o objetivo que nos propusemos, de investigar a sua preocupação com a situação que o Império atravessava. Bizâncio, não vivia, naquela época, um período muito mau, ainda embalada pela capacidade governativa de Basílio I e dos Amorianos que, a Oriente, pagaram o preço de ferro e sangue para garantir a supremacia bizantina nas cordilheiras do Tauro e do Antitauro. Por outro lado, Constantinopla conseguiu recuperar territórios há algum tempo perdidos no Sul de Itália, não obstante a perda da Sicília. A ascensão de Leão foi algo inesperada, uma vez que não era ele o primogénito de Basílio, pelo que muito possivelmente não terá sido treinado para a governação ou para o comando militar. No entanto, a nosso ver, ele demonstrou possuir um pensamento estratégico, manifestando que as suas prioridades, em termos bélicos, estavam bem definidas: o poderio muçulmano, bem estabelecido no Mediterrâneo Oriental. Isto acarretou erros noutras frentes, como na Bulgária, onde a ânsia em voltar a enviar os seus exércitos contra os infiéis do Oriente virou a maré de uma guerra que, na prática, estava ganha, algo que lhe custaria uma paz bastante onerosa no final do conflito. Mas Leão parece ter aprendido, pois o «cavaleiro da guerra» não voltou a galopar nos Balcãs e a paz manteve-se entre os dois povos cristãos, até à sua morte.

O saque da segunda maior cidade do Império é uma questão algo indefinida, mas, no nosso entendimento, se realmente a cidade pudesse ter sido salva, Leão tê-lo-ia tentado de alguma maneira. A nosso ver, só não realizou tal empreendimento porque sabia que, de uma forma ou de outra, os custos seriam elevados e não estava disposto a arriscar uma pesada

derrota naval no Mar Egeu, colocando efetivamente em risco a capital. Em vez disso, ordenou o lançamento de campanhas terrestres na Cilícia e no Norte da Síria para vingar o que tinha acontecido na Grécia, aproveitando-se da ausência das tropas muçulmanas na região, estratégia por ele próprio defendida no *Taktiká*. Quanto a Taormina, a não ser que os Bizantinos tencionassem empreender a reconquista da Sicília, teria sido muito difícil de manter de qualquer das formas. Com as preocupações nos Balcãs, primeiro, e com a escalada da ameaça naval no Mediterrâneo Oriental, teria sido muito complicado reunir esforços e recursos económicos e humanos para encetar um tal projeto.

Foi nas águas do Mediterrâneo Oriental que Leão VI mais tentou brilhar, empreendendo expedições para garantir que a pirataria sarracena proveniente da Cilícia e de Creta fosse travada e parasse de assolar as ilhas do Egeu e a faixa costeira bizantina. Não obstante o facto de ter enfrentado dois experientes almirantes muçulmanos, Leão o *Tripolitano* e Damiano, as frotas imperiais e «temáticas» bizantinas continuaram a fazer sentir a sua presença e mantiveram-se suficientemente fortes para atacar o Levante e a ilha de Creta, entre 910 e 912. Em face destes eventos, atrevemo-nos a dizer que, apesar de alguns descabros, Leão não só mostrou interesse na situação estratégica do seu império, como conseguiu manter o império na mó de cima. Isto só foi possível garantindo a supremacia bizantina no sul de Itália, onde o império contribuiria decisivamente para a expulsão dos Sarracenos em 915, e graças à expansão para Este, por meio da diplomacia e da criação de novos *themáta* fronteiriços, como foi o caso de Tephrike.

Na nossa opinião, não há melhor prova do fascínio que Leão nutria pelas questões do exército do que a escrita do *Taktiká*. Este tratado militar, recolhendo os ensinamentos do passado, parte da realidade do presente (de Leão) e do pensamento do *basileús*. No início desta dissertação propusemo-nos aferir até que ponto este manual correspondia ao seu tempo, ou à conjuntura em que foi escrito, e não seria apenas um exercício do conservadorismo cultural bizantino. Não nos parece credível afirmar que se tratasse apenas de um manuscrito que pretendia tão só recolher a erudição militar do passado. O *Taktiká* é algo mais do que isso, é um guia do que o pensamento estratégico bizantino deveria ser.

Não descurando a importante mensagem religiosa das suas páginas, durante a leitura do *Taktiká* conseguimos assinalar várias características do pensamento estratégico bizantino da época: a primeira, a gestão de soldados e recursos, pois, não obstante o facto de possuir capítulos sobre a batalha campal, o imperador salienta por várias vezes que aquele tipo de atividades bélicas, bem como outras de grande risco como surtidas, deve ser evitado. Depois, um reencontro com a ambição bizantina de se voltar a tornar uma talassocracia, estatuto esse

perdido desde a batalha dos Mastros, em 654, um desejo demonstrado na inserção de uma *Constitutio* exclusivamente dedicada a temáticas navais. A secção sobre os Árabes também é muito importante no que concerne à estratégia bizantina, e consubstancia-se numa grande contribuição de Leão VI para o conjunto da tratadística. Apesar de deturpado em certos aspetos, o estudo que o imperador faz dos costumes bélicos árabes é muito interessante pelo detalhe que apresenta: o fervor religioso; a origem e modo de equipamento dos soldados muçulmanos (voluntários religiosos, na maior parte das vezes); a localização das bases de invasão; o tipo de guerra que fazem; entre outras características apresentadas, que demonstram que o *autokrátor* sabia quem era o seu inimigo e queria ensinar (ou partilhar a experiência) com os seus leitores sobre como lidar com o adversário sediado do outro lado do Tauro.

Obviamente, o *Taktiká* não deve ser lido ‘preto no branco’, pois nem tudo o que lá está é representa a realidade militar ao tempo de Leão. Apesar de importante, a descrição do equipamento e das táticas de infantaria não é fundamental para se compreender o período em estudo e, muito menos, para servir de aplicação aos exércitos de que Leão falava: os dos *themáta*. A infantaria dos *themáta* seria importante para cumprir certas funções, como de guarnição por exemplo, mas, nesta altura, colocar *thematikoí* apeados a combater numa batalha era um erro crasso, pois eram homens que não tinham nem equipamento, nem treino, nem disciplina para participar nela.

No decorrer desta dissertação, tecemos algumas opiniões pessoais sobre o tipo de informações que se poderiam melhor aplicar aos *themáta*. A primeira *Constitutio* que nos ocorre, quando pensamos nestes exércitos provinciais, é a XVII, uma vez que aí se abordam as questões referentes às práticas de guerrilha, indubitavelmente as que se encontravam mais em vigor no contexto da atividade bélica provincial bizantina. Mas não só, a repetição de métodos de guerra psicológica para tomar uma fortaleza pode servir como lição a um *strategós* de um *théma*, sobre como se poderia conquistar uma fortificação de forma relativamente célere, se tal fosse necessário no contexto de um «contra raide», por exemplo. Por outro lado, a descrição do equipamento de cerco pesado e das táticas que o envolvem parece-nos algo exagerada para o tipo de hoste em questão, que tinha de ser rápida por natureza, característica que não seria facilitada (antes pelo contrário) caso transportasse um pesado comboio-de-cerco durante a campanha.

Neste trabalho tivemos a preocupação de desenvolver o nosso espírito crítico, indo além do que outros autores antes de nós disseram sobre estas matérias e ousando acrescentar as nossas interpretações pessoais, nomeadamente no que toca à questão crucial dos *themáta*.

Por outro lado, alargámos a nossa contextualização aos reinados de Leão e de Basílio, algo que outros autores (como por exemplo John Haldon) não fizeram, de forma a podermos tecer comparações entre alguns eventos destes reinados e certas práticas enunciadas no tratado.

No entanto, temos de admitir que uma dissertação de mestrado sobre o *Taktiká* é algo de demasiado ambicioso para as poucas páginas que nos são atribuídas num trabalho desta natureza. Por isso, há outras questões e temas que gostaríamos de ter aprofundado, se houvesse espaço para tal: nomeadamente, a questão do pensamento teológico e social no *Taktiká*, por exemplo. Ou então, de que forma o *Taktiká* poderá esclarecer a *vexata quaestio* da organização dos exércitos dos *tágmata*, apesar de estes não configurarem o foco principal do tratado? Uma análise da preocupação de Leão quanto à negligência do arco nos séculos anteriores, com a explicação das causas para o declínio da utilização deste e a análise da importância que ele tinha no paradigma bélico do reinado do *Sábio* e do período compreendido entre os séculos VII e X, também poderia constituir um estudo interessante.

Por fim, tecemos algumas considerações sobre o processo de produção do nosso trabalho. Não foi fácil, primeiro porque nos vimos confrontados com a falta de acesso às fontes respeitantes ao reinado de Leão VI, o que logo nos causou algum incómodo e nos redirecionou para outras fontes (tais como a crónica árabe, ou a *História* de Skylitzes) e para algumas obras de estudo. Não subvalorizamos a importância de nenhuma destas tipologias, mas sentimos que o nosso trabalho, tendo em conta o período que aborda, fica um pouco mais pobre sem referências à *Vita Euthymii*, por exemplo. Por outro lado, encetámos este projeto com conhecimentos adquiridos maioritariamente por autodidatismo, o que dificultou a compreensão de certas temáticas. No entanto, algumas aulas com o Professor João Gouveia Monteiro possibilitaram esclarecer algumas dessas dúvidas, pelo que renovamos os agradecimentos que foram feitos no início da presente dissertação.

Apesar de tudo, tivemos um enorme prazer na realização deste trabalho e esperamos ter contribuído, ainda que modestamente, para impulsionar os estudos bizantinos em Portugal. Realçamos ainda que o conhecimento da milenar aventura do Império Romano do Oriente poderá ser uma ajuda imprescindível para a interpretação de alguns dos factos do nosso tempo e da nossa própria História. Por tudo o exposto, estamos disponíveis para continuar este percurso.

## **Bibliografia**

### **Fontes**

- AL-TABARI, A *História, Volume XXXVII: A Restauração Abássida*. Tradução de Phillip M. Fields e Notas de Jacob Lassner: FIELDS, Phillip M. (1987). *The History of al-Tabari, Volume XXXVII: The Abbasid Recovery*. Nova Iorque: New York University Press.
- AL-TABARI, A *História, Volume XXXVIII: O Regresso do Califado a Bagdade*. Tradução e notas de Franz Rosenthal: ROSENTHAL, Franz (1987). *The History of al-Tabari, Volume XXXVIII: The Return of the Caliphate to Baghdad*. Nova Iorque: New York University Press.
- Constantino VII, *basileús, [Oração Militar do Imperador Constantino]*. Tradução e Comentário: MCGEER, Eric (2003). *Two military orations of Constantine VII*. In NESBITT, John W. (ed). *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*. Leiden e Boston: Brill, pp. 117-120.
- Constantino VII, *basileús*, “Da preparação e custo e soma dos pagamentos e do exército enviado contra a ímpia (ilha de) Creta com o *patrikios* e *logothetês tou droumou* Himério no tempo do Soberano Leão, amado de Cristo”. Texto, Tradução e Comentário: HALDON, John (2000). *Theory and Practice in Tenth-Century Military Administration – Chapters II, 44 and 45 of the Book of Ceremonies*. *Travaux et Mémoires* (13), pp. 202-213.
- Constantino VII, *basileús*, “*The expedition which took place against the island of Crete, and the equipping of the naval and cavalry forces, in the seventh indiction in the time of Constantine and Romanos, purple-born and faithful emperors in Christ*”. Texto, tradução e comentário: HALDON, John (2000). *Theory and Practice in Tenth-Century Military Administration – Chapters II, 44 and 45 of the Book of Ceremonies*. *Travaux et Mémoires* (13), pp. 218-235.
- “Heron de Bizâncio”, *Parangelmata Poliorcetica*. Introdução, Texto, Tradução e Comentário: SULLIVAN, Dennis F. (2000). *Siegecraft – Two Tenth-Century Military Instruction Manuals by “Heron of Byzantium”*. Washington D.C.: Dumbarton Oaks Research Papers, pp. 26-113.
- João Skylitzes, ‘*Synopsis Historion*. Tradução e Comentário: WORTLEY, John (2010). *A Synopsis of Byzantine History 811-1057*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 116-187. – Capítulos relativos aos reinados de Basílio I e Leão VI.
- Leão VI, *basileús, Taktiká*. Texto, Tradução e Comentário: DENNIS, George T. (2014). *The Taktika of Leo VI: Text, Translation and Commentary (Revised Edition)*. Washington D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection.

- Maurício, Imperador, *Stratēgikón*. Texto, Tradução e Comentário: DENNIS, George T. (1984). *Maurice's Strategikon – Handbook of Byzantine Military Strategy*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.
- Nicéforo II Focas, *basileús*, *Περὶ παραδρομῆς (Perì Paradromés)*. Texto, Tradução e Comentário: DENNIS, George T. (1985). *Three Byzantine Military Treatises*. Washington D.C.: Dumbarton Oaks, pp. 137-240.
- Nicéforo II Focas, *basileús*, *Praecepta Militaria*. Texto, Tradução e Comentário: MCGEER, Eric (2008). *Sowing the Dragon's Teeth: Byzantine Warfare in the Tenth Century*. Washinton D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, pp. 3-78.
- Nicéforo Ouranos, *doux* de Antioquia, *Taktiká*, capítulos 56-65. Texto, Tradução e Comentário: MCGEER, Eric (2008). *Sowing the Dragon's Teeth: Byzantine Warfare in the Tenth Century*. Washinton D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, pp.79-167.
- Onasandro, *Strategikós*. Tradução, Introdução e Notas: OLDFATHER, William A. (1943). *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*. Massachusetts: Harvard University Press, pp. 342-527.
- Polieno, *Strategematá*. Tradução, Introdução e Notas: MARTÍN GARCÍA, Francisco (1991). *Estratagemas*. In *Biblioteca Clásica Gredos* (153), pp. 146-568.
- [Siriano], *magistros*, *Perì Strategías*. Texto, Tradução e Comentário: DENNIS, George T. (1985). *Three Byzantine Military Treatises*. Washington D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, pp. 1-136.
- [Siriano], *magistros*, *Naumachíai Sirianoû Magístrou*. Texto e tradução: PRYOR, John H. e JEFFREYS, Elizabeth M. (2006). *The Age of the APOMΩN – The Byzantine Navy ca. 500-1204*. Leiden e Boston: Brill, pp. 455-482.
- Teófanos, *o Confessor*, *A Crónica*. Introdução, tradução e comentário: MANGO, Cyril e SCOTT, Roger (1997). *The Chronicle of Teophanes the Confessor*. Oxford: Clarendon Press.
- Vegécio, *Epitoma rei militaris*. Notas introdutórias, tradução e comentário: MONTEIRO, João Gouveia e BRAGA, José Eduardo (2004). *Vegécio. Compêndio da arte militar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

## Estudos

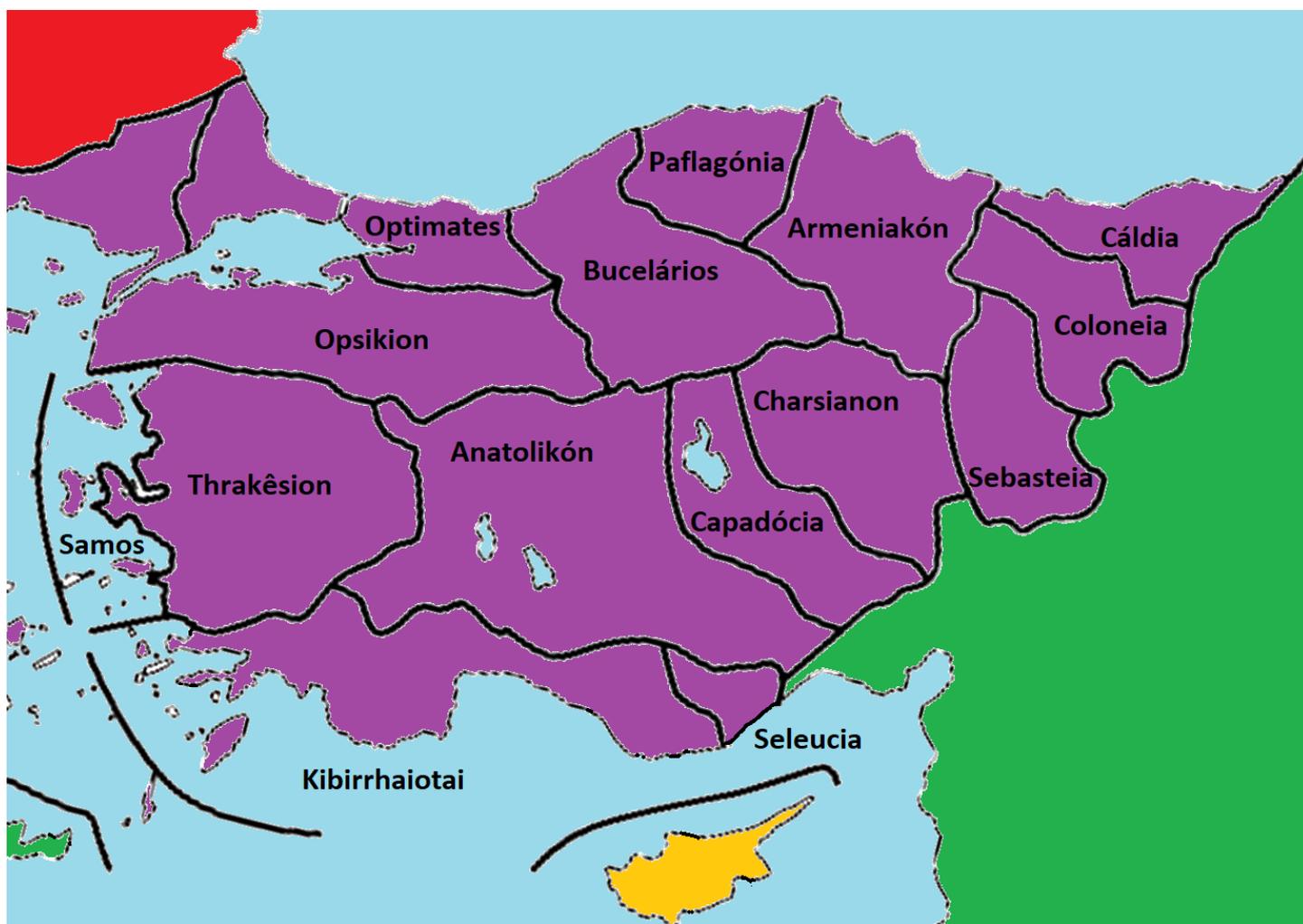
- AHRWEILER, Hélène (1966). *Byzance et la Mer: La Marine de guerre, la politique et les institutions maritimes de Byzance aux VIIe-XVe siècles*. Paris: Presses Universitaires de France.
- COSENTINO, Salvatore (2004). “III – La flota bizantina e l’Islam: aspetti di storia istituzionale e sociale”. In CARILE, Antonio e COSENTINO, Salvatore. *Storia della Marineria Bizantina*. Bolonha: Lo Scarabeo, pp. 259-274.
- COSENTINO, Salvatore (2008). “Constans II and the Byzantine navy.” *Byzantinische Zeitschrift* 100 (2), 577-603.
- COSENTINO, Salvatore (2009). *Writing about War in Byzantium*. In “Revista de História das Ideias”, vol. 30, Coimbra, pp. 83-100.
- DAGRON, Gilbert (1983). *Byzance et le modèle islamique au Xe siècle. A propos des Constitutions tactiques de l'empereur Léon VI*. In: *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, ano 127, n° 2. pp. 219-243;
- DAIN, Alphonse (1967) *Les stratégestes byzantins*. In *Travaux et Mémoires*, 2, pp. 317-363;
- DENNIS, George T. (2014) *The Taktika of Leo VI: Text, Translation and Commentary (Revised Edition)*. Washington D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection.
- HALDON, John e KENNEDY, Hugh (1980). *The Arab-Byzantine Frontier in the Eighth and Ninth Centuries: Military Organization and Society in the Borderlands*. *Zbornik Radova Visantoloskog Instituta* (19), pp. 79-116.
- HALDON, John (1993). *Military Service, Lands, and the Status of Soldiers: Current Problems and Interpretations*. In *Dumbarton Oaks Papers* (23), pp. 1-67.
- HALDON, John (1999). *Warfare, State and Society in the Byzantine World, 565-1204*. Londres: University College of London Press.
- HALDON, John (2000). *Theory and Practice in Tenth-Century Military Administration – Chapters II, 44 and 45 of the Book of Ceremonies*. In *Travaux et Memóires* (13), pp. 201-352.
- HALDON, John (2001). *The Byzantine Wars. Battles and Campaigns of the Byzantine Era*. Gloucestershire: Tempus Publishing Ltd.

- HALDON, John *et alli.* (2006). *Greek fire revisited: recent and current research.* In JEFFREYS, Elizabeth. *Byzantine Style, Religion and Civilization – In Honour of Steven Runciman.* Cambridge: Cambridge University Press, pp. 290-325.
- HALDON, John (2014). *A Critical Commentary on THE TAKTIKA of Leo VI.* Washington D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection.
- HALDON, John (2016a). *The Empire that would not die – The Paradox of Eastern Roman Survival, 640-740.* Cambridge e Londres: Harvard University Press.
- HALDON, John (2016b). *A context for two “evil deeds”: Nikephoros I and the origins of the themata.* In DELOUIS, Olivier, MÉTIVIER, Sophie e PAGÈS, Paule (ed.) (2016). *Le Saint, Le Moine et le Paysan: Mélanges d’histoire byzantine offerts à Michel Kaplan.* Paris: Publications de la Sorbonne, pp. 245-266.
- HEATH, Ian (1980). *Armies of the Dark Ages 600-1066 – Organization, tactics, dress and weapons.* 2ª Edição, Sussex: Wargames Research Group Publication.
- HUPCHIK, Dennis P. (2017). *The Bulgarian-Byzantine Wars for Early Medieval Balkan Hegemony – Silver-lined Skulls and Blinded Armies.* Estados Unidos da América: Palgrave Macmillan.
- KAEGI, Walter (1964). *The Contribution of Archery to the Turkish Conquest of Anatolia.* *Speculum*, 39(1), 96-108.
- KAEGI, Walter (1983). *Some Thoughts on Byzantine Military Strategy.* Brooklyn, Massachusetts: Hellenic College Press.
- KAEGI, Walter E (2005). *Byzantium and the Early Islamic Conquests.* Cambridge: Cambridge University Press.
- KARLIN-HAYTER, Patricia (1967). ‘When Military Affairs Were in Leo’s Hands’: A Note on Byzantine Foreign Policy (886-912). *Traditio* (23), pp. 15-40.
- KAZDHAN, P. (ed.) (1991). *The Oxford Dictionary of Byzantium.* Volume II, Oxford: Oxford University Press.
- KENNEDY, Hugh (2001). *The Armies of the Caliphs: Military and Society in the Early Islamic State.* Londres e Nova Iorque: Routledge.
- KENNEDY, Hugh (2004). *The Prophet and the Age of Caliphs.* Segunda Edição, Grã-Bretanha: Pearson Longman.

- LUTTWAK, Edward N. (2009). *The Grand Strategy of the Byzantine Empire*. Cambridge e Londres: The Belknap Press of Harvard University Press.
- MCGEER, Eric (1988). *Infantry versus Cavalry: The Byzantine Response*. In *Revue des études byzantines*, 46, pp. 135-145.
- MCGEER, Eric. *Tradition and Reality in the Taktika of Nikephoros Ouranos*. In *Dumbarton Oaks Papers*, 45, 1995, pp. 130-140.
- MCGEER, Eric (2003). *Two military orations of Constantine VII*. In NESBITT, John W. (ed). *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*. Leiden e Boston: Brill, pp. 111-138.
- MCGEER, Eric (2008a). *Military Texts*. In Elizabeth Jeffreys et alii (ed.), *The Oxford Handbook of Byzantine Studies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 907-914.
- MCGEER, Eric (2008b). *Sowing the Dragon's Teeth: Byzantine Warfare in the Tenth Century*. Washinton D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection.
- METCALFE, Alex (2009). *The Muslims of Medieval Italy*. Edinburgo: Edinburgh University Press.
- MONTEIRO, João Gouveia (2017). "I Parte – História Concisa do Império Bizantino (das Origens à Queda de Constantinopla)". In MONTEIRO, João Gouveia (dir.). *História de Roma Antiga: Volume III – O Sangue de Bizâncio*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 13-164.
- NISA, João (2016). *A Arte Militar Bizantina: O Tratado De Velitatione Bellica. (séc. X)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- NISA, João (2017). "III Parte – A Poliorcética e o Poder Naval Bizantinos". In MONTEIRO, João Gouveia (dir.). *História de Roma Antiga: Volume III – O Sangue de Bizâncio: Ascensão e Queda do Império Romano do Oriente*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- PETERSEN, Leif Inge (2013). *Siege Warfare and Military Organization in the Successor States (400-800 AD)*. Boston: Brill.
- PRYOR, John H. e JEFFREYS, Elizabeth M. (2006). *The Age of the ΔΡΟΜΩΝ – The Byzantine Navy ca. 500-1204*. Leiden e Boston: Brill.
- RAVEGNANI, Giorgio (2004). *I Bizantini in Italia*. Bolonha: Il Mulino.
- RIEDEL, Meredith. *The Sacrality of a Sovereign: Leo VI and Politics in Middle Byzantium*. In «[https://www.academia.edu/3831861/The\\_Sacrality\\_of\\_a\\_Sovereign\\_Leo\\_VI\\_and\\_Politics\\_in\\_Middle\\_Byzantium](https://www.academia.edu/3831861/The_Sacrality_of_a_Sovereign_Leo_VI_and_Politics_in_Middle_Byzantium)». Consultado às 3:30 do dia 4 de outubro de 2017.

- SEKUNDA, Nick (1989). *The Persians in* HACKETT, Sir John (ed.) *Warfare in the Ancient World*. Alemanha Ocidental: Facts on File.
- TOUGHER, Shaun (1997). *The Reign of Leo VI (886-912)*. Leiden, Nova Iorque e Colónia: Brill.
- TREADGOLD, Warren (1995). *Byzantium and Its Army*. Stanford: Stanford University Press.
- TREADGOLD, Warren (1997). *A History of the Byzantine State and Society*. Stanford: Stanford University Press.

## Anexos I – Mapas e Esquemas



### Legenda

|  |                   |  |                         |
|--|-------------------|--|-------------------------|
|  | Império Bizantino |  | Territórios Muçulmanos  |
|  | Império Búlgaro   |  | Ilha de Chipre (neutro) |

**Mapa 1.1** – Os *themáta* da Ásia Menor no início do século X.

**Fonte** - HALDON, John (2005). *The Palgrave Atlas of Byzantine History*. Londres: Palgrave Macmillan, p. 71.

**Edição de imagem** – João Paiva e João Neto



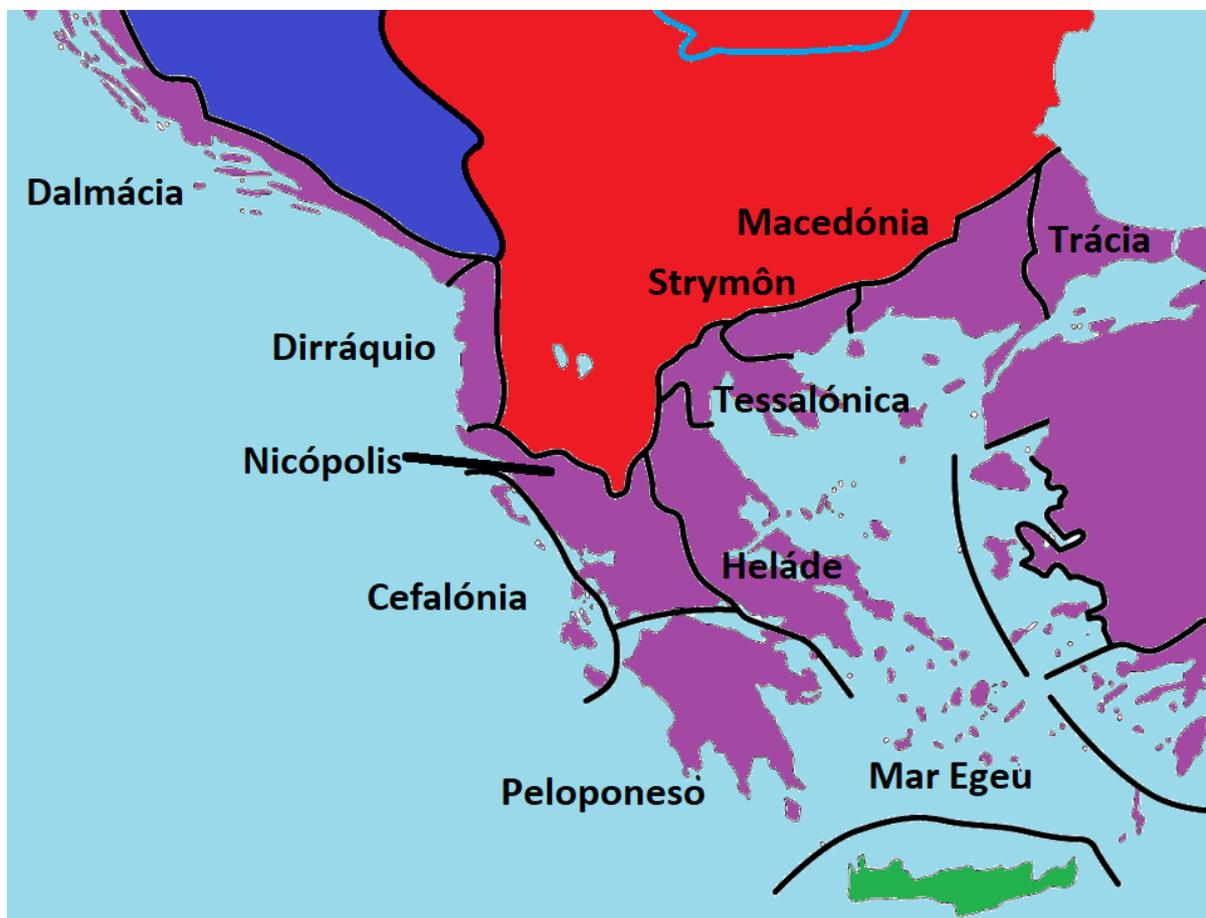
## Legenda

|   |                   |   |                         |
|---|-------------------|---|-------------------------|
|  | Império Bizantino |  | Territórios Muçulmanos  |
|  | Império Búlgaro   |  | Ilha de Chipre (neutro) |

**Mapa 1.2** – As principais cidades da Ásia Menor no início do século X

**Fonte** - HALDON, J. (2005) – *Op. cit.*, p. 71.

**Edição de imagem** – João Paiva e João Neto



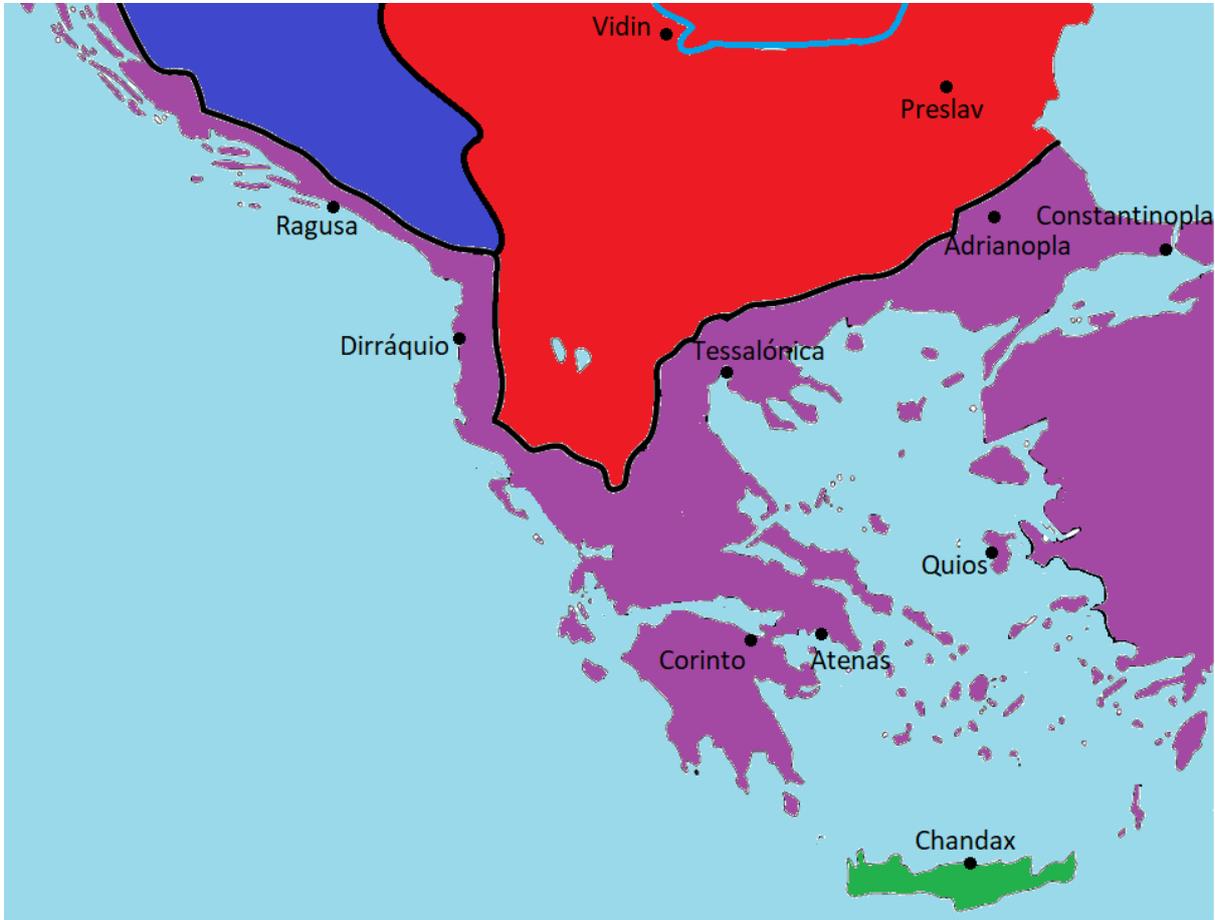
## Legenda

|   |   |
|---|---|
|  Império Bizantino |  Creta             |
|  Império Búlgaro   |  Croatas e Sérvios |

**Mapa 2.1** – Os *themátas* dos Balcãs no início do século X

Fonte - HALDON, J. (2005) – *Op. cit.*, p. 71.

Edição de imagem – João Paiva e João Neto



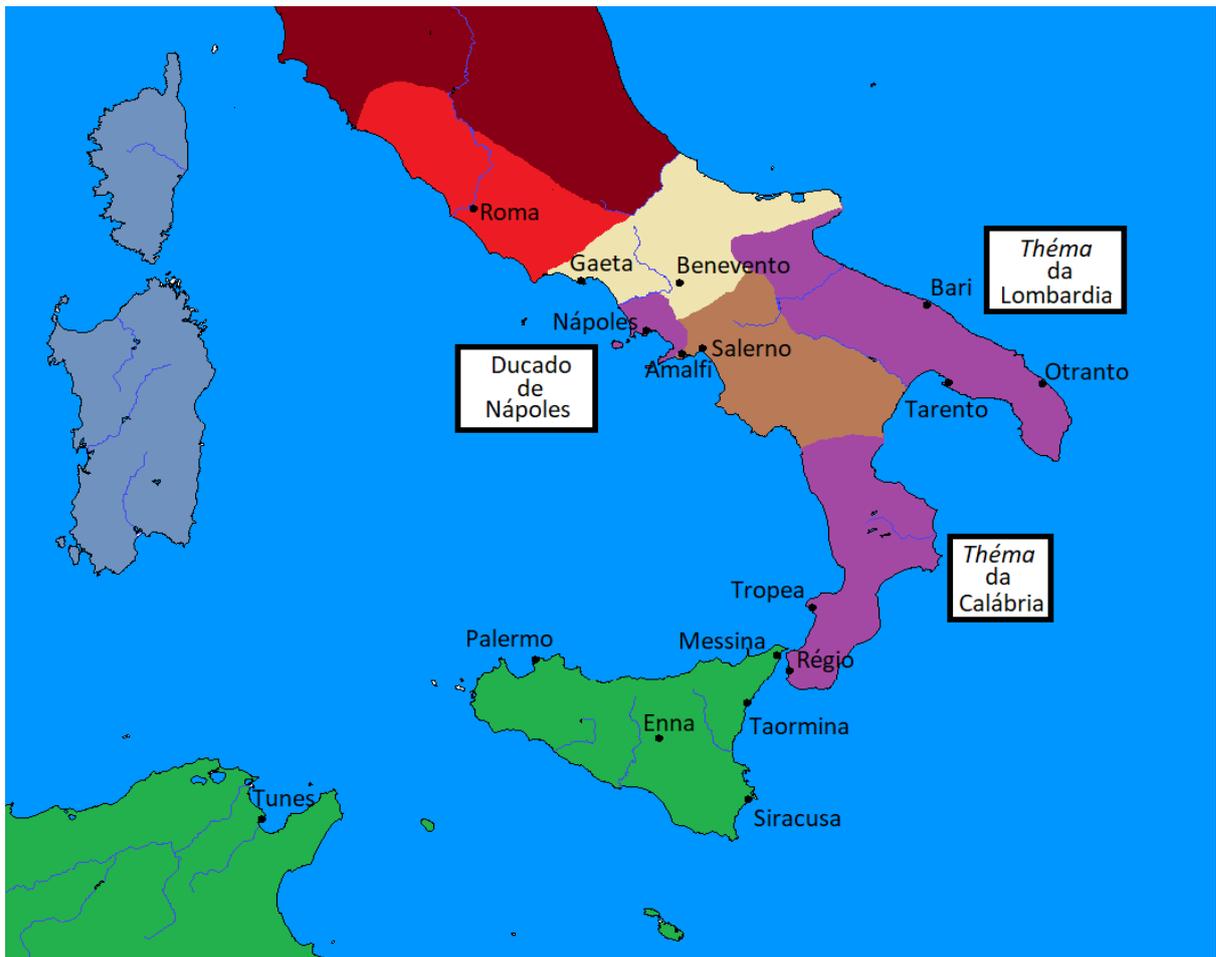
## Legenda

|   |                   |   |                   |
|---|-------------------|---|-------------------|
|  | Império Bizantino |  | Creta             |
|  | Império Búlgaro   |  | Croatas e Sérvios |

**Mapa 2.2** – As principais cidades dos Balcãs no início do século X

**Fonte** - HALDON, J. (2005) – *Op. cit.*, p. 71.

**Edição de imagem** – João Paiva e João Neto



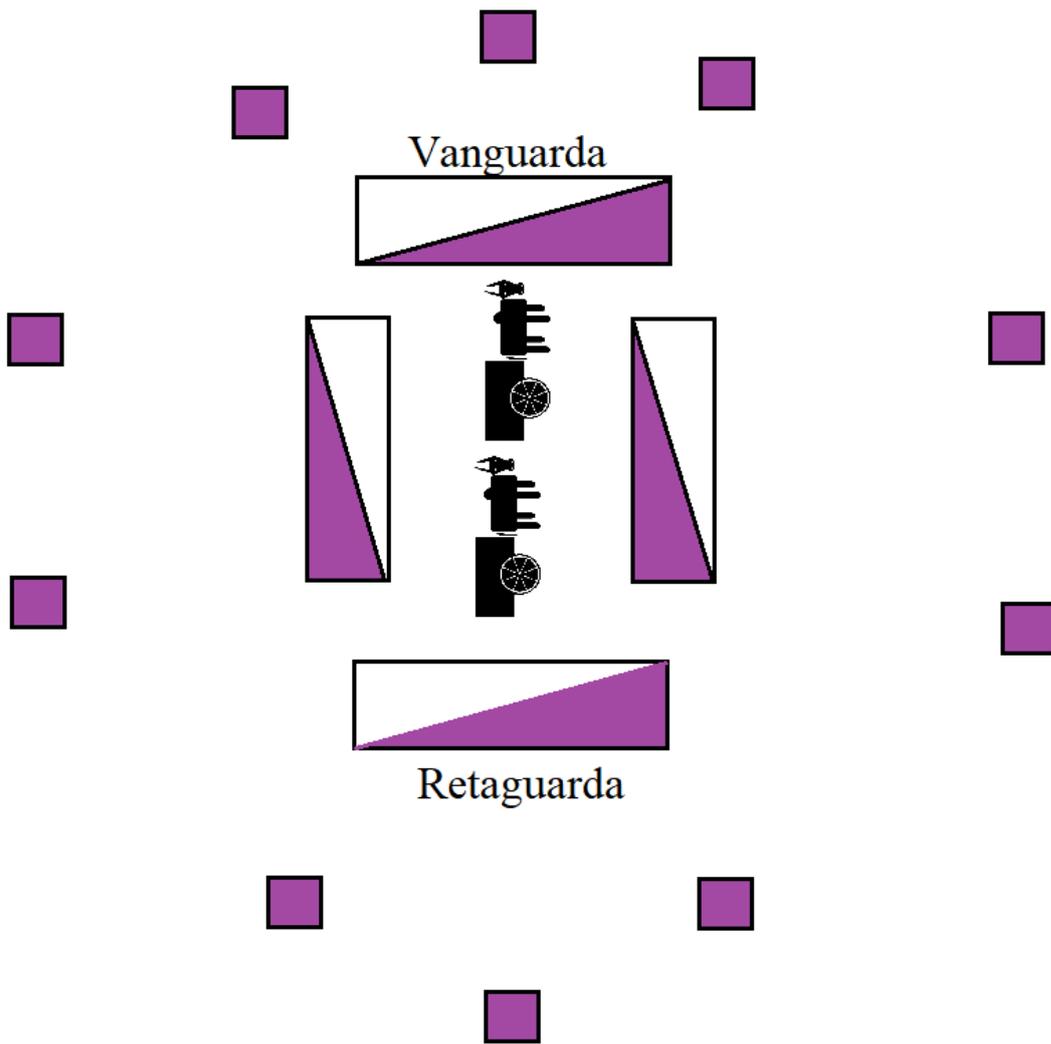
## Legenda

|  |                      |  |                            |
|--|----------------------|--|----------------------------|
|  | Império Bizantino    |  | Reino Carolíngio de Itália |
|  | Ducado de Benevento  |  | Posses papais              |
|  | Ducado de Salerno    |  | Emirado Aglábida           |
|  | Território Disputado |  |                            |

**Mapa 3** – Mapa geopolítico do sul de Itália e das suas principais cidades no início do século X

**Fonte** - <https://www.alternatehistory.com/forum/threads/a-blank-map-thread.25312/>;  
Consultado a 31 de outubro, pelas 23:45

**Edição de imagem** – João Paiva



Legenda

 Guarda-flancos



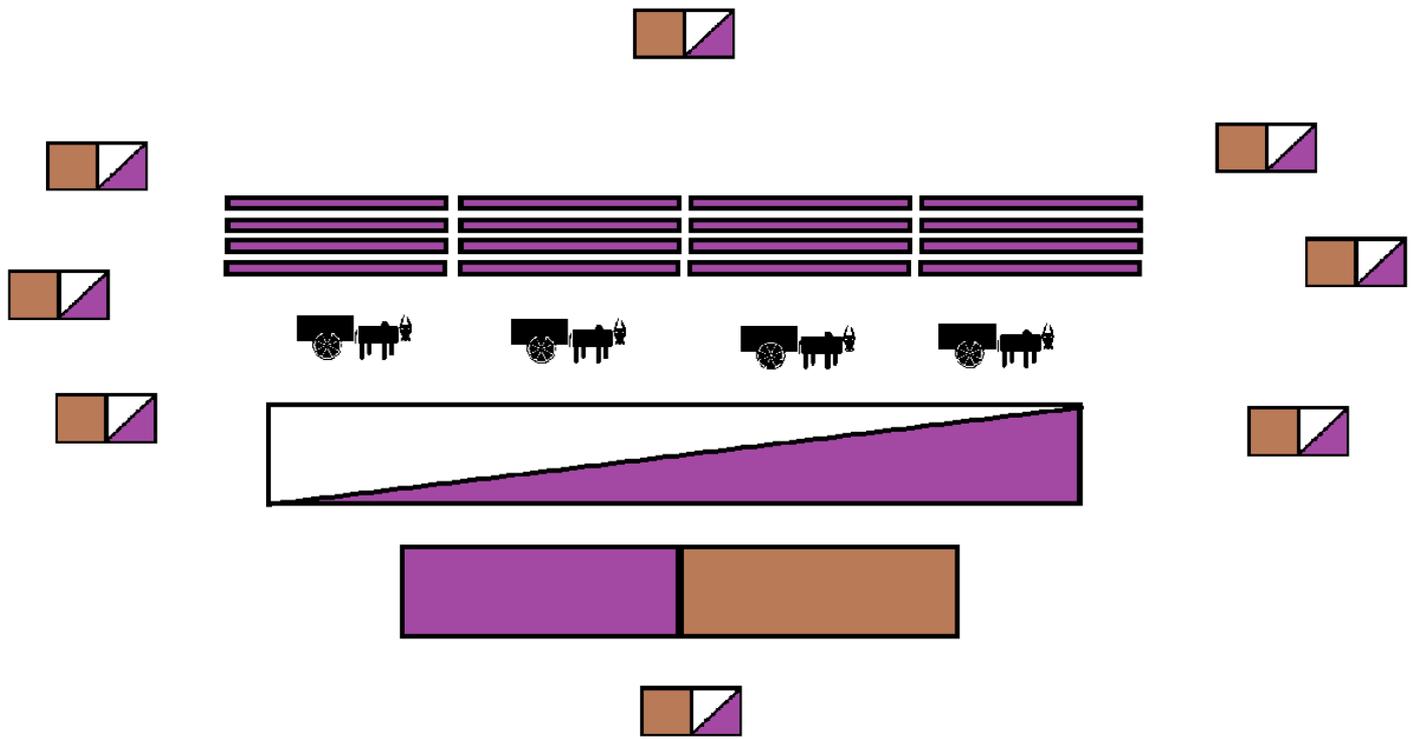
Cavalaria



Trem-de-apoio

**Esquema 1** – Marcha em território hostil

**Autoria** – João Paiva

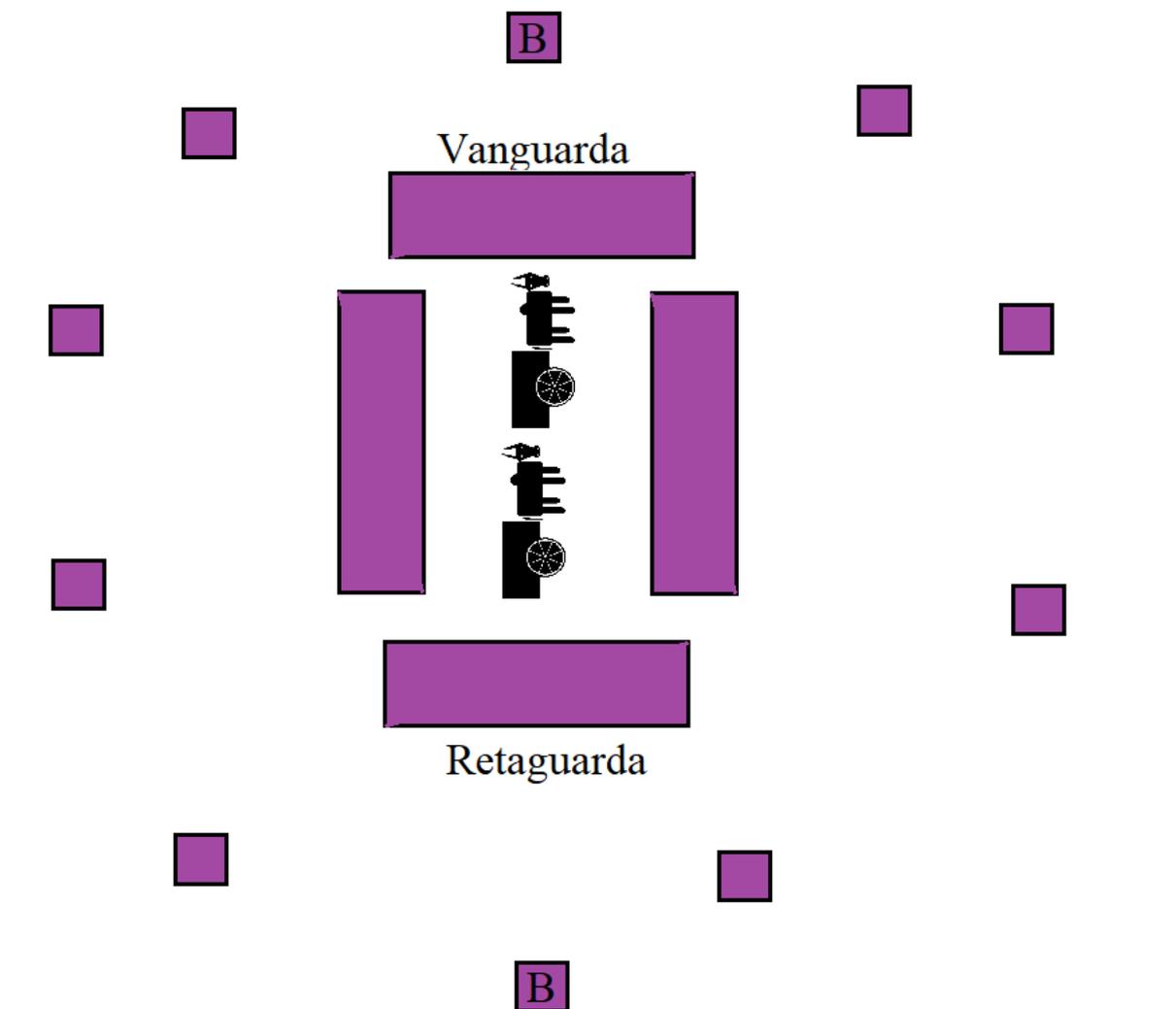


Legenda:

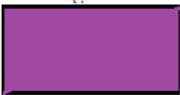
- |   |  |  |  |
|---|--|--|--|
|  | Batedores e Guarda-Flancos<br>(Cavalaria e Infantaria Ligeira) |  | Cavalaria  |
|  | Infantaria Pesada  |  | Saka/Retaguarda (Infantaria<br>Pesada e Ligeira) |
|  | Carriagem  |  |  |

**Esquema 2** – Marcha em território hostil com infantaria

**Autoria** – João Paiva

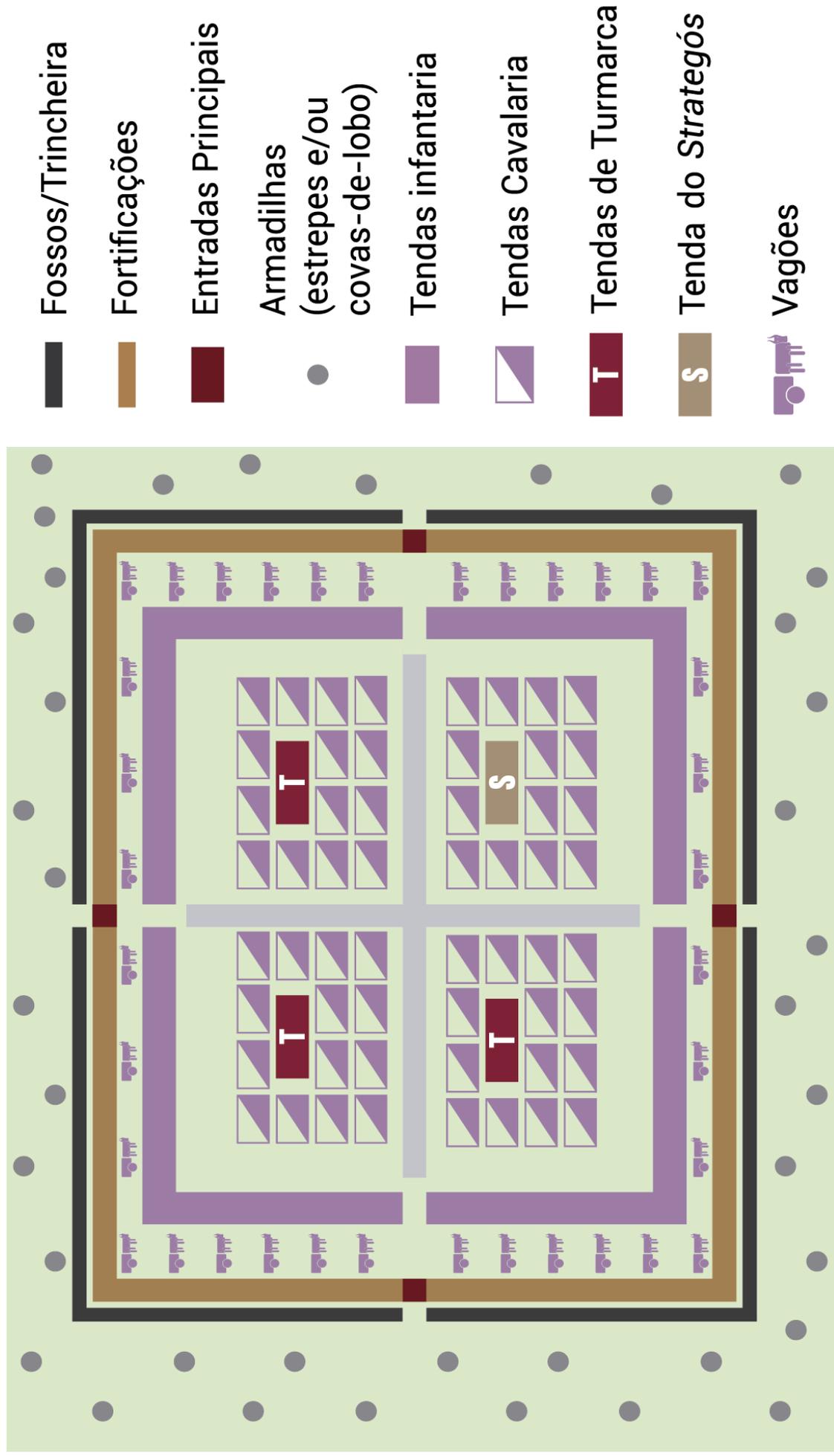


Legenda

- |   |                |   |                                     |
|---|----------------|---|-------------------------------------|
|  | Guarda-flancos |  | Infantaria e/ou<br>Cavalaria Apeada |
|  | Trem-de-apoio  |   |                                     |

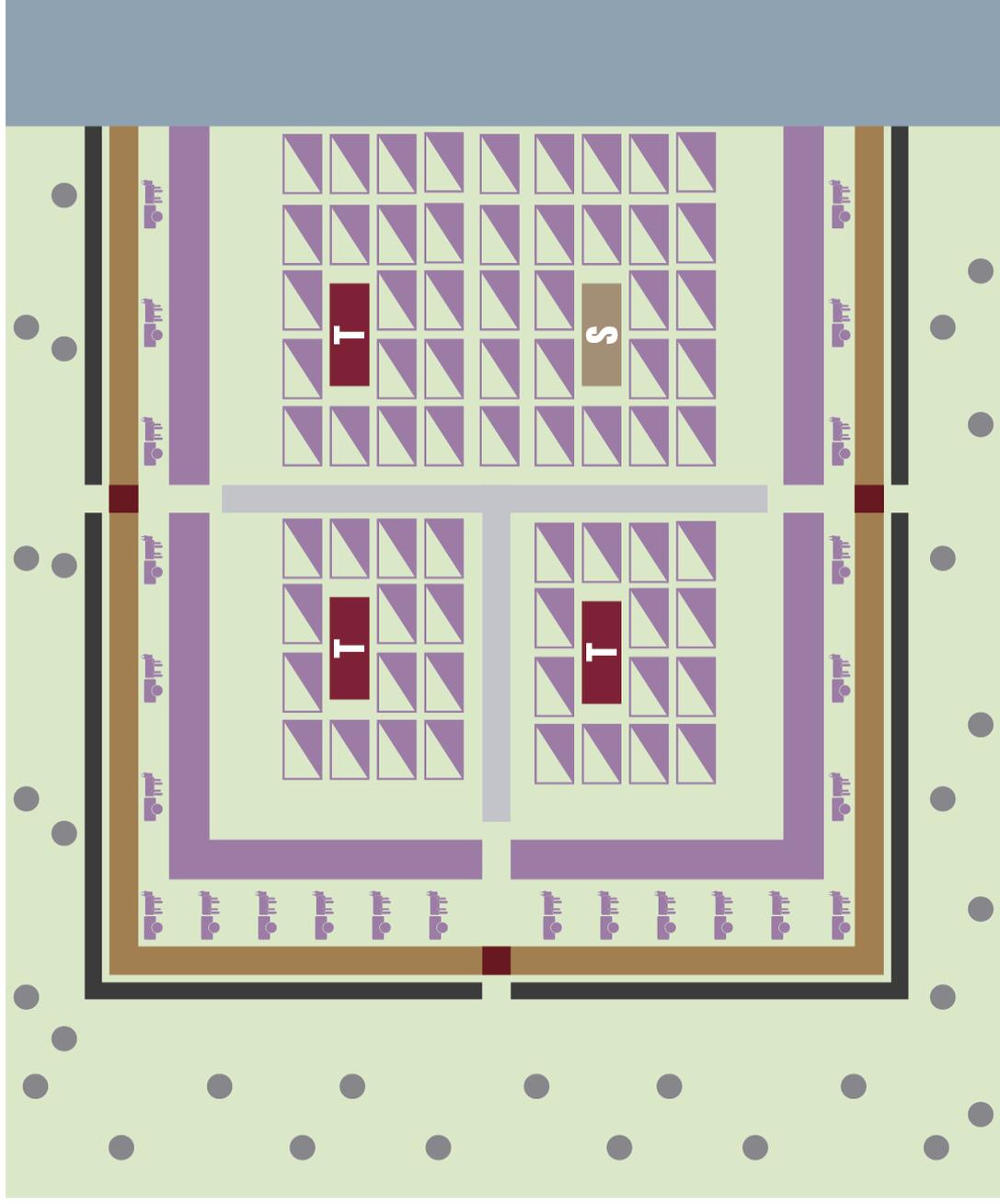
**Esquema 3** – Passagem de um desfiladeiro

**Autoria** – João Paiva



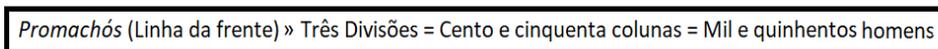
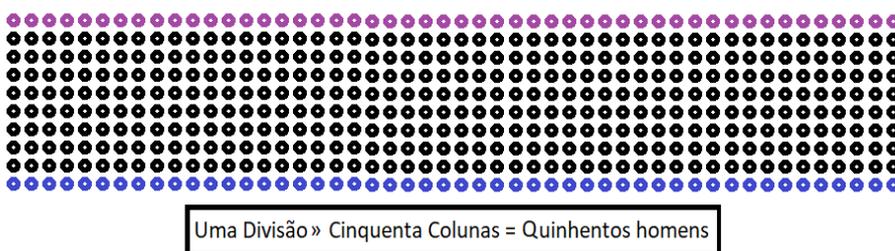
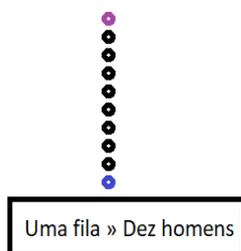
**Esquema 4** - Exemplo de acampamento fortificado bizantino

Autoria – Jorge Wolfs e João Paiva



**Esquema 5** – Exemplo de acampamento fortificado bizantino junto a um curso de água

Autoria – Jorge Wolfs e João Paiva

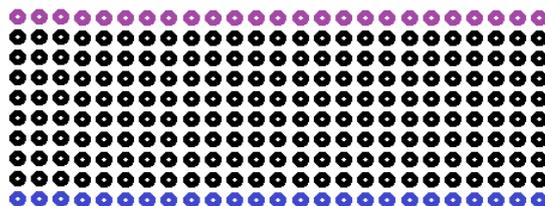


Legenda:

- Decarca
- Cavaleiros
- Ourágos
- Divisão

**Esquema 6** – Constituição de um *Prómachos*

**Autoria** – João Paiva



Uma divisão » Vinte e cinco filas = Duzentos e cinquenta homens



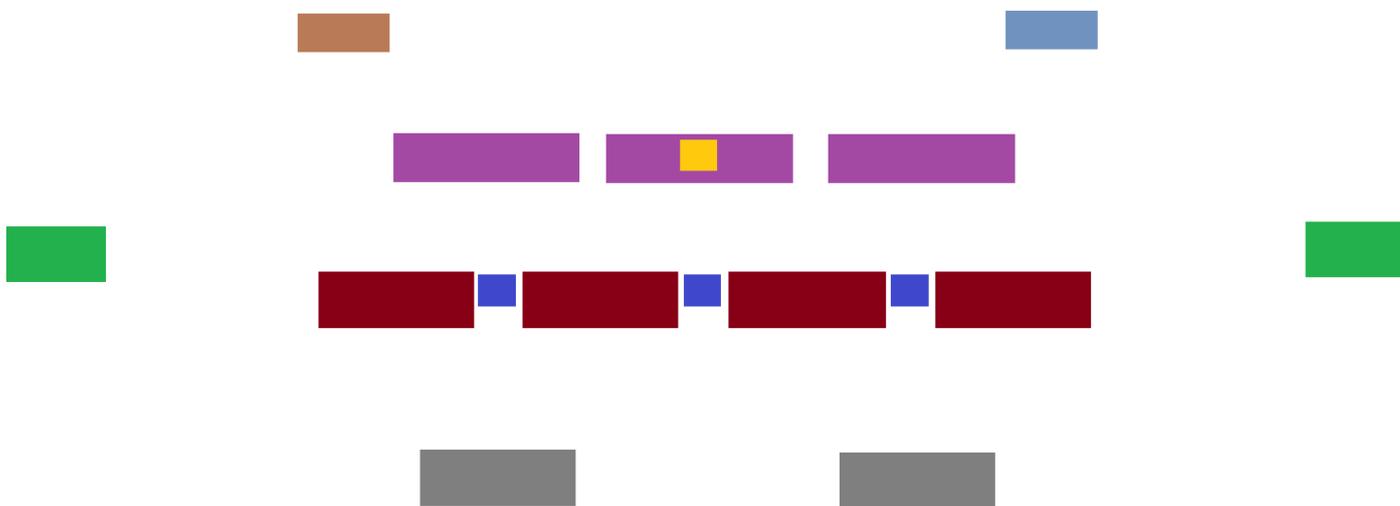
Segunda linha » Quatro divisões = Cem filas = Mil homens

Legenda:

- Decarca
- Cavaleiros
- *Ourágos*
- Divisão
- "Ocupa-intervalos"

**Esquema 7** – Constituição da segunda linha

**Autoria** – João Paiva



Legenda:

|   |                             |   |                               |   |                    |
|---|-----------------------------|---|-------------------------------|---|--------------------|
|  | Divisão da <i>Promachós</i> |  | <i>Bandón</i> para emboscadas |  | "Ocupa-intervalos" |
|  | Divisão da segunda linha    |  | Flanqueadores                 |  | <i>Strategós</i>   |
|  | Divisão da retaguarda       |  | Guarda-flancos                |   |                    |

**Esquema 8** – Hipótese de um dispositivo tático de um *théma*

**Autoria** – João Paiva

## Anexos II – Cronologia político-militar do período médio bizantino

| Ano        | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília                                | Próximo e Médio<br>Oriente |
|------------|--|---|----------------------------|
| Século V   |  |   |                            |
| 476        |  | <b>Itália:</b> Queda do Império Romano do Ocidente com a deposição de Rómulo Augusto por Odoacro. |                            |
| Século VI  |  |   |                            |
| Ca.<br>579 |  | <b>Itália:</b> Constituição dos ducados de Benevento e de Espoleto.                               |                            |
| 580        |  | <b>Balcãs:</b> Os Ávaros conquistam Sirmio  |                            |
| 581        |  | <b>Balcãs e Grécia:</b> Penetração dos Eslavos nestas áreas e posterior fixação.                  |                            |
| 582        | Início do principado de Maurício.  |   |                            |

| Ano               | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|-------------------|--|--|--|
| 584               |  | <b>Itália:</b> 4 de outubro – Formação do Exarcado de Ravenna, em moldes similares ao Exarcado de África, formado pela mesma altura.                                   |  |
| 590               |  |  | <b>Pérsia:</b> Deposição do imperador Cosroés II da Pérsia, que foge para o Império Bizantino e apela a ajuda do imperador Maurício. |
| 591               |  | <b>Itália:</b> Roma é cercada pelo duque Ariulfo de Espoleto.  | <b>Pérsia:</b> Com ajuda bizantina, Cosroés II recupera o trono do Império Sassânida.  |
| <b>Século VII</b> |  |  |  |
| 600               |  | <b>Balcãs:</b> Assinatura de um tratado com os Ávaros, após vários sucessos bizantinos na região (como a reconquista de Belgrado) que fixa a fronteira no rio Danúbio. |  |

| Ano                                    | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina               | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|--|--|--|---|
| 602                                    | <u>Rebelião das tropas da fronteira do Danúbio e execução de Maurício;</u><br>Proclamação de Focas como Imperador. |  | Início da última <u>Guerra Bizantino-Persa</u> : Cosroés II sustenta esta guerra na falta de legitimidade de Focas ao trono bizantino e apoia um pretendente, supostamente filho de Maurício. |
| <b>Início da época média bizantina</b> |  |  |   |
| 610                                    | Deposição e assassinato de Focas por Heráclio, filho do exarca de África;<br>Proclamação do mesmo como Imperador.  |  |   |
| 614                                    | <u>Conquista de Jerusalém por Cosroés II:</u> captura da Vera Cruz.  |  |   |
| 620                                    |  | <b>Egipto:</b> <u>Conquista do Egipto</u> pelos Persas Sassânidas. |   |
| 622                                    | Expulsão das forças persas presentes na Ásia Menor.  |  | <b>Arábia:</b> Realiza-se a <i>Hégira</i> – a fuga de Maomé de Meca para Medina.  |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|-----|---|--|---|
| 624 | <p><u>Reconquista da Arménia</u> a Cosroés II e posterior vitória de Heráclio sobre três exércitos persas. Destruição do Grande Templo Zoroastra em Takht-I-Suleiman.</p> |  |   |
| 626 | <p><u>Cerco Ávaro-Persa de Constantinopla</u> termina com vitória bizantina; O general Shahrbaraz e o <i>khan</i> ávaro retiram.</p>                                      |  |   |
| 627 |   |  | <p><b>Iraque:</b> <u>Batalha de Nínive</u> - Grande vitória de Heráclio sobre os Persas em Nínive abre caminho para Ctesifonte;</p>   |
| 628 |   |  | <p><b>Pérsia:</b> A 28 de fevereiro um golpe de estado encetado por Xeroé, filho de Cosroés II, termina com o regime do pai;</p> <p>Início de negociações para pôr fim à (última) Guerra Bizantino-Persa.</p> <p>Usurpação de Shahrbaraz.</p> |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|-----|---|--|--|
| 629 |   |  | <b>Próximo e Médio Oriente:</b> Celebração da paz entre Bizantinos e Persas; as áreas territoriais ocupadas pelas duas potências voltam ao estado em que se encontravam antes do início dos conflitos. |
| 630 | Entrada vitoriosa de Heráclio em Jerusalém, com o retorno das relíquias sagradas capturadas pelos Persas, celebra a vitória final do Império Bizantino. |  | <b>Arábia:</b> Regresso e conquista de Meca pelo Profeta Maomé, que a transforma no centro espiritual do Islão.  |
| 632 |   |  | <b>Arábia:</b> Morte de Maomé, que é sucedido pelo primeiro Califa Abu Bakr, o seu sogro; <u>Guerras da Ridda</u> para unificar a Península Arábica.   |
| 633 | Primeiras incursões Árabes na Síria-Palestina.  |  |  |
| 634 | <b>Palestina:</b> <u>Batalha de Ajnadain</u> – O primeiro confronto campal entre Bizâncio e Muçulmanos, termina com a vitória dos seguidores do Islão.  |  | <b>Arábia:</b> Morte do Califa Abu-Bakr, é sucedido por Omar.  |

| Ano            | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|----------------|---|--|--|
| 634<br>(cont.) |   |  | <b>Iraque:</b> <u>«Batalha da Ponte»</u> entre Árabes e Persas, termina com a vitória do Imperador Yazdarij da Pérsia.   |
| 636            | <b>Palestina:</b> <u>Batalha de Yarmuk</u> – Vitória esmagadora do general Khalid ibn al-Walid sobre as forças bizantinas de Teodoro e Baanes, possibilita a conquista árabe quase absoluta da Síria-Palestina com exceção de Jerusalém e Cesareia.<br>Heráclio ordena a retirada para a Ásia Menor e que o combate campal seja evitado a todo o custo. |  |  |
| 637            |   |  | <u>Batalha de Qadisyia:</u> Uma vitória muçulmana decisiva permite a conquista de Ctesifonte e a conquista do Iraque; Os Persas retiram para o planalto do Irão.<br><br><u>Batalha de Jalula:</u> nova vitória muçulmana sobre os Sassânidas culmina com a consolidação da conquista da Mesopotâmia e do Crescente Fértil. |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente |
|-----|--|--|----------------------------|
| 638 | <u>Conquista árabe de<br/>Jerusalém.</u>   |  |                            |
| 639 |  | <p><b>Egipto – 12 de dezembro:</b><br/>Início da <u>conquista<br/>muçulmana do Egipto</u> com<br/>o ataque ao posto<br/>fronteiriço de Al-Arisch</p> <p><b>Itália:</b> O rei Rotário dos<br/>Lombardos conquista a<br/>região de Veneza, menos o<br/>lago.</p> |                            |
| 640 | <u>Conquista árabe de<br/>Cesareia.</u>  | <p><b>Egipto – julho de 640:</b><br/>Início do <u>cerco à fortaleza<br/>bizantina de Babilónia</u>,<br/>junto ao local do atual<br/>Cairo.</p> <p><b>Itália –</b> O exarca Isácio<br/>ordena o saque do tesouro<br/>papal.</p>                                 |                            |
| 641 | <b>11 de fevereiro:</b> Morte de<br>Heráclio.  | <b>Egipto –</b> <u>Rendição de<br/>Babilónia</u> , que isola<br>Alexandria como única<br>cidade do Egipto em mãos<br>bizantinas  |                            |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|-----|--|--|---|
| 642 | Início da <u>anexação muçulmana da Arménia</u> , que será findada no ano seguinte.                   | <p><b>Irão</b> – <u>Batalha de Nehawend</u> -a ‘vitória das vitórias’ dos Árabes põe fim ao que restava das forças militares persas.</p> <p><b>Egipto:</b> <u>Submissão de Alexandria</u>, marca o fim da conquista árabe do Egipto.</p> |   |
| 644 |  | <b>Itália:</b> <u>Rotário, rei dos Lombardos, conquista a Ligúria.</u>   | Assassinato de Omar, é substituído pelo secretário do Profeta, Uthman, um primo afastado membro da família Ummayya. |
| 645 |  | <b>Egipto:</b> <u>Reocupação bizantina de Alexandria.</u>  |   |
| 646 |  | <p><b>Egipto:</b> <u>Rendição definitiva de Alexandria</u>, fim da última tentativa de reconquista do Egipto.</p> <p><b>Norte de África:</b> Rebelião no Exarcado de África.</p>   |   |
| 648 |  | <b>Norte de África:</b> Fim da rebelião do Exarcado de África, quando o exarca é morto por saqueadores árabes.   |   |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|-----|---|--|--|
| 649 | Uma frota bizantina derrota uma das primeiras frotas muçulmanas após esta saquear a ilha de Chipre.   |  |  |
| 651 |   | <b>Khorasan:</b> <u>Batalha do rio Oxus</u> – Vitória decisiva árabe e fim oficial do Império Persa Sassânida. |  |
| 654 | <u>Batalha dos Mastros</u> – Vitória naval árabe junto à Lícia, põe fim à talassocracia bizantina e assegura a conquista de várias ilhas como Rodes e Chipre. |  |  |
| 656 |   |  | <p><b>Arábia: 17 de Junho</b> – Assassinato de Uthman em Medina. Eleição quase imediata de Ali, o genro do Profeta, como califa.</p> <p><b>Outubro</b> – <u>Batalha do Camelo</u> – Ali derrota o triunvirato encabeçado pela viúva de Maomé, Aisha. O seu poder passa a ser disputado apenas por Muawiya, parente de Othman, membro da família Umayyad e governador da Síria, que</p> |

| Ano            | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|----------------|--|---|---|
| 656<br>(cont.) |  |   | recusa ser substituído pelo novo governador enviado por Ali.  |
| 657            |  |   | <p><b>Síria: 26 de Julho:</b><br/><u>Batalha de Siffin</u> – quase-vitória de Ali que só não é alcançada porque o Alcorão é elevado numa lança pelos Sírios, que apelam a Deus para decidir a querela.</p> <p>Discussões no seio das forças de Ali, provocam confrontos violentos com um grande conjunto dos apoiantes do califa, os Kharijitas, que resultam na expulsão dos mesmos. Enfraquecimento da causa do genro do profeta.</p> |
| 658            |  | <p><b>Balcãs:</b> Ataques bem-sucedidos de Constante II aos Eslavos, culminam na reconquista de vários territórios e no reconhecimento da soberania bizantina na Macedónia.</p> |   |

| Ano         | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina                                     | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|-------------|--|--|---|
| 659-<br>662 | Período em que Warren Treadgold defende que os <i>themáta</i> terão sido fundados, que também corresponde a uma trégua bizantino-árabe.  |  |   |
| 661         |  |  | <b>Síria:</b> Depois de vários reveses, como a perda do Egipto para Muawiyia, Ali é assassinado por um Kharijita. O seu filho, Hussein, transfere os poderes para Muawiyia que se torna Califa. Fim do Califado Rashidun e início do Califado Omíada. |
| 662         | Constante II abandona Constantinopla para fortalecer as defesas da Itália e África, deixando Constantino IV a governar em Constantinopla |  |   |
| 668         |  | <b>Itália:</b> Assassinato de Constante II, em Siracusa, a mando do <i>komés</i> do <i>Opsikíon</i> . Rebelião no <i>théma</i> dos Armeníacos. |   |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina   | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|-----|--|--|--|
| 670 | Estabelecimento de bases avançadas árabes em Kairouan, no Norte de África, e Cízico na região do <i>Opsikion</i> .   |  |  |
| 674 | <u>Ocupação árabe da cidade de Cízico</u> , que é usada como base para ataques navais que iam do Mar de Marmara até aos subúrbios de Constantinopla. <u>Início do primeiro cerco Árabe a Constantinopla.</u> |  |  |
| 677 | Reocupação de Cízico pelos Bizantinos  |  |  |
| 678 | Fim do cerco a Constantinopla, quando Constantino IV comanda a frota bizantina que, pela primeira vez, emprega o <i>fogo greguês</i> . O exército árabe é derrotado por forças provinciais.                  |  |  |
| 680 |  |  | <b>Síria:</b> Morte do Califa Muawiya, que é sucedido por Yazîd, o seu filho. Movimento favorável a Hussein, filho de Ali, é esmagado pelo exército omíada na batalha de |

| Ano            | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|----------------|--|--|--|
| 680<br>(cont.) |  |  | Karbala. Morte de Hussein e de vários partidários.   |
| 681            |  | <b>Trácia:</b> <u>Subjugação dos Eslavos do Norte da Trácia pelos Búlgaros.</u> Tentativas de os expulsar fracassaram e os Búlgaros capturam vários postos bizantinos na costa do Mar Negro. |  |
| 682            |  |  | <b>Arábia:</b> <u>Revolta em Medina contra Yazîd.</u>  |
| 683            |  |  | <b>Arábia:</b> Forças sírias leais ao califa esmagam a revolta em Medina. Cerco a Meca é interrompido pela morte de Yazîd que é sucedido pelo filho, Muawiya II, que morrerá pouco tempo depois. Início da <u>Segunda Fitna.</u> |
| 684            |  |  | <b>Síria:</b> <u>Batalha de Marj-Rahit,</u> nas imediações de Damasco: vitória dos apoiantes de Marwan sobre os apoiantes do senhor da Península Arábica, al-Zubayr. Marwan é aclamado Califa. Início da dinastia                |

| Ano            | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|----------------|---|--|---|
| 684<br>(cont.) |   |  | dos Marwanidas.   |
| 685            |   |  | <b>Síria:</b> Morte de Marwan. Ascensão de al-Malik ao trono de Damasco.  |
| 687            | Chegada de Mardaítas (refugiados cristãos da Síria) que são feitos remadores permanentes da divisão dos <i>Carabisiani</i> por Justiniano II. |  | <b>Iraque:</b> Morte de al-Mukhtar, senhor xiita de Kufa, às mãos de Já'sab, irmão de Zubayr. A Segunda Fitna passa a ser disputada apenas pelos senhores de Damasco e da Arábia. |
| 688            | A ilha de Chipre é declarada território neutro após um tratado assinado por Justiniano II e al-Malik.   |  |   |
| 689            | A divisão marítima da Hélade recebe os seus próprios Mardaítas.   |  |   |
| 691            |   |  | <b>Califado:</b> Derrota de Mus'ab às mãos do califa al-Malik.  |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina   | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|-----|--|---|---|
| 692 |  |   | <b>Arábia:</b> <u>Cerco e tomada de Meca</u> por forças de al-Malik. Morte de al-Zubayr e fim da Segunda Fitna. |
| 695 | Revolta do <i>strategós</i> dos Anatólicos, Leôncio, que depõe Justinano II, após ter sido libertado. Tinha sido preso por o considerarem como principal culpado pela deserção de Eslavos que tinham sido conscritos na divisão do <i>Opsikíon</i> , na sua primeira batalha com Árabes. |   |   |
| 697 |  | <b>Norte de África:</b> <u>Conquista de Cartago pelos Árabes.</u> A cidade é reconquistada mais tarde por uma expedição transportada pela frota dos <i>Carabisiani</i> .                          |   |
| 698 |  | <b>Norte de África:</b> <u>Expulsão da expedição e perda definitiva de Cartago para o Califado Árabe.</u> Regresso da expedição a Constantinopla onde depõe Leôncio e aclama o almirante, Tibério |   |

| Ano                | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente |
|--------------------|---|--|----------------------------|
| 698<br>(cont.)     |   | Apsimar, como <i>basileus</i> .  |                            |
| <b>Século VIII</b> |   |  |                            |
| 705                | Apoiado pelos Búlgaros, Justiniano II recupera o poder em Constantinopla e executa Tibério.   | <b>Norte de África:</b> A expansão islâmica atinge a costa atlântica sob a alçada do governador Musa Nusair.   |                            |
| 711                | Após um bem-sucedido <i>raid</i> árabe à circunscrição territorial dos <i>Anatólicos</i> , Justiniano II é destronado por uma frota que enviara para a Crimeia.   | <b>Península Ibérica – 19 de julho:</b> <u>Batalha de Guadelete</u> - as forças arábico-berberes de Tariq, comandante de Musa Nusair, derrotam o rei visigodo Rodrigo.<br><br><u>Início da conquista árabe da Península Ibérica.</u> |                            |
| 717                | Após os curtos reinados de Filípico e Anastácio II, o <i>strategós</i> dos <i>Anatólicos</i> , Leão, toma Constantinopla e depõe Teodósio III.<br><br>Início de um novo cerco árabe à capital do Império Bizantino. | <b>Gália:</b> Primeira expedição árabe transpirenaica.   |                            |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia Menor e possessões na Arménia e Síria-Palestina   | Europa e Mediterrâneo Ocidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio Oriente   |
|-----|--|---|---|
| 718 | <p><u>Fim do último cerco árabe a Constantinopla</u> – Os Árabes abandonam o cerco de Constantinopla após a destruição de alguns navios pelos Bizantinos, uma doença que vitimou muitos soldados, um inverno duro e a destruição de um exército de reforço enviado pelo Califa numa emboscada bizantina.</p> | <p><b>Península Ibérica:</b><br/><u>Batalha de Covadonga</u> -A conquista árabe da Península, nas Astúrias, por soldados cristãos sob o comando de Pelágio.</p> |   |
| 720 |  | <p><b>Gália:</b> <u>Conquista de Narbonne</u> por forças muçulmanas.</p>  |   |
| 721 |  | <p><b>Gália:</b> O Duque Eudo da Aquitânia derrota forças árabes nas proximidades de Toulouse.</p>  |   |
| 724 |  |   | <p><b>Califado:</b> Ascensão do Califa Hisham, que vai conseguir recuperar a Transoxania e o Magrebe durante o seu reinado.</p> |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina   | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente |
|-----|--|---|----------------------------|
| 727 | <p>O <i>basileús</i> Leão III põe fim a uma revolta na província dos <i>Carabisiani</i>, que o incita a mudar o quartel-general destes de Samos para o sul da Anatólia.</p> <p>A divisão dos <i>Carabisiani</i> passa a chamar-se de <i>Kibirrhaiotai</i>, por passar a ter a sua base no porto de Cibyra.</p> |   |                            |
| 732 |  | <p><b>Gália:</b> O emir Abd al-Rahman al-Ghaffiqi comanda um enorme exército para a Gália e derrota Eudo.</p> <p><u>Batalha de Tours/Poitiers</u><br/>– Al-Ghaffiqi é derrotado e morto por forças francas sob Carlos Martel.</p> |                            |
| 740 | <p><u>Batalha de Akroinos</u> – Vitória de Leão III e do futuro Constantino V sobre forças do Califado Omíada.</p>   |   |                            |
| 741 | <p>Morte de Leão III, que é sucedido por Constantino V. Revolta do Conde do <i>Opsikíon</i>, Artavasdo. Constantinopla é tomada</p>  |   |                            |

| Ano            | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina   | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|----------------|--|--|--|
| 741<br>(cont.) | por Artavasdo.   |  |  |
| 743            | <p>Forças das divisões dos <i>Anatólicos</i> e dos <i>Tracésicos</i> reconquistam Constantinopla e cegam Artavasdo.</p> <p>Fim da quinta revolta do Opsikion. Como resultado destes acontecimentos, Constantino V forma os <i>tágmata</i>, atribuindo-lhes parte do território do <i>Opsikíon</i> e territórios na Trácia.</p> |  | <b>Califado:</b> Morte de Hisham. Última fase de soberania Omíada, pautada de rebeliões, tem início.   |
| 744            |  |  | <b>Califado:</b> Ascensão do último califa omíada Marwan II, <i>o Burro Selvagem</i> .   |
| 745            |  |  | <b>Síria:</b> Ao comando dos <i>tágmata</i> , Constantino V realiza uma campanha militar nos territórios do califado com sucesso. Será a primeira invasão bem-sucedida bizantina a territórios árabes, numa geração. |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|-----|--|---|---|
| 747 |  |   | <b>Khorasan:</b> Rebenta a <u>Revolução Abássida</u> .  |
| 749 |  |   | <b>Iraque:</b> Vitória abássida junto a Kufa, apesar da morte do seu general Qahtaba.   |
| 750 |  |   | <b>Iraque:</b> <u>Batalha do rio Zab</u> : Vitória abássida decisiva. Massacre dos Omíadas. Início do Califado Abássida com o califa Al-Saffah. |
| 751 |  | <b>Itália:</b> <u>Queda de Ravena</u> – Destruição do Exarcado de Ravena pelos Lombardos. Bizâncio perde as últimas possessões na Itália Central para os Lombardos. |   |
| 752 |  | <b>Gália:</b> Os muçulmanos abandonam Narbonne, a sua última posição transpirenaica.  |   |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina                         | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|-----|--|--|--|
| 759 |  |  | <b>Califado:</b> Morte de Al-Saffah que é sucedido por Abu Já'fah Al-Mansur.   |
| 762 |  |  | <b>Iraque:</b> O califa muda-se para o seu novo palácio na "Cidade da Paz".<br>Fundação de Bagdade.<br>Al-Mansur esmaga o as forças xiitas de Muhamad durante o Ramadão. |
| 766 | Nova revolta no seio da divisão do <i>Opsikíon</i> .   |  |  |
| 767 | Esmagada a revolta, o território do <i>Opsikíon</i> é novamente dividido, desta vez, com um novo distrito, o dos Bucelários. |  |  |
| 775 | Morte de Constantino V, após um reinado bem-sucedido com várias conquistas na Trácia e vitórias sobre os Búlgaros.           |  | <b>Califado:</b> Morte de Al-Mansur, no decurso de uma peregrinação a Meca.<br><br>Ascensão de al-Mahdi.   |
| 776 |  | <b>Itália:</b> Fim do reino lombardo às mãos de Carlos Magno.      | <b>Pérsia:</b> Início da revolta de al-Muqqana   |

| Ano              | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|------------------|---|--|--|
| 780              |   |  | <b>Pérsia:</b> A revolta é subjugada.  |
| 785              |   |  | <b>Califado:</b> Morte de al-Mahdi.  |
| 786              |   |  | <b>Califado:</b> Início do califado de Harun al-Rashid, que liderará vários raides a território bizantino. |
| 789              |   | <b>Trácia:</b> Irene divide o <i>théma</i> da Trácia com um novo <i>théma</i> , o da Macedónia, após uma série de conquistas bizantinas na Trácia. |  |
| 797              | Início da governação de Irene como <i>Basileús</i> após cegar o filho por incompetência e por este ter cometido <i>moichéa</i> (adultério). |  |  |
| <b>Século IX</b> |   |  |  |
| 802              | Deposição do Irene que, após uma desastrosa política económica, é substituída num golpe de  |  |  |

| Ano            | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina                             | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|----------------|--|--|---|
| 802<br>(cont.) | Estado pelo logóteta Nicéforo, depois Nicéforo I.  |  |   |
| 809            | <i>Vexillationes</i> de Nicéforo I, tomadas por John Haldon como o início do sistema dos <i>themáta</i> .                        | <p><b>Grécia:</b> Conquista destes territórios. O <i>basileús</i> Nicéforo I procede à criação de vários <i>themáta</i> na região: Peloponeso, Cefalónia e Tessalónica.</p> <p><b>Bulgária:</b> Nicéforo I saqueia a capital do Império Búlgaro, Priska.</p>   | <b>Califado:</b> Morte de Harun al-Rashid. Al-Amin torna-se califa em Bagdade.  |
| 811            | Staurakios, o filho de Nicéforo, é deposto, após ser ferido fatalmente na batalha de Priska, e substituído por Miguel I Rangabé. | <p><b>Bulgária:</b> <u>Campanha de Nicéforo</u> contra este território volta a saquear Priska.</p> <p><u>Batalha de Priska</u> – Vitória do <i>khan</i> Krum numa emboscada e morte de Nicéforo e a destruição da maior parte do exército e da cadeia de comando bizantina.</p> <p><b>Trácia:</b> O Império da Bulgária conquista a maior parte dos territórios reconquistados por Nicéforo, com excepção da Grécia.</p> | <b>Califado:</b> Início da <u>Quarta Fitna</u> , entre o califa al-Amin e o irmão al-Mamun, governador de Khorasan. O primeiro confronto termina com a vitória das forças “rebeldes”. |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|-----|--|---|--|
| 812 |  |   | <b>Iraque:</b> Após vários embates, <u>al-Mamun</u> cerca <u>Bagdade</u> .   |
| 813 |  | <b>Trácia:</b> <u>Batalha de Versinikia</u> – nova vitória de Khrum sobre forças bizantinas.<br>Como consequência, o <i>basileús</i> Miguel abandona o cargo e é substituído por Leão V, denominado de «o Arménio». | <b>Iraque:</b> Fim do cerco de Bagdade e da Quarta Fitna. Execução de al-Amin e ascensão de al-Mamun ao cargo de califa. |
| 814 |  | <b>Império Búlgaro:</b> Morte do <i>khan</i> Krum.  |  |
| 819 |  |   | <b>Iraque:</b> Após uma série de várias guerras civis, al-Mamun entra em Bagdade.  |
| 820 | Assassinato de Leão V. Guerra civil entre Miguel II «o Amoriano» e Tomás o Eslavo.                   |   |  |
| 823 | Morte de Tomás o Eslavo, a guerra perdurará mais um ano, no entanto.                                 |   |  |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília                        | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|-----|--|---|---|
| 824 | Os últimos apoiantes de Tomás são esmagados, na Anatólia.  |   |   |
| 826 |  | <b>Sicília:</b> Revoltosos gregos da ilha apelam ao auxílio de árabes do Norte de África. |   |
| 827 |  | <b>Sicília:</b> <u>Invasão aglábida da ilha.</u>  |   |
| 828 |  | <b>Creta:</b> <u>Os Bizantinos perdem esta ilha para piratas andaluzes.</u>               |   |
| 829 | Morte de Miguel II, é substituído por Teófilo.   |   |   |
| 831 |  | <b>Sicília:</b> Os Árabes conquistam Palermo.   |   |
| 833 |  |   | <b>Califado:</b> Morte de al-Mamun, é substituído no trono pelo irmão, que reinará sob o nome de al-Mutasim (início do período abássida médio). |

| <b>Ano</b> | <b>Império Bizantino:<br/>Constantinopla, Ásia<br/>Menor e possessões<br/>na Arménia e Síria-<br/>Palestina</b>   | <b>Europa e<br/>Mediterrâneo<br/>Occidental:<br/>Balcãs, Itália, Sicília</b> | <b>Próximo e Médio<br/>Oriente</b> |
|------------|---|--|------------------------------------|
| <b>834</b> | Teófilo acolhe refugiados Curramitas, que se juntam ao exército e se convertem ao Cristianismo.   |  |                                    |
| <b>837</b> | Expedições de saque bizantinas contra o Califado. Chegada de mais Curramitas ao Império.  |  |                                    |
| <b>838</b> | <p>Revoltas Curramitas no Império.</p> <p><u>Batalha de Anzen</u> entre o <i>basileus</i> Teófilo de Bizâncio e forças abássidas (que incluíam cavaleiros turcos) sob al-Afshin, culmina com a vitória árabe.</p> <p>Saque de Ancyra e Amório por forças abássidas.</p> |  |                                    |
| <b>839</b> | Submissão dos Curramitas por Teófilo.   |  |                                    |
| <b>840</b> | Reformas militares de Teófilo: aumento de soldos e reorganização da cadeia de comando.  |  |                                    |

| Ano         | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina   | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|-------------|--|---|---|
| 840-<br>841 | As <i>kleisôurai</i> da Capadócia e Charsianon derrotam <i>raids</i> árabes. Como recompensa, a <i>kleisôura</i> da Capadócia é promovida a <i>théma</i> . |   |   |
| 841         |  | <b>Itália:</b> Os <u>Árabes tomam Bari.</u>   |   |
| 842         | Morte do <i>basileus</i> Teófilo. Ascensão de Miguel III.  |   | Morte de al-Mutasim, é substituído pelo filho al-Wathiq.  |
| 843         |  | <b>Creta:</b> <u>Tentativa falhada de reconquista de Creta pelos Bizantinos.</u> Criação do <i>théma</i> do Mar Egeu. |   |
| 844         | Estabelecimento de um “Principado Pauliciano” nas imediações da cidade de Tephrike.  |   |   |
| 847         |  |   | Morte de al-Wathiq que não tem sucessor definido. Uma <i>shura</i> (espécie de concelho) acaba por eleger um irmão de al-Wathiq como califa, que ascenderá com o nome de al-Mutawakill. |

| Ano    | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente |
|--------|---|---|----------------------------|
| 861    | Criação do <i>théma</i> de Colónia no Alto Eufrates.  |   |                            |
| 863    | <p><u>Batalha de Marj al-Usquf</u>, termina com uma vitória pírrica muçulmana do Emirato de Melitene.</p> <p><u>Batalha de Lalacão</u>, termina numa vitória decisiva do doméstico das Escolas Petronas sobre Omar, que cai na batalha.</p> <p>O outro grande emir da fronteira, o de Tarsus, é morto num contra raide bizantino.</p> |   |                            |
| 866    |   | <b>Itália:</b> O imperador Luís II começa a intervir no sul de Itália.  |                            |
| 869    |   | <p><b>Sicília:</b> Tentativa de conquista de Taormina pelo Emirato Aglábida.</p> <p><b>Itália:</b> Cerco de Bari pelo imperador Luís II, conta com a participação de forças bizantinas.</p> |                            |
| c. 870 | Reformas militares de Basílio I à frota bizantina.  |   |                            |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente |
|-----|---|--|----------------------------|
| 871 |   | <b>Itália:</b> Capitulação de Bari para as forças francas  |                            |
| 872 | <u>Batalha de Bathys Ryax</u> – vitória bizantina, onde as forças militares <i>strategós</i> são esmagadas. O líder da heresia, Crisóquero, é morto na batalha. |  |                            |
| 876 |   | <b>Itália:</b> Bari passa para o controlo do Império Bizantino.  |                            |
| 878 |   | <b>Sicília:</b> <u>21 de maio – conquista aglábida de Siracusa.</u>  |                            |
| 879 | <u>Reconquista bizantina de Tephrike</u> , põe fim à nação da heresia pauliciana.   |  |                            |
| 880 |   | <b>Itália:</b> Campanhas gregas na região permitem reconquistar algumas fortalezas, como Taranto, e derrotar forças navais muçulmanas junto a Milazzo. |                            |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente |
|-----|---|---|----------------------------|
| 886 |   | <b>Itália:</b> <u>Reconquista da Calábria e da Apúlia, por Nicéforo Focas o Velho.</u>  |                            |
| 889 |   | <b>Itália:</b> Importante <u>vitória bizantina no Estreito de Messina</u> , permite repor o controlo naval sobre aquela zona, após uma derrota no ano interior. |                            |
| 890 |   | <b>Provença:</b> Criação do enclave pirata sarraceno em Saint Tropez.   |                            |
| 891 | <u>Ataques corsários de Leão o Tripolitano e Damiano à ilha de Samnos.</u>  | <b>Itália:</b> <u>Conquista bizantina de Benevento.</u> No ano seguinte, formar-se-á o <i>théma</i> da Lombardia centrado naquela cidade.                       |                            |
| 894 | <u>Início da guerra bizantino-búlgara entre o <i>basileús</i> Leão VI e o czar Simeão da Bulgária, com o último a demonstrar vantagem inicialmente.</u> |   |                            |
| 895 |   | <b>Bulgária:</b> Contraofensiva conjunta bizantina e magiar contra os búlgaros acarreta grandes sucessos. Mais tardes, os bizantinos                            |                            |

| Ano             | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente |
|-----------------|--|--|----------------------------|
| 895<br>(cont.)  |  | retiram e os búlgaros conseguem derrotar os Magiares com apoio pechenegue.   |                            |
| 896             |  | <b>Bulgária:</b> Após uma marcante derrota bizantina na <u>batalha de Bulgarophygon</u> , Leão VI assina a paz com Simeão. |                            |
| <b>Século X</b> |  |  |                            |
| 901             |  | <b>Itália:</b> <u>Conquista de Régio pelos Aglábidas da Sicília.</u>   |                            |
| 902             |  | <b>Sicília:</b> Fim da presença bizantina na Sicília, com a <u>queda de Taormina para os Árabes.</u>                       |                            |
| 904             | Saque de Tessalónica às mãos de Leão o <i>Tripolitano</i> e Damiano.                                 |  |                            |
| 906             |  | <b>Panónia:</b> Derrotados pelos Pechenegues, os Magiares fogem para esta região, onde arrasam o reino da Morávia.         |                            |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina   | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente |
|-----|--|--|----------------------------|
| 911 |  | <b>Creta:</b> <u>Expedição enviada à ilha por Leão VI o Sábio</u> falha a reconquista da ilha.   |                            |
| 915 |  | <b>Itália:</b> As forças do <i>strategós</i> de Bari, Nicolau Piccingli, juntam-se à Liga Santa de João X e <u>destroem o enclave pirata sarraceno na foz do rio Garigliano.</u> |                            |
| 917 |  | <b>Bulgária:</b> <i>Batalha de Acheloos</i> – derrota do <i>strategós</i> Leão Focas frente às forças búlgaras do <i>czar</i> Simeão.  |                            |
| 919 | Romano Lecapeno, o <i>droungários tou ploïmon</i> , depõe a regente Zoé Carbonopsina, e ascende ao trono como co-imperador de Constantino VII. |  |                            |
| 924 | <u>Cerco de Constantinopla por Simeão da Bulgária</u> termina em insucesso.  | <b>Grécia:</b> <u>Destruição da frota de Leão o Tripolitano</u> na costa de Lemnos.  |                            |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina   | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente |
|-----|--|--|----------------------------|
| 927 |  | <b>Império Búlgaro:</b> A morte do <i>czar</i> Simeão, põe fim aos seus planos de criar um império Bizantino-Búlgaro.  |                            |
| 934 | Uma hoste bizantina, sob João Kourkoas, <u>conquista a cidade de Melitene.</u>   |  |                            |
| 941 | <u>Expedição de saque russa ataca a margem asiática do Bósforo</u> , mas é derrotada por Romano Lecapeno.  |  |                            |
| 944 | Usurpação do poder pelos filhos de Romano I, é repudiada pela população de Constantinopla que restitui ao trono o <i>basileús</i> Constantino VII. |  |                            |
| 949 |  | <b>Creta:</b> <u>Nova tentativa de reconquista de Creta falhada.</u><br><br><b>Arménia:</b> <u>Bizâncio ocupa Teodosiópolis</u> , a principal base árabe nesta região. |                            |
| 955 |  | <b>Bavária:</b> Otão I derrota decisivamente os magiares na <u>batalha de Lechfeld.</u>  |                            |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília | Próximo e Médio<br>Oriente |
|-----|---|--|----------------------------|
| 959 | Divisão dos comandos dos <i>tágmata</i> entre o Ocidente e Oriente, comandados por um doméstico do Ocidente e Oriente, respetivamente.                              |  |                            |
| 960 | <u>Batalha de Andrassos</u> – vitória de Leão Focas sobre Sayf al-Dawlah.   |  |                            |
| 961 | .   | <b>Creta:</b> <u>Reconquista da ilha</u> por Nicéforo Focas.       |                            |
| 962 | <u>Campanha bizantina, sob Nicéforo Focas, na Cilícia</u> e na Síria contra o Emirado Hamdânida. Conquista temporária de Aleppo.                                    |  |                            |
| 963 | Morte do Imperador Romano II no decorrer de uma caçada.<br>Casamento de Nicéforo Focas com a viúva Teófane, subindo ao trono como o co-imperador Nicéforo II Focas. |  |                            |
| 964 | Ocupação total da ilha de Chipre pelos Bizantinos.  |  |                            |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente |
|-----|---|---|----------------------------|
| 965 | <u>Conquista da Cilícia</u> – após a tomada de Tarso, a capital daquela região.   | <b>Bulgária:</b> O <u>príncipe Svyatoslav de Kiev invade a Bulgária</u> , após o apelo de Nicéforo II.                                      |                            |
| 966 | Os exércitos bizantinos avançam na direção de Antioquia, <u>conquistando algumas fortalezas nas imediações desta, como Arka e Hierapólis.</u><br><u>Início do cerco de Antioquia.</u> |   |                            |
| 967 | O Império Bizantino recebe em testamento o principado de Taron, na Arménia.   |   |                            |
| 969 | <u>Conquista de Antioquia.</u><br>Deposição e assassinato de Nicéforo II Focas pelo sobrinho João I Tzimiské.   | <b>Itália:</b> Derrota bizantina frente a Otão I na <u>batalha de Ascoli</u> , põe em risco as últimas possessões romanas no sul de Itália. |                            |
| 970 |   | <b>Bulgária:</b> <u>Tomada de Filipopólis</u> , pelos Russos, a última fortaleza em mãos búlgaras.  |                            |

| Ano            | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|----------------|---|---|---|
| 970<br>(cont.) |   | <b>Trácia:</b> <u>Batalha de Arcadioupolis</u> – Dá tempo suficiente ao co-imperador João I Tzimiské para preparar a invasão da Bulgária.   |   |
| 971            |   | <b>Bulgária:</b> <u>Batalha de Dorostolon</u> , termina numa vitória decisiva bizantina que expelle os <i>Rus</i> da Bulgária.<br>Svyatloslav morre pouco depois às mãos dos Pechenegues. |   |
| 972            |   |   | <b>Mesopotâmia:</b> Invasão romana da região, permite a conquista de algumas cidades como Nísibe. |
| 974            |   |   | <b>Síria:</b> João I Tzimiské tenta alcançar Bagdade, mas é parado pelo deserto da Síria.         |
| 975            | Campanhas bizantinas na Síria culminam com a <u>conquista de Damasco e de várias cidades na Síria</u> . João I Tzimiské promete reconquistar Jerusalém. |   |   |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente |
|-----|---|---|----------------------------|
| 976 | Morte de João I Tzimiské, é sucedido pelo filho de Romano II, Basílio. Insurreição de Bardas Sclero.  |   |                            |
| 978 | O <i>basileús</i> Basílio II, incapaz de esmagar a revolta sozinho, apela ao auxílio do aristocrata Bardas Focas.<br><u>Batalha de Pankaleia</u> , culmina na derrota de Focas frente a Sclero. |   |                            |
| 979 | A revolta de Bardas Sclero é esmagada por Bardas Focas.   |   |                            |
| 986 |   | <p><b>Trácia:</b> Ataques búlgaros, que tinham começado em 985, atingem Tessalónica.</p> <p><b>Bulgária:</b> <u>Basílio II é derrotado por Samuel da Bulgária numa emboscada.</u></p> |                            |
| 989 | <u>Batalha de Crisópolis</u> – vitória de Basílio II e dos seus aliados Varangues sobre as forças rebeldes de Bardas Focas.   |   |                            |

| Ano              | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|------------------|--|---|--|
| 989<br>(cont.)   | <u>Batalha de Abido</u> – vitória decisiva de Basílio II sobre Barda Focas. Morte do último.         |   |  |
| 997              |  | <b>Grécia:</b> <u>Batalha do rio Spercheios</u> – Vitória das forças bizantinas de Nicéforo Ouranos sobre as forças búlgaras do <i>czar</i> Samuel.                                       |  |
| <b>Século XI</b> |  |   |  |
| 1001             |  | <b>Bulgária:</b> Realiza-se a primeira campanha de Basílio II, depois da sua derrota anos antes.  | Tréguas entre Basílio II e o Califado Fatimita após seis anos de conflito. |
| 1011             |  | <b>Itália:</b> <u>Reconquista de Bari</u> a Meles, um revoltoso local.  |  |
| 1014             |  | <b>Bulgária:</b> <u>Batalha do desfiladeiro de Kleidion</u> , onde Basílio II captura cerca de 15 mil soldados búlgaros e, de acordo com as fontes, cega-os. Morte do <i>czar</i> Samuel. |  |

| Ano  | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|------|---|---|--|
| 1018 |   | <p><b>Bulgária:</b> Anexação final deste território por Basílio II.</p> <p><b>Itália:</b> <u>Batalha de Otranto</u> resulta numa vitória de Nicéforo Boianés, o <i>katepánō</i> de Itália, sobre Meles e os seus aliados normandos.</p> |  |
| 1025 | Morte de Basílio II, é substituído pelo irmão Constantino.  | <p><b>Itália:</b> <u>Conquista de Messina</u> por Boianés, abre caminho a uma possível reconquista da Sicília.</p>  |  |
| 1032 |   |   | <p><b>Síria:</b> Durante o reinado de Romano III Argiro, Bizâncio <u>reconquista Edessa</u>, sob Jorge Maniakés.</p>               |
| 1040 | <p><b>Arménia:</b> morte do rei João III Smbat. Início de uma <u>guerra civil entre o sobrinho Gagik II e outros príncipes arménios</u>, com incursões bizantinas durante o conflito.</p> |   | <p><b>Khorasan:</b> Vitória dos Turcos Seljúcidas sobre o sultão Mas'ud do Império Gaznávida, na <u>batalha de Dandanaqan</u>.</p> |
| 1041 | Último cerco russo a Constantinopla.  | <p><b>Bulgária:</b> Revolta búlgara é esmagada por forças leais a Constantinopla.</p>   |  |

| <b>Ano</b>  | <b>Império Bizantino:<br/>Constantinopla, Ásia<br/>Menor e possessões<br/>na Arménia e Síria-<br/>Palestina</b>  | <b>Europa e<br/>Mediterrâneo<br/>Occidental:<br/>Balcãs, Itália, Sicília</b>      | <b>Próximo e Médio<br/>Oriente</b>  |
|-------------|--|---|---|
| <b>1042</b> |  | <b>Sicília:</b> Jorge Maniakés acaba a reconquista da parte oriental da ilha.     |   |
| <b>1045</b> | <b>Arménia:</b> Tomada de Ani, por forças bizantinas e purga da Igreja Miafisita.  |   |   |
| <b>1048</b> | <b>Arménia e Geórgia</b> – Um exército de <i>ghazis</i> Oguzes invade estas regiões e captura o príncipe Liparit.  |   |   |
| <b>1050</b> |  |   | <b>Iraque:</b> Toghril Beg invade o norte da região.  |
| <b>1053</b> |  | <b>Itália:</b> <u>Batalha de Civitate</u> – os Normandos capturam o papa Leão IX. | <b>Pérsia:</b> Graças às tribos turcomanas ao seu dispor, Toghril Beg toma conta da região de Fars, no sudoeste iraniano. |
| <b>1054</b> | <u>Expedição de Toghril Beg na Arménia e cerco de Manzikert:</u> durante esta expedição Toghril Beg consegue chegar a Trebizonda, saquear a zona de Van e ainda cercar Manzikert, ainda que sem sucesso. |   |   |

| Ano  | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|------|--|--|---|
| 1055 |  |  | <p><b>Pérsia:</b> Toghril Beg conquista o Khuzistão.</p> <p><b>Iraque:</b> <i>dezembro</i> - Os Turcos Seljúcidas ocupam Bagdade.</p> |
| 1056 | Morte de Teodora, põe fim à dinastia Macedónica  |  |   |
| 1057 | <u>Ásia Menor: A cidade de Melitene é saqueada e arrasada por saqueadores turcomanos.</u>            |  |   |
| 1058 |  |  | <p><b>Iraque:</b> O <u>general turco Arslan Basasiri recupera Bagdade</u> para os xiitas.</p>   |
| 1060 |  |  | <p><b>Iraque:</b> Basasiri é morto em batalha. Purga dos xiitas de Bagdade.</p>   |
| 1063 |  |  | <p><b>Pérsia:</b> Morte de Toghril Beg em Rey. Início de uma guerra civil sucessória.</p>   |

| Ano  | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina   | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|------|--|---|--|
| 1064 | <b>Arménia:</b> <u>A cidade de Ani, e grande parte da Arménia, é conquistada por Alp Arslan.</u>   | <b>Balcãs:</b> <u>Conquista húngara de Belgrado.</u> O povo Uzi saqueia grande parte do território ocidental bizantino, até à Grécia. | <b>Império Seljúcida:</b> Alp Arslan vence a guerra civil e torna-se sultão.   |
| 1065 | <b>Arménia:</b> Anexação deste território pelo Sultanato Seljúcida.  |   |  |
| 1067 | <b>Ásia Menor:</b> Saque turcomano de Cesareia.  |   |  |
| 1068 | Romano IV Diógenes torna-se co-imperador.<br><br><b>Ásia Menor:</b> <u>Conquista e saque turcomano de Amório, sob Afsin.</u>   |   | <b>Síria:</b> <u>Campanha de Romano IV Diógenes nos arredores de Alepo,</u> termina em falhanço, a não ser pela conquista de Hierápolis.   |
| 1069 | <b>Ásia Menor:</b> <u>Ataque turcomano a Icónio,</u> no coração da Anatólia.   |   | Nova campanha romana na região termina em fracasso.  |
| 1071 | <b>Arménia:</b> <u>Batalha de Khliat:</u> Derrota das forças bizantinas sob José Tarcaniotes e Roussel de Bailleul frente a um exército seljúcida sob Sanduq al-Turki. | <b>Itália:</b> <u>Roberto Guiscard ocupa Bari</u> e põe fim a mais de quinhentos anos de presença bizantina na região.                | <b>Síria:</b> <u>Cercos turcomanos a Edessa e Alepo:</u> Falham pelas falsas tréguas bizantinas, no caso do primeiro, e pela declaração de guerra de Romano IV Diógenes, no segundo. |

| <b>Ano</b>              | <b>Império Bizantino:<br/>Constantinopla, Ásia<br/>Menor e possessões<br/>na Arménia e Síria-<br/>Palestina</b>  | <b>Europa e<br/>Mediterrâneo<br/>Occidental:<br/>Balcãs, Itália, Sicília</b> | <b>Próximo e Médio<br/>Oriente</b>       |
|-------------------------|--|--|--|
| <b>1071<br/>(cont.)</b> | <p><u>Batalha de Manzikert</u> – o coimperador Romano IV Diógenes é derrotado pelo sultão turco Alp Arslan. Apesar das baixas relativamente pequenas bizantinas, vai marcar o início de um período de extrema instabilidade política para Bizâncio.</p> <p><u>Batalha de Sebasteia</u> – Romano IV Diógenes é derrotado por forças leais à dinastia Ducas, que aprisionara a imperatriz Eudóxia em Constantinopla.</p> |  |  |
| <b>1072</b>             | <p><u>Batalha de Adana</u> – Nova derrota de Romano IV Diógenes frente aos Ducas. O co-imperador é aprisionado, cegado e encerrado num mosteiro, onde morre pouco depois.</p>  |  | <b>Irão</b> – Assassinato de Alp Arslan. |
| <b>1078</b>             | <p>Golpe de estado do <i>strategós</i> da Anatólia, Nicéforo Botaniates, que sobe ao trono como o terceiro de seu nome. Formação do Sultanato de Rum, pelo príncipe Suleimão.</p>  |  |  |

| Ano  | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente |
|------|--|---|----------------------------|
| 1081 | Nicéforo III é deposto por Aleixo Comneno que o substitui no trono.                                  | <p><b>Balcãs:</b> <u>Cerco de Dirráquio por Roberto Guiscard.</u></p> <p>Os Normandos tomam a ilha de Corfu.</p> <p>Aleixo Comneno é derrotado pelas forças de Guiscard na <u>batalha de Dirráquio.</u></p> |                            |
| 1084 |  | <p><b>Balcãs:</b> Nova campanha de Roberto Guiscardo na região.</p>   |                            |
| 1085 |  | <p><b>Balcãs:</b> Morte de Roberto Guiscardo durante o cerco de Cefalónia.</p>  |                            |
| 1087 |  | <p><b>Trácia:</b> A região é invadida por Pechenegues.</p>  |                            |
| 1091 |  | <p><b>Trácia:</b> <u>Batalha do Monte Levunião</u> – vitória de Aleixo Comneno sobre os Pechenegues.</p> <p><u>Batalha de Anchialos:</u> Aleixo Comneno derrota os Cumanos.</p>                             |                            |

| <b>Ano</b>  | <b>Império Bizantino:<br/>Constantinopla, Ásia<br/>Menor e possessões<br/>na Arménia e Síria-<br/>Palestina</b>   | <b>Europa e<br/>Mediterrâneo<br/>Occidental:<br/>Balcãs, Itália, Sicília</b> | <b>Próximo e Médio<br/>Oriente</b>  |
|-------------|---|--|---|
| <b>1095</b> |   | <b>França:</b> Concílio de Clermont, dá início à Primeira Cruzada.           |   |
| <b>1096</b> | <p><i>Primavera:</i> Chegada a Constantinopla dos primeiros regimentos cruzados, incluindo a chamada “Cruzada Popular”, liderada por Pedro “o Eremita” e Gualter “Sem Haver”. Os “verdadeiros” cruzados chegarão mais tarde.</p> <p><u>Batalha de Civetot:</u> A Cruzada Popular é derrotada por forças seljúcidas sob o Sultão Kilij Arslan.</p> |  |   |
| <b>1097</b> | <p><i>Primavera:</i> <u>Cerco bizantino-cruzado</u> a <u>Niceia</u>. A guarnição turca rende-se a Constantinopla, que proíbe os Cruzados de saquearem a cidade.</p>   |  |   |
| <b>1098</b> |   |  | <b>Síria:</b> <u>Balduíno</u> de <u>Bolonha</u> conquista <u>Edessa</u> e forma o primeiro Estado cruzado, o condado de Edessa. |

| Ano               | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília | Próximo e Médio<br>Oriente   |
|-------------------|--|--|--|
| 1098<br>(cont.)   |  |  | <i>Junho</i> – <u>Os Cruzados tomam Antioquia</u> e formam o segundo Estado cruzado, o principado de Antioquia, sob Boemundo de Tarento, filho de Roberto Guiscardo.                         |
| 1099              |  |  | <b>Palestina:</b> <i>julho</i> – <u>Conquista, saque e purga de Jerusalém pelos Cruzados.</u> O reino de Jerusalém é criado e a coroa entregue a Godofredo de Bulhão, duque da Baixa Lorena. |
| <b>Século XII</b> |  |  |  |
| 1102              |  |  | <b>Palestina:</b> Raimundo de Saint-Gilles, o conde de Toulouse, cria o condado de Trípoli (apesar de ainda não controlar a cidade).   |
| 1104              | Piroska, filha do rei magiar Ladislau I, casa com o futuro <i>basileús</i> João II.                  |  |  |

| Ano  | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina                  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|------|---|--|---|
| 1108 |   | <b>Balcãs:</b> <u>A campanha iniciada no ano anterior por Boemundo de Tarento,</u> sai gorada pelo uso de táticas de guerrilha por Aleixo I Comneno. | <b>Síria:</b> Após a recusa dos Cruzados a entregarem Antioquia, <u>Aleixo I vassaliza o principado de Antioquia à força.</u> |
| 1117 | <u>Batalha de Nicomédia:</u> Aleixo I Comneno derrota o sultão turco Malik Sha.                                       |  |   |
| 1118 | Ascensão de João II ao trono de Constantinopla, após a morte do pai, Aleixo I Comneno.                                |  |   |
| 1120 | <u>Cerco de Panfília:</u> O <i>basileús</i> João II captura a cidade graças à utilização de táticas de fuga simulado. |  |   |
| 1122 |   | <b>Balcãs:</b> <u>Batalha de Verroia</u> – vitória de João II sobre os Pechenegues.  |   |
| 1137 |   |  | <b>Síria:</b> João II submete o príncipe de Antioquia, Raimundo de Poitiers, à soberania bizantina.                           |

| Ano  | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina   | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente                                |
|------|--|--|---|
| 1143 | João II morre num acidente durante uma caçada. O seu filho mais novo, Manuel, substitui-o.   |  |   |
| 1147 | <u>Escaramuça às portas de Constantinopla</u> entre Bizantinos e cavaleiros da Segunda Cruzada.  |  |   |
| 1159 |  |  | <b>Síria:</b> <u>Submissão de Antioquia por Manuel I.</u> |
| 1167 |  | <b>Balcãs:</b> <u>Manuel Comneno derrota a Hungria e submete a Dalmácia, a Bósnia, a Croácia e Sirmio.</u> |   |
| 1171 | A ordem de detenção de todos os Venezianos em território bizantino, suscita o início de uma <u>guerra bizantino-veneziana</u> .                                    |  |   |
| 1172 | Uma frota veneziana, sob o comando do <i>doge</i> Vital II Miguel, é destruída por uma epidemia e uma tempestade durante uma campanha contra algumas ilhas gregas. | <b>Balcãs:</b> <u>Bizâncio esmaga a rebelião do príncipe sérvio, Estevão Nemanja.</u>                      |   |

| <b>Ano</b>  | <b>Império Bizantino:<br/>Constantinopla, Ásia<br/>Menor e possessões<br/>na Arménia e Síria-<br/>Palestina</b>                | <b>Europa e<br/>Mediterrâneo<br/>Occidental:<br/>Balcãs, Itália, Sicília</b> | <b>Próximo e Médio<br/>Oriente</b> |
|-------------|--|--|------------------------------------|
| <b>1176</b> | <i>Setembro</i> – Manuel I perde a <u>batalha de Miriocéfalo</u> , que mutila severamente as capacidades ofensivas do império. |  |                                    |
| <b>1179</b> | Início das negociações de paz entre Bizâncio e Veneza. Manuel aceita libertar alguns dos venezianos presos em 1171.            |  |                                    |
| <b>1180</b> | Manuel I morre e Aleixo II substitui-o.  |  |                                    |
| <b>1182</b> | <i>Maior</i> – Massacre da população latina de Constantinopla.   |  |                                    |
| <b>1183</b> | Andrónico I, primo de Manuel, ascende ao trono após assassinar a imperatriz-regente, Maria, e o <i>basileús</i> Aleixo II.     |  |                                    |

| Ano  | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina  | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília  | Próximo e Médio<br>Oriente  |
|------|---|---|---|
| 1185 | Andrónico I é linchado pela população de Constantinopla, a dinastia dos Comnenos termina. São substituídos pela dinastia dos Anjos, com Isaac II a ser coroado imperador. | <b>Tessalónica:</b> A cidade é tomada pelos Normandos, agravando a hostilidade bizantina ao reinado cruel de Andrónico I. |   |
| 1187 |   | <b>Bulgária:</b> Formação do segundo Império Búlgaro.   | <b>Palestina:</b> As forças militares do Reino de Jerusalém são derrotadas por Saladino, o sultão aiúbida do Egipto e da Síria, na <u>batalha dos Cornos de Hattin</u> .<br>Saladino, o sultão aiúbida do Egipto e da Síria, reconquista Jerusalém. |
| 1189 |   | Formação da Terceira Cruzada, liderada por Frederico I “Barba Ruiva”, Ricardo “Coração de Leão” e Filipe II “Augusto”.    |   |
| 1190 | <b>Cilícia:</b> Frederico “Barba Ruiva” morre afogado num lago.   |   |   |

| Ano                | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina                                 | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília   | Próximo e Médio<br>Oriente |
|--------------------|--|--|----------------------------|
| 1191               | <b>Chipre:</b> Forças cruzadas sob Ricardo “Coração de Leão” conquistam a ilha a Bizâncio.   |  |                            |
| 1195               | Isaac II é cegado e deposto pelo irmão, Aleixo III.  |  |                            |
| 1198               | Tratada de reposição da aliança bizantino-veneziana, após Aleixo III tentar acabar com a aliança.                                    | <b>Itália:</b> Inocêncio III lança a Quarta Cruzada.   |                            |
| <b>Século XIII</b> |  |  |                            |
| 1202               |  | <b>Dalmácia:</b> <u>A Quarta Cruzada conquista e saqueia a cidade cristã de Zama, a pedido dos Venezianos.</u> |                            |
| 1203               | As forças da Quarta Cruzada depõem Aleixo III, e repõem Aleixo III no trono. O filho deste, Aleixo IV, torna-se imperador associado. |  |                            |

| Ano | Império Bizantino:<br>Constantinopla, Ásia<br>Menor e possessões<br>na Arménia e Síria-<br>Palestina | Europa e<br>Mediterrâneo<br>Occidental:<br>Balcãs, Itália, Sicília | Próximo e Médio<br>Oriente |
|-----|--|--|----------------------------|
|-----|--|--|----------------------------|

**1204** *Janeiro:* Aleixo V Ducas Murzuflo depõe e prende Isaac II. Aleixo IV é morto. O novo *basileús* recusa-se a pagar o que Aleixo IV prometera pagar aos Cruzados.

*Abril:* Conquista e saque da maior cidade cristã do mundo pelos Cruzados. O Império Bizantino é dividido entre Venezianos e Cruzados, e, no seu lugar, surge o Império Latino de Ocidente e um conjunto de estados vassalados. Por outro lado, os gregos formam vários na Ásia Menor e no Epiro que vão resistir ferozmente aos Cruzados e tentar reconquistar Constantinopla.

Fim da época média bizantina

**1261** O “império” de Niceia recupera Constantinopla, sob o comando de Miguel Paleólogo. Deposição de João VI Lascaris e ascensão de Miguel ao poder. Reforma do Império Bizantino.

### Anexo III – Cronologia dos antecedentes próximos

| Ano  | Eventos biográficos e políticos  | Eventos Militares e Diplomáticos  | Eventos Culturais e religiosos  |
|--|--|---|---|
| <b>Reinado de Miguel III (dinastia Amoriana)</b> |  |   |   |
| <b>Ca. 850</b>                                   | Basílio chega a Constantinopla.  |   |   |
| <b>856/857</b>                                   | Basílio entra ao serviço do <i>basileús</i> Miguel III, como membro da <i>Hetaireia</i> , um regimento da Guarda Imperial. |   |   |
| <b>858</b>                                       | Miguel III e o seu tio Bardas põem fim à regência de Teodora e do seu tio, Sérgio.   |   | <p>Miguel III e o seu tio Bardas substituem o patriarca Inácio por Fócio, que nas palavras da família real, conspirava contra esta.</p> <p><i>20 de dezembro:</i> Fócio é tonsurado. Num período de quatro dias torna-se padre.</p> <p><i>25 de dezembro:</i> Fócio ascende ao Patriarcado.</p> |
| <b>860</b>                                       |  | <p>Primeiros ataques russos a Constantinopla.</p> <p><b>Ásia Menor:</b> Uma frota de Tarso ataca Antalya.</p> |   |

| Ano   | Eventos biográficos e políticos  | Eventos Militares e Diplomáticos  | Eventos Culturais e religiosos   |
|-------|--|---|--|
| 861   |  |   | Num Concílio, realizado em Constantinopla, os legados papais aprovam a ascensão de Fócio ao patriarcado.   |
| 863   |  | <p><b>Batalha de Marj al-Usquf</b> - Vitória pírrica muçulmana do Emirato de Melitene sobre o exército bizantino de Miguel III.</p> <p><b>Batalha do Lalacão</b> - vitória decisiva do doméstico das Escolas Petronas sobre as forças árabes que sobreviveram à batalha de Marj al-Usquf. O emir de Melitene morre na batalha.</p> <p><b>Mesopotâmia:</b> O emir de Tarso é morto num contra raide bizantino.</p> |  |
| 864   | É outorgado a Basílio o cargo de <i>parakoimōmenos</i> do <i>basileús</i> , após a remoção do seu predecessor, Damiano, que ofendera o César Bardas. |   | <p><b>Bulgária:</b> Conversão da Bulgária ao Cristianismo<sup>580</sup>.</p> <p>Teodoro Santabarenos torna-se abade do mosteiro de Stoudios.</p> |
| c.865 | Casamento de Basílio com Eudóxia Ingerina, a amante de Miguel III.   |   |  |

<sup>580</sup> Ou 845 in TOUGHER, Shaun (1997). *The Reign of Leo VI (886-912)*

| Ano | Eventos biográficos e políticos   | Eventos Militares e Diplomáticos | Eventos Culturais e religiosos |
|-----|---|----------------------------------|--------------------------------|
| 866 | <p>Basílio torna-se co-imperador de Miguel III após o assassinato do tio do Imperador, Bardas.</p> <p>Nasce o segundogénito de Basílio, o futuro Leão VI<sup>581</sup>.</p> |                                  |                                |

### Reinado de Basílio I (dinastia Macedónica)

|     |   |  |  |
|-----|---|--|--|
| 867 | <p>Ascensão de Basílio I após o assassinato, pelas suas próprias mãos, de Miguel III. Instituição da dinastia Macedónica.</p> |  | <p>No mês de agosto, o patriarca Fócio depõe o Papa Nicolau I.</p> <p>Após a ascensão de Basílio, as decisões do Concílio Constantinopla-867 são repudiadas e Fócio é deposto, por condenar o assassinato de Miguel III. Reinstalação de Inácio no Patriarcado.</p> <p>Teodoro Santabarenos é expulso de Stoudios.</p> |
| 868 | <p><b>Egipto:</b> Formação do Emirato Tulúnida.</p>   |  |  |

<sup>581</sup> Não há um consenso sobre o dia e o mês em que o futuro *basileús* terá nascido: Jorge *o Monge* indica 1 de setembro; Pseudo-Simeão indica apenas o mês de setembro; e Leão *o Gramático* aponta o nascimento para 1 de dezembro; o próprio Leão, na homilia de reedificação da Igreja de São Tomé, refere que o seu nascimento acontece alguns dias antes do dia de São Tomé (8 de outubro); por fim, Grumel refere que Leão *na realidade* diz que o seu aniversário foi no mesmo dia da reedificação, ou seja, a 19 de setembro. Vide TOUGHER, Shaun (1997). *The Reign of Leo VI (886-912)*. Leiden, Nova Iorque e Colónia: Brill, p. 42.

| Ano   | Eventos biográficos e políticos                                     | Eventos Militares e Diplomáticos  | Eventos Culturais e religiosos |
|-------|---|---|--------------------------------|
| 869   |   | <p><b>Sicília:</b> Tentativas de conquista de Taormina e Siracusa pelo Emirato Aglábida.</p> <p><b>Itália:</b> Uma frota bizantina dirige-se a Bari para, em concertação com uma força franca sob o comando do imperador Luís II, tomar a cidade.</p> |                                |
| c.870 | O ex-patriarca Fócio torna-se tutor dos filhos do <i>basileús</i> . | <b>Malta:</b> Conquista aglábida da ilha.   |                                |
| 871   |   | <p><b>Itália:</b> A 3 de fevereiro, a cidade de Bari rende-se ao rei Luís II.</p> <p><b>Itália:</b> Início de um cerco árabe a Salerno.</p>   |                                |
| 872   |   | <p><b>Ásia Menor:</b> batalha de Bathys Riax<sup>582</sup>. Um exército bizantino derrota uma força pauliciana e mata o seu líder, Crisóquero.</p> <p><b>Dalmácia:</b> Corsários da ilha de Creta saqueiam a região.</p>                              |                                |

<sup>582</sup> A bibliografia que lemos discorda da data em que se realizou a batalha: John Haldon refere 878, Shaun Tougher refere 872.

| Ano            | Eventos biográficos e políticos | Eventos Militares e Diplomáticos  | Eventos Culturais e religiosos |
|----------------|---------------------------------|---|--------------------------------|
| 872<br>(cont.) |                                 | <b>Itália:</b> Libertação do cerco árabe de Salerno.  |                                |
| 873            |                                 | <b>Itália:</b> O Império Bizantino ocupa Otranto, na Apúlia.<br><br><b>Golfo de Saros:</b> Niquetas Orifas destrói 20 navios árabes.<br><br><b>Sicília:</b> Nova tentativa de conquista de Siracusa pelos Aglábidas.  |                                |
| 875            |                                 | <b>Mar Adriático:</b><br>Expedição de saque árabe chega ao Golfo de Trieste e cerca Grado. O cerco falha e, durante a retirada, os Muçulmanos desolam Comacchio.<br><br><b>Itália:</b> Raides árabes na Campânia e na costa ocidental italiana, chegando a atingir a zona de Roma. O papa João VIII apela ao auxílio de Bizâncio frente à ameaça. |                                |
| 876            |                                 | <b>Itália:</b> Com a crescente ameaça árabe no sul de Itália, a população de Bari entrega a cidade a Bizâncio.  |                                |

| Ano     | Eventos biográficos e políticos  | Eventos Militares e Diplomáticos   | Eventos Culturais e religiosos   |
|---------|--|--|--|
| 877     |  | <p><b>Sicília:</b> Início do último cerco árabe a Siracusa.</p> <p><b>Itália:</b> Novo apelo papal dirigido ao <i>strategos</i> Gregório.</p>  | <p>Morte de Inácio. Fócio volta a tornar-se patriarca.</p> <p>Fócio aponta Teodoro Santabarenos como bispo de Euceta, na Grécia.</p> |
| 878     |  | <p><b>Sicília:</b> 21 de maio - Queda de Siracusa. Massacre e saque da cidade.</p>   |  |
| 878-882 |  | <p><b>Cilícia:</b> Período de ocupação tulúnida.</p>   |  |
| c.879   | <p>Morte do filho primogénito de Basílio, Constantino.</p> <p>Basílio I casa o seu segundo filho, o futuro Leão VI, com Teófane.</p> | <p><b>Golfo de Corinto:</b> Derrota de uma frota sarracena que saqueava o Mar Jónico, às mãos de Niquetas Oryfas.</p> <p><b>Ásia Menor:</b> Forças bizantinas sob o comando pessoal do <i>basileús</i> conquistam a capital dos Paulicianos, Tephrike.</p> |  |
| 880     |  | <p><b>Mar Jónico:</b> Expedição naval de Ibrahim II saqueia Kefalénia e Zakynthos. O <i>droungários tou ploïmon</i> Nasar destrói a frota adversária ao largo da costa ocidental grega num ataque noturno.</p>   | <p>O papado aprova a (re)ascensão de Fócio ao patriarcado.</p>   |

| Ano            | Eventos biográficos e políticos | Eventos Militares e Diplomáticos   | Eventos Culturais e religiosos |
|----------------|---------------------------------|--|--------------------------------|
| 880<br>(cont.) |                                 | <p><b>Sicília:</b> Nasar saqueia e desola os arredores de Palermo, captura embarcações aglábidas e derrota forças navais árabes junto a <i>Punta di Stilo</i>, durante o regresso.</p> <p><b>Itália:</b> Graças aos sucessos de Nasar, um esquadrão bizantina dirige-se a Nápoles, sob o comando do <i>spathários</i> Gregório, o turmarca Teophylaktos e o <i>komés</i> Diogénes, onde arrecadam uma nova vitória para os Bizantinos.</p> <p><b>Sicília:</b> Vitória naval bizantina junto a Milazzo, no decorrer de uma contraofensiva liderada pelo protovestiário Procópio, do <i>strategós</i> Leão Apóstipo e do almirante Nassar.</p> <p><b>Itália:</b> As forças enviadas para a região, por Basílio I, conquistam quase todas as fortalezas árabes na Calábria e na Apúlia oriental. Após uma importante batalha campal às portas de Taranto, onde morre Procópio, o <i>strategós</i> Leão Apóstipo conquista a cidade.</p> |                                |

| Ano            | Eventos biográficos e políticos   | Eventos Militares e Diplomáticos  | Eventos Culturais e religiosos |
|----------------|---|---|--------------------------------|
| 880<br>(cont.) |   | <p><b>Itália:</b> Apelo papal a Basílio I de uma frota bizantina.</p> <p><b>Itália:</b> Com a autorização do bispo-duque Atanásio II, uma força muçulmana fixa-se no sopé do Monte Vesúvio. Enquanto isso, um outro bando de soldados, sediado em Sapienum, saqueia toda a região a norte até Espoletto.</p>                                |                                |
| 881            |   | <p><b>Itália:</b> Nápoles e Salerno combinam forças para tentar destruir as bases de saqueadores sarracenos na Calábria e na Campânia.</p>  |                                |
| 883            | <p>Aprisionamento do novo herdeiro, Leão, durante três anos, por suspeitas de conspirar contra Basílio.</p> | <p><b>Cilícia:</b> Uma hoste bizantina é derrotada na região de Tarso pelo emir Yazaman. Mais tarde, Yazaman será também ele derrotado pelo <i>strategós</i> Oiniates.</p> <p><b>Itália:</b> Nova aliança lombarda. Os vários grupos muçulmanos retiram para norte e juntam forças no rio Garigliano, onde criam uma base de operações.</p> |                                |

| Ano | Eventos biográficos e políticos   | Eventos Militares e Diplomáticos  | Eventos Culturais e religiosos  |
|-----|---|---|---|
| 884 |   | <b>Itália:</b> Saque sarraceno do mosteiro de Montecassino.   |   |
| 885 |   |   | <b>Morávia:</b> Morte do monge Metódio, um dos principais responsáveis pela conversão dos Eslavos e da transcrição dos textos bíblicos para Cirílico. |
| 886 | <p><i>25 de março:</i> Um conluio organizado por João Kourkouas e outros sessenta e seis senadores é descoberto e rapidamente destruído por Basílio I.</p> <p><i>21 de julho:</i> Leão é libertado da sua prisão no dia de São Elias.</p> <p><i>29 de agosto:</i> morte de Basílio I no seguimento de um acidente ocorrido numa caçada.</p> | <p><b>Itália:</b> A expedição que Basílio I envia para Itália, sob o comando de Nicéforo Focas <i>o Velho</i>, em 885, consegue reconquistar as últimas possessões muçulmanas na Calábria e submeter os Lombardos da Apúlia à supremacia bizantina.</p> |   |

### Reinado de Leão VI

|     |   |  |  |
|-----|---|--|--|
| 886 | <p><i>Agosto:</i> Ascensão de Leão VI ao trono imperial. O seu irmão, Alexandre, torna-se co-imperador.</p> |  | <p>Fócio é deposto do patriarcado. Um irmão do novo <i>basileús</i>, Estevão, substitui Fócio naquele cargo.</p> |
|-----|---|--|--|

| Ano | Eventos biográficos e políticos  | Eventos Militares e Diplomáticos  | Eventos Culturais e religiosos   |
|-----|--|---|--|
| 887 |  |   | Julgamento de Fócio e Santabarenos. Teodoro é cegado e exilado em Atenas. Fócio é encerrado num mosteiro |
| 888 |  | <p><b>Ásia Menor:</b> Hipsele, no <i>théma</i> de Charsianon, é capturada por forças árabes.</p> <p><b>Cilícia:</b> O governador de Tarso, Yazaman, captura quatro navios bizantinos, durante um raide naval.</p> <p><b>Estreito de Messina:</b> Vitória naval árabe, sobre uma frota bizantina, nas imediações de Milazzo. Saque posterior de Régio.</p> | Leão VI redige um <i>Epitaphios</i> dos pais.  |
| 889 | <b>Bulgária:</b> O czar Boris abdica e entrega o trono ao filho, Vladimir. | <b>Estreito de Messina:</b> um almirante bizantino derrota a frota muçulmana, que vencera em Milazzo, e consegue repor o controlo sobre o estreito.   |  |
| 890 |  | <b>Provença:</b> Fixação de um enclave muçulmano de piratas em Saint Tropez, que perdurará até 972.   |  |

| Ano     | Eventos biográficos e políticos   | Eventos Militares e Diplomáticos  | Eventos Culturais e religiosos  |
|---------|---|---|---|
| 891     | <b>Itália:</b> Guido de Espoleto é coroado Imperador pelo Papa Estevão VI.  | <p><b>Cilícia:</b> Yazaman ataca Salandu, uma cidade costeira na Cilícia ocidental.</p> <p><b>Itália:</b> O <i>strategos</i> Symbatikios conquista a cidade lombarda de Benevento, a 18 de outubro.</p> <p><b>Mar Egeu:</b> A ilha de Samos é atacada por saqueadores árabes liderados por Leão o <i>Tripolitano</i> e Damiano.<sup>583</sup></p> |   |
| 892-897 |   | <b>Cilícia:</b> Novo período de ocupação tulúnida.  |   |
| 892     | <b>Itália:</b> Formação do tema da Lombardia, sediado em Benevento.   |   |   |
| 893     | <b>Bulgária:</b> Bóris depõe Vladimir e substitui-o por outro filho, Simeão. Substituição da capital búlgara: passa de Priska para Preslav. | A transferência do mercado búlgaro de Constantinopla para Tessalónica suscita o início de uma guerra entre Leão VI e Simeão, no ano seguinte.   | <p>O patriarca Estevão morre. António Caulias é escolhido para o substituir.</p> <p><b>Bulgária:</b> Simeão envolve-se na tradução de textos bíblicos do Grego para o Eslávico.</p> |

<sup>583</sup> Shaun Tougher indica que este ataque ter-se-á realizado entre 891 e 893.

| Ano | Eventos biográficos e políticos | Eventos Militares e Diplomáticos   | Eventos Culturais e religiosos |
|-----|---------------------------------|--|--------------------------------|
| 894 |                                 | <p>Início da guerra entre Leão VI e Simeão.</p> <p><b>Itália:</b> O <i>strategos</i> Barsáquio muda a capital do tema da Lombardia para Bari. Esta decisão é tomada devido ao grande sentimento de hostilidade por parte dos habitantes da cidade de Benevento.</p>  |                                |
| 895 |                                 | <p>Após os desaires do ano anterior, Leão VI inicia uma contraofensiva terrestre e naval, que conta com o apoio dos Magiares.</p> <p>O questor Konstantinakis é preso durante uma embaixada a Simeão.</p> <p>Os Magiares invadem a Bulgária pelo norte e obrigam Simeão a refugiar-se em Moundraga.</p> <p>Com a vitória bizantina quase decidida, Leão envia a Moundraga o diplomata Leão Coirosfactes. Leão ordena aos seus comandantes, o Doméstico Nicéforo Focas e o almirante Eustácio, para retirarem.</p> <p>Apoiado pelos Pechenegues, Simeão derrota marcadamente os Magiares.</p> |                                |

| Ano     | Eventos biográficos e políticos                               | Eventos Militares e Diplomáticos  | Eventos Culturais e religiosos |
|---------|---|---|--------------------------------|
|         |   | <p><b>Itália:</b> Os Lombardos recuperam Benevento.</p> <p><b>Anatólia:</b> <i>dezembro</i> - troca de prisioneiros.</p>  |                                |
| 895/896 | Morte de Teófane. Leão casa-se com a sua amante, Zoé Zautzina |   |                                |
| 896     |   | <p>Os Bizantinos, sob a liderança de Leão Katakalon, são derrotados na <u>batalha</u> de <u>Bulgarophygon</u>, na Trácia. A derrota permite aos Búlgaros saquear toda a região e até ameaçar Constantinopla.</p> <p>Por meio de Leão Coirosfactes, Leão assina a paz com Simeão, pela resolução da questão dos mercados e o comprometimento do <i>basileús</i> em pagar um tributo anual.</p> |                                |
| 898     |   | O eunuco Raghíb captura e mata três mil marinheiros bizantinos e queima os seus navios.   |                                |

| Ano     | Eventos biográficos e políticos                            | Eventos Militares e Diplomáticos  | Eventos Culturais e religiosos   |
|---------|--|---|--|
| 899/900 | Morte de Zoé Zautzina.                                     | <b>Califado:</b> O eunuco Raghíb é aprisionado pelo califa al-Mutatid. Mais tarde, morrerá no cativeiro.  |  |
| 900     | Casamento de Leão com Eudóxia Bainé.                       | <b>Cilícia:</b> Os navios usados pelos saqueadores árabes de Tarso são queimados às ordens do califa. Forças bizantinas chegam ao portão Qalamya de Tarso, derrotando e capturando o emir pouco depois, durante uma surtida.  | Leão VI e António reconciliam a Igreja e um grupo de opositores a Fócio. |
| 901     | Morte da <i>basíllissa</i> e do seu filho durante o parto. | <b>Itália: 10 de julho</b> - O Emirado Aglábida toma e saqueia Régio.<br><br><b>Tessália:</b> Leão o <i>Tripolitano</i> e Damiano capturam Demétrias.<br><br><b>Bulgária:</b> Embaixada de Leão Coirosfactes com o objetivo de persuadir Simeão a devolver trinta fortalezas na região de Dirráquio.<br><br><b>Cilícia:</b> Um exército bizantino ataca Kaysum e captura, alegadamente, cerca de quinze mil muçulmanos. |  |

| Ano | Eventos biográficos e políticos | Eventos Militares e Diplomáticos   | Eventos Culturais e religiosos |
|-----|---------------------------------|--|--------------------------------|
| 902 |                                 | <p><b>Mar Egeu:</b> Ataque árabe à ilha de Lemnos, no Egeu Norte<sup>584</sup>.</p> <p><b>Sicília:</b> Queda de Taormina frente ao emir Ibrahim II. Fim da presença bizantina na Sicília.</p> <p><b>Itália:</b> Cerco de Cosenza por Ibrahim II. O emir morre durante o cerco e o seu exército desbanda.</p>   |                                |
| 904 |                                 | <p>Himério é escolhido, para substituir Eustácio, como almirante.</p> <p><b>Tessalónica:</b> <i>julho</i> – Depois de obrigarem o Drungário da Frota, Eustácio, a retirar, Leão e Damiano atacam e saqueiam a segunda maior cidade do Império. As baixas bizantinas<sup>585</sup> chegam aos mil homens, incluindo o <i>strategos</i> Leão Katzilakios que é capturado pelo seu homónimo pirata.</p> <p>A libertação da cidade é comprada a Leão o <i>Tripolitano</i> através de um tributo que estava a ser levado para a Bulgária.</p> |                                |

<sup>584</sup> Ou 903.

<sup>585</sup> Entre mortos e prisioneiros de guerra.

| Ano                       | Eventos biográficos e políticos  | Eventos Militares e Diplomáticos  | Eventos Culturais e religiosos  |
|---------------------------|--|---|---|
| 904<br>(cont.)            |  | <p><b>Bulgária:</b> Coirosfactes é enviado para evitar que Simeão aproveitasse o ataque árabe a Tessalónica para conquistar a cidade.</p> <p><b>Cilícia:</b> Saque de Hadat.<br/><i>Novembro</i> – Andrónico Ducas vence uma batalha junto a Maras.</p>   |   |
| 905                       | Leão VI e uma amante, Zoé Carbonopsina, têm um filho, o futuro Constantino VI. | <p>Revolta de Andrónico Ducas. A rebelião é derrotada, nesse ano, após uma pequena escaramuça e o general revoltoso foge para território árabe.</p> <p><b>Egipto:</b> Um exército enviado pelo califa al-Muktafi, põe fim ao emirato tulúnida, e coloca a região sob o controlo direto dos Abássidas.</p> |   |
| 906<br><br>906<br>(cont.) | Constantino é batizado e declarado herdeiro. Leão casa com Zoé.                | <p>Importante vitória naval bizantina, durante a contraofensiva levada a cabo por Himério, no dia de São Tomé (6 de outubro).</p> <p><b>Síria:</b> Saque bizantino de Qurus, nos arredores de Aleppo.</p>   | <p>Leão VI é excomungado por ter casado pela quarta vez.</p> <p><b>Bulgária:</b> Constantino, bispo de Preslav e discípulo de Metódio, traduz os sermões de Atanásio de Alexandria.</p> |

| Ano | Eventos biográficos e políticos | Eventos Militares e Diplomáticos   | Eventos Culturais e religiosos   |
|-----|---------------------------------|--|--|
| 907 |                                 | Ataque de Olev de Kiev a Constantinopla.   | O <i>synkellos</i> Eutímio ascende ao patriarcado após a deposição do patriarca Nicolau, que se opõe ao quarto casamento do imperador.<br><br>Um sínodo, que reúne representantes das cinco sedes da Pentarquia, perdoa Leão VI. |
| 909 |                                 | <b>Constantinopla:</b> O príncipe Atenolfo I de Cápua e Benevento envia o seu filho primogénito à capital bizantina para pedir ajuda militar a Leão VI para fazer frente às depredações dos Sarracenos sediados em Garigliano.<br><br><b>Síria:</b> 20 de Setembro – Início de uma incursão naval bizantina na costa síria que conquista as fortaleza de al-Qubba e Laodiceia. |  |
| 910 |                                 | <b>Levante:</b> Ataques de Himérios no Levante e na ilha de Chipre.  |  |
| 911 |                                 | <b>Chipre<sup>586</sup>:</b> Como represália por um ataque de Himério à população muçulmana da ilha,   |  |

<sup>586</sup> Ou 912.

| Ano                         | Eventos biográficos e políticos   | Eventos Militares e Diplomáticos   | Eventos Culturais e religiosos  |
|-----------------------------|---|--|---|
| 911<br>(cont.)              |   | <p>Damiano ataca os habitantes bizantinos da ilha, capturando alguns destes.</p> <p><b>Creta:</b> A tentativa de reconquistar a ilha, numa campanha lançada por Leão VI, acaba numa derrota das forças bizantinas lideradas por Himério, às mãos de Leão <i>o Tripolitano</i> e Damiano.</p> |   |
| 912                         | Morte de Leão VI em Constantinopla. É substituído pelo irmão, Alexandre.                                  | <b>Chios:</b> Aniquilação da frota de Himério.   | Após a morte de Leão VI, realiza-se o sínodo de Magnaura que depõe Eutímio e repõe Nicolau. |
| <b>Reinado de Alexandre</b> |   |  |   |
| 912                         | Após a morte de Leão VI, realiza-se o sínodo de Magnaura que depõe Eutímio e repõe Nicolau.               |  |   |
| 913                         | Morte de Alexandre. “Ascensão” do filho de Leão VI, Constantino VII, com a regência do patriarca Nicolau. | <b>Bulgária:</b> Após Alexandre se recusar a pagar o habitual tributo a Simeão, a guerra entre as duas potências é renovada.   |   |

| Ano                               | Eventos biográficos e políticos   | Eventos Militares e Diplomáticos   | Eventos Culturais e religiosos |
|-----------------------------------|---|--|--------------------------------|
| <b>Reinado de Constantino VII</b> |   |  |                                |
| 914                               | Zoé Carbonopsina e Leão Focas depõem Nicolau da regência.   |  |                                |
| 915                               |   | <b>Itália:</b> O papa João X funda uma liga cristã que une a maior parte das potências do sul de Itália contra Garagliano, incluindo um conjunto de forças bizantinas sob o comando de Nicolau Picingli, o <i>strategós</i> de Bari,. Depois de um cerco de três meses, os Muçulmanos são derrotados quando tentam abandonar as fortificações. |                                |
| 917                               |   | <b>Trácia: Batalha de Acheloos</b> – O czar Simeão derrota Leão Focas decisivamente, o Império da Bulgária expande-se pela Trácia.   |                                |
| 919                               | O <i>droungários tou ploïmon</i> Romano Lecapeno encerra Zoé Carbonopsina num mosteiro e torna-se no primeiro coimperador macedónico. |  |                                |

| Ano | Eventos biográficos e políticos  | Eventos Militares e Diplomáticos   | Eventos Culturais e religiosos |
|-----|--|--|--------------------------------|
| 923 |  | <b>Lemnos:</b> O patrício João Radenes derrota Leão o <i>Tripolita</i> , que terá morrido no combate.  |                                |
| 924 |  | <b>Ásia Menor:</b> Morte de Damiano durante o cerco a Strobilos, no <i>théma</i> dos <i>Kibirrhaiotai</i> .<br><br>Simeão da Bulgária cerca Constantinopla, que é defendida por Romano I Lecapeno. |                                |
| 927 | <b>Bulgária:</b> Morte do Czar Simeão, põe fim às suas ambições de criar um império bizantino-búlgaro. |  |                                |

## Anexo IV: Biografias, dinastias e organizações

### a) Soberanos de impérios, califados e outros Estados

‘**Abd al-Malik (séculos VII-VIII d.C.)** – Califa omíada entre 685-705 e um dos participantes principais na Segunda Fitna, que acabou por vencer em 692. Em relação a Bizâncio, assina, em 688, um tratado com Justiniano que declara a ilha de Chipre como território bipartido. Quando morre, o califado torna-se um império burocrático centralizado, escorado sobre o exército da Síria<sup>587</sup>.

‘**Abd al-Rahman ibn al-Walid (século VII d.C.)** – Filho de Khalid ibn al-Walid, que terá herdado o talento tático do pai e liderou uma campanha na Anatólia com grande sucesso. Foi envenenado às ordens do califa Muawiyia, em 667, que temia o poder que al-Walid começara a ganhar.

**Alp Arslan (século XI d.C.)** – Sultão seljúcida que derrotou o co-imperador Romano IV Diogenes na batalha de Manzikert, em 1071. Foi assassinado no ano seguinte por um rebelde corásmio.

**Artavasdo (século VIII)** – Genro de Leão III que ocupou as funções *kouropalátēs* e *kómes* do *Opsikíon* durante o seu reinado. Após a ascensão ao trono do sobrinho, o *basileús*, Constantino V, tenta usurpar o trono com o apoio dos seus homens, em 742. Apesar de ter tomado Constantinopla, não logra capturar o imperador, que consegue se refugiar em Amorion. No ano seguinte, o *basileús* legítimo regressa com o apoio dos *themáta* dos Tracésicos e dos *Anatolikón* e derrota o usurpador, que é capturado e cegado em conjunto com o filho. A revolta de Artavasdo é considerada um dos principais catalisadores para a formação dos *tágmata*.

**Basílio I (século IX d.C.)** – *Basileús* que precedeu Leão VI, reinando entre 867 e 886. Depois de ter usurpado o trono a Miguel III, fundou a dinastia Macedónica. Durante o seu reinado os Bizantinos obtiveram importantes vitórias militares como: a reconquista de Bari, no sul de Itália, em 876; ou a vitória na batalha de Bathys Ryax, em 878, um passo decisivo na derrota da seita pauliciana e para a consolidação do poder bizantino na Anatólia oriental.

---

<sup>587</sup> Vide KENNEDY, Hugh (2004). *The Prophet and the Age of Caliphs*. Segunda Edição, Grã-Bretanha: Pearson Longman, p. 103.

**Basílio II (século X d.C.)** – Penúltimo *basileús* macedónico, reinou entre 976 e 1025. Apesar de um início de reinado bastante atribulado, consegue, após a vitória sobre os apoiantes de Bardas Focas na batalha de Abido em 989, encetar várias campanhas militares vitoriosas na Bulgária, na Arménia e em Itália. No final do seu reinado, o Império Romano do Oriente assiste, por um lado, à recuperação de muitos territórios *de jure* bizantinos, em especial os territórios do czar Samuel da Bulgária, e, por outro, à afirmação da sua superioridade sobre o Mediterrâneo oriental e os Balcãs.

**Constante II (século VII)** – *Basileús* bizantino, neto de Heráclio, que reina entre 641 e 668. Durante o seu principado, enfrenta uma das primeiras expedições árabes contra Constantinopla e sofre uma derrota devastadora numa batalha naval na Costa da Lícia, a conhecida «batalha dos Mastros». Após várias tentativas, com pouco ou nenhum sucesso, de estabilizar a fronteira oriental e garantir a fidelidade da Arménia, viaja para ocidente onde tenta repor as defesas dessas regiões e criar boas bases de apoio fiscal para apoiar o esforço de guerra e, em especial, a Marinha. É assassinado na Sicília, em 668.

**Constantino I (século IV)** – Imperador romano entre 324-337. Constantino torna-se no imperador absoluto do Império após a vitória sob Licínio, o Augusto do Oriente, na batalha de Crisópolis, em 324. Mais tarde, em 330 d.C., refunda a cidade de Bizâncio, desta feita com o nome de Constantinopla.

**Constantino V o Coprónimo (século VIII)** – *Basileús* entre 741-755. A este imperador é-lhe atribuída a fundação dos *tágmata* após a sua vitória sobre o conde do *Opsikion*, Artavasdo, quando este tentou usurpar o poder entre 741-743. Com o apoio deste exército central conseguiu conquistar vários territórios nos Balcãs e atacar território califal.

**Constantino VII (século X)** – Terceiro *Basileús* macedónico, reinou entre 913-959. Filho e herdeiro de Leão VI herdou o legado cultural do pai. A ele são-lhes atribuídas várias obras de renome, como o *De Ceremoniis* («o Livro das Cerimónias»), o *De Administrando Imperii*, o *De Thematibus* e o *Vita Basilii*, uma biografia do avô, bem como um pequeno tratado sobre a função e importância do *basileús* numa expedição militar. Durante o seu reinado, e do seu co-imperador Romano I Lecapeno, o império vai tomando uma postura cada vez mais ofensiva, algo verificável numa série de reformas empreendidas, e na expansão para Oriente, com destaque para a conquista de Melitene por João Curcuas em 934.

**Cosroés II (séculos VI e VII)** – Rei do Império Sassânida em 590 e entre 591-628. Após o assassinato de Hormisdas, seu pai, em 590, o jovem Cosroés II foge para a corte do

imperador Maurício, em Constantinopla, que o ajuda a recuperar o trono um ano depois. Após a morte do seu protetor, em 602, Cosroés invade o Império Bizantino, naquela que seria a última guerra Bizantino/Romano-Persa. Apesar de um início de guerra bastante bem-sucedido, com a conquista de vastas porções de território bizantino, a maré acaba por se virar contra ele, sofrendo várias derrotas às mãos de Heráclio. É deposto e assassinado pelo filho em 628.

**Focas (século VII)** – Imperador bizantino entre 602-610. Inicialmente um oficial da armada do Danúbio, Focas é declarado imperador pelo seu exército em 602, após mais uma tentativa falhada de Maurício de reduzir custos nas despesas do exército, atacando posteriormente Constantinopla, onde depõe e assassina Maurício. Após oito anos de um reinado bastante fraco, onde, para além da instabilidade interna causada pela sua falta de legitimidade, se viu frente-a-frente com uma guerra com o Império Persa Sassânida e novas invasões Ávaro-Eslavas, acaba deposto e morto por Heráclio em 610.

**Harun al-Rashid (séculos VIII-IX)** – Califa abássida entre 786-809. Considerado um dos grandes califas muçulmanos, Harun al-Rashid conduziu várias campanhas com sucesso à Ásia Menor, obrigando Bizâncio a pagar um pesado tributo. Quando morre, tem início a Quarta Fitna entre os seus filhos al-Amin e Al-Mamun, conflito que permite ao Império Bizantino ter algum descanso na fronteira oriental e concentrar-se na (tentativa) de erradicação do Império Búlgaro, que termina em fracasso, no ano de 811, com a morte de Nicéforo I.

**Heráclio (século VII)** – *Basileús* entre 610-640. Após ter deposto Focas, em 610, Heráclio consegue, lentamente, virar a maré da guerra contra os Persas e os Ávaros. Finalmente vitorioso, em 628, Heráclio consegue governar em paz até 633, quando começam os primeiros confrontos com o Califado Rashidun. Após a derrota na batalha de Yarmouk, em 636, Heráclio abandona a Síria-Palestina para fortalecer as defesas da Ásia Menor. Quando morre, em 641, forças califais sob Amr ibn ‘al-Aas já tinham conquistado alguns territórios romanos no Egito.

**João I Zimisce (século X)** – co-imperador bizantino entre 969 e 976, ascende ao trono após assassinar o tio, o co-imperador Nicéforo II Focas. Após derrotar o príncipe russo Svyatoslav, em 971, nas batalhas de Dorostolon, empreende uma série de campanhas na Síria-Palestina, que expandem o território imperial naquela região. Antes de morrer, pretendia reconquistar Jerusalém aos Fatímidas.

**Justiniano (século VI)** – Imperador bizantino entre 527-565. Possivelmente o mais conhecido imperador bizantino. Foi durante o principado deste *augusto* que o Império Romano do Oriente conquistou um grande número de territórios, sob a alçada de emblemáticos generais como Belisário e Narsés, que antes pertenciam ao Império Romano do Ocidente: Norte de África; Itália; e uma boa parte do sul da Península Ibérica. Para além desta importante obra militar, deixou ainda um legado jurídico relevante (com a redação de uma compilação de leis denominada *Corpus Iuris Iulianos*) e de obras públicas, como a Hagia Sophia e a basílica de São Vitale, em Ravenna. Os anos finais do seu reinado ficaram manchados pela peste, pelas críticas internas dos senadores e dos grandes intelectuais, bem como pelas controvérsias eclesásticas. Apesar disto, à sua morte, em 565, o Império Bizantino tinha atingido a sua maior extensão.

**Justiniano II (século VII e VIII)** – *Basileús* bizantino de 685 a 695 e de 705 a 711. Apesar de ter um início de reinado algo bem-sucedido (com a conquista de território nos Balcãs e uma trégua favorável com o califado), a derrota em Sebastópolis, em 693, e uma série de conflitos com o papado e o califado, vão provocar um golpe de estado que o depõe, sendo substituído por Leôncio. Dez anos após estes acontecimentos, em que Bizâncio perde definitivamente o Norte de África, Justiniano regressa violentamente a Constantinopla, com o apoio do *khan* Tervel dos Búlgaros, e consegue recuperar o poder, executando Leôncio e o *basileús* Tibério Apsimar no decurso do seu regresso ao trono. Após um segundo principado cruel, protagonizado pela perseguição aos (ou quem ele pensava ser) seus adversários políticos, Justiniano II e o filho acabam depostos e executados, pondo fim à dinastia Heracliana.

**Leão III (século VIII)** – Suserano bizantino entre 717 e 741. Leão ascendeu ao trono, pouco antes do último cerco árabe a Constantinopla, com a deposição de Teodósio III pelo *théma* dos *Anatólicos*. Entre os principais eventos do seu reinado estão: a derrota do cerco árabe a Constantinopla de 717-718, com recurso à frota, à diplomacia, à guerra de guerrilha e às muralhas de Teodósio; o início da questão iconoclástica, que iria dividir, de maior ou menor forma, a sociedade bizantina, durante mais ou menos um século, até ao reinado de Miguel III; e a batalha de Akroinos, em 740, que se demonstra um ponto marcante no conflito entre Árabes e Bizantinos, pois depois desta os primeiros nunca mais tentariam conquistar a capital do adversário e a guerra, de formal geral, circunscrever-se-ia a expedições de saque e contra-raides.

**Leão VI (séculos IX-X)** – segundo *basileús* Macedónico, reina entre 886 e 912. Apesar de não ter exercido comando dos seus exércitos, o seu principado encontra-se caracterizado por episódios bélicos marcantes como: a guerra búlgara com Simeão (894-896); a perda definitiva da Sicília, com a queda de Taormina (902); e o saque de Tessalónica por Leão o *Tripolitano* e Damiano. Apesar destes desaires, o império consegue vencer noutras frentes e impor a sua supremacia no sul de Itália e até expandir o território imperial para Oriente. É o autor de dois tratados militares: o *Problemáta* e o *Taktiká*; e promulgou a publicação de um novo código de leis, em continuação do trabalho do pai, denominado *Basilica*.

**Maurício (séculos VI-VII)** – Imperador bizantino entre 582 e 602. Ficou conhecido por: participar na guerra civil no seu mais poderoso vizinho, a Pérsia Sassânida, onde contribuiu para recolocar no trono o soberano legítimo, Cosroés II; pelas campanhas vitoriosas nos Balcãs; e pela escrita de um dos mais importantes tratados militares bizantinos, o *Stratēgikón*. Apesar destes sucessos, antes de conseguir confrontar a ameaça lombarda em Itália, é assassinado, em conjunto com a família, pelas tropas da fronteira do Danúbio, após lhes ordenar que se guarnecessem para lá daquele rio durante o inverno. É substituído por Focas.

**Miguel III (século IX)** – *Basileús* entre 842 e 867. Durante o seu principado, as forças bizantinas derrotam as forças muçulmanas dos emirados de Tarso e Melitene, que permitem estabilizar o balanço de poderes na fronteira. É deposto e morto pelo *parakoimōmenos* Basílio, que o sucede como Basílio I. Será sepultado dignamente durante o reinado de Leão VI.

**Muawiyia (século VII)** – Primeiro califa omíada, reina entre 661 e 680. Inicialmente, apenas governador de Damasco consegue tornar-se califa após a vitória na Primeira Fitna (656-661). Foi um dos principais impulsionadores da criação de uma marinha de guerra árabe, comandou várias campanhas contra Bizâncio, e conseguiu cercar a capital bizantina em 674.

**Nicéforo I (séculos VIII-IX)** – Inicialmente, logóteta das finanças de Irene (797-802) torna-se *basileús* em 802, reinando até 811. Durante o seu principado, o Império Bizantino reafirmou o seu poderio na Grécia e nos Balcãs. É considerado um dos fundadores dos *themáta*, que terão sido criados no seio de um conjunto de reformas fiscais implementadas por ele. Morre na batalha de Priska, na Bulgária, contra o *khan* Krum, em 811.

**Nicéforo II Focas (século X)** – *Domestikós* do Oriente de Romano II, torna-se co-imperador à morte deste, e reina entre 963-969. Tem a cargo dele uma série de sucessos

bizantinos na região da Cilícia e no Norte da Síria, onde destrói o poder dos Hamdânidas e conquista Antioquia. Antes de ser co-imperador, logra conquistar a ilha de Creta em 961. Nicéforo II é considerado como um dos grandes organizadores militares bizantinos e são-lhe atribuídos três tratados militares: o *Praecepta Militaria*, sobre os novos exércitos de campanha bizantinos; o *De velitatione bellica*, sobre a guerra de guerrilha; e um tratado sobre a guerra na Bulgária.

**Romano IV Diogenes (século XI)** – Co-imperador bizantino entre 1068 e 1071. Foi um experiente comandante militar que tentou reverter os reveses bizantinos frente aos Turcomanos. É derrotado por Alp Arslan, na batalha de Manzikert, no seio de uma campanha em que tentava repor uma linha defensiva na Arménia. Mais tarde, é derrotado pela família dos Ducas, cegado e encerrado num mosteiro onde viria a morrer em 1072.

**Sayf al-Daulah (século X)** – Emir hamdânida de Alepo entre 944 e 967. Ao longo do seu reinado, foi o inimigo mais energético de Bizâncio e tentou desarticular o sistema defensivo romano no *limes* oriental. Durante a primeira metade do seu principado, consegue conduzir raides de grandes dimensões ao interior de território bizantino, mas após a ascensão de Nicéforo Focas ao cargo de *domestikós*, em 957, vê-se cada vez mais colocado na defensiva. Nos anos anteriores à sua morte, vai ver o seu território cada vez mais reduzido com as perdas da Cilícia e de Antioquia, e com a cidade de Alepo (apesar de a cidadela ter resistido) tomada e saqueada.

**Simeão (século X)** – Czar búlgaro entre 893 e 927. É um dos primeiros governantes cristãos da Bulgária e dedicou-se à tradução de textos religiosos. Em termos militares, travou duros combates com forças bizantinas, tendo-as derrotado em várias ocasiões, como em Bulgarophygon (896) e Acheloos (917). Tinha o sonho de conseguir criar uma dinastia bizantino-búlgara, mas não o conseguiu realizar.

## **b) Tratadistas e cronistas**

**Aeliano (século II d.C.)** – Autor grego que escreveu um importante tratado militar chamado *Περὶ Στρατηγικῶν Τάξεων Ἑλληνικῶν* («Sobre os dispositivos táticos gregos»), o qual se debruçava sobre o exército e a forma de fazer guerra nos Estados dos Diadochii e, que teve grande influência na escrita do *Taktiká* e na Idade Moderna.

**Arriano (século III d.C.)** – Historiador e tratadista grego, é considerado por Alphonse Dain como o personagem de primeiro plano entre todos os tratadistas da Antiguidade<sup>588</sup>. Redigiu várias obras ilustres como: o *Anabasis Alexandri*, que relata as campanhas do rei macedónico; o *Ars Tactica*, um importante manual de táticas que descreve de forma ambivalente as táticas militares macedónicas e romanas; e ainda o *Ἑκταζὶς κατὰ Ἀλανῶν* (“A ordem de batalha contra os Alanos”).

**“Héron de Bizâncio” (século X)** – Autor anónimo de dois tratados militares bizantinos sobre poliorcética: o *Parangélmata Poliorkētiká* e o *Geodesia*.

**Leão o Diácono (século X)** – monge bizantino que escreveu a *História*, que relata os reinados e as campanhas de Nicéforo II Focas e João I Tzimiské.

**Onasandro (século I d.C.)** – filósofo grego, oriundo da ilha de Chipre, que escreveu um dos mais importantes tratados militares da Antiguidade: o *Στρατηγικός* (*Strategikós*). Esta obra é uma das principais influências de tratados como o *Stratēgikón* e o *Taktiká*.

**Siriano *magistros* (século VI / IX d.C.)** – autor anónimo de três tratados militares bizantinos: o *Perí Stratégias*, um manual militar; o *Naumachíai*, obra que discute aspetos de guerra naval; e o *Rhetorica Militaris*, que visa aspetos de oratória da arte bélica.

---

<sup>588</sup> Vide DAIN, Alphonse (1967) *Les stratégistes byzantins*. In *Travaux et Mémoires*, 2, p.331.

**c) Outras personagens relevantes**

‘**Abd al-Rahman ibn al-Walid (século VII d.C.)** – Filho de Khalid ibn al-Walid, que terá herdado o talento tático do pai e liderou uma campanha na Anatólia com grande sucesso. Foi envenenado às ordens do califa Muawiyia, em 667, que temia o poder que al-Walid começara a ganhar.

**Khalid ibn al-Walid (século VII)** – Experiente comandante árabe em vários confrontos, como a batalha de Yarmuk. É considerado um dos principais responsáveis pela conquista muçulmana da Síria-Palestina.

**Narsés (século VI)** – Um dos generais, a par de Belisário, mais importantes de Justiniano durante as chamadas Guerras Góticas. Após a vitória em *Mons Lactarius*, que põe fim ao reino dos Ostrogodos, enfrenta e derrota uma coligação de Francos e Alamanos na batalha do rio Volturno, em 554, onde acaba de consolidar a reconquista romana da Península Itálica.

**Saporios (século VII)** – *strategós* da divisão do *Armeniakon* que se aliou a ‘Abd al-Rahman ibn al-Walid durante as suas campanhas na Ásia Menor, permitindo a invasão da Ásia Menor pelos Omíadas. Depois da sua morte, em 667, o *Armeniakon* volta para o lado de Bizâncio.

#### **d) Dinastias**

**Aglábidas:** Dinastia muçulmana da Tunísia entre 800 e 909, sediada em Kairouan, na Tunísia. Em 827 invadem a Sicília e terminam a conquista desta com a tomada de Taormina, em 902.

**Amoriana:** Dinastia bizantina que governou entre 820 e 867. Durante o período em que esta governou verificou-se uma estabilização da fronteira oriental, graças à criação das *kleisoûrarchiai*, e ao fim definitivo da questão iconoclástica.

**Hamdânidas:** Dinastia muçulmana do Norte da Síria, que atingiu o seu expoente máximo no reinado de Sayf al-Dawlah, governando a Mesopotâmia e a Cilícia, a partir de Alepo.

**Macedónica:** Uma das mais ilustres dinastias bizantinas, governa o império desde a usurpação de Basílio I, em 867, até à morte de Teodora em 1056. Durante o seu reinado, Bizâncio atinge a sua maior extensão desde Maurício e consolida-se como a maior potência do Mediterrâneo oriental.

**Tulúnidas:** Dinastia muçulmana do Egipto entre 868 e 905.

#### e) Organizações e unidades militares

**Excubitores** – contingente dos *tágmata*, resultou da reorganização do regimento da guarda imperial do mesmo nome, obtendo novamente funcionalidade militar. No campo de batalha funcionavam, taticamente, como cavalaria.

**Hetaireia** – contingente dos *tágmata*, que reunia em si soldados de outras nacionalidades, como Khazars. Inicialmente, tratar-se-ia apenas de uma divisão da *Vigla* (*Noumera*) mas tornaram-se num corpo militar independente durante o reinado de Miguel II.

**Hikanatôi** – divisão de cavalaria dos *tágmata* formada por Nicéforo I. Era constituída pelos filhos dos *archontes* da capital, tendo sido criada para esse propósito de forma a servir o filho do *basileús*, Staurakios.

**Vigla** – unidade da guarda imperial formada pela *basilissa* Irene, por volta de 780. Era composta por cavalaria.

**Noumera** – Regimento dos *tágmata* que servia como guarnição permanente de Constantinopla sendo, por essa razão, constituído por infantaria.

**Opsikíon** – comando militar bizantino, que desempenhava as funções de guarnição de Constantinopla e de exército pessoal do *basileús*. Perdeu muita da sua importância após a revolta falhada de Artavasdo, em 743, tendo os *tágmata* ocupado as suas funções.

**Optimates** – regimento dos *tágmata* que se encontrava encarregue da logística.

**Scholaí** – um dos contingentes mais importantes dos *tágmata*, foi o resultado da remilitarização do regimento da guarda imperial com o mesmo nome. Militarmente, eram constituídos por cavalaria. O seu oficial máximo era o *domestikós Scholae* que acabaria por se tornar no comandante máximo dos exércitos bizantinos, depois do *basileús*.

## **Anexos V – Listas de Titulares**

### **a) Imperadores Bizantinos desde Maurício ao final da época médio-bizantina (582-1204)**

#### **Dinastia Justiniana**

**582-602** – Maurício Tibério

#### **Não Dinástico**

**602-610** – Focas

#### **Dinastia Heracliana**

**610-641** – Heráclio

**641** – Constantino III Heráclio

**641-** Heraclonas

- regência de Martina

**641-668** – Constante II

**668-685** – Constantino IV

**685-695** – Justiniano II

**695-698** – Leôncio

**698-705** – Tibério II Absimaro

**705-711** – Justiniano II (2º principado)

#### **Não Dinásticos**

**711-713** – Filipico Bardanés

**713-715** – Anastácio II

**715-717** – Teodósio III

### **Dinastia Isauriana**

**717-741** – Leão III “O Isauriano”

**741-775** – Constantino V “O Coprónimo”

**775-780** – Leão IV

**780-797** – Constantino VI (regência de Irene).

**797-802** – Irene “A Ateniense”

### **Não Dinástico**

**802-811** – Nicéforo I

**811** – Staurakios

**811-813** – Miguel I Rangabé

**813-820** – Leão V “O Arménio”

### **Dinastia Amoriana**

**820-829** – Miguel II “O Amoriano”

**829-842** – Teófilo

**842-867** – Miguel III

- **842-856** – Regência de Teodora

### **Dinastia Macedónica**

**867-886** – Basílio I, *O Macedónico*

**886-912** – Leão VI, *O Sábio*

**912-913** – Alexandre

**913-959** – Constantino VII Porfirogeneta

- **913-914** – Regência de Nicolau Místico
- **914-920** – Regência de Zoe Carbonopsina.
- **920-944** – Co-imperador Romano I Lecapeno

**959-963** – Romano II Porfirogeneta

**963-1025** – Basílio II *Boulgaroktónos* (o *exterminador de Búlgaros*).

- **963** – Regência de Teófane
- **963-969** – Co-imperador Nicéforo II Focas
- **969-976** – Co-imperador João I Zimisce

**1025-1028** – Constantino VIII Porfirogeneta

**1028-1034** – Romano III Argiro

**1034-1041** – Miguel IV “O Paflagónico”

**1041-1042** – Miguel V “O Calafate”

**1042** – Zoé

**1042-1055** – Constantino IX Monómaco

**1055-1056** – Teodora

### **Não Dinástico**

**1056-1057** – Miguel VI Bringas

### **Dinastia Comnena**

**1057-1059** – Isaac I Comneno

### **Dinastia Ducas**

**1059-1067** – Constantino X Ducas

**1067-1078** – Miguel VII Ducas

- **1067-1068** - Regência de Eudóxia
- **1068-1071** - Co-imperador Romano IV Diógenes

### **Não-dinástico**

**1078-1081** – Nicéforo III Botaniate

### **Dinastia Comnena**

**1081-1118** – Aleixo I Comneno

**1118-1143** – João II Comneno

**1143-1180** – Manuel I Comneno

**1180-1183** – Aleixo II Comneno

**1183-1185** – Andrónico I Comneno

### **Dinastia Ângelo (dos Anjos)**

**1185-1195** – Isaac II Anjo

**1195-1203** – Aleixo III

**1204** – Aleixo IV

**1204** – Aleixo V Ducas Murzuflo

## **b) Califas Árabes**

### **Califas Rashidun:**

**632-634** – Abu-Bakr

**634-644** – Omar

**644-656** – Uthman

**656-661** – Ali

### **Califas Omíadas:**

**661-680** – Muawiyia I

**680-683** – Yazîd I

**683-684** - Muawiyia II

**684-685** – Marwan I

**685-705** – Abd al-Malik

**705-715** - Al-Walid I

**715-720** – Sulayman

**720-724** - Yazîd II

**724-743** – Hisham

**743-744** – Al-Walid II

**744-750** – Marwan II

### **Califas Abássidas:**

**750-754** – Al-Saffah

**754-775** – Al-Mansur

**775-785** – Al-Mahdi

**785-786** – Al-Hadi

**786-809** – Harun al-Rashid

**809-813** – Al-Amin

**813-833** – Al-Mamun

**833-842** – Al-Mutasim

**842-847** – Al-Wathiq

**847-861** - Al-Mutawakill

**861-862** – Al-Muntasir

**862-866** – Al-Musta'in

**866-869** – Al-Mu'tazz

**869-870** – Al-Mutahdi

**870-892** – Al-Mu'tamid

**892-902** – Al-Mu'tadid

**902-908** – Al-Muktafi

**908-932** – Al-Muqtadir

**932-934** – Al-Qahir

**934-940** – Al-Radi

**940-944** – Al-Muttaqi

**944-946** – Al-Mustakfi

**946-974** – Al-Muti

**974-991** – Al-Ta'i

**991-1031** – Al-Qadir

**1031-1075** – Al-Qa'im

## c) Outros governantes árabes

### Governantes Omíadas do Al-Andalus

#### **Governadores**

- 714-716 – ‘Abd al-‘Aziz ibn Musa  
716 – Ayyub ibn Habib al-Lakhmi  
717-719 – Al-Hurr ibn ‘Abd al-Rahman al Thaqafi  
719-721 – ‘Al-Samh ibn Malik al-Khawlani  
721 – Abd al-Rahman al-Ghafiqi  
721-725 – ‘Anbasa ibn Suhaym al-Kalbi  
725-726 – ‘Udhra ibn ‘Abd Allah al-Fihri  
726-728 – Yahya ibn Salama al-Kalbi  
728-729 – Hudhayfa ibn al-Ahwas al-Qaysi  
729 – ‘Uthman ibn Abi Nasr al-Khath’ami  
729-730 – Al-Haytham ibn ‘Ubayd al-Kilabi  
730 – Muhammad ibn ‘Abd Allah al-Ashja ‘i  
730-732 – ‘Abd al-Rhaman ibn ‘Abd Allah al-Ghafiqi  
732-734 – ‘Abd al-Malik ibn Qatan al-Fihri  
734-740 – ‘Uqba ibn al-Hajjaj al-Saluli  
740-741 – ‘Abd al-Malik ibn Qatan al-Fihri  
742-743 – Tha’laba ibn Salama al-‘Amili  
743-745 – Abu al-Qattar al-Husam  
745-746 – Thawaba ibn Yazid  
746-756 – Usuf ibn ‘Abd al-Rahman al-Fihri

#### Instauração do Emirato Omíada

#### **Emires Omíadas**

- 756-788 – ‘Abd al-Rahman I  
788-796 – Hisham I  
796-822 – Al-Hakam I

822-852 – ‘Abd al-Rahman II

852-886 - Muhammad I

886-888 – Al-Mundhir

888-912 – ‘Abd Allah

912-929 – ‘Abd al-Rahman III

‘Abd al-Rahman III é proclamado califa

#### **Califas Omíadas**

929-961 – ‘Abd al-Rahman III

961-976 – Al-Hakam II

976-1009 – Hisham II

1009 – Muhammad II

1010-1013 – Hisham II

1013-1018 – Sulayman al-Musta’in

1018-1023 – ‘Abd al-Rahman IV al-Murtada

1023-1024 – Abd al-Rahman V al-Mustazhir

1024-1027 - Muhammad III al-Mustakfi.

1027-1031 – Hisham III al-Mu’tadd.

Fim da dinastia, início do primeiro período  
de reis de *taifa*

## Governantes Almorávidas e Almóadas

### **Almorávidas (emires)**

#### *Primeiro período dos reinos de taifa*

**1061-1106** – Yusuf ibn Tashufin

**1106-1142** – Ali

**1143-1145** – Tashufin

**1146** – Ibrahim

**1146-1147** – Ishaq

### **Almóadas (califas)**

**1130-1163** – ‘Abd al-Mu’min

**1163-1184** – Abu Ya’qub Yusuf

**1184-1199** – Abu-Yusuf Ya’qub al-Mansur

**1199-1214** – Muhammad al-Nasir

## Governantes Aglábidas

**812-817** – ‘Abd Allah

**817-838** – Ziyadat Allah I

**838-841** – Abu ‘Iqal al-Aghlab

**841-856** – Muḥammad I

**856-863** – Aḥmad

**863** - Ziyadat Allah II

**863-875** – Abu ’l-Gharaniq Muḥammad II

**875-902** – Ibrahim II

**902-903** – ‘Abd Allah II

**d) Khagan e czares (a partir de Bóris I) da Bulgária**

**739-756** – Kormisos

**756-ca.761** – Vinekh

**Ca. 761-764** – Telec

**Ca. 764-767** – Sabin

**767** – Umar

**767-ca.769** – Toktu

**770** – Pagan

**Ca. 770 – 777** – Telerig

**777-ca.803** – Kardam

**Ca. 803-813** – Krum

**814-831** – Omurtag

**831-836** – Malamir

**836-852** – Presiam

**852-889** – Bóris I

**889-893** – Vladimir

**893-927** – Simeão

**927-967** – Pedro

**967-971** – Bóris II

**976-986** – *Cometopuli*: Arão, Moisés, David e Samuel

**986-1014** – Samuel

**1014-1015** – Gabriel Radomir

**1015-1019** – João Vladislav

*Conquista Bizantina de Basílio II*

### **e) Príncipes de Rus**

**? – 945 – Igor**

**945-972 – Svyatoslav**

**972-978 – Yaropolk**

**978-1015 – Vladimir I**

**1015-1019 – Svjatopolk**

**1019-1036 – Msistlav**

**1036-1054 – Yaroslav I**

**1054-1057 – Vyacheslav**

**1057-1060 – Igor**

**1060-1076 – Svjatoslav II**

**1076-1078 – Izyaslav**

**1078-1093 – Vsevolod**

**1093-1113 – Svjatopolk II**

**1113-1115 – Oleg**

**1115-11123 – Yaroslav II**

**1123-1125 – Vladimir II**

**1125-1132 – Mstislav-Harald**

**1132-1139 – Yaropolk II**

**1139-1157 – Yuri Dolgoruky**

## **f) Reis e Duques lombardos de Itália**

### **Reis Lombardos**

**568-572** – Alboim

**572-574** – Clefo

**574-584** - *Interregno*

**584-590** – Autari

**590-616** – Agilolfo

**616-626** – Adaloaldo

**626-636** – Arioldo

**636-652** – Rotário

**652** – Rodoaldo

**652-661** – Ariberto I

**661-662** – Godeberto / Perctarit

**662-671** – Grimoaldo

**671-688** – Perctarit

**688-700** – Cuniperto

**700** – Liutberto

**700-712** – Ariberto II

**712** – Ansprando

**713-744** – Liutprando

**744** – Hildebrando

**744-749** – Ratchis

**749-756** – Astolfo

**756-774** – Desidério

## **Duques e Príncipes (a partir de 774) de Benevento**

**571-591** – Zotto

**591-641** – Arechis I

**641-642** – Aio I

**642-646** – Radoaldo

**646-662** – Grimoaldo I

**662-687** – Romoaldo I

**687-692** – Grimoaldo II

**692-706** – Gisulfo

**706-730** – Romoaldo II

**730-732** – Audelaio

**732-739** – Gregório

**739-742** – Godescalco

**742-751** – Gisulfo II

**751-758** – Liutprando

**758-787** – Arichis II

**787-806** – Grimoaldo III

**806-817** – Grimoaldo IV

**817-833** – Sico

**833-839** – Sicardo

**839-851** – Radélchio I

**839-849** – Siquenolfo

**851-853** – Radelgar

**853-878** – Adélchio

**878-881** – Gaidério

**881-884** – Radélchio II

**884-891** – Aio II

**891-892** – Urso

**895-897** – Guido IV de Espoleto

**897-900** – Radélchio II

**900-910** – Atenolfo I

**910-940** – Atenolfo II

**910-943** – Landolfo I

**933-943** – Atenolfo III

**939-961** – Landolfo II

**959-968/969** – Landolfo III

**961-981** – Pandolfo I

**968/69-982** – Landolfo IV

**982-1014** – Pandolfo II

**987-1033** – Landolfo V

**1011-1060** – Pandolfo III

**1038-1077** – Landolfo VI

**1054-1074** – Pandolfo IV

*Conquista Normanda do Ducado*

## **Príncipes de Salerno**

**853-856** – Pedro

**856-861** – Ademaro

**861-880** – Guaifer

**880-900** – Guaimar I

**900-946** – Guaimar II

**946-977** – Gisulfo I

**977-981** – Pandolfo I

**981-983** – Manso e João I

**983-989** – João II

**989-1027** – Guaimar III

**1027-1052** – Guaimar IV

**1052-1077** – Gisulfo II

*Conquista Normanda do Principado*

## **Príncipes de Cápua**

**887-910** – Atenolfo I

**910-940** – Atenolfo II

**910-943** – Landolfo I

**933-943** – Atenolfo III

**939-961** – Landolfo II

**959-968/969** – Landolfo III

**961-981** – Pandolfo I

**968/69-982** – Landolfo IV

**982-993** – Ladenolfo

**993-999** – Laidolfo

**1000-1007** – Landolfo V

**1007-1022** – Pandolfo II

**1014-1026** – Pandolfo III

**1016-1049** – Pandolfo IV

**1020-1057** – Pandolfo V

**1022-1026** – Pandolfo VI

**1047-1058** – Landolfo VI

**1049-1057** – Pandolfo IV

*Conquista Normanda do Ducado*

## **Duques de Espoleto**

- 580-592** – Faroaldo I  
**592-601** – Ariulfo  
**601-653** – Teudelápio  
**653-663** – Ato  
**663-703** – Trasamundo I  
**703-724** – Faroaldo II  
**724-739** – Trasamundo II  
**739-740** – Hilderico  
**740-742** – Trasamundo II  
**742-744** – Agiprando  
**744-745** – Trasamundo II  
**745-752** – Lupo  
**752-756** – Astolfo (rei dos Lombardos)  
**756-757** – Ratchis.  
**757-759** – Alboíno  
**758-759** – Desidério (rei dos Lombardos)  
**758-763** – Gisulfo  
**763-773** – Teodísio  
**774-788** – Hildebrando  
**789-822** – Guinisigio I  
**822-824** – Supão I  
**824** – Adelarado  
**824** – Muringo  
**824-834** – Adélchio I  
**834-836** – Lamberto I de Nantes  
**836-841** – Berengário de Espoleto  
**842-860** – Guido I de Espoleto  
**860-871** – Lamberto I de Espoleto  
**871** – Supão II  
**871-874** – Supão III  
**875-880** – Lamberto I de Espoleto  
**880-883** – Guido III  
**883-889** – Guido II  
**889-897** – Guido IV  
**898-922** – Alberico  
**923-928** – Bonifácio I  
**924-928** – Pedro  
**929-936** – Teobaldo  
**937-940** – Anscário II  
**940-943** – Sarleão  
**943-946** – Uberto de Espoleto  
**946-953** – Bonifácio II  
**953-959** – Teobaldo II  
**959-967** – Trasimundo III  
**966-1001** – Conrado de Ivreia  
**967-981** – Pandolfo I Cabeça-de-ferro  
**982-989** – Trasimundo IV  
**999-?** – Ademaro  
**1003-?** – Romano  
**1010-1020** – Ranieri da Toscana  
**1020-1035** – Hugo II  
**1036-1043** – Hugo III  
**1043-1056** – Controlo do Marquesado da Toscana  
**1057-1070** – Godofredo III da Lorena  
**1070-1082** – Controlo do Marquesado da Toscana

## Anexo VI - Glossário temático

### a) Termos militares e navais

**Bándon** (pl. **bandá**) – Unidade tática básica de um exército bizantino. De acordo com o *Taktiká*, deveria ter entre 200 a 400 homens.

**Cheirosífona** – meio de projetar ou atirar fogo greguês. Possivelmente, um sifão manual.

**Chelandia** – Nave de Guerra bizantina, que teria esse nome por, inicialmente, ter capacidade de transporte de montadas.

**Comitatenses** – soldados dos exércitos móveis tardo-romanos.

**Decarca** – Comandante de uma decarquia ou de uma fila de soldados.

**Drómōn, pl. Drómōnes** – designação geral para os vasos de guerra bizantinos. No século X, era usado, a par da *chelandia*, como o principal termo designativo para os navios de guerra efetiva.

**Ekdíkoí** – Também chamados de “defensores”, eram os cavaleiros responsáveis por apoiar os *koúrsoures* caso estes necessitassem de retirar.

**Fogo greguês** – Substância inflamável utilizada como arma pelos Bizantinos, especialmente em contextos navais. Apesar de ainda não se conhecer a sua composição na totalidade, sabe-se que, pelo menos, contaria com óleo cru e resina nesta. Uma das suas propriedades principais, seria a ineficácia da água em apagar o fogo provocado por este composto.

**Fulcrum** – Dispositivo tático anti-cavalaria. Neste, as três primeiras fileiras de infantaria erguiam os escudos e apoiavam as lanças no chão de forma a trespassar o peito dos cavalos.

**Galea** – pequeno navio, designado essencialmente para funções de recolha de informação e de reconhecimento.

**Ghazi** – Soldado voluntário religioso muçulmano. As expedições cilicianas, em particular as de verão, contavam com muitos guerreiros deste género.

**Hypostrategós** – Comandante da segunda *tourma* de um *théma* e segundo homem com mais poder do exército “temático”.

**Kaballarika themáta** – Atribuição dada às forças dos *themáta*, por estes serem constituídos maioritariamente de tropas da cavalaria ligeira.

**Karagos** – Recinto defensivo formado *in promptu* pelas carroças do trem-de-apoio.

**Kéntarcos** – Capitão de um *drómōn*.

**Koúrsores** – Numa formação de cavalaria, eram os soldados responsáveis por carregar e atacar o inimigo.

**Kleisôura, pl. kleisôurai** – Pequenos distritos que serviam para proteger as regiões mais orientais do império e garantir a vigia dos desfiladeiros das cordilheiras do Tauro e do Antitauro, contra expedições árabes. Terão sido criados durante o reinado de Teófilo (829-842) e, na segunda metade do século X, convertidos em «pequenos *themáta*».

**Klibánion** – Armadura lamelar.

**Laisá, pl. Laisâi** – Estrutura amovível, leve e de fácil construção, que servia como abrigo aos soldados atacantes durante um assalto a uma muralha. Também podia ser colocada no topo de uma torre, para proteger arqueiros e máquinas de guerra de projéteis inimigos.

**Limitanei** – soldados dos impérios tardo-romanos que serviam como guarnição de postos fronteiriços e policiamento nessas regiões.

**Loríkiá** – Cota-de-malha.

**Minsouratores** – Batedores responsáveis por encontrar um sítio para construir um acampamento.

**Ourágos** – soldado que ocupava o final de uma fila, podendo ser um tetrarca ou, ainda que com certas suspeitas, um pentarca (de acordo, com o *Taktiká*).

**Pamphylos** – pequena embarcação bizantina destinada, inicialmente, a transportar tropas, mais tarde passou a ser usada como navio de guerra. O seu nome proviria da região de

Panfília, ou pelo facto de ser tripulado por uma equipa de indivíduos escolhidos de todo o império<sup>589</sup>. No *Taktiká*, é o nome atribuído ao navio do comandante da frota.

**Pentarca** - Numa decarquia, é o oficial responsável por comandar dez homens.

**Prómachos** – Linha da frente numa formação em três linhas.

**Skoutatós, pl. Skoutatói** – Soldado de infantaria pesada.

**Saka** – Nome de origem árabe utilizado para referenciar a retaguarda de um exército bizantino.

**Sifonátor** – Numa embarcação, era o oficial responsável pelo sifão de “fogo greguês”.

**Strateía** – Obrigação ao serviço militar. Durante o período médio-bizantino a sua posse esteve dividida entre o indivíduo e a propriedade (a partir do século X), consoante os interesses do Estado. O serviço militar, no entanto, não precisava de ser ativo, sendo muitas vezes feito por meio de apoio financeiro e logístico a um soldado. A partir dos meados do século X, a *strateía* passa a ser cumprida através de comutação monetária em vez de serviço efetivo em campanha, de forma ao Estado poder pagar o equipamento dos *tágmata* fronteiriços e à contratação de mercenários.

**Stratiótes, pl. Stratiótai** – Cidadão bizantino que possuía *strateía*,

**Stratiotikà ktémata** – Terras militares ou “estratióticas”, ou seja, que tinham imbuídas nela a *strateía*. Começam a existir oficialmente após as reformas de Constantino VII, no século X, que formalizam a posse de *strateía* pelo terreno e não pelo indivíduo.

**Stratioúmenos** – Soldado bizantino cujo equipamento, montada e provisões eram fornecidos pela *strateía*, mesmo que este não a tivesse.

**Tágma, pl. Tágmata (contingentes)** – Organizações das forças militares bizantinas, criadas durante o reinado de Constantino V, de forma a garantir a segurança dos *basilêis* em caso de insurreição de outro corpo militar. Foram criadas pela remilitarização dos regimentos das guardas palatinas bizantinas, que teriam apenas funções cerimoniais neste período. De

---

<sup>589</sup> O nome da embarcação ser a junção das palavras “πᾶν” (“pan”), que significa todas, e “φῶλον” (Lê-se “pfiulon”), grupos ou tribos.

forma a garantir a sua lealdade, eram extremamente bem pagos e o seu equipamento era providenciado pelo Estado e bem treinados, o que lhes permitiu tornarem-se, mais tarde, nos corpos de *elite* do Império Bizantino e, assim, na coluna-vertebral dos exércitos de campanha de Constantinopla.

***Technítai*** — Oficiais bizantinos especializados em guerra de cerco. Entre as suas valências estão: a manobra, a construção e a subsistência de máquinas de cerco; bem como, a construção e manutenção de recintos fortificados.

***Tetrarca*** – Comandante de quatro homens dentro de uma decarquia, podia ser também o *ourágos*.

***Théma, pl. Themáta*** – Circunscrições territoriais bizantinas e, também, os exércitos nelas guarnecidos. Apesar de uma origem muito discutível, acredita-se agora, mais seguramente, que terão sido criadas nos inícios do século IX, como forma de garantir apoio logístico melhorado aos *strategós*, ao facilitarem a relação entre o poder militar e civil, através de um oficial, o *protonotários*. Os exércitos dos *themáta* começam a perder importância a partir dos finais do século X, uma vez que o Estado começa a preferir contratar tropas mercenárias mais eficientes e, assim, melhor direcionadas para campanhas ofensivas.

«***Themáta arménios***» (ou **pequenos *themáta***) – *Themáta* pequenos criados no *limes* oriental, durante a segunda metade do século X, de forma a garantir a proteção de territórios recentemente conquistados e para garantir a rápida mobilização de soldados para campanhas (cada vez mais ofensivas nessas regiões). Eram chamados também de «arménios» por a maior parte dos seus soldados serem dessa nacionalidade.

***Thematikoí*** – Soldados dos *themáta*.

***Thugûr*** – Centros urbanos de cariz militar que serviam como base para as expedições de saque bizantinas. Os mais importantes eram Tarso, Melitene e Antioquia.

***Toúrma, pl. Toúrmai (distrito)*** – divisões geográficas dos *themáta*. Em tempos de campanha, um conjunto de soldados desta região perfazia uma unidade tática do exército “temático”.

***Toúrma, pl. Toúrmai (unidade tática)*** – Unidade tática do exército bizantino. Deveria possuir entre mil soldados a seis mil (o último valor de acordo com o *Taktiká*).

***Toxobalístrai*** – Máquina de guerra de torção, que disparava dardos que eram apelidados de “moscas” ou “ratos”. Podia ser colocada na proa de um navio ou em vagões, para servir de arma campal.

**b) Títulos**

*Autokrátor* – título designativo de governante para Leão VI e Alexandre.

*Basileús*, pl. *Basileïs* – título designativo para os governantes de Bizâncio a partir de Heráclio (610-641).

*Czar* – título designativo para os imperadores búlgaros a partir da conversão daquele Estado ao Cristianismo, em 864.

*Domestikós* – Eram os oficiais principais da maior parte dos *tágmata*, à exceção da *Vigla* que tinha um *droungários*.

*Domestikós Scholae* – Principal comandante militar das forças bizantinas depois do *basileús*. A partir de Romano I Lecapeno passam a existir dois: um para as províncias ocidentais e outro para as orientais.

*Droungários tōn ploïmon* – Almirante da frota imperial, sediada em Constantinopla, e que exercia funções civis relacionadas com o mar.

*Kleisourárcha* – O principal oficial de uma *kleisôura*.

*Kómes* – Título que poderia ter várias atribuições. No contexto militar, poderia ser um ajudante do *strategós* ou o líder de um *bandá*.

*Kómes (do Opsikíon)* – Oficial máximo do comando militar do *Opsikíon*.

*Kouropalátēs* - alto dignitário responsável pelas construções de novas secções e organização do palácio imperial, inferior na hierarquia apenas ao César e ao *nobilíssimos*.

*Manglabítēs* - Guarda-costas do *basileús* que o precedia nas cerimónias e abria certas portas no palácio.

*Prōtonotários* – principal oficial civil nos *themáta*, que começa a aparecer em fontes do século IX para a frente. Estava responsável, não só, pela coordenação dos cobradores de impostos imperiais naquelas circunscrições, mas também pelo aprovisionamento dos exércitos provinciais bizantinos, servindo como principal elo de ligação entre o *strategós* e o *logothésion*.

***Protostrátor*** – Oficial responsável pelos estábulos imperiais.

**Provestiário** - Inicialmente, oficial responsável pelo guarda-roupas imperial. Nos séculos IX e X, poderia comandar exércitos bizantinos.

***Spathários*** – título dignitário. Antes do século X, era designativo dos guarda-costas do imperador.

***Strategós, pl. Stratégoi*** – Oficial máximo dos exércitos bizantinos até ao século IX. A partir desse século começa, também, a supervisionar o poder civil a partir de outro oficial, o *protonotário*.

***Turmarca*** – Oficial responsável por liderar uma *toúrma*.

c) **Termos relacionados com a tratadística e outra literatura**

**Constitutio, pl. Constitutiones** – Denominação dos “capítulos” ou “livros” do *Taktiká*. É um decreto imperial sob a forma de uma letra pessoal, que pretendia informar o recetor de novas ordens ou instruções. O *Taktiká*, ao estar seccionado neste tipo de documentos, apresenta-se como um conjunto de instruções enviadas aos *stratégoi* pelo *basileús* Leão VI.

**Dispositio** – Elemento do modelo tripartido que aborda as medidas a serem tomadas para resolver certo problema.

**Epilogus** – Divisão de um documento legislativo, que aborda os conteúdos do mesmo.

**Intitulatio** – Elemento do modelo tripartido que invoca o nome do imperador e os seus títulos.

**Inscriptio** – Nome do destinatário da obra legislativa.

**Invocatio** – Elemento da primeira parte do modelo tripartido de uma obra legislativa, que invoca a Santa Trindade.

**Naumachiká** - Género de tratadística antigo-bizantina que explica como praticar guerra naval.

**Narratio** – Secção de um documento legislativo, onde é retratada a natureza do problema a ser resolvido.

**Poliorketiká** – Género da tratadística antigo-bizantina descreve métodos e engenhos que permitem atacar ou defender fortalezas com sucesso.

**Strategematá** - Género da tratadística antigo-bizantina que reporta estratégias, máximas e erudições militares.

**Strategiká** – Género da tratadística antigo-bizantina que apresenta princípios gerais da arte de comandar.

**Strategikón** – Tratado militar bizantino, possivelmente, redigido pelo imperador Maurício (582-602), é considerado como um dos mais importantes e influentes manuais militares bizantinos, tendo influenciado vários tratados posteriores como, por exemplo, o *Taktiká*.

***Taktiká* (disciplina)** - Género da tratadística antigo-bizantina que aborda o posicionamento e a manobra de forças no campo de batalha. Este género define, igualmente, terminologias táticas.

***Taktiká* (tratado)** – Tratado militar bizantino escrito por Leão VI (886-912). É considerado por vários autores como o tratado inaugural do segundo período de produção tratadística bizantina (séculos X e XI).

#### **d) Povos**

**Árabes** – Povo indígena da Península Arábica que, após a unificação sob o profeta Maomé, inicia um processo de expansão territorial ao comando dos califas. No seguimento da derrota dos Bizantinos e dos Persas em 636, o Califado torna-se a principal potência político-militar do Próximo e do Médio Oriente, estatuto que só virá a perder no século X para os Bizantinos e para o califado xiita dos Fatímidas.

**Arménios** - Povo oriundo da Arménia, uma região a sul do Cáucaso. São de extrema relevância para o Império Bizantino por terem sido recrutados como mercenários e auxiliares para os seus exércitos. Como povo autónomo, estiveram sempre envolvidos nos jogos diplomáticos entre Bizâncio e os Persas Sassânidas, inicialmente, e com os califados árabes mais tarde, que se digladiavam para obter o apoio dos principados daquela região.

**Bizantinos** – Designação para os habitantes do Império Bizantino durante a sua duração, na historiografia atual. Nas fontes históricas deste “povo”, esta designação parece ser apenas usada para os habitantes de Constantinopla. No geral e nas suas fontes escritas, este povo designava-se como romano.

**Búlgaros** – Inicialmente, um povo semi-nómada da estepe euro-asiática, formaram uma confederação com vários povos eslavos a sul do Danúbio e na Trácia, por volta de 681. Ao longo da duração do Império Bizantino, existiram dois impérios búlgaros: o primeiro de 681 a 1018, ano da conquista dos últimos territórios búlgaros por Basílio II; e o segundo de 1185 a 1386, data da conquista final da Bulgária pelos Turcos Otomanos.

**Magiares** – Povo fino-úgrico que habitava na Estepe Euroasiática, que foi a principal potência diretamente a norte do Danúbio na segunda metade do século IX. Após a sua expulsão desses territórios, às mãos dos Pechenegues, no rescaldo da guerra entre Leão VI e Simeão da Bulgária, fugiram para a Panónia de onde lançaram os seus raides sobre a Bulgária e a Europa Ocidental, e onde formariam o reino da Hungria.

**Lombardos** – Povo germânico que no século VI invadiu a Península Itálica, pouco depois da reconquista bizantina da mesma. Foram a principal potência italiana (quer pelo seu reino no Norte, ou pelos principados independentes do Sul) até à conquista do reino da Lombardia por Carlos Magno, no início do século VIII; e à chegada dos Aglábidas ao sul de Itália, e posterior revitalização dos interesses bizantinos na península, nos meados do século IX.

**Russos** – Povos de origem escandinava que, durante o século IX, se confederaram com povos eslavos que habitavam na zona onde hoje se localiza a Ucrânia e fundaram uma entidade política: o Principado do Rus’.

e) **Outros termos**

***Demósion*** – imposto base.

**Iconoclasmo** – Doutrina religiosa que defende o fim ao culto de imagens, que gerou períodos de tensão teológica e política em Bizâncio, por duas vezes: uma primeira de 726 a 787, quando é repudiada no VII Concílio Ecuménico de Niceia; e o segundo de 813 a 843, quando o culto das imagens é restaurado definitivamente por Miguel III num sínodo.

***Jihad*** – Um dos pilares dos Islão, que significa “combate” ou “esforço”. Apesar de ter vários significados, pode ser a luta de superação individual de um muçulmano, para se tornar numa pessoa ou num crente melhor; ou, apesar de não ser tão frequente nesse sentido, uma forma de proteger a religião islâmica ou espalhá-la por vários meios, em especial pelos militares.

***Kapnikón*** – imposto sobre as famílias.

***Logothésion*** – departamento financeiro em Bizâncio. Existiam vários destes departamentos no império, para as mais variadas áreas (militares, agrícolas, civis, entre outras).

***Kódikes*** – Livros de registo. No caso dos *logothésion* dos *themáta* listavam informação sobre os seus soldados, bem como de quem possuía *strateía*.

**Paulicianismo** – seita herética do Cristianismo oriental que praticava o iconoclasmo e tinha raízes no Maniqueísmo. Formou um “Estado” na Anatólia oriental, em meados do século IX, que foi destruído por Basílio I em 879.

***Roga*** – Salário monetário.

***Vexilationes*** – «feitos malvados». É a designação de Teófanos *o Confessor*, para um conjunto de reformas de Nicéforo I, que hoje se discutem terem sido fundamentais para formação do sistema dos *themáta*, e que foram muito mal vistas pelo clero de então.

***Waqf*** - Doações caridosas islâmicas que, no contexto da guerra no *limes* oriental, podiam servir para pagar o equipamento e os soldos dos soldados dos *al-thugûr*.

## Anexo VII – Glossário Geográfico

### a) Regiões

**Apúlia** – Região no sul de Itália, que faz fronteira com a Calábria e que é banhada a oriente pelo Mar Adriático. Possui cidades importantes para Bizâncio, no período em estudo, como Tarento e, especialmente, Bari. Atualmente, é o nome da região italiana do mesmo nome, e tem a sua capital na comuna de Bari.

**Arménia** – região montanhosa localizada a sul da cordilheira do Cáucaso. Tinha grande valor estratégico, pois permitia alcançar a Ásia Menor e o Iraque sem atravessar o deserto da Síria, foi sempre contestada pelas principais potências regionais (Roma e Pérsia Sassânida, e Bizâncio e Califado mais tarde). Atualmente, esta zona encontra-se dividida entre vários países: Arménia, Azerbaijão, Turquia, Irão e Geórgia.

**Ásia Menor/Anatólia** – Península localizada na Ásia ocidental, rodeada pelo Mar Mediterrâneo a sul e pelo Mar Negro a norte. Durante grande parte do período médio-bizantino, foi fundamental para a defesa e economia do Império Bizantino, e foi aqui que a maior parte dos combates entre Bizantinos e Árabes se travaram. Apesar disto, os Bizantinos perderam o controlo completo sobre a região entre 1071, a batalha de Manzikert, e 1081, ano da ascensão da dinastia Comnena, quando uma série de tribos turcomanas se fixaram planalto central. Bizâncio foi definitivamente expulsa da Anatólia em 1337, com a perda de Nicomédia. Atualmente, esta região faz parte da Turquia.

**Calábria** – Região no sul de Itália, localizada no lado oriental do estreito de Messina. Durante os reinados de Basílio I e Leão VI, foi disputada pelos Bizantinos, pelos Ducados Lombardos e pelos recém-chegados Árabes, do Norte de África. Atualmente, é o nome da região italiana do mesmo nome, com capital em Catanzaro.

**Cilícia** – Trato territorial que une a Ásia Menor à Síria-Palestina. Está delimitada pelas cordilheiras do Tauro e do Antitauro a norte e pelo mar Mediterrâneo a sul. Durante o período em estudo, era nesta área que estavam localizados os *thugûr*, os distritos militares muçulmanos que protegiam o território do califado e, mais tarde, dos emirados, de expedições bizantinas e de onde partiam as razias muçulmanas. A cidade mais importante da Cilícia era

Tarso. Na contemporaneidade, esta região faz parte da Turquia, denomina-se Çukurova e está dividida em quatro províncias: Mersin, Adana, Osmaniye e Hatay.

**Ifríquia** – Atribuição medieval muçulmana ao território da atual Tunísia, principalmente.

**Mesopotâmia** – Região localizada a nordeste da Cilícia, que também reunia um grande conjunto de *thugûr* dos quais se destacava Melitene. Está atualmente dividida entre a Síria e a Turquia.

**Síria-Palestina** – Corredor territorial localizado no Próximo Oriente. Está dividido, topograficamente, em três regiões: as zonas costeiras do litoral, uma zona montanhosa ao centro e, a maior parte, pelo deserto da Síria. Durante o período médio-bizantino esta zona esteve maioritariamente nas mãos dos califados árabes da Síria, Iraque e Egito e de alguns emirados muçulmanos na região. Registou-se, tardiamente, uma ressurgente presente bizantina (entre os séculos X-XI) e a existência dos chamados «estados Cruzados» no litoral (séculos X-XIII). Atualmente, esta região está dividida entre os seguintes países: Síria, Palestina, Israel, Líbano, Jordânia e Turquia.

**Sicília** – Ilha localizada no Mediterrâneo central e essencial para o controlo da passagem das duas passagens do Mar Mediterrâneo. Esteve em posse bizantina até à conquista de Taormina pelos Aglábidas em 902, no reinado de Leão VI, passando depois ao controlo de várias entidades: emirado Aglábida, califado Fatímida, principados normandos, domínio alemão, francês, entre outros. Atualmente, é uma região autónoma italiana cuja capital é Palermo.

**b) Circunscrições territoriais (*themáta, thugûr, etc.*)**

**Bucelários** – Novo distrito militar, que começa a aparecer nas fontes a partir de 766, resultante da divisão dos territórios do comando do *Opsikíon* após a revolta de Artavasdo.

***Kibirrhaiotai*** – Território sob a posse do *themáta* marítimo com o mesmo nome, localizado no sul da Ásia Menor, formado em 732 tinha a sua capital em Antália (atualmente Antalya, na Turquia).

**Mar Egeu (*théma*)** – *Théma* naval que reunia, como o número indica, várias ilhas do Mar Egeu. No período em estudo o seu quartel-general estava em Lesbos.

***Opsikíon*** – Distrito militar que pertencia ao corpo militar do mesmo nome. Inicialmente, compreendia territórios no noroeste da Ásia Menor e na Trácia, mas no final do século VIII já só tinha uma fração desse território estando os restantes entregues a outros distritos: Bucelários, Optimaton e Trácia.

***Optimates*** – Território no noroeste da Ásia Menor que pertenceu ao *Opsikíon* até 773, ano em que se formou um novo distrito militar após uma nova revolta do corpo militar do *Opsikíon*.

**Samos (*théma*)** – *Théma* naval bizantino, responsável pelas ilhas do Mar Egeu oriental e da costa ocidental anatólica. A sua base de operações era Esmirna (atual **Ízmir**, na Turquia oriental).

### **c) Centros populacionais (cidades, vilas, etc) e fortificações**

**Amorion** – Importante cidade da Ásia Menor, que serviu como capital do *théma* do *Anatolikón*, até à sua destruição durante uma expedição de saque muçulmana, em 838. A sua localização corresponde à da atual cidade de Hisarköy, na Turquia.

**Ancyra** – Atual Ancara, na Turquia, foi saqueada por forças abássidas em 838, à semelhança de Amorion.

**Bagdade** – Capital do califado abássida fundada em 762 pelo califa al-Mansur. Atualmente, é a capital do Iraque.

**Bari** – Cidade italiana e capital da região Apúlia. Durante os reinados dos *basilêis* macedônicos foi a capital do *théma* da Lombardia e uma cidade essencial para o controlo do sul de Itália e do Mar Adriático. Caiu em 1071 frente aos Normandos de Roberto Guiscardo.

**Benevento** – Capital de um importante principado lombardo no sul de Itália, entre 571 e 1081, altura em que foi entregue a Roberto Guiscardo pelo papa. Esteve temporariamente em posse bizantina, entre 891 e 895, quando foi recuperada por forças do Principado de Salerno.

**Castrogiovanni** – Atual Enna, era uma importante cidade bizantina no centro da Sicília. A sua conquista pelos Aglábidas em 859, restringiu a presença bizantina à costa ocidental da ilha.

**Corleone** – Atualmente, é uma comuna siciliana. Foi tomada aos bizantinos pelos aglábidas entre 831 e 841.

**Damasco** – Capital do califado omíada. Atualmente é a capital da Síria.

**Éfeso** – Antigo aglomerado provincial, localizado a 3 quilómetros da atual Selçuk, na província de Izmir, na Turquia ocidental. Foi uma importante cidade mercantil podendo ter sido a capital do *théma* dos Tracésicos e depois de Samos.

**Germaniceia (ou Marash)** – Importante *thugûr* muçulmano na Cilícia, foi conquistada definitivamente por Nicéforo II Focas, em 962. É a atual cidade de Kahramanmaraş, na província com o mesmo nome, no sudeste da Turquia.

**Melitene** – Um dos principais *thugûr* da região de Al-Jazira, foi tomada por Bizâncio em 934 por um exército sob o *domestikós* João Curcuas. É a atual Malatya, capital da província homónima, na Turquia.

**Messina** – Cidade siciliana localizada no estreito homólogo, controlando uma das passagens entre o Mediterrâneo ocidental e oriental. A sua conquista por um grupo de mercenários foi uma das razões para a Primeira Guerra Púnica. Foi conquistada pelos Aglábidas ao Império Romano do Oriente, entre 842 e 843.

**Niceia** – Antiga cidade localizada onde hoje se localiza Izrik. Foi a capital do *théma* do *Opsikíon*. Um dos grandes momentos históricos desta povoação, é o VII Concílio Ecuménico que põe fim ao primeiro período iconoclástico. Foi a capital do Império Bizantino, quando este se encontrava no exílio, entre 1204 e 1261.

**Nicomédia** – Capital do *théma* dos *Optimates*, localizada no noroeste da atual Turquia.

**Ragusa (Croácia)** – Atual Dubrovnik, foi uma importante cidade na costa da Dalmácia, tornando-se, mais tarde, na capital de uma poderosa república mercantil, em 1358, até à sua anexação pelo reino de Itália, em 1808. No período em estudo, foi cercada pelos Árabes em 868, mas uma frota enviada por Basílio conseguiu obrigar ao levantamento do cerco.

**Ragusa (Sicília)** – Cidade na Sicília, foi tomada pelos aglábidas em 848, após o extermínio da sua guarnição.

**Palermo** – Importante cidade siciliana durante toda a Idade Média, tendo servido como capital desta várias vezes, estatuto que ocupa nos dias de hoje.

**Preslav** – Capital do Império da Bulgária após 893, por ordens do czar Simeão. Foi tomada por Bizâncio, em 971, durante a campanha de João I Zimisce contra o príncipe Svyatoslav do Rus. Atualmente, é a cidade de Veliki Preslav na Bulgária.

**Prisca** – Capital do Império da Bulgária antes de 893. Foi saqueada várias vezes por Bizâncio, com especial destaque para o ano de 811, quando a cidade é tomada por Nicéforo I. O *basileús* e o seu exército seriam massacrados, dias depois, na batalha de Prisca. Na contemporaneidade, é a cidade de *Plískovŭ*, na Bulgária.

**Siracusa** – Uma das mais importantes cidades sicilianas e berço de Aristóteles. Durante as duas primeiras Guerras Púnicas, foi uma das contestantes nesses conflitos, ora do lado

cartaginês, ora do lado romano, ora de nenhum. A sua conquista pelos Aglábidas, em 877, limita a presença bizantina, na Sicília, à fortaleza de Taormina.

**Tarento** – Atualmente é chamada de Taranto, e localiza-se na Apúlia. Durante o período em estudo, foi a capital de um emirado muçulmano até à sua conquista por uma expedição militar ofensiva bizantina, em 880.

**Taormina** – Última possessão bizantina na Sicília, foi tomada pelos Árabes em 901. Atualmente, está localizada na comuna com o mesmo nome.

**Tarso** – Considerada por muitos historiadores como o mais importante dos *thugûr*, era desta cidade que partiam muitas das razias muçulmanas direcionadas a território bizantino. Apesar de ter sido muitas vezes saqueadas, só seria definitivamente conquistada por Nicéforo II Focas em 965. Faz parte da província de Mersin, na Turquia.

**Tephrike** – Capital do “Estado” pauliciano, foi tomada por Basílio I, em 879. Atualmente, é a cidade de Divriği, na província de Sivas na Turquia oriental.

**Trapáni** – Atualmente, é uma comuna italiana com o mesmo nome. Foi conquistada aos Bizantinos pelos Árabes entre 831 e 841.

#### **d) Referências topográficas, marítimas e fluviais**

**Antitauro** – Cordilheira montanhosa localizada na Turquia oriental e sudoeste, que durante a primeira metade do período-médio bizantino serviu de fronteira natural entre o Império e as possessões muçulmanas na Síria e na Mesopotâmia.

**Chipre** – Ilha localizada no Mediterrâneo Oriental. Durante a primeira metade do período-médio bizantino, foi território contestado e desmilitarizado pelo Império Bizantino e pelo Califado. Em 964, no reinado de Nicéforo II Focas, os Romanos retomam o controle efetivo da ilha. Bizâncio perde a ilha em 1195 para as forças do rei inglês Ricardo “Coração-de-Leão”, no seio da Terceira Cruzada.

**Creta** – Ilha localizada na periferia sul do Mar Egeu, com enorme importância estratégica para o seu controle. Entre 828 e 961, a ilha esteve sob domínio muçulmano, sendo a principal base da pirataria sarracena no Mar Egeu até à sua reconquista pelo *domestikós* do Oriente Nicéforo Focas<sup>590</sup>, após várias tentativas falhadas (como em 843, 911 e 949). Creta manteve-se em mãos bizantinas até 1204, o ano da conquista de Constantinopla pelos cavaleiros da Quarta Cruzada.

**Mar Egeu** – Corpo hidrográfico localizado entre a Grécia e a Turquia, atuais. Após a perda de Creta, em 828, as ilhas do Mar Egeu foram vítimas constantes da pirataria árabe que, de melhor ou pior forma, assolou aquela região até à reconquista de Creta, em 961. Nos reinados de Basílio I e Leão VI, o Mar Egeu estava sob a proteção de três *themáta* navais: Kibirrhaiotai, Mar Egeu e Samos. A maior parte destas ilhas passou para o controle das repúblicas mercantis italianas após a queda de Constantinopla para a Quarta Cruzada, em 1204.

**Tauro** – Cordilheira montanhosa no sul da Turquia que separa o planalto central da Anatólia e as regiões costeiras do sul. As forças bizantinas retiraram para esta cordilheira após a derrota de Yarmuk, e esta manteve-se um dos principais obstáculos entre os territórios califais e dos emirados e o coração do Império Bizantino.

---

<sup>590</sup> Futuro Nicéforo II Focas.

#### e) Campos de batalha

**Campo da batalha de Lalacão** – O nome provém do rio que atravessava o território onde se travou a batalha. De acordo com John Haldon, esta batalha ter-se-á travado na região fronteiriça dos *themáta* de Paflagónia e dos *Armeníacos*, a cerca de 130 km de Amisos (Samsun, atualmente), num local rodeado pelos sopés de Deveci Dag.<sup>591</sup>

**Marj al-Usquf** – Também conhecido, na bizantinística anglófona, como *Bishop's Meadow* (o «Prado do Bispo» na tradução literal para português). Foi o local onde se deu a batalha com o mesmo nome, num pequeno planalto onde se localizava a sede episcopal de Doara, junto à estrada que ligava Tyana (a moderna Kematris) a Coloneia (atual Aksaray). Doara é atualmente Duvarli, na província de Niğde, Turquia.

**Mons Lactarius** – Local onde se travou a batalha com o mesmo nome. Atualmente, este lugar faz parte dos Montes Lattari, uma cadeia montanhosa na Campânia, no sul de Itália, e faz parte da cordilheira dos Montes Apeninos.

**Yarmuk** – Nome atribuído à grande batalha entre Muçulmanos e Bizantinos, em 636. Ter-se-á travado no leito seco do rio Yarmuk, a sul da capital dos Árabes Gassânidas, Jabiya. Apesar de hoje a povoação não existir, estava localizada na Síria sudeste, próxima da fronteira atual com a Jordânia.

---

<sup>591</sup> HALDON, John (2001). *The Byzantine Wars. Battles and Campaigns of the Byzantine Era*. Gloucestershire: Tempus Publishing Ltd, p.84.

## Anexo VIII – Excertos do *Taktiká*

### a) Evitar batalha

“É bom causar injúria ao inimigo pelo dolo, por raides, pela fome e fazê-los sofrer por um longo período de tempo por meio de assaltos muito frequentes e outras ações. (O general) nunca deve ser incitado a uma batalha campal. Pela maior parte, nós observamos que o sucesso é mais uma questão de sorte do que coragem comprovada.” – *Constitutio XX*, parágrafo 51, linhas 265-266<sup>592</sup>.

### b) Sobre não guerrear com os Búlgaros e a paz de 896.

“Desde que os Búlgaros, no entanto, adotaram a paz de Cristo e partilham a mesma fé nele que os Romanos, depois do que eles passaram como resultado de quebrarem o seu juramento, nós não pensamos em pegar em armas contra eles. Agora remetemos qualquer ação militar contra eles a Deus. Presentemente, portanto, na medida em que nós somos irmãos pela nossa fé única e porque eles prometeram ouvir os nossos conselhos, nós não estamos interessados em descrever quer as suas formações em batalha contra nós, quer as nossas contra eles.” – *Constitutio XVIII*, parágrafo 42, linhas 227-232<sup>593</sup>.

### c) Preferência de recrutamento de soldados economicamente confortáveis

“Nós ordenamos a Sua Excelência, que mantenha o costume que vai muito atrás até ao início, de selecionar soldados e oficiais que julgue qualificados de cumprirem os critérios para guerrear. Selecione soldados de todo o *théma* sob o seu comando, nem rapazes nem idosos, mas homens bravos, vigorosos, corajosos, e financeiramente confortáveis. Enquanto estes homens estiverem ocupados com o seu próprio serviço militar em campanha ou, ao invés disso, com o reunir do exército, eles devem ter outros nas suas famílias que façam o trabalho do campo e que consigam providenciar os objetos requeridos para o equipar e armar completo de um soldado. Isto significa que as cabeças dessas famílias devem encontrar-se libertas de todos os outros serviços devidos ao Estado. Porque nós não desejamos que o nosso companheiro soldado – assim chamo eu ao homem que vai em frente para se empenhar valentemente em feitos bélicos em nome de Nossa Majestade e da comunidade amante de Cristo dos Romanos - para além da exceção única do imposto público, a ser sujeito a

---

<sup>592</sup> Vide DENNIS, G. T. (2014) – *Op. cit.*, p. 555.

<sup>593</sup> *Idem, Ibidem*, pp.453-454.

qualquer outro tipo de imposição qualquer que seja.” - *Constitutio IV*, parágrafo 1, linhas 3-14<sup>594</sup>.

**d) Acerca do financiamento de soldados pobres por homens (*stratiótai*) ricos**

“Quando você se encontrar sem armamento para os seus soldados, dê ordens aqueles que estão bem providenciados para (campanha) mas que não participem que, se não desejarem participarem nesta, devem cada um deles providenciar um cavalo e um homem no seu lugar. Desta forma, os valentes (homens) pobres serão armados e os cobardes ricos irão servir igualmente com aqueles que realmente estão em campanha.” - *Constitutio XX*, parágrafo 205, linhas 1056-1059<sup>595</sup>.

**e) Menção da aliança entre Bizantinos e Magiares, do início da guerra Bizantino-Búlgara de 984 e da participação Magiar nesse conflito.**

“Já que eu mencionei os Turcos, não julgamos que seja despropositado «descrever» como estes se formavam em batalha e como se podia formar para combater contra eles. Coloquemos por escrito o que aprendemos a partir de uma certa quantidade de experiência de quando eles eram nossos aliados. Naquele tempo, os Búlgaros tinham desrespeitado o tratado de paz e andavam a saquear pelos campos da Trácia. A justiça perseguiu-os por quebrar o seu juramento a Cristo nosso Deus, o imperador de todos, e eles rapidamente se encontraram com a sua punição. Enquanto as nossas forças enfrentavam os Sarracenos, a Providência divina levou os Turcos, ao invés dos Romanos, a (lançar uma) campanha contra os Búlgaros. A frota de navios de nossa Majestade apoiou-os e transportou-os sobre o Danúbio. «Providência» enviou-os contra o exército dos Búlgaros que tinha tão maliciosamente pegado em armas contra os Cristãos e, tal como se fossem carrascos públicos, derrotaram-nos decisivamente em três embates, para que os Cristãos Romanos não se sujassem voluntariamente com o sangue dos Cristãos Búlgaros.» - *Constitutio XVIII*, parágrafo 40, linhas 210-221<sup>596</sup>.

---

<sup>594</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 46-47.

<sup>595</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 610-611.

<sup>596</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 452-453.

#### **f) O Proémio**

“Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, a sagrada, consubstancial, e venerável Trindade, nosso único e verdadeiro Deus, Leão, pacífico *autokrátor* em Cristo, fiel, pio, sempre reverenciado Augusto.” – **Prólogo, parágrafo 1, linhas 3-6**<sup>597</sup>.

#### **g) A travessia do rio Paradeisos por Basílio (877-878)**

“Nós recordamos que o nosso sempre-memorável pai e imperador Basílio fez isto quando estava em campanha contra Germaniceia na Síria. Ele chegou ao rio chamado Paradeisos e estacionou-se ele mesmo no meio deste com lanternas, e na sua presença e em segurança o exército inteiro sob o seu comando fez a travessia facilmente e de forma segura. Ele frequentemente deu a mão e, ele mesmo, salvou vários soldados de grande perigo.” – **Constitutio IX, parágrafo 14, linhas 60-66**<sup>598</sup>.

#### **h) Os Árabes como motivo para a escrita do *Taktiká* ? (I)**

“Para sumariar, tudo o que escrevemos sobre teoria tática do início até ao fim, tudo o que foi dito de armas, armamento, exercícios, formações em batalha, e outros métodos militares relacionados com o povo Sarraceno foi transmitido e demonstrado por nós. Esta gente que rodeia a nossa nação provoca-nos não menos angústia do que o povo Persa de antigamente fazia aos antigos imperadores. Eles provocam prejuízo aos nossos súbditos todos os dias. É por esta razão que nos encarregámos da nossa presente tarefa de formular instruções para a guerra. Em adição ao que já havemos dito, nós encontramos outros modelos de formações de batalha que pode muito bem considerar, Oh general, contra este povo bárbarico. Eles são os seguintes.” – **Constitutio XVIII, parágrafo 135, linhas 686-695**<sup>599</sup>.

#### **i) Os Árabes como motivo para a escrita do *Taktiká*? (II)**

“Quanto a todos os outros tópicos que naturalmente emergem em cada período de guerra ou em preparação para ela, e especialmente contra a nação dos Sarracenos que agora nos causa tanto transtorno – em cuja responsabilidade, como já dissemos, o presente livro foi compilado – mesmo que nós não tenhamos conseguido pegar em tudo, ainda assim, pelo que já foi escrito, bem como pela experiência, e muito pela natureza das coisas, (o general) tem de fazer estimativas com o máximo alcance e tem de se acomodar para as situações que surgem. Eu não acho possível, tanto para nós como para qualquer outro que escreva acerca de tudo que

---

<sup>597</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 2-3.

<sup>598</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 158-159.

<sup>599</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 488-489.

é provável que aconteça, de forma a poder estar guardado contra tudo, tendo em conta que as diversas circunstâncias em cada caso são ilimitadas em número.” – **Epílogo, parágrafo 71, linhas 318-326**<sup>600</sup>.

**j) Sobre a lealdade do general**

“O verdadeiro objetivo do muito estimado general é apreciar tudo que o divino e o imperial favorecem, ao invés de, prestando pouca atenção a assuntos adequados e apropriados, chegar ao oposto.” – **Constitutio I, parágrafo 13, linhas 44-45**<sup>601</sup>.

**k) As características únicas da guerra praticada pelos Árabes contra Bizâncio**

“Eles não são reunidos para o serviço militar a partir de uma lista de recrutamento, mas juntam-se, cada homem de sua livre vontade e com todos os membros da sua Casa. Os ricos «consideravam como» recompensa suficiente morrer pela sua própria nação, os pobres pela causa de recolher botim. Os seus companheiros de tribo, homens e especialmente mulheres, providenciam-nos com armas, como se participassem com eles na expedição. Porque a sua fraqueza física não lhes permitia transportar armas elas mesmas, consideravam como recompensa providenciar armamento aos soldados. Estes, então, são os Sarracenos, um bárbarico e ímpio povo.” – **Constitutio XVIII, linhas 592-598**<sup>602</sup>.

**l) O problema em causa no *Taktiká***

“Pois, assim parece, sempre que as forças armadas dos Romanos estavam em boa ordem, o Estado desfrutou de assistência divina por não poucos anos, e o labor dos mais valorosos estava misturado com disciplina e, por muitas vezes, foi coroado com o esplendor da vitória. Mas, por muitos anos agora, a persecução das táticas e a estratégia foram negligenciadas, para não dizer que caíram tão completamente no esquecimento que aqueles que assumem o comando de um exército não compreendem sequer as matérias mais óbvias. Nós podemos observar que isto leva a um número bastante grande de situações diferentes. Pois com o desaparecimento deste conhecimento, produtivo de tantas coisas boas, e pelo meio do qual a nação dos Romanos floresceu no passado, nós contemplamos agora o oposto: o favor divino está ausente e o triunfo acostumado da nação dos Romanos fugiu dos seus combatentes. Pois, juntamente com a negligência gradual da disciplina militar e do treino, a coragem dos nossos bravos guerreiros, assim parece, também declinou. Algumas vezes nós

---

<sup>600</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 640-643.

<sup>601</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 14-15.

<sup>602</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 482-483.

atribuímos a causa à falta de treino e à cobardia dos soldados; algumas vezes colocamos a culpa na inexperiência e na timidez dos seus comandantes; e algumas vezes negligenciamos o ensinamento claro dos antigos táticos pela sua obscuridade. Desejando, assim, com a ajuda de Deus, restaurar este conhecimento muito proveitoso e, depois de ter quase sido expulso da nossa nação Romana, de o trazer de volta para a existência, nós não hesitamos em, com grande seriedade, assumir esta tarefa nós mesmos e, desta forma, graciosamente oferecer um benefício aos nossos súbditos.” – **Prólogo, linhas 36-54**<sup>603</sup>.

**m) A solução do *basileús***

“Depois de devotadamente darmos atenção aos antigos, bem como aos mais recentes, métodos estratégicos e táticos, e tendo lido mais detalhes noutros relatos, tendo encontrado algo nessas fontes que parecesse útil para as necessidades da guerra, nós recolhemo-lo e colecionámo-lo. Essas coisas, além do mais, que nós aprendemos da nossa própria e limitada experiência em serviço militar e que são aplicáveis e úteis para o nosso dia e na presente situação, nós agora transmitimo-lo da melhor forma possível. Nós oferecemo-la como uma modesta assistência nestes assuntos, sucintamente, como outro *Prócheiros Nómos*, apresentando na prática em vez de em palavras o que é útil e digno de respeito. É uma espécie de livro introdutório em táticas para os nossos subcomandantes (*hypostrategoí*<sup>604</sup>) e para aqueles a quem foram confiadas responsabilidades de combate. Nós asseguramos-lhe que isto deverá tornar mais fácil como avançar de uma maneira ordeira a todos o que o desejarem e até certo ponto para um melhor conhecimento daqueles velhos autores táticos e das teorias antigas. Nós não prestámos atenção às escrituras de boa dicção ou palavras que soassem bem. A nossa preocupação, ao invés disso, foi o pragmatismo, a claridade de expressão e a simplicidade de estilo. Com isto em mente, nós frequentemente clarificamos os termos táticos do Grego antigo e traduzimos aqueles em Latim para os seus equivalentes em Grego. Nós também utilizámos algumas outras expressões militares de utilização comum para ser mais fácil para o leitor compreendê-las. A única coisa que descartámos foram as formações que não são mais necessárias porque são supérfluas, inúteis, e a sua descrição não é clara. Assim, aqueles que desejam comandar tropas possam ter rápido acesso a uma vasta reserva de experiência no que respeita a combate e a campanhas militares. A utilidade deste manual deriva não só daquilo que foi escrito mas também do facto de ter sido posto em prática pelas

---

<sup>603</sup> Vide *Idem, Ibidem*, p.7.

<sup>604</sup> Haldon defende que Leão VI, com este termo, se refere aos *stratégoi*. Isto porque se considerava o *basileús* como o comandante supremo, o que tornava os restantes generais (os *strategós*) seus subalternos, logo *hypostrategoí*, vide HALDON, J. (2014) – *Op. cit.*, p.126.

autoridades antigas e ter sido transmitido até aos nossos dias. Mesmo que não tenha sido acompanhado por essas ações que conduziram a situação dos Romanos a um grande poder, pelo menos as palavras que foram condenadas ao esquecimento foram trazidas de volta à vida, relembradas e, novamente, restauradas na sua antiga posição.” – **Prólogo, parágrafo 6, linhas 55-78**<sup>605</sup>.

**n) O Epilogus**

“Primeiro, é necessário sumariar as táticas empregues na arte da guerra. Então, o que é um general? Quem e que tipo de pessoal ele deve ser? Como deve ele fazer planos? Depois disso, vamos explicar as divisões do exército em oficiais e nas tropas que eles comandam, bem como no seu equipamento, as armas a eles providenciadas e o armamento de cada um dos seus combatentes. Antes do mais, o treino do exército antes do combate. Depois, a leitura oficial das punições em vigor. Segue-se uma discussão sobre o exército em marcha, tanto no nosso como em território hostil, e sobre o assim-chamado trem-de-apoio e, claro, acerca da preparação e instruções relativamente a acampamentos. O que deve ser feito no dia antes da batalha e o que tem de ser feito no dia da batalha? Para além do mais, acerca de guerra de cerco. Depois, o que deve ser feito depois da batalha? E o que dizer sobre ataques inesperados e emboscadas tanto pelas nossas tropas como do inimigo? Para além destas, o treino em várias formações de batalha, estrangeiras e Romanas. A nossa compilação será então seguida por uma pequena exposição de guerra naval. Para concluir tudo isto, foram recolhidas e apresentadas individualmente certas máximas táticas e estratégicas, aquelas, isto é, que a natureza sumária dos capítulos não permite que sejam inseridas no seu lugar. Nós esperamos que o estudo disto leve o sábio e perspicaz comandante a tornar-se ainda mais sábio. – **Prólogo, parágrafo 10, linhas 97-113**<sup>606</sup>.

**o) A guerra como “mal necessário”**

“Nós temos sempre de abraçar a paz para os nossos próprios súbditos, bem como para os bárbaros, por causa de Cristo, o imperador e Deus de todos. Se as nações partilharem estes sentimentos e se mantiverem dentro das suas fronteiras e prometerem não agir injustamente contra nós, então também você abster-se-á de pegar em armas contra eles. Não manche o chão com o sangue das suas próprias gentes ou com aquele dos bárbaros. (...) Nós devemos, sempre que possível da nossa parte, estar em paz com todos os homens, especialmente com

---

<sup>605</sup> Vide DENNIS, George T. (2014) – *Op. cit.*, pp. 6-9.

<sup>606</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 8-11.

aquelas nações que desejem viver em paz e que não fazem nada de injusto aos nossos súbditos. Nós devemos sempre preferir paz acima de tudo e devemos estar em paz com essas nações e abstermo-nos da guerra.

Mas se o nosso adversário agir de forma pouco sábia, iniciar hostilidades injustas e invadir o nosso território, então deveras terá uma causa justa, ainda mais que uma guerra injusta foi iniciada pelo inimigo. Com confiança e entusiasmo pegue em armas contra eles. Foram eles que providenciaram a causa por injustamente levantarem as mãos contra os nossos súbditos. Seja corajoso então. (O general) terá a justiça de Deus ao seu lado. Ao tomar parte na luta em nome dos seus irmãos, (o general) e a sua força inteira serão vitoriosos. Por esta razão, assim, nós apelamos a Sua Excelência para se assegurar que as causas das guerras são justas. Só então deverá pegar em armas contra os homens que atuam injustamente.” – ***Constitutio II, parágrafos 30 e 31, linhas 196-201 e 208-216.***

**p) Formas de agir em caso de ataques vindos da Cilícia**

“Os Sarracenos da Cilícia colocam muito valor no treino exaustivo das suas forças de infantaria para entrar em combate em duas frentes, isto é, na terra ao longo da estrada que sai das montanhas do Tauro e no mar por meio dos seus navios, chamados *koumbária*. Quando eles não fazem campanha em terra firme, eles embarcam para o mar, pilham os povoados ao longo da costa e algumas vezes, se tal acontecer, envolvem-se em batalhas navais. Quando não vão para o mar, eles fazem campanhas contra os territórios dos Romanos por terra.

Você, portanto, ó general, deve manter olho neles por meio de espíões de confiança. Quando eles fazem campanha pelo mar, você vai por terra e, se possível, lançar ataques contra eles no seu próprio território. Mas se os espíões relatarem que é intenção deles fazer campanha por terra, então você deve avisar o comandante do *Kibirrhaiotai* para que, com os *drómōnes* sob o seu comando ele possa cair sobre os territórios dos Tarseotes e dos de Adana que se encontrem na costa. Porque o exército dos bárbaros cilicianos não é muito numeroso, uma vez que os homens que praticam campanha em terra, também o fazem no mar.” – ***Constitutio XVIII, parágrafos 131 e 132, linhas 654-678.***

**q) O perfil psicológico de um bom estrategós**

“É característico de um general que ele seja superior a todos os que estão sob o seu comando em sabedoria prática, coragem, justiça, e discricção, reservando a ele a administração da província atribuída a ele, incluindo assuntos militares, privado e públicos. Ao receber um

exército indisciplinado, ele deve dispô-lo apropriadamente para a batalha de acordo com a formação tática adequada à ocasião.” – *Constitutio I*, parágrafo 11, linhas 39-42.

## Anexos IX – Excertos de outras fontes<sup>607</sup>

### a) Listas da Expedição a Creta em 910-911<sup>608</sup>

*Da preparação e custo e soma dos pagamentos e do exército  
enviado contra a ímpia (ilha de) Creta  
com o patrikios e logothetês tou droumou Himério  
no tempo do Soberano Leão, amado de Cristo*

A frota imperial: 12.000; Rus' 700.

O *strategós* do Kibirrhaiotai responsabilizou-se de providenciar uma força de 5.600 e 1.000 reservas: 6.600 no total.

O *strategós* de Samos responsabilizou-se de providenciar uma força de 4.000 e 1.000 reservas: 5.000 no total.

O *strategós* do Mar Egeu responsabilizou-se de providenciar uma força de 3.000, e 1.000 reservas: 4.000 total. Todas estas juntas: 28.300.

### **Em relação às unidades de cavalaria que deveriam ir em campanha com a frota**

*Scholarioi* Tracésicos e Macedónicos, 1.037.

Do *themá* dos Tracésicos 1.000, do *théma* de Sebasteia 1.000 Arménios, de Platanion 500 Arménios, de Prine 500. O total de cavalaria: 6.037<sup>609</sup>, e o total da frota e da cavalaria, 34,037<sup>610</sup>.

---

<sup>607</sup> Estas traduções são feitas do inglês para português, a partir de

<sup>608</sup> Constantino VII, *basileús*, “*The fitting out and cost and sum of the pay and of the army sent against the impious (island of) Crete with the patrikios and logothetês tou droumou Himerios in the time of the Lord Leo, beloved of Christ*”. Texto, Tradução e Comentário: HALDON, John (2000). *Theory and Practice in Tenth-Century Military Administration – Chapters II, 44 and 45 of the Book of Cerimonies. Travaux et Mémoires* (13), pp. 202-213.

<sup>609</sup> De acordo com John Haldon, faltam 2.000 cavaleiros tracésicos que não são mencionados. *Vide* HALDON, J. (2000) – *Op. cit.*, p. 202.

<sup>610</sup> Trata-se de 34.337 no total, de verdade. *vide Idem, Ibidem*, p. 202.

### **Em relação à frota imperial**

60 *drómōnes*, tendo 230 remadores e 70 soldados cada; no total 18.000; 40 *pamphyloi*, dos quais 20 tinham 160 homens cada, e outros 20 tinham 130 homens cada; e 700 Rus'; no total 5.800. O total é 23.800<sup>611</sup>.

### **Em relação ao *théma* dos *Kibirrhaiotai***

15 *drómōnes* com 230 remadores e 70 soldados cada, totalizando 4.500;  
16 *pamphyloi*, 6 com 160 remadores, os outros 10 com 130 homens, totalizando 2.260.  
Ao todo, 6.760.

### **Em relação ao *théma* de Samos**

10 *drómōnes* com 230 remadores e 70 soldados cada, totalizando 3.000;  
12 *pamphyloi*, 4 com 160 remadores, 8 com 130 homens, totalizando 1.680.  
Ao todo para o *théma* de Samos, 4.680.

### **Em relação ao *théma* do Mar Egeu**

7 *drómōnes* com 230 remadores e 70 soldados cada, totalizando 3.000;  
7 *pamphyloi*, 3 com 160 homens, os outros 4 com 130 homens, totalizando 1.000.  
Ao todo para o *théma* do Mar Egeu, 3.000.

### **Em relação ao *théma* da Hélade**

10 *drómōnes* com 230 remadores e 70 soldados cada, totalizando 3.000.

---

<sup>611</sup> 23.002, na realidade, por um erro do copista. *Vide Idem, Ibidem*, p. 203.

### **Em relação aos Mardaítas**

Mardaítas: exército com oficiais, 4.087, e como suplemento 1.000 adicionais, totalizando 5.087.

Ao todo o total para a frota imperial e para os *themáta* 112 *drómōnes*, 75 *pamphyloi*, 34.000<sup>612</sup> remadores, e 7.340<sup>613</sup> soldados, e 700 Rus' e 5.087 Mardaítas.

### **Os pagamentos para a frota imperial**

Exército com oficiais de 12.502: pagamento de 15 *kentênaria*, 90 *litrai* e 10 *nomismata*<sup>614</sup>.

O seu suplemento de 1.000: 5 *nomismata* cada, fazendo 69 *litrai*, 32 *nomismata*.~

700 Rus': 1 *kentênarion*.

O total para a frota e para os Rus' equivale a 17 (*kentênaria*), 59 (*litrai*), 42 (*nomismata*).

### **Em relação ao *théma* dos Kibirrhaiotai**

Exército com oficiais de 5.750: pagamento de 2 (*kentênaria*), 21 (*litrai*) e 42 (*nomismata*) com as reservas.

### **Em relação ao *théma* de Samos**

Exército com oficiais de 4.680, e 1.000 das reservas: pagamento de 2 (*kentênaria*), 1 (*litrai*) e 11 (*nomismata*).

### **Em relação ao *théma* do Mar Egeu**

Exército com oficiais de 3.100, e 1.000 das reservas: pagamento de 1 (*kentênaria*), 54 (*litrai*) e 3 (*nomismata*).

---

<sup>612</sup> O total no texto equivale a 34.200. *Idem, Ibidem*, 204.

<sup>613</sup> O total no texto é 7.140. *Idem, Ibidem*, 204.

<sup>614</sup> *Kentênarion* = 100 *litrai* de ouro; *Litra* = 72 *nomismata* de ouro. *Vide Idem, Ibidem*, 204.

## **Em relação aos Mardaítas do Ocidente**

Exército com oficiais de 4.087: pagamento de 4 (*kentênaria*), 66 (*litrai*), e 32 (*nomismata*); o seu suplemento de 1.000 homens, em 8 *nomismata* cada, faz 1 (*kentênaria*), 11 (*litrai*) e 8 (*nomismata*).

Ao todo o total para os Mardaítas do Ocidente: pagamento de 5 (*kentênaria*), 77 (*litrai*) e 42 (*nomismata*)<sup>615</sup>.

Ao todo o total para a frota imperial, para os Rus', para as frotas “temáticas” e para os Mardaítas do Ocidente: pagamento de 29 (*kentênaria*), 13 (*litrai*) e 66 (*nomismata*).

## **Em relação ao pagamento das unidades de cavalaria**

No que respeita aos *scholarioi* dos Tracésicos e Macedónicos, para 1.037 homens: pagamento de 1 (*kentênarion*), 41 (*litrai*) e 24 (*nomismata*).

No que respeita ao *théma* dos Tracésicos, para 3.000 homens a 2 *nomismata* cada: pagamento de 0 (*kentênarion*), 83 (*litrai*) e 24 (*nomismata*).

No que respeita ao *théma* de Sebasteia, para 1.000 homens: pagamento de 1 (*kentênarion*), 13 (*litrai*) e 24 (*nomismata*).

No que respeita aos Arménios Platanitai<sup>616</sup>, para 500 homens a 6 *nomismata* cada: pagamento de 0 (*kentênarion*), 41 (*litrai*) e 48 (*nomismata*).

No que respeita aos Arménios de Prine, para 400 homens a 5 *nomismata* cada: pagamento de 0 (*kentênarion*), 27 (*litrai*) e 56 (*nomismata*).

O total para 2.037 cavaleiros: pagamento de 2 (*kentênaria*), 54 (*litrai*) e 48 (*nomismata*)

E para os 3.900 homens adicionais: pagamento de 1 (*kentênarion*), 52 (*litrai*) e 56 (*nomismata*).

O total para a cavalaria: pagamento de 4 (*kentênaria*), 7 (*litrai*) e 22 (*nomismata*).

---

<sup>615</sup> Deveriam ser 40 *nomismata*, sendo que os 2 *nomismata* adicionais são um erro do copista. *Idem, Ibidem*, 206.

<sup>616</sup> De Platanion portanto.

## Em relação ao pagamento da mobilização

No que respeita às frotas dos 3 *themáta* dos *Kibyrrhaiotai*, Samos e Mar Egeu, para 3.000 homens a 2 *nomismata* cada: 83 (*litrai*) e 24 (*nomismata*).

No que respeita aos Mardaítas do Ocidente, 3 *tourmarchai* a 36 *nomismata* cada, 42 *drouggarioi* a 12 *nomismata* cada, 42 *komêtes* a 6 *nomismata* cada, 5.000 soldados a 4 *nomismata* cada, fazem todos juntos 2 (*kentênaria*), 99 (*litrai*) e 56 (*nomismata*).

No que respeita aos Arménios do *théma* de Sebasteia, 5 *tourmarchai* a 12 *nomismata* cada, 10 *drouggarioi* a 6 *nomismata* cada, 8 *komêtes* a 5 *nomismata* cada, 965 soldados a 4 *nomismata* cada, fazem todos juntos 55 (*litrai*) e 60 (*nomismata*).

No que respeita aos Arménios de Prine, 500 homens a 2 *nomismata* cada, fazendo 12 (*litrai*) e 64 (*nomismata*).

O conjunto para o pagamento da mobilização: 4 (*kentênaria*), 52 (*litrai*) e 60 (*nomismata*).

Observe-se que o *stratêgos* dos *Kibirrhaiotai* e o *katepanô* dos Mardaítas de Attália responsabilizaram-se que, numa mão, o *stratêgos* prepararia duas *chelandia* das unidades dos *tourmarchai*, enquanto na outra o *katepanô* dos Mardaítas prepararia galés<sup>617</sup>, e durante o mês de março as enviaria para a Síria, para que elas pudesse trazer de volta um relatório e o verdadeiro relato de tudo preparado e feito lá.

Observe-se que o *prôtopatharios* e *archôn* de Chipre, Leão Symbatikes, responsabilizou-se por enviar batedores vigilantes para o Golfo de Tarso e para a região de *ta Stomia* (as planícies da Cilícia), bem como para Trípolis e Laodiceia, para que de ambas as regiões pudessem trazer relatos se os Sarracenos estavam a fazer alguma coisa por meio de treino.

Observe-se que o *strategós* de Tessalónica responsabilizou-se pela produção de 200.000 flechas e 3.000 *menaulia*, e de quantos escudos pudesse. Observe que o *kritês* da Heláde responsabilizou-se pela produção de 1.000 *menaulia*, que completou. Ele responsabilizou-se da produção de outra remessa, e de levá-la para onde tinha sido acordado.

---

<sup>617</sup> *Galea*.

Observe-se que o *archôn* de Chrêpos no *théma* da Hélada responsabilizou-se pela produção de 200.000 flechas e 3.000 *menaulia*; do mesmo modo que o *stratêgos* de Nicópolis e o (*stratêgos*) do Peloponeso.

Observe-se que o *prôtospatharios* Teodoro Pagkrates responsabilizou-se de viajar para o *Anatoliki*<sup>618</sup>, e de recrutar os Platinatiai, e a partir deles e de outros do *théma* de reunir 500 homens selecionados pela sua habilidade como arqueiros, especialmente se algum deles fosse um cavaleiro competente, quer fossem dos oficiais ou dos *scholarioi*. Se os *scholarioi* tiverem o seu pagamento na íntegra, deixem-nos equipar-se dos seus próprios recursos com a panóplia de cavaleiro. Mas se forem escassos no que respeita ao seu pagamento, deixem-nos levar os animais do *mêtata*, ou por imposições pessoais dentro do *théma* dos Anatólicos.

### **Em relação ao que devia ter sido preparado no *théma* dos Tracésicos,**

20.000 (*modioi*) de cevada, 40.000 (*modioi*) cada de trigo, biscoito e farinha, 30.000 medidas de vinho, 10.000 animais para abate.

E em relação à preparação de 10.000 medidas de fibra de linho para a *propyra*<sup>619</sup> e o encalçar, deixem-nas armazenadas em Phygela, e 6.000 pregos para pregar os drómōnes: o *protonotários* do *théma* dos Tracésicos responsabilizou-se por estes objetos; o (oficial) para Limnogalaktos encarregou-se igualmente de assisti-lo com o vinho.

Em relação à preparação de 30.000 pregos de cinco-dedos<sup>620</sup> para os convés dos *drómōnes*, para as pranchas de embarque e para os estaleiros, deixem que sejam também levados para Phygella: o *stratêgos* de Samos responsabilizou-se de obter as despesas para estes objetos pelo *protonotários*.

Em relação à preparação de 3.000 “pregos-garra” de cabeça-única para “Tartarugas”/coberturas, escadas e outros trabalhos e dos 3.000 pregos de um palmo: o *stratêgos* de Samos responsabilizou-se por isto.

Em relação à preparação de 4.000 (pregos) de seis-dedos<sup>621</sup>, 4.000 (pregos) de cinco-dedos e 4.000 pregos de quatro-dedos<sup>622</sup> para as guas, os passadiços e outras necessidades: o *stratêgos* de Samos responsabilizou-se por isto.

---

<sup>618</sup> Anatólicos.

<sup>619</sup> Os fornos ou braseiros utilizados para aquecer o óleo usado nos sifões de fogo líquido (greguês). *Vide Idem, Ibidem*, 210.

<sup>620</sup> 9,75 cms.

<sup>621</sup> 11.7 cm.

Em relação ao empreendimento do oficial imperial presente na região dos Anatólicos para preparar 20.000 *modioi* de cevada e 60.000 *modioi* de hardtack e trigo e farinha dos *Kibirrhaiotai* e Anatólicos, e deixem-nos ser trazidos da região dos Anatólicos para Atália, em vez de irem para Kalon Oros.

Em relação à compra pelo *protonotários* do *Kibirrhaiotai* de 60.000 pregos pequenos para prender as peles.

Em relação aos esquifes feitos para a *dromônia*: o carteiro, enviem-no da *hetaireia* com uma ordem para o *katepanô*, que deve dar-lhe um *prôtokagkellarios* e apoio total, e deixem-lhe então os *Korphitianoi* de Heracleia e levar quatro marinheiros para cada esquife. Ele devem então enviá-los (aos esquifes) sem atrasos pelo *prôtokagkellarios*, Cada esquife deve ter o seu masto, verga e quatro remes, bem como um leme. Em adição, 6 escaleres de oito remes.

Em relação aos estrepes: perguntem ao *koitônites* Theodoretos o que lhes aconteceu; de igual modo em relação aos sacos do ano passado e às picaretas e marretas, anéis, parafusos, grilhetas e bate-estacas, e deve enviar o seu notário a nós com o registo de tudo.

Em relação ao *parathalassitês* tendo sido ordenados para equipar 1.200 homens a partir de contribuições conjuntas (pelos habitantes da Cidade).

Observe que os *Kibirrhaiotes*, o *katepano* dos Mardaítas de Atália e Leão Sympatikes responsabilizaram-se por manter a segurança e uma vigia rigorosa, e a não permitir a nenhuma pessoa que vá para a Síria, e que a partir deles que a informação sobre o Estado Romano seja enviada para a Síria.

**b) A primeira “maldade” de 809/810**

“Neste ano, Nicéforo, após as suas punições ímpias [que tinha sofrido] e tencionando humilhar o exército no seu todo, removeu cristãos de todos os *themáta* e ordenou-lhes que seguissem para as *Sklavinias* depois de venderem as suas propriedades. Este estado de coisas não era menos grave que o cativoiro: muitos na sua insensatez proferiram blasfémias e rezaram para ser invadidos pelo inimigo, outros choraram junto das sepulturas dos seus ancestrais e enalteceram a felicidade dos mortos, alguns até se enforcaram para se salvarem de tal terrível situação. Uma vez que as suas possessões eram difíceis de transportar, eles não se encontravam em posição de as trazer consigo e presenciaram a perda das propriedades adquiridas pelo trabalho dos seus parentes. Todos estavam em completa angústia, os pobres por causa das circunstâncias acima enunciadas e por causa daquelas que serão contadas mais tarde, enquanto os mais ricos simpatizavam com os pobres aos quais se encontravam incapazes de ajudar e esperavam infortúnios piores. Estas medidas começaram a ser aplicadas no mês de Setembro e foram completadas na Santa Páscoa.” – **Crónica de Teófanos o Confessor, entrada relativa a 809/810**<sup>623</sup>.

**c) A segunda “maldade”**

“Para além disto, ele ordenou uma segunda maldade, mais propriamente o alistamento de pessoas pobres no exército e que estas deviam ser equipadas pelos habitantes da sua comunidade, pagando ainda 18,5 nomismata por homem mais os impostos por responsabilidade solidária.” – **Crónica de Teófanos o Confessor, entrada para 809/810**<sup>624</sup>.

---

<sup>623</sup> Vide SCOTT, Roger (1997). *The Chronicle of Teophanes the Confessor*. Oxford: Clarendon Press, p. 383.

<sup>624</sup> Vide *Idem, Ibidem*, p. 383.